

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO
HUMANO

Flávio Py Mariante Neto

**JABS, DIRETOS, LOW KICKS E DUBLE LAGS NO PROCESSO
CIVILIZADOR: Uma leitura elisiana das artes marciais mistas.**

Porto Alegre

2016

Flávio Py Mariante Neto

**JABS, DIRETOS, LOW KICKS E DUBLE LAGS NO PROCESSO
CIVILIZADOR: Uma leitura elisiana das artes marciais mistas.**

Trabalho apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção de título de doutor em Ciências do Movimento Humano.

Orientação: Prof. Dr. Marco Paulo Stigger

Porto Alegre

2016

AGRADECIMENTOS

Ninguém faz um trabalho sozinho. Escrever os agradecimentos de um trabalho de quatro anos é a materialização dessa afirmação. É momento de lembrar acontecimentos que marcaram esse período e de refletir sobre todos aqueles que passaram pela trajetória de um doutorando. No meu caso, foram momentos muito fortes de vida. Separações, perdas de entes queridos, acidentes e “quase morte” aconteceram durante essa fase tão importante da minha vida. Afora isso, as alegrias foram, também, muito presentes. Emprego novo, aquisição de bens materiais e bons momentos passados com pessoas importantes deram o tom do período de doutoramento.

Independente dos acontecimentos serem bons ou ruins, o que sinto hoje é que me tornei uma pessoa mais reflexiva. Compreendo mais o que acontece com o mundo, com as pessoas e comigo mesmo. O conhecimento amadurece intelectual e psicologicamente. Uma tese é muito mais do que um trabalho. É um momento de relativização de conceitos, de pensar em desistir, de achar que não seria capaz e de dar a volta por cima. Mesmo quieto. Mesmo que ninguém perceba. Um momento de sofrimento. Um momento de autoconhecimento. Fase em que o suporte advindo de pessoas importantes é a mola propulsora para a difícil realização de um projeto de vida. É a essas pessoas que eu devo agradecer nesse momento.

Meu primeiro agradecimento é ao mundo das lutas. Universo em que me formei, que me interessei pela Educação Física e que orientei meus pensamentos e minha reflexões durante os últimos quinze anos. Ao meu “mestre” Sérgio Pimentel, que me ensinou as técnicas, os refinamentos e as “maldades” do boxe. Além disso, me graduou faixa roxa de *jiu-jitsu*, depois de cinco anos de muito treino e de muito suor derramado no tatame. Uma pessoa a quem sou eternamente grato por me mostrar que por trás de toda atividade pedagógica deve-se ter paixão, deve-se ter vontade de ensinar e deve-se entregar de corpo e alma para se tornar um professor. A todos os meus “irmãos de treino”, que dificultaram minha vida nos treinamentos, produziram hematomas e marcas no meu corpo, mas que me fizeram ficar mais “casca-grossa” para encarar as dificuldades das lutas e as dificuldades da vida.

No meio acadêmico, meu agradecimento é dirigido ao GESEF da UFRGS. Muito mais que um grupo de pesquisa, um meio de convivência. Um lugar aonde eu

aprendi a pesquisar e a me comportar na academia. Aprendi também que o conhecimento pode ser divertido, sem perder a seriedade. A participação em seminários, leituras de trabalhos e em eventos me formaram como um acadêmico. Muitos nomes poderiam ser citados. Mas seria injusto com aqueles que ficariam de fora, pois foram nove anos em que muitos passaram e deixaram sua marca na minha formação.

Porém, um nome deve ser citado. Aprendi nas lutas que há o “chefe da orquestra”, aquele que direciona o andamento e a formação dos alunos. Eu tive a sorte de conhecer esse cara. Tive a sorte de, pela terceira vez, estar agradecendo a ele na finalização de um trabalho. Uma relação que começou em um trabalho de finalização de disciplina, em que eu tentei (e tive muita dificuldade em) fazer uma discussão do conteúdo da disciplina com a vida do boxeador Muhhamad Ali. Vendo certo potencial no trabalho, o professor da disciplina me convidou para fazer meu trabalho de conclusão de curso a partir daquele tema. Eu não esperava que surgisse uma relação de aprendizado tão grande, e que duraria 11 anos.

Stigger, poucas palavras são capazes de transmitir os sentimentos de amizade, de respeito e de admiração que tenho por ti. Deixas uma marca. Aprendi contigo. Tu contribuíste para a minha formação humana. Sou diferente porque te conheci. Em alguns momentos me cobrastes maiores reflexões e tive que responder. Tentei corresponder. Aprendi a refletir. Porém, maior do que o aprendizado acadêmico foi o aprendizado humano. Juntar pessoas em volta de uma churrasqueira e se preocupar com a vida e com os interesses dos teus alunos são, para mim, as tuas maiores virtudes. Muito obrigado por tudo. De coração.

À Ader, pessoa tão importante nessa caminhada. Que me entendeu, que me ajudou e que foi compreensiva em momentos de ausência e de ansiedade. Também é difícil expressar o sentimento de uma relação de tanto tempo. Uma relação que iniciou no mestrado e que acompanhou as agruras e as angústias de um acadêmico cheio de preocupações. Muito obrigado pelo apoio, pelo carinho e pela dedicação. Estendo os meus agradecimentos a tua família, pessoas tão queridas e que também souberam compreender as minhas faltas.

À minha família: meu pai, minha mãe e minha irmã. É a eles que pensei em dar orgulho em todos os momentos dessa caminhada. É por eles que tentei ser forte em momento de dificuldades. É a eles que devo minha conduta. Como toda família, temos

desavenças, brigas e desentendimentos. Mas temos também momentos felizes, choros e risos. Que honra ter vocês como família. Que orgulho. E que essa tese coroe nossa caminhada. Ela é nossa. Se a banca aceitar meus argumentos, seremos, todos, doutores. Muito obrigado por tudo.

À capes, pela ajuda financeira.

Ao PPGCMH.

À UFRGS.

À ULBRA, por acreditar no meu trabalho.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO: CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTUDO, APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA	7
2	DO VALE TUDO ÀS ARTES MARCIAIS MISTAS: PROCESSO HISTÓRICO DE CONSTRUÇÃO DO MMA	16
3	DA “RINHA DE GALO” A “VIOLÊNCIA SEM SENTIDO”: DISCURSOS SOBRE O MMA	26
4	NORBERT ELIAS: CONEXÕES, CRÍTICAS E REFLEXÕES	36
4.1	Um olhar configuracional sobre o comportamento humano	41
4.2	A Violência mimética do Esporte no Lazer.....	58
5	CONSTRUINDO UM PROBLEMA	67
6	PROCESSO METODOLÓGICO	69
7	CONHECENDO O MMA: REFLEXÕES SOBRE O COTIDIANO DE UMA ACADEMIA	78
7.1	Mestre, irmãos de treino e o controle descontrolado da violência em uma equipe de MMA	102
8	UM ESPORTE QUE JÁ NASCE ESPETACULARIZADO: OS EVENTOS DE MMA E AS RELAÇÕES ENTRE ATLETAS, PÚBLICO E PATROCINADORES	126
8.1	Saindo do octógono; lutador mais “bom-moço”. O que está em torno de quem luta?	131
8.2	Os eventos de MMA: A pesagem, os <i>cards</i> e o UFC como sonho.	140
9	A MÍDIA E O PROCESSO DE HUMANIZAÇÃO DOS LUTADORES: O CASO DO PROGRAMA TUF BRASIL	155
9.1	As rotinas de treino: Afastar a luta da ideia de violência e aproximar do Esporte.....	162
9.2	Emoção, amizade e o “Deus que salva”:	165
10	“FINALIZANDO” : CONCLUSÕES SOBRE A CONFIGURAÇÃO	171
	REFERÊNCIAS	184

RESUMO

Esse trabalho tem o objetivo de compreender aspectos simbólicos envolvidos no universo das artes marciais mistas. A partir de uma vivência no mundo das lutas, identifiquei alguns discursos sobre violência que permeavam os conceitos sobre o esporte. Em vista disso, construí um histórico sobre as artes marciais mistas e as suas relações com a sociedade em que se constituiu. Elenquei, assim, três elementos basilares dentro desse contexto, quais sejam: as academias, os eventos e a mídia. Para inserir um olhar teórico para esse fenômeno, me utilizei da teoria do processo civilizador, de Norbert Elias. Dessa base teórica e da identificação dos discursos sobre as artes marciais mistas, surgiu o problema de pesquisa, que tem objetivo de compreender como um esporte que tem um discurso de violência tão forte consegue se estabelecer socialmente. Para respondê-lo, os pressupostos teórico-metodológicos se basearam no olhar configuracional elisiano. A partir desse conceito, foi realizada uma etnografia em uma academia de MMA e a observação de eventos em Porto Alegre, no interior do Rio Grande do Sul e em outros estados do Brasil. Além disso, foram feitas observações do programa TUF Brasil para a análise de mídia. Os dados produzidos culminaram com a feitura de três capítulos de resultados. O primeiro deles mostra a rotina de treinamento de lutadores de MMA, as técnicas utilizadas, os tipos de modalidades treinadas e alguns elementos simbólicos como o “irmão de treino” a “família”. Nesse tópico, também são mostrados os sentidos da violência naquele contexto e quais os mecanismos de controle são utilizados para a construção do lutador. No segundo capítulo, é abordado o processo de espetacularização do MMA. Iniciando pela perda de peso na academia, passando pelo dia da pesagem, a relação com os patrocinadores, com os promotores de evento e com os adversários. Ainda nesse capítulo são apresentadas as estruturas que compõe um evento de artes marciais mistas: o *anouncer*, o *card* preliminar, o *card* principal e a reação do público durante as lutas. Mais uma vez a violência é discutida como um dado de campo. Os mecanismos de controle como a diminuição do sangramento do atleta e a proibição das cotoveladas em alguns eventos são estratégias dos promotores de afastamento da ideia de violência e aproximação do conceito de esporte. Estratégias muito semelhantes são discutidas no último capítulo dos resultados. O programa escolhido foi o *The Ultimate Fighter*. A primeira parte do tópico se pauta em apresentar as rotinas de treinos, as equipes, a relação com as modalidades de luta e com os treinadores. A partir disso, apresento os ‘dramas’ transmitidos pelo programa em um processo que denominei de ‘humanização do lutador’. Aqui são apresentadas a sua relação com a família, os dramas das lesões, e sua relação com o meio profissional do MMA. Concluo, então, que o MMA é permeado por mecanismos de controle que se materializam nas academias, nos eventos e na mídia. Sendo assim, o esporte se mantém a partir de tensões e redirecionamentos no sentido de causar uma tensão/excitação agradável nos indivíduos.

Palavras chaves: MMA, lutas, configuração, violência.

ABSTRACT

This work aims to understand symbolic aspects involved in the mixed martial arts fields. Out of a personal experience in the world of fighting, I have identify discourses about violence that pervade the concepts about the sport. Hence, I have constructed a log about the mixed martial arts and its relations within the society. Thereupon, I have chosen three basic elements from the context, for instance the gyms, the events and the media. In order to add a theoretical view to this phenomenon, I have used the Civilizing Process Theory from Norbert Elias. From this rationale, and the identification of the mixed martial arts discourses, has come up the research question which has the intention to better understand how a sport's category, with such a strong discourse of violence, can established itself socially. To answer the question, the theoretical and methodological presuppositions were based on an Elisian configurational view. An ethnographic observation has been conducted in MMA practice studios in Porto Alegre, in the country side of Rio Grande do Sul and in other parts of Brazil. On top of that, observation was carried out based on the TUF Brasil programme in order to analyse the media. The data collected has resulted in three chapters of findings. The first chapter shows the training routine of the MMA fighters, the technics used, the different kinds of training modality and the symbolic elements such as "training brother" and "family". In this topic, is also shown the meaning of violence in that context and which control mechanisms are in place to build up a fighter. The second chapter discuss the process of big performances and shows related to MMA. Beginning with the process of losing weight in the gym, going forward on the day of stepping up on the scale, the relation with the sponsors, with the promoters of those big events and the relation with the opponent. In this chapter are presented the structures that form a mixed martial art's event such as the announcer, the preliminary card, the main card and the reaction of the audience during the fights. Again, the violence is argue as an observational data. The control mechanisms such as the bleeding control of the athlete and the ban of elbow nudges in some events are examples of promoters' strategies to refrain from the idea of pure violence but to enforce the concept of sport. In the last chapter, similar strategies are discuss when showing the results of the data. The chosen programme was 'The Ultimate Fighter'. The first part of the topic attempt to present the training routine of each team, the relation of each fight modality and the relation with the coaches. Following the rationale, I then present all the 'drama' broadcasted by the TV programme in a process named by me as 'humanise the fighter'. I then present the family relationship, the drama of the injuries and the relation with the professional environment of the MMA. Thus, to conclude, MMA is pervaded by control mechanisms that are materialised on the gyms, during the events and by the media. Hence, the sport maintain itself from the tensions and redirections in the sense of generating a pleasant tension and excitement in all individuals.

Key words: MMA, fights, arrangement, violence.

1 INTRODUÇÃO: CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTUDO, APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA

Por que fazer doutorado? Essa é a pergunta principal de um trabalho como esse no que se refere ao envolvimento do estudante com a tese. A minha aproximação com o tema parece-me um fator decisivo na escolha do objeto de pesquisa. Afinal, um professor que aspira a um lugar no grupo de doutores de seu campo já tem uma vivência acadêmica e profissional que lhe proporcionem reflexões no tocante às questões de sua área de atuação. É importante que esse profissional leve para o mundo acadêmico suas inquietações, dúvidas e desconfianças adquiridas durante os anos de trabalho e observação para que os métodos e reflexões científicos o ajudem a enxergá-las com outro olhar.

Além da experiência docente, o estudante possui uma vivência acadêmica, desde sua formação básica como aluno de iniciação científica, no seu trabalho de conclusão de curso e no mestrado, que também lhe possibilitam compreender a melhor maneira de lidar cientificamente com as suas dúvidas. Assim, o doutorando leva junto com sua intenção em ingressar no curso as suas curiosidades, as relações construídas com o campo de atuação, suas reflexões; enfim, sua história. Esta é, então, a minha pretensão: trazer para a academia meus questionamentos cotidianos e desenvolver um trabalho que aponte para o caminho da reflexão.

Em minha trajetória, após a prática de cinco anos como aluno de boxe, comecei a ensinar esse esporte em algumas academias da cidade de Porto Alegre. Há seis anos atuo ministrando aulas para diferentes tipos de pessoas: indivíduos preocupados em lutar boxe, em aprender uma autodefesa; sujeitos com a pretensão de utilizar a modalidade para emagrecer, tonificar o corpo e aqueles que objetivam todos os aspectos mencionados. Após essa observação, que só foi possível pela minha participação em um grupo de pesquisa¹ desde o tempo de aluno de iniciação científica, elaborei um projeto de candidatura ao curso de mestrado, em que estudei a diversidade do esporte. Com estas ideias, realizei uma etnografia neste local, a qual me possibilitou estruturar uma dissertação que, além do assunto mencionado, tratou da temática do gênero e da atuação pedagógica nas aulas de boxe.

¹Refiro-me ao grupo GESEF/UFRGS (Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física), coordenado pelo Professor Dr. Marco Paulo Stigger.

Porém, a minha experiência mostrou-me que está havendo uma mudança nesse universo: o surgimento de uma modalidade que, apesar de existir a algum tempo, começa a aparecer nos meios de comunicação e desperta o interesse do público em geral: o MMA², sigla que significa *mixed martial arts* (artes marciais mistas) e que engloba elementos de diversas modalidades de lutas, entre as principais: o boxe, o *jiu-jitsu*³, a luta olímpica (técnicas de queda) e o *muay thai*, - arte marcial que se pauta pelo treinamento de socos, chutes, cotoveladas e joelhadas-. Grandes eventos, como o UFC⁴ (*Ultimate Fight Championship*) têm popularizado esse esporte e o interesse se manifesta, também, nas academias de luta.

A partir desse novo desenho no universo das lutas, não por coincidência, tive contato com essa modalidade. Não apenas pela curiosidade de praticante, mas também para ter, futuramente, novas possibilidades de atuação profissional. A partir disso, passei a tentar entender essa luta e suas relações com as outras, já que, diferente do que eu estava acostumado a ver e a fazer, os lutadores praticam diversas modalidades, sem aderir a nenhuma delas como a principal; são lutadores de artes marciais mistas, e isto parece suficiente para que seu treinamento seja voltado para o aprendizado de variadas técnicas.

Ao começar a treinar e a tentar incorporar essa complexidade de movimentos, entrei em uma nova lógica de luta. Diferente do boxe, meu corpo passou a ter dificuldade em definir qual estratégia ou dinâmica deveria ser utilizada na hora do combate. Essas sensações justificaram a minha escolha em treinar jiu-jítsu, arte marcial com a qual eu tinha muito pouco contato e que acabei me tornando praticante assíduo e, inclusive, participando de competições.

Aos poucos, fui incorporando esses novos elementos e meu olhar de pesquisador também foi aflorando e percebendo que estar inserido nesse novo contexto suscitava novas perguntas no sentido de como as pessoas significavam essa prática e, além disso, como essa luta se estabelecia socialmente. Eu, enquanto ser social, que, nas palavras de Wacquant (2002) é, “antes de mais nada, um ser de carne, de nervos e de sentidos (no duplo sentido: no sensual e de significante) (p.11)”, ao absorver o MMA, fui também

² Sobre o desenvolvimento do MMA falarei em um capítulo posterior.

³ A tradução de *jiu-jitsu* é “arte suave”. Nessa luta, não há golpes traumáticos (socos e chutes), o objetivo do lutador é dominar seu adversário e fazer com que ele desista da luta através de técnicas de estrangulamentos e domínio das articulações.

⁴ Sobre esse evento falarei posteriormente

questionando o ‘em torno’ (STIGGER, 2007) do esporte: seus ícones, os discursos sociais, a mídia e as questões do âmbito sociocultural que o permeavam. Assim, passei a estranhar, no sentido cultural, ainda muitos discursos sobre essa modalidade, assim como estranhei, no sentido orgânico, os movimentos e técnicas ensinados durante os treinamentos.

Portanto, para mim, o MMA é um esporte novo, assim como também é para a sociedade. O meu interesse sociocultural volta-se para os discursos, para as representações envolvidas, para as análises específicas. Porém, o meu olhar de professor volta-se para a intervenção, ao ensino e à aprendizagem. É meu desafio tentar conectar esses dois campos no projeto e ‘costurar’ essas duas áreas, a fim de produzir conhecimento que seja relevante, também, para a área da Educação Física.

Concomitantemente aos acontecimentos que venho descrevendo, no início do presente ano, tornei-me professor universitário de uma instituição privada do Rio Grande do Sul. Pela vivência teórica e prática no universo dos esportes de combate, fui selecionado como professor da disciplina de “lutas” da universidade, e venho ministrando-a desde o início do primeiro semestre. Experiência esta muito imbricada com minhas análises da tese, já que construí a disciplina de acordo, também, com reflexões relacionadas com os dados da tese. Por isso, nas conclusões do trabalho, apresentarei algumas contribuições do doutorado para a reflexão sobre o ensino de lutas na universidade.

Ao adentrar no campo teórico das lutas, percebo a complexidade da temática. Além dos pontos que abordarei na construção dessa introdução, referentes aos significados atrelados à sociedade, o próprio conceito de “lutas” já necessita de uma sustentação. Em vista disso, antes de apresentar os tópicos da pesquisa, proponho uma reflexão sobre a nomenclatura utilizada. Alguns trabalhos, como o de Paiva (2015), tentam fazer uma distinção entre os termos “lutas”, “artes marciais” e “esportes de combate”. A luta seria um termo mais genérico, condizente como a resultante da oposição entre dois indivíduos na busca de subjugar seu adversário. Seria um termo atemporal, na medida em que as lutas, por alimento, por território ou por supremacia étnica são fatos que são registrados ao longo da história da humanidade (RUFINO, 2015).

Seguindo na mesma teoria, as “artes marciais” seriam aquelas práticas que, principalmente no oriente, preparavam os soldados para a guerra. O termo “marcial” está ligado a “Marte”, o deus romano da guerra (PAIVA, 2015), por isso a sua ligação com o belicismo. Além disso, essas artes possuíam um aporte filosófico imbricado na sua constituição pedagógica. Casos clássicos de práticas corporais reconhecidas como artes marciais são: o judô e o karatê. Esses conceitos são tão fortes que os elementos de disciplina e filosofia reconhecidos pela sociedade fazem com que muitos pais levem os filhos a praticar essas “artes marciais” em detrimentos de outras menos aceitas, como o boxe e o *jiu-jitsu*.

Incluída nessa mesma construção analítica, está a “modalidade de combate” ou “esporte de combate”. Essas seriam as modalidades que surgiram principalmente na Inglaterra pós-revolução Industrial. O exemplo mais descrito nos trabalhos que citei anteriormente é o boxe inglês. De acordo com essa teoria, são práticas antigas que passaram pelo processo de esportivização, que se caracteriza pelo uso de implementos de proteção, regramento, igualdade de oportunidades, divisão por tempo, dentre outras características. Por esse pensamento, as “modalidades de combate” são aquelas que se definiram, principalmente a partir do século dezenove, como “esporte”. O boxe é apenas um exemplo, mas poderíamos citar, também, a luta olímpica, o *taekwondo*, a esgrima, a luta olímpica e o judô esportivo. Essas práticas também fazem parte do rol de modalidades olímpicas, ratificando a sua esportivização.

Esse processo de esportivização, apesar de não ser usado nas referências que venho utilizando até aqui (RUFINO, 2014, PAIVA, 2015 e AWI, 2012) se coaduna com a teoria proposta por Elias e Dunning (1992), na obra “A busca da excitação”. O termo esportivização, então, não é uma mera construção do senso comum, reflexo de uma análise empírica do processo. Em razão dessa necessidade de construção teórica, farei um tópico desse trabalho discutindo a “esportivização” das lutas, nesse caso do MMA, à luz do conceito Elisiano.

A partir desses três conceitos, faz-se uma distinção dentro desse universo. Nessa terminologia, cada modalidade estaria inserida nos conceitos de luta, arte marcial ou esporte de combate. Porém, não farei essa distinção nesse estudo, pois considero que algumas classificações que tentam ‘encaixar’ os conceitos em uma ou em outra definição não exprimem a complexidade do termo. O MMA é um desses casos. Concordando com essa afirmativa, um dos autores disserta:

Lutas, “Artes marciais” ou “modalidades esportivas de combate”? Não há consenso dentre estudiosos sobre qual terminologia seria mais adequada para essas atividades. A escolha de um ou mesmo de todos os termos pode ser subjetiva dependendo do entendimento do interessado e seu emprego desejado. Além disso, essas atividades são tão dinâmicas, múltiplas e plurais que defini-las, em parte, poderia limitar seu entendimento” (PAIVA, 2015. Pag. 22).

Em razão dessa afirmativa, utilizarei os três termos como sinônimos durante a escrita, mesmo entendendo que as variações são propostas por alguns autores. Utilizo essas expressões como sinônimas porque a redução cria dificuldades no entendimento. A classificação engessa a compreensão e minimiza as possibilidades. O MMA ratifica essa afirmativa, pois, como descreverei *a posteriori*, o viés midiático e esportivizado da prática não deixou de transparecer elementos clássicos de respeito às hierarquias, disciplina e unidade tão presentes nas ditas “artes marciais”. Portanto, utilizar os três termos sem fazer distinção entre eles, no caso dessa pesquisa, é adotar uma postura reflexiva. Apresentada essa discussão teórica, farei uma exposição de como surgiram as problematizações do estudo.

As minhas intuições iniciais para a elaboração da tese derivam de algumas situações que tenho observado na medida em que os eventos de MMA tornam-se mais constantes e o esporte aumenta sua visibilidade: Uma dessas notícias foi relatada em um jornal de grande circulação da cidade de Porto Alegre. No dia após o UFC ser realizado no Brasil, eu li um comentário sobre o evento que materializa algumas representações fortemente ligadas às lutas. O cronista chamava a atenção para uma criança que havia sido filmada durante o evento. Este menino trajava um kimono⁵, peça utilizada em várias artes marciais, e fazia gestos de luta como socos e cotoveladas. Esta era a imagem transmitida. A interpretação do jornalista era de que as lutas de MMA eram um incentivo à violência e poderiam fazer com que este sentimento fosse estimulado nas crianças. Além disso, pedia para que os pais tomassem cuidado com o que seus filhos vissem na televisão.

A crítica apresentada chama atenção para um discurso muito presente quando as lutas estão em pauta: o estímulo à violência. Muitas vezes fui questionado sobre esse

⁵ O kimono não é utilizado no MMA. Os lutadores competem apenas com uma bermuda ou *short* e luvas.

tema. As razões eram diversas: pais que não queriam que seus filhos praticassem boxe, alunos preocupados em desenvolver a agressividade nas aulas, pessoas preocupadas em ‘virarem lutadores’ e serem mal vistas pela sociedade, além de muitos outros exemplos que vinculam as lutas à violência.

Situações como esta levam a pensar que o contexto em questão é permeado por ideias que conduzem o pensamento de grande parte das pessoas na direção da brutalidade. Conceitos que se pautam por argumentos passados por indivíduos que entendem que uma modalidade “de contato” (GASTALDO, 2001), ou seja, uma prática que apresenta na sua estrutura de regras socos, chutes e imobilizações, seja a porta de entrada para o desenvolvimento de pessoas mais violentas. Além disso, esse discurso não diz respeito apenas às crianças. Os próprios praticantes produzem estereótipos que sempre os vinculam à violência: ‘casca-grosa’ e ‘*pit-boys*’⁶, por exemplo, são termos comumente empregados aos praticantes e que possuem um sentido de agressividade.

A partir dessas minhas considerações iniciais, um leitor mais crítico poderia pensar que esse trabalho seria conduzido no sentido de uma defesa do MMA, uma tentativa de mostrar que esses estereótipos estão errados ou não condizem com o que se materializa nas academias. Entretanto, o que pretendo é desconfiar desses discursos e direcionar outro olhar a essas questões, fazendo uso de uma ótica menos apressada e mais reflexiva que compreenda variações da violência envolvida no processo social e a partir de pressupostos teóricos reconhecidos academicamente. Enfim, estudar a luta por dentro (STIGGER, 2002). É o que pretendo com esse texto e, a partir de agora, apresento rapidamente cada uma das partes que o compõe para orientar a leitura.

Início o trabalho por uma apresentação do MMA através de alguns apontamentos históricos que resultam em um relato do desenvolvimento da luta no país e no mundo. Para tanto, utilizo documentários e biografias sobre o tema. Também analiso alguns aspectos investigados por trabalhos que se debruçaram sobre essa temática. Dessa estrutura, seleciono três locais onde essa prática se materializa, são eles: as academias, os eventos e a mídia. Direciono, assim, um olhar “configuracional” para o objeto, sustentado pela teoria de Norbert Elias.

A partir dessa configuração, no segundo tópico, eu selecionei alguns fragmentos de blogs, entrevistas e redes sociais em que os autores discorrem sobre suas percepções

⁶ Termos estudados por Cechetto (2004)

sobre o MMA. A partir disso, tento tecer um esboço sobre como a sociedade percebe o fenômeno. Ao analisá-los pude perceber que a violência era o ponto principal evocado pelos críticos do esporte. Isso me leva a pensar que este é um tema importante de discussão, por haver diversos discursos sobre a temática e que estes discursos estão em constante disputa dentro da estrutura do esporte. Nesse sentido, dentro das falas, eu separei alguns termos “nativos” advindos desses discursos, como: “rinha de galo”, “violência sem sentido” e “barbárie”.

Na terceira parte do trabalho apresento a teoria que será o fio condutor da tese. Ao propor no título do trabalho: “uma leitura elisiana” das artes marciais mistas, é nesse momento que apresento os conceitos que serão utilizados nas reflexões sobre as questões de pesquisa. Para tanto, demonstro, através das suas principais obras, como os conceitos de: configuração, processo civilizador, interdependência e relações de poder, dentre outros, ajudarão nas reflexões ulteriores. Nesse capítulo, também apresentarei algumas relações da teoria com o esporte e lazer e alguns trabalhos que se pautaram pela mesma sustentação.

A seguir, discorro sobre a relação entre os primeiros capítulos e a problematização do estudo. Basicamente, o trabalho se orientará em torno da seguinte questão: **O que dizem e o que fazem os lutadores, os mestres e os gestores, nas academias, nos veículos de comunicação e nos eventos, para sustentar, numa lógica de aceitação, a prática esportiva do MMA, frente [em relação] aos discursos descivilização?** Essa é questão advinda da relação entre os tópicos e da minha vivência no universo das lutas. Apresento, além disso, no quinto tópico, os objetivos do estudo.

O “como fazer” é a temática abordada na metodologia. Início discorrendo sobre os pressupostos teóricos metodológicos, especialmente sobre o olhar configuracional para a análise dos processos. Além disso, recorro aos trabalhos clássicos da Antropologia e da Antropologia do Esporte que sustentam o aporte necessário para a realização dos processos. O primeiro e mais longo desses processos foi o trabalho etnográfico que realizei em uma academia de Porto Alegre em que lutadores se encontravam⁷ para seus treinamentos e preparações para luta. Além disso, descrevo as entrevistas que foram realizadas com alguns dos informantes as observações de eventos e a análise da mídia, especialmente do programa *The Ultimate*

⁷ Utilizo o tempo passado porque essa equipe não existe mais.

Fighter (TUF Brasil). Cada elemento dessa configuração será representado por um capítulo na apresentação dos dados de campo.

O primeiro deles discorrerá sobre a academia de treino desses lutadores. Nesse capítulo apresentarei a estrutura física do espaço, as rotinas de treinamento e os tipos de técnicas que são ensinadas para os lutadores de MMA. Ademais, demonstrarei alguns elementos simbólicos envolvidos na construção do lutador, principalmente relacionados ao que Elias chama de “ligações afetivas”, ou seja, ligações pessoais que determinam as dinâmicas de comportamento daquela equipe.

Para materializar essas questões, recorro a alguns termos nativos, como: “irmão de treino”, “família” e “mestre” que simbolizam a manutenção e organização (não sem tensões) que sustentam esse elemento da configuração. Também discorro sobre um episódio importante dentro dessa elaboração teórica: a briga na academia. Sucintamente, posso dizer que participei de uma confusão envolvendo dois lutadores que, utilizando-me de uma expressão nativa: “saíram na mão” durante um treinamento e exploro essa situação para refletir sobre os sentidos da violência e das tensões dentro do contexto e como elas são equilibradas.

O segundo capítulo será a “saída” da academia e a entrada no segundo elemento que sustenta as reflexões: os eventos. Início por apresentar a preparação para as lutas, a perda de peso, o estudo do adversário e outros subsídios para a participação dos atletas em competições. Então, a partir das observações que realizei em eventos na cidade de Porto Alegre, no interior do Estado do Rio Grande do Sul e em outras cidades do país, apresento a estrutura, as rotinas, as lutas, locuções, atitudes dos espectadores em relação às lutas e as dinâmicas que se instituem. Além disso, nesse momento, construo um “personagem empírico” para discorrer sobre a relação dos lutadores com os patrocinadores, o lutador Felipe, que forneceu dados substanciais para analisar como esse indivíduo – que luta – sobrevive em um contexto ainda imbricado por preconceitos.

A mídia é o último tópico analisado. Nesse capítulo apresento a estrutura de um programa televisivo de grande alcance que se caracteriza por uma disputa entre lutadores de duas equipes, para conquistar uma vaga no “maior evento do mundo”, o *Ultimate Fighter Championship* (UFC). Inicialmente, relato como é a estrutura do programa, sua forma e o que apresentam em termos de rotinas de treino e lutas. Na segunda parte do tópico, discorro sobre os “dramas” apresentados pelo programa: a

perda de peso, a relação com a família e com a religião. Dessa reflexão, aponto o processo que chamei de “humanização do lutador”, afastando o indivíduo que luta de um conceito de “casca-grossa” ou “brutamonte” e aproximando da ideia de um esportista, um ser humano que sofre, sente e aguenta duras rotinas com um objetivo “nobre” de sair de sua precária situação social e ajudar sua família. Fazendo esse movimento de “humanização”, o programa alcança a audiência de que necessita e o UFC conquista mais adeptos e dinheiro nessa relação de interdependência evento/mídia/lutador.

Finalizando a tese, eu apresento as conclusões do estudo. Diferente da minha pesquisa de mestrado em que participei ativamente do campo como professor de boxe, no processo de doutoramento, eu não tive atuação direta como docente, o que me possibilitou uma análise mais distanciada. Nas conclusões eu apresentarei uma retomada do trabalho e apresentarei reflexões no sentido de responder ao problema de pesquisa, apresentar algumas limitações do trabalho e apontar caminhos para o ensino de lutas na universidade.

2 DO VALE TUDO ÀS ARTES MARCIAIS MISTAS: PROCESSO HISTÓRICO DE CONSTRUÇÃO DO MMA

Este capítulo tem o intuito de apresentar alguns apontamentos sobre o desenvolvimento do MMA. Realizo a análise de um documentário, uma biografia e vários trabalhos acadêmicos sobre esportes de combate. Este projeto não tem o objetivo de propor uma tese histórica. Em vista disso, não quer questionar a verdade dos fatos apresentados pelas fontes consultadas. Mas sim, entender como o discurso sobre essa luta foi se construindo através dos anos. Portanto, as informações que serão aqui apresentadas estão presentes em todas as fontes⁸ (biografias, documentários e artigos); possuem um caráter consensual e, a partir delas, construirei a minha análise.

Ainda sobre os fatos históricos que serão apresentados, pode-se inferir, até com alguma razão, que há, na história do desenvolvimento do MMA, uma menção constante ao protagonismo da família Gracie. Confesso também que pensei muito sobre isso ao escrever esse tópico, o que, de alguma forma, me incomodava um pouco, já que as informações sobre o assunto são muito homogêneas e sempre levam a esse caminho.

Um estudo que me ajudou a compreender essa relação direta e quase linear entre o desenvolvimento do vale-tudo e a família Gracie é o texto de Lise e col. (2014). Ao analisar as Crônicas de Nelson Rodrigues no jornal: “Última Hora” do Rio de Janeiro, da década de sessenta, o autor sugere que os discursos em torno do clã reforçavam a ideia de que eles eram os precursores nas disputas entre modalidades e protagonistas desses desafios no universo dos esportes de combate. Segundo o autor, isso se justificaria por alguns motivos, sendo um dos mais importantes o pertencimento dos Gracie à alta classe carioca e suas conseqüentes relações com empresários do mundo das comunicações como Roberto Marinho, dono do jornal “Última hora”, e Getúlio Vargas, presidente do país à época (LISE, 2014). Não é difícil perceber que essas relações são facilitadores na divulgação do *jiu-jitsu* e da solidificação social do nome da família. Assim, sobre as crônicas de Nelson Rodrigues que versavam sobre a luta de Carlson Gracie contra Wldeimar Santana, ex-aluno da academia Gracie, o autor relata:

⁸Essa estratégia foi utilizada por nós em publicação anterior, em um artigo sobre a vida do boxeador Muhammad Ali. Ver: Muhammad Ali, um outsider na sociedade americana? (2012)

Ainda que não se utilize do mesmo exagero conferido ao escrever sobre futebol, é possível perceber que Nelson Rodrigues mantém a construção de um discurso persuasivo, no sentido de convencer o leitor a respeito de três elementos: 1) de que o desafio não se refere apenas ao jiu-jítsu, mas ao ódio que movimenta os lutadores; 2) de que Carlson teria mais chance de vitória; e, principalmente, 3) de que o nome Gracie carregaria o peso da tradição no jiu-jítsu. É nesse momento que a literatura se mostra amalgamada com a História: ao propor – ou mesmo reforçar – a tradição atribuída aos Gracie, quando se trata do jiu-jítsu. Sobretudo, ao considerar a reverberação desse discurso até os dias de hoje.

Além do recurso da narrativa literária, cabe destacar que, se o gênero crônica se configura enquanto um lugar propício para a disseminação de teses, o caso do jiu-jítsu não seria diferente: o próprio Nelson Rodrigues noticia e acentua a fama dos Gracie. Ainda que ressaltando as qualidades de Waldemar Santana – o qual era ex-aluno de Hélio –, o autor reforça um discurso de tradição da família Gracie enquanto criadores e disseminadores do jiu-jítsu no Brasil. Não à toa, o título do texto se refere à Legenda dos Gracie, configurando-se como esforço de destaque da glória vinculada a tal sobrenome (LISE, 2014, pag. 1347)

Pelas reflexões apresentadas, percebe-se que a família teve um protagonismo construído não apenas dentro das academias e dos ringues. Suas relações sociais e seu pertencimento ao grupo dos estabelecidos (ELIAS e SCOTSON, 2000) da sociedade da época foram fatores determinantes para que se a marca Gracie fosse reconhecida como um nome de destaque no universo das lutas. Afinal, estabelecer interações e ter alunos nas mais altas castas do empresariado e da política dificilmente seria um impeditivo para tal solidificação.

Contudo, mesmo tendo essa visão crítica sobre a trajetória, tomar a decisão de apresentar a história como ela é contada pelas fontes é uma forma de relatar que esse é o caminho mais verossímil a que pode chegar. Sobre essa temática – da verossimilhança – me apoio nas ideias de Magnani (2003) que, ao versar sobre o assunto, descreve como a produção de um discurso só faz sentido quando está relacionada com a representação de realidade daqueles que a recebem:

Para que um circuito discursivo qualquer se complete, é preciso que haja algum tipo de adequação entre suas significações e o sistema de representações dos seus receptores. Em outros termos, é necessário que o discurso produza alguma ressonância junto àqueles aos quais se

dirige, caso contrário nada significará, ou melhor, poderá ter sentido, mas não “fará sentido” –será inverossímel – para os receptores. (MAGNANI, 2003, pag. 54).

Por essas ideias, meu intuito é descrever como as fontes me dão condições de entender esse percurso e que, por mais que um historiador pudesse achar limites no seu desenvolvimento, é um relato que faz sentido nesse contexto. Ele aparece nas fontes, nas conversas entre os lutadores e na mídia. Escrevo, aqui, como um praticante de lutas também. A marca Gracie é muito forte no imaginário dos professores de luta, dos atletas e das diversas mídias voltadas para a temática. Os tatames, os ringues e os vestiários das academias são recheados de histórias sobre as lutas e disputas desses indivíduos. É, portanto, nativo. Além disso, fica aqui minha sugestão para trabalhos ulteriores, principalmente da área da História do Esporte, que se pautem em aprofundar-se no estudo desses elementos. Dito isto, inicio meu raciocínio.

A história do MMA está diretamente vinculada ao Brasil e ao desenvolvimento do *jiu-jitsu* no país. Na década de 1920, o primeiro lutador conhecido de *jiu-jitsu* chamava-se Carlos Gracie, este aprendeu a luta com um lutador japonês chamado Misuyio Esai Maeda, conhecido como Conde Koma (GRACIE, 2008), que fazia apresentações de luta na terra natal da família Gracie, Belém do Pará. Conde Koma era um homem pequeno e vencia adversários bem maiores. Essas características chamaram a atenção de Carlos Gracie que começou a praticar a modalidade na academia do professor Maeda. Em 1922, a família Gracie muda-se para o Rio de Janeiro, capital federal, por motivos financeiros. Carlos resolve dedicar-se ao *jiu-jitsu* como profissão, ensinando a luta para a tropa de elite da polícia do Rio de Janeiro e, posteriormente, abrindo uma academia em um bairro nobre da cidade.

O interesse pelo esporte cresce e a família resolve realizar desafios contra outras modalidades de artes marciais para divulgar sua arte. Nessas disputas, o objetivo era provar que o *jiu-jitsu* era a luta mais eficiente e que poderia derrotar qualquer outra. Grandes nomes da época foram desafiados pelos Graices e a maioria deles foi derrotada. Capoeiristas, brigadores de rua, boxeadores e atletas das mais variadas modalidades eram intimados a comparecer aos desafios, muitos deles realizados dentro das próprias academias ou em grandes arenas (ringues) montados em ginásios esportivos.

O maior nome da família para essas lutas era Hélio Gracie, irmão mais novo de Carlos. Ele era ele o escolhido pela família para representá-la e mostrar como o *jiu-jitsu* poderia vencer lutadores de outras modalidades (RUFINO e MARTINS 2011). A escolha do lutador não era feita aleatoriamente; o integrante nomeado para defender o nome da família tinha certas características que lhe davam condições de divulgar o esporte: nunca poderia ser o mais forte, pois o *marketing* do *jiu-jitsu* sempre foi de que o esporte daria condições de o indivíduo mais fraco vencer um oponente mais pesado. Portanto, Carlos escolheu Hélio porque, além de este ser um sujeito menor fisicamente, era uma pessoa disciplinada, corajosa e se dedicava aos treinamentos e à alimentação⁹ com afinco. Conseqüentemente, um lutador capaz de promover o esporte.

Após isso, Hélio Gracie tornou-se o maior nome desse esporte e, para muitos, o criador do *jiu-jitsu* praticado atualmente, o *brasilian jiu-jitsu*, pois adaptou muitas técnicas ensinadas pelo seu irmão para o seu tipo físico, tornando a arte ainda mais técnica em detrimento do uso da força. O lutador realizou grandes lutas, vencendo oponentes mais pesados. Não apenas as vitórias de Hélio o tornaram um ícone do *jiu-jitsu*, mas suas derrotas também deram a ele a consagração pública de exemplo de coragem e resistência a dor¹⁰.

Uma delas foi contra o japonês, campeão do mundo de judô, Kimura. A luta foi realizada em 1952, no ginásio do maracanã, no Rio de Janeiro. O lutador da família Gracie pesava aproximadamente 63 quilos, e o japonês 98. A diferença de trinta e cinco quilos dava a vantagem ao judoca, porém, ao resistir a uma chave de braço que, posteriormente ganhou o nome do oriental (chave Kimura), o brasileiro saiu do ringue como herói. Assim é narrado, em um dos livros que contam a história do *jiu-jitsu*, o final dessa luta:

De fato, Kimura, com 118 cm de tórax, teve que usar toda sua força física para superar os recursos técnicos de Hélio Gracie, que não ficava devendo nada aos seus (...) A verdade é que a consagração do samurai brasileiro encerrava um paradoxo: sua maior vitória foi sua maior derrota (GRACIE, 2008, pag. 277).

⁹ A 'dieta gracie' é um capítulo importante na história da família. Carlos gracie desenvolveu um controle alimentar para sua família, baseado na combinação de alguns alimentos, que é utilizado pelos atletas da família até os dias de hoje.

¹⁰ Alguns trabalhos discutem a relação do lutador com a dor. (TOMAZINI E COL. 2008; ALMEIDA E COL., 2008). Nesses estudos, verifica-se que o combatente que suportar por mais tempo as dores oriundas dos treinamentos e dos combates têm lugar de destaque em contextos de luta. A história de Hélio Gracie condiz com essa afirmação

Outro exemplo foi a luta de Hélio com Waldemar Santana, este pesava trinta quilos a mais que o Gracie e tinha vinte e seis anos, enquanto aquele tinha quarenta e dois. Waldemar era baiano e havia aprendido *jiu-jitsu* na academia dos Gracies, onde trabalhava como roupeiro. Após uma briga entre os dois, houve um desafio pelos jornais e a luta foi marcada. O combate ocorreu em 1955, no ginásio da Associação cristã de moços (ACM), Rio de Janeiro. Mais uma vez, houve a derrota de Hélio em razão da superioridade física e da juventude do desafiante. Entretanto, a luta chamou atenção pela maneira com que o lutador da família resistiu aos golpes e tentativas de estrangulamento do seu oponente. O combate durou três horas e quarenta e cinco minutos e só acabou com a interrupção do juiz após Waldemar desferir um chute no rosto de Hélio, já caído, que o deixou quase desmaiado. Mais uma vez, como no caso da luta com Kimura, o lutador saiu do ringue com a imagem de coragem e bravura que deu a ele o título de maior nome da história desse esporte.

Porém, não era somente dentro do ringue que a família se destacava. A maneira como os desafios eram feitos merecem atenção no processo de construção do esporte. Os Gracies vinculavam anúncios em jornais de grande circulação na época para desafiar seus adversários (LISE, 2014). Estes se caracterizavam por desafiar lutadores de diversas modalidades, inclusive oferecendo dinheiro para aqueles que conseguissem vencer Hélio Gracie e seus irmãos. A mídia tem papel importante no contexto das lutas, as divulgações feitas por jornal, televisão e outros meios de comunicação contribuem para o crescimento dos esportes de combates e para o aparecimento de lutadores. Um exemplo disso é o boxeador Muhammad Ali, que se utilizava desses meios e possuía uma habilidade com as palavras diferenciada de outros lutadores para promover os seus combates e atrair mais público e renda para os eventos de boxe (MARQUSSÉ, 2003). Deste modo, a família divulgava sua arte e, pelas suas apresentações, a sua popularidade aumentava e a academia pertencente aos irmãos recebia cada vez mais adeptos.

O *jiu-jitsu*, então, se desenvolveu através desses desafios. Lutas em que não havia regras nem limite de tempo, apenas um juiz para intervir quando um lutador ‘apagava’ (desmaiava, na linguagem das lutas) ou desistisse do combate por estafa ou por ter levado golpes demais. Apesar do *jiu-jitsu* se caracterizar por uma luta sem golpes traumáticos (socos e chutes), nesses confrontos eram permitidos golpes de qualquer espécie e os combatentes se utilizavam de cotoveladas, cabeçadas, chutes e

socos, além das técnicas de imobilizações articulares e estrangulamentos. Além disso, os lutadores não usavam luvas e combatiam sem proteções. Por estas características, esses desafios ficaram conhecidos como vale-tudo.

A carreira de lutador de Hélio Gracie se encerrou na década de cinquenta. A partir disso, outros membros da família continuaram lutando e realizando lutas de vale-tudo para tentar provar a eficiência de sua arte marcial. Depois de Hélio, seu sobrinho, Carlson Gracie, foi o escolhido para continuar representando a família (PELIGRO, 2003). A popularidade dessas apresentações cresceu e eventos com esse tipo de luta começaram a ocorrer em vários locais, inclusive fora do Brasil.

Na década de oitenta, o filho mais velho de Hélio, Rorion Gracie, mudou-se para os Estados Unidos e, para divulgar o nome do esporte no país, realizava lutas na garagem de sua casa, onde montou uma academia. A mesma lógica se repetia e ele desafiava outras artes marciais para angariar alunos e difundir o esporte. Com o crescimento desses embates e a divulgação do *jiu-jitsu*, a convite de um produtor de eventos americano, o desafio entre modalidades se tornou um evento maior. Rorion, junto com o investidor, criou um *Cage*¹¹ com oito lados, em que os lutadores não tivessem a possibilidade de escapar, este espaço foi chamado de octógono.

Colocando os combatentes dessa maneira, as lutas só acabariam por desistência ou intervenção do juiz. Como nos antigos desafios, as lutas não teriam contagem de tempo, categorias de peso nem proteções. Os melhores lutadores em suas modalidades eram convidados a participar dos desafios. Assim, representantes do boxe, katartê, luta greco-romana, *jiu-jitsu*, judô, entre outros, realizariam lutas eliminatórias, até que um deles obtivesse o título de campeão e ganhasse o cheque no valor de sessenta mil dólares (VASQUES, 2008). Esse evento ganhou o nome de *Ultimate Fight Championship*, o UFC.

Após sete edições, três delas ganhas pelo filho mais novo de Hélio, Roice Gracie, e o crescimento da divulgação do esporte pela mídia americana, alguns executivos decidiram inserir regras nessa prática. A partir daquele momento, por razões comerciais, haveria a disputa por categorias de peso, as lutas teriam limite de tempo: cinco rounds de cinco minutos para as disputas de título e três rounds de cinco minutos para as demais lutas. Os combatentes deveriam lutar com uma luva que foi desenvolvida

¹¹ A tradução para a palavra é jaula ou gaiola. A ideia é de um lugar do qual não se pode sair.

para esse tipo de esporte, mais leve que as luvas de boxe, e os dedos ficariam para fora do equipamento para que os lutadores tivessem mobilidade nas articulações das mãos. A partir disso, Rorion Gracie vendeu a franquia UFC e a família Gracie se retira das disputas do evento.

Além das regras, uma mudança importante aconteceu durante esse período. Os lutadores das mais diversas artes marciais perceberam a necessidade de treinar outras modalidades. A partir disso, o *cross-training* ou o treino de várias modalidades simultâneas passou a ser a dinâmica preponderante na rotina desses atletas. A dissertação realizada por Cláudio Nunes (2004) relata a rotina de treinamento de lutadores de MMA e a variedade de técnicas desenvolvidas durante as horas passadas na academia. Sobre o tema, discorre:

Como a própria denominação em inglês, MIXED MARTIAL ARTS, e as próprias regras dos confrontos possibilitam a mistura de diferentes técnicas de luta, com suas variações de golpes e movimentos, o processo pedagógico dessa prática esportiva implica a aproximação, o conhecimento e a apropriação corporal de diferentes estilos e modalidades de lutas. Assim, é premissa básica tentar dominar um repertório de técnicas de lutas que incluem o boxe, o *jiu-jitsu*, boxe tailandês e luta Greco-romana, (NUNES, 2004, pag. 107).

Deste modo, surgem os lutadores de MMA, praticantes de diversas lutas que passam a treinar outras artes com o intuito de participar dos eventos. Percebe-se, então, que de uma forma de combate, o vale-tudo, que objetivava que as artes marciais se confrontassem para provar qual delas era a mais eficiente, surge outra modalidade, que emprega elementos de lutas variadas. Pelo estabelecimento de algumas regras¹² e pelo nome vale-tudo estar vinculado à ideia de violência, mudou-se o nome para mistura de artes marciais ou MMA.

Mudar o nome da modalidade significava inferir ao MMA a conotação de arte marcial, ou seja, um combate com regras, igualdade de condições, limites de tempo e proteções, estas características mais próximas das lutas que a sociedade vê como esporte como o judô e o karatê. Então, fez-se uma aproximação com as práticas de combates mais esportivas. As ideias de Kim e col. vão ao encontro dessas afirmações, para estes

¹²O UFC possui algumas regras para os confrontos, além das já mencionadas. São elas: são proibidos golpes com os cotovelos de cima para baixo, não podem ser desferidos chutes na cabeça do adversário quando este estiver no solo; cabeçadas não são permitidas e tampouco são admitidos golpes na genitália.

autores essas mudanças nas regras representaram a “legitimação do esporte” (2008, pag. 110).

Teoricamente, ao refletir sobre o que foi escritos nos parágrafos anteriores, podemos nos aproximar das ideias de Elias e Dunning (1992). Para estes autores o processo de civilização iniciado na Inglaterra no século XVIII está relacionado com o aumento, por parte da população inglesa, da sensibilidade em relação à violência. Juntamente com a parlamentarização do Estado Inglês, esse processo teria interferido na passagem dos jogos aos esportes, fundamentalmente no que se refere à coerção da violência. Assim, alguns dos antigos passatempos, como lutas sem regras e embates violentos se transformariam em esportes e se caracterizariam por “confrontos altamente regulamentados, exigindo esforço físico e competência técnica, caracterizados na sua forma de espetáculo como “desporto”” (ELIAS & DUNNING, 1992, p. 46).

Não é difícil perceber as semelhanças do processo de esportivização citado por Elias e Dunning com a transformação ocorrida com as lutas de MMA. Também é perceptível que essas mudanças não foram aleatórias, mas sim o resultado da percepção dos executivos desses eventos que, ao estabelecer uma “violência controlada” (WACQUANT, 2002, pag. 152) em suas lutas, atrairiam mais expectadores e patrocínio para estes espetáculos.

O pensamento de separar lutas de violência rendeu resultados substanciais para o evento. Atualmente, o MMA é o esporte que mais cresce em público nos Estados Unidos (KIM e col., 2008). A marca UFC, que foi vendida por Rorion Gracie para os atuais donos, Dana White (presidente) e Irmãos Fertitta, por um milhão de dólares, hoje vale aproximadamente três bilhões. Além disso, já ultrapassou o boxe em popularidade (SPENCER, 2009), esporte de combate que tradicionalmente se destacou pela apreciação dos fãs americanos.

O UFC já foi realizado nos cinco continentes e no Brasil conta com uma parcela significativa de apreciadores. Um fato significativo nessa popularidade é a presença de lutadores brasileiros que se destacam nos eventos como: Rodrigo Minotauro, Anderson Silva, considerado o melhor atleta de MMA de todos os tempos, Júnior Cigano, e José Aldo. Por esse crescimento de expectadores, já foram realizados

vários eventos no país e uma edição do *reality show* “*The UltimateFighter*”, conhecido como TUF¹³.

Esse crescimento fez com que eventos de menor visibilidade surgissem no Brasil¹⁴ e muitas possibilidades de participação em lutas são oferecidas atualmente para aqueles que se dedicam ao esporte. Além disso, um número maior de academias passou a oferecer lutas entre suas modalidades. Professores de outras lutas também começaram a se interessar por essa maneira de inserir elementos de várias modalidades em uma só e esse mercado aqueceu as academias das cidades do Brasil.

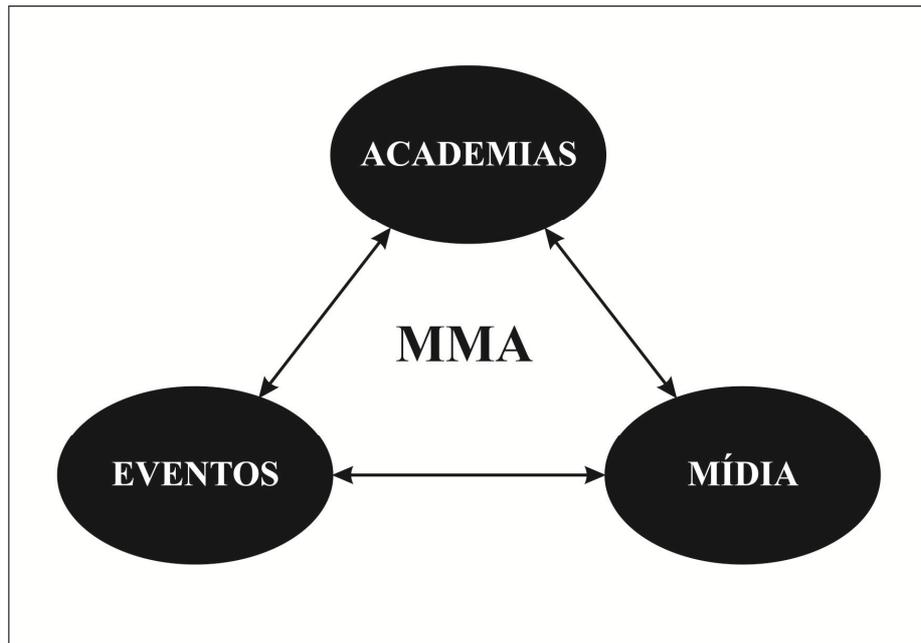
Por esse breve¹⁵ histórico, pode-se perceber que o caminho percorrido pelo MMA até os dias atuais balizou-se em três universosPrimeiro foram as academias, através das quais eram organizados confrontos entre diferentes artes marciais que se desafiavam para demonstrar qual era superior à outra. Com o crescimento desses desafios, os responsáveis pelos encontros começaram a organizar eventos privados que atraíssem a atenção do público e rendiam lucros para os lutadores e organizadores. Esses encontros eram realizados em pequenos locais até tornarem-se grandes empreendimentos, como vemos atualmente. A mídia foi o terceiro pilar dessa estrutura. Mesmo no começo, os eventos de vale-tudo sempre chamaram a atenção do público e os jornais se interessaram em divulgar notícias referentes às contendidas (AWI, 2012).

São esses três contextos que deram sustentação para que o MMA se desenvolvesse. Essa assertiva também se justifica por se tratar de um esporte inserido no mercado do espetáculo, ele surge e se mantém por aparecer na mídia e saber ‘vender-se’ para os espectadores. Sem estes não há como o MMA existir. Diferente de outros esportes em que as federações são o principal organizador das competições, as artes marciais mistas se espetacularizaram no seu nascedouro. Assim, não há uma organização federativa nem um apoio estatal por trás, mas sim grandes empresas e investidores que querem retorno para suas aplicações. A seguir, eu apresento um esquema que tenta materializar as relações que venho descrevendo até aqui.

¹³ Em capítulo posterior me atentarei ao programa e sua importância na construção simbólica do esporte.

¹⁴ Três exemplos são o JungleFight, BitettiCombat e o Bushido.

¹⁵ Retomando a argumentação que iniciei esse tópico, referente aos limites por mim apresentados, eu utilizo a expressão “breve” porque não apresentei a história do MMA nem de uma forma a tentar exaurir o tema e tampouco como uma estratégia de apenas introduzi-lo. Meu intuito foi apresentar elementos que sejam satisfatórios para demonstrar como essa prática passou por um processo de institucionalização.



Essa esquematização faz suscitar uma interpretação de que as estruturas que formam a pirâmide têm uma relação entre si, os elementos se solidificam a partir uns dos outros. Além disso, os fatos supracitados, a notícia de jornal que relatei na introdução da tese e o processo de construção do MMA que expliquei nesse tópico são elementos que me levam a pensar sobre os discursos sobre violência. A preocupação com o tema é notória e parece capital quando o assunto é MMA. Mas, porque há essa preocupação com a temática? A partir dessas 'pistas' que venho descrevendo desde o começo do estudo, passo a questionar como esse tema se relaciona com os elementos constitutivos do esporte. Para tanto, no próximo tópico, debruço-me em analisar discursos sobre as artes marciais mistas vinculados à violência para continuar essa primeira fase de construção das questões de pesquisa.

3 DA “RINHA DE GALO” A “VIOLÊNCIA SEM SENTIDO”: DISCURSOS SOBRE O MMA

A triangulação proposta no tópico anterior me conduziu a me debruçar sobre a temática da violência. O que se identifica nas relações entre a mídia e os eventos é o que passo a analisar a partir de agora. Início pelo depoimento de Wallid Ismail, dono¹⁶ do maior evento brasileiro, o *jugglefight*¹⁷. Ao organizar uma etapa em Porto Alegre, o empresário relata aos árbitros uma preocupação com o sangue durante as lutas. Segundo ele, havia muito sangue em algumas lutas de MMA durante os eventos, o que poderia ‘assustar’ alguns telespectadores. Essa possibilidade de diminuição de audiência fez com que fossem dirigidas algumas orientações aos juízes, que foram aconselhados a interromper a luta assim que perceberem que o lutador estivesse sangrando muito.

Essa preocupação é oriunda da intolerância de parte da sociedade em relação ao chamado ‘derramamento de sangue’ que algumas lutas de MMA proporcionam. Também há um discurso sobre uma eventual retirada das cotoveladas durante as lutas. A explicação deriva de que esse tipo de técnica causaria um sangramento muito grande se o golpe fosse acertado no rosto, o que seria mal visto pelos espectadores¹⁸. Então, se pode questionar: porque há essa preocupação por parte dos dirigentes? Que discursos circulam pela sociedade sobre o MMA que podem interferir no andamento dos eventos? Nesse capítulo, então, analisarei algumas entrevistas e depoimentos de jornalistas e pessoas que escreveram sobre o assunto em blogs, programas de entrevistas e redes sociais, com o intuito de perceber como esses indivíduos concebem essa nova¹⁹ manifestação.

Antes, porém, é importante dizer que orientei a feitura da problematização de minha dissertação de mestrado também nesse sentido. Contudo, não me utilizei de

¹⁶Utilizo o termo “dono do evento” por ser uma expressão nativa, que circula entre os praticantes de lutas e na mídia especializada. O sentido é que as disputas de MMA têm alguém que as gerencia, negocia as lutas e tem o poder de direcionar o andamento dos eventos. O dono também é chamado de “presidente”, apesar de algumas vezes poder haver diferenciações nas atribuições.

¹⁷ Esse nome surgiu de uma ideia inicial dos organizadores de uma disputa na selva amazônica. Os primeiros cenários remetiam a essa característica. Porém, com o tempo, o evento se modificou e apresenta a mesma estrutura dos demais, mas o nome permaneceu o mesmo.

¹⁸ As assertivas descritas nesse parágrafo são resultantes de discursos que ouvi em academias durante a realização de eventos de MMA em Porto Alegre. São falas de atletas e treinadores preocupados com o andamento das contendas em conversas informais no ambiente de treinamento. Também serão mais bem desenvolvidas na discussão dos dados da tese.

¹⁹ Não me refiro aqui a que o MMA é um esporte novo. Uso esse termo porque parte da sociedade e uma parcela da mídia o conhece há pouco tempo.

mídias eletrônicas, mas sim de filmes e biografias que apresentavam o boxe (tema da dissertação) como foco. O que achei mais interessante se compararmos os dois esportes é que o boxe tem mais solidez nos discursos, é uma prática que, apesar de muitos acharem extremamente violenta, consideram-no um “esporte violento”, diferente da “violência instituída que pouco tem a ver com o esporte”, ideia muito presentes no discurso sobre as artes marciais mistas, como apresentarei a seguir.

Dentro do mundo do boxe, é comum a contrariedade de alguns lutadores com o MMA. Éder Jofre, bicampeão mundial de boxe na década de sessenta e considerado o maior boxeador da história do país, é conhecido pelos seus discursos contrários a esta manifestação. Em entrevista a uma rede de televisão paulista, quando questionado sobre a “febre” do MMA, ele responde: “isso daí não é luta, chute, joelhada, o cara caído e continua batendo, isso é esporte? Aí eu pergunto: Isso é esporte? Isso é selvageria”.

Faço essa reflexão de início para mostrar como duas práticas de contato em que o uso da força é muito parecido podem ter um significado muito diferente. Afinal, qual seria a diferença entre um esporte violento e uma violência que pouco tem a ver com esporte? Ao pensar sobre isso, acredito que uma das explicações é que o boxe é um esporte reconhecido, com tradição e história. O grande público já o reconhece e ele tem um lugar dentro das práticas corporais. Em contrapartida, o MMA ainda transita entre a briga e o esporte. A prática não tem tradição nas grandes mídias e a sua suposta selvageria ainda dá a ele uma sensação de desconfiança entre aqueles que não o aceitam. Assim, os excertos que apresento a partir de agora se coadunam com esse pensamento.

O primeiro fato que me chamou a atenção foi a realização de um projeto de lei, em 2011, pelo deputado federal José Mentor, do PT, que se direcionava a proibir as transmissões de lutas de MMA em televisão aberta. A atitude do parlamentar teve como estopim a compra dos direitos de transmissão pela rede globo dos eventos do UFC. Em entrevista a uma rede de televisão de Brasília, o deputado comenta sobre os motivos da feitura do projeto.

O meu intuito com esse projeto de lei é coibir que a propagação da violência se dê de maneira ostensiva. O objetivo do MMA é ferir o adversário, derrubar o adversário. O MMA não tem nada a ver com

lutas que têm regras, que a pessoa vai aprender uma defesa pessoal. Claro que se um golpe de karatê pegar, ele vai machucar, mas ela é uma luta de autodefesa, no MMA o objetivo é atingir, é machucar, quanto mais cedo, melhor. E incita a violência, inclusive aqui em Brasília mesmo houve um caso de um menino que estava num bar vendo uma luta e, após a luta acabar, foi agredido por dois homens, esse esporte incita a violência. Como pode no Brasil ser proibido rinha de galo e não proibirem o MMA? Essa luta é muito violenta, é degradante, incita, leva à violência.

O projeto de lei foi vetado pela câmara e os argumentos supracitados foram declarados inconsistentes. O principal argumento de veto foi de que proibir a apresentação de qualquer esporte na televisão aberta seria uma forma de censura, o que não teria respaldo na constituição. Todavia, o mais importante é que esse deputado representa uma parcela da população que se posiciona contra o MMA. Compará-lo com rinhas de galos é discurso comum entre seus antipatizantes. A sensação de uma violência sem controle perfaz o imaginário de muitas pessoas, inclusive entre os adeptos de outros esportes de contato. O próprio parlamentar cita o karatê como se este fosse “uma prática de autodefesa, apesar de poder machucar”.

O jornalista Ancelmo Góes, em entrevista ao programa observatório da imprensa, faz uma crítica muito parecida com a anterior. De acordo com sua opinião, o MMA é um mau a ser extinto:

Acho que mídia apenas reflete um encantamento de boa parte da população mundial com esse chamado “esporte”. Que não é um esporte; é uma briga de galo, é uma rinha, é uma barbárie e uma briga de rua. Eu não consigo entender o encanto que desperta em milhões e milhões de pessoas a lutas de dois homens daquela maneira. Eu acho aquilo uma barbárie, eu só entendo isso da mesma maneira que no passado houve quem achasse normal a escravidão negra. Espero que, daqui a um tempo, a sociedade se convença de que aquilo é um horror, que aquilo não é possível.

Portanto, pelo que venho mostrando até aqui, pode-se perceber duas ideias importantes na construção de significados envolvidos no esporte: o primeiro deles é que é uma prática muito violenta, comparável às tão faladas rinhas de galo, onde há a inexistência de um sentido mais ‘civilizado’, onde dois animais se machucam até a quase morte e isso daria o tom das disputas. A segunda característica é a tentativa de afastar o MMA da concepção de esporte. “Não é um esporte” é uma afirmação corrente.

Um exemplo desse discurso é a manifestação do jornalista Milton Neves, da rede Bandeirantes, em uma rede social, onde escreveu: "Chamar essa m... de UFC de esporte é como chamar Saddam Hussein e Muammar Kaddafi de amantes inveterados da bondade e da democracia."

Apesar do tom de humor da assertiva, ela retrata o descontentamento do jornalista da tentativa de aproximação entre MMA e esporte. O esporte, na sociedade atual, é visto como algo positivo²⁰, com características de entretenimento, diversão e de construção do indivíduo. O *fair play*, as condutas cavalheirescas e os processos de socialização, disciplina, cooperação e respeito que perfazem o conceito que temos de esporte, para esses críticos, não se enquadrariam nos confrontos de artes marciais mistas.

Em um primeiro momento, o MMA pode causar estranhamento em razão do extremo contato a que são acometidos os lutadores. Não há como negar que os sangramentos, o uso da força e os nocautes podem causar estranheza. Chamo a atenção de que estou falando sobre esportes de contato, e não sobre violência. Esse termo parece muito complexo para ser imputado a esses exemplos que venho me referindo e discutirei a temática com mais profundidade no porvir.

Porém, não é com esse mesmo cuidado que a violência é utilizada em alguns discursos. Cito a seguir dois excertos retirados de blogs que se pautam em discutir sobre a apropriação da rede globo dos direitos de transmissão dos eventos de luta e as eventuais 'consequências traumáticas' para a sociedade.

A televisão brasileira é responsável por mais um atentado contra a família, a principal célula da sociedade. Não bastasse a barbaridade dos reality show, agora ela está investindo pesado nas lutas que lembram o teatro romano com os gladiadores. Infelizmente voltamos no tempo, e agora é moda glorificar e idolatrar homens lutando num ringue, até seus rostos ficarem completamente inchados e sangrando. E por fim, com a força dos golpes desferidos um dos dois lutadores é vencido. A TV Globo teve ainda o desprazer, só por causa do dinheiro, porque ela é mercenária, é daquelas que vende a própria mãe para ganhar algum, de colocar o Galvão Bueno para transmitir essa coisa medieval e sangrenta.(...) O MMA, por mais que jurem que é somente um esporte, tem regras e ajuda a tirar muitos jovens das drogas, trata-se de uma luta que emprega uma força com poder

²⁰Aqui não estou levando em consideração as discussões teóricas que existem em torno do tema negatividade/positividade do esporte. Meu objetivo é compreender as representações em torno dos conceitos, por isso uso esse termo de forma generalista.

agressivo descomunal. Segundo seus adeptos, é uma luta que mistura varias outras técnicas, isso prova que é um vale tudo, onde ela, de maneira explicita incita à violência. Esporte é vida e não violência.

A primeira coisa que precisa ser dita, e é incontestável, é que o MMA é o incentivo claro a violência e a vingança. Sim meus caros patrícios, vingança mesmo. Na maior parte das vezes, é o que chama o povo a ver a luta. Não deixa de acontecer dentro do ringue, mas cria uma ideia muito clara para os espectadores do esporte: "Não deixem as ofensas para lá." Sonnen falou mal do Brasil e da esposa do Anderson. Silva rebateu dizendo que ia quebrá-lo. Ele venceu a luta e no final, como se nada tivesse acontecido, chamou o adversário pra um churrasco. As pazes foram feitas, mas a mensagem central transmitida continuou. Anderson Silva não engoliu o desaforo e acabou com o Sonnen na luta. Venceu. E você, meu caro leitor, faça o mesmo com o próximo que te humilhar. Mas faça do jeito violento. Lute e depois o convide para um churrasco na sua casa.

Percebe-se, nas duas passagens, a contrariedade pelo esporte que acomete esses dois autores. No primeiro caso, o que chama a atenção é uma ideia que também se mostra presente com constância nesse tipo de diálogo: o atraso. Segundo esse pressuposto, o MMA, assim como a briga de galo ou o coliseu romano, seria o retorno à barbárie, uma época em que a violência seria descontrolada e que os homens, por ignorância ou por serem oriundos de um tempo de selvageria, teriam como lazer assistir a outros homens machucando-se até seus rostos incharem e se encherem de sangue. E quanto mais sangue, melhor. Compará-lo com o esporte, então, seria uma heresia contemporânea, uma espécie de pecado capital da cultura ocidental, já que, como já foi dito, este implica em características bem diferentes das que foram citadas.

Na segunda citação, o autor refere-se à disputa que ocorreu entre o lutador Anderson Silva, do Brasil, e o americano Chael Sonnen. A contenda foi envolvida em uma aura de desafio. Sonnen é conhecido pela provocação aos seus adversários antes das lutas, assim como pelas polêmicas entrevistas coletivas que as precedem. Não foi diferente quando ele lutou com Anderson Silva, ainda mais por este ser o maior nome do esporte à época: invicto e campeão da categoria de 84 quilos desde sua quarta aparição no UFC. Uma das estratégias desenvolvidas pelo americano foi proferir insultos ao Brasil e ao povo brasileiro, chamando-o de atrasado e tecendo alguns 'elogios' à esposa de Anderson Silva. Este, por sua vez, após vencer o oponente em uma disputa que teve duração de poucos minutos, disse que "estaria tudo resolvido entre eles" e, inclusive, convidou-o para um churrasco em sua casa.

As provocações entre lutadores não são exclusividades das lutas de MMA. Há muito tempo que os boxeadores desafiam-se através de afrontas verbais nas pesagens e entrevistas. Isso faz parte desse universo e já foi utilizado pelos principais combatentes do mundo do boxe. O maior exemplo é Muhammad Ali que utilizava recursos como: fazer poesias para os adversários que iria enfrentar, dizer o *round* que iria nocauteá-lo, entre outros estratégias. Esse recurso, assim, é utilizado com o intuito de desestabilizar emocionalmente o rival e, principalmente, atrair o público para a luta que será realizada. Essas provocações sempre tiveram sucesso porque alimentam um sentimento de tensão entre os adversários que são interessantes para o mercado esportivo.

Também não é somente nas lutas que isso ocorre; as grandes rivalidades entre os times de futebol são alimentadas pela mídia e pela sociedade e os jogos entre esses times são, na maioria das vezes, muito esperados pelo público. Portanto, acreditar na seriedade desses fatos é não reconhecer que existe um ‘jogo sendo jogado’. Há uma estrutura esportiva com interesse nesses acontecimentos e um público que deseja vê-los. Utilizando-me de um conceito da obra de Elias (1992), acredito que a tensão/excitação tão presente nas manifestações esportivas também ocorra fora dos ringues/campos. Não apenas o que acontece durante os espetáculos é importante para o interesse geral, mas também os eventos que os precedem são sinalizadores da apreciação pelo esporte.

Afora o tema da vingança e suposto estímulo a desafios entre membros da sociedade em razão de assistirem ao UFC, é o tema da violência que me parece ser o cerne das discussões. Os discursos são bastante contundentes e reforçam as atribuições negativas que essa manifestação pode propagar. O último exemplo que trago para o texto é um crônica escrita por Luís Fernando Veríssimo, no jornal O Globo. O texto me despertou interesse pela comparação entre o MMA e os desafios de “catch” que ocorriam no Brasil. Interessante ressaltar que, apesar de não serem mais divulgados no país, esses eventos de lutas combinadas ocorrem em vários países. Nos Estados Unidos, existe uma liga muito forte que é transmitida em televisão aberta e tem uma audiência sólida, a liga é chamada de *pro-wrestler*.

As lutas são performances acertadas antecipadamente que apresentam personagens geralmente representando o bem contra o mal que se enfrentam em um ringue. As batalhas são acompanhadas com entusiasmo pelo público e se desenvolvem de maneira a atrair a atenção deste através de quedas e golpes traumáticos desferidos

pelos habilidosos ‘lutadores’. Utilizo as aspas por acreditar que esses eventos não se enquadram em uma disputa de luta ou arte marcial.

Justifico minha afirmativa utilizando alguns trabalhos sobre esportes de combates (RUFINO e MARTINS, 2011, PAIVA, 2015, RUFINO, 2012) que apresentam a “imprevisibilidade” como um dos fatores presentes em todas as formas de combate. Por essa ideia, o adversário não pode ter certeza do que o seu adversário vai fazer antes que esse o faça. Portanto, sendo as disputas de *pro-wresler* previamente ensaiadas, não se pode atribuir um caráter de combate a elas. Seriam batalhas mais vinculadas ao teatro ou ao cinema, atividades mais condizentes com essa encenação.

Sobre esse tema, faço uma ressalva à dissertação de Cláudio Nunes (2004), intitulada: *Corpos na arena: um olhar etnográfico sobre a prática das artes marciais mistas*, apresentada ao programa de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano da UFRGS. Apesar de ser um trabalho sobre as artes marciais mistas com uma riqueza empírica que chama a atenção, o último capítulo intitulado: “entre o ringue e o palco: o corpo em cena (pag. 202)” deve ser relativizado. Neste trecho do estudo, o autor faz uma comparação do MMA com o teatro. Ao longo do tópico, ele descreve e analisa como as artes marciais mistas, através da exposição dos corpos dos lutadores e de seus rituais, podem ser aproximadas com as peças de teatro. Ressalto, então, a minha dificuldade em estabelecer tal conexão. Utilizando-me das biografias já destacadas ao longo desse tópico, é consenso de que as lutas têm alguns parâmetros, ou características que as definem. Uma delas é a imprevisibilidade nos jogos de oposição. Portanto, seria difícil aproximá-las de espetáculos altamente encenados. As apresentações de “catch” se aproximariam mais do que Nunes ressalta em seu trabalho.

Dessas apresentações que Luis Fernando Veríssimo lembrou-se na sua escrita. A crônica intitulada “Saudades de Tedy Boy Marino” faz alusão a um desses personagens e a relação entre aquelas disputas e o MMA. Trago abaixo um fragmento do texto:

Não sei se ainda fazem espetáculos de "catch" pelo interior do país. Hoje na TV o que se vê é o "ultimatefighting", ou "mixedmartialarts", dois lutadores simbolizando nada trocando socos e pontapés sem simulação, quando não se engalfinham no chão como um bicho de duas costas e oito patas em convulsão. Nessas lutas não vale, exatamente, tudo — parece que esgoelar o outro e xingar a mãe não pode. Mas é o "catch" despido da fantasia, com sangue de verdade.

Não há mais mocinho e vilão, apenas duas máquinas de brigar, brigando. Nem Ted Boy Marino nem Homem Montanha, apenas a violência em estado puro. Sei não, acho que empobrecemos.

Mais uma vez, a aproximação com os animais aparece durante a explanação. Assim como na comparação com a rinha de galo, essa relação denota a falta de racionalidade, de sentido. A mesma conotação pode-se inferir a expressão “violência em estado puro”. Estaria caracterizada uma prática em que não há significado, por isso o autor relata que vê “dois lutadores simbolizando nada”. A expressa falta de simbolismo reflete algo atrasado, mais uma vez e curiosamente, na visão do autor, mais atrasado do que se via antes. Os desafios de lutas combinadas, onde os papéis eram mais estabelecidos, faziam mais sentido para o escritor. O empobrecimento evocado ao final da resenha diz respeito a essa perda de significado. O MMA representaria a volta à barbárie e a institucionalização da violência pela violência.

Pela minha experiência, como professor, em algumas academias de Porto Alegre, pude perceber discursos em que a temática da violência nas lutas era posta em voga. O fato que me chamou mais atenção foi o telefonema de um pai de uma aluna para proibi-la de praticar lutas. Segundo os argumentos do referido sujeito, a prática de lutas, além de masculinizar sua filha, iria provocar hematomas e cicatrizes que modificariam seu temperamento, tornando-a mais violenta em seu comportamento social.

Em contrapartida, meus argumentos foram no sentido de relatar a maneira como as lutas eram trabalhadas naquela academia e tentar fazê-lo compreender que o trabalho era desenvolvido de maneira diferente das concepções que ele tinha sobre o esporte. Mesmo não tendo sucesso em minha argumentação, o episódio me leva a pensar em uma disputa de um pai que não quer que sua filha se insira em um ambiente que ele vê como negativo e um professor que tenta mostrar outra forma de perceber a luta.

Corroborando com o episódio evocado, há trabalhos (WACQUANT, 1998; THOMAZINI, e col. 2008) que sinalizam de forma substancial a dificuldades que as mulheres têm em adentrar nas artes marciais. Essa pesquisa ratifica essa afirmação. As lutas ainda se configuram como um meio em que os homens protagonizam. Como apresentarei posteriormente, não tive o intuito de estudar a categoria gênero na tese, mas

foi perceptível que a participação das mulheres nos três elementos da configuração (academia, eventos e mídia) foi bem reduzida. Assisti a apenas duas lutas femininas nos eventos observados e registrei a participação apenas de uma mulher nos treinamentos da academia.

Além disso, no caso do programa TUF Brasil, que observei para compreender a interação da mídia na configuração, as mulheres apareceram de uma forma secundária, na função de “*octogon gils*”. Essa função já faz parte de diversas modalidades há muito tempo. São mulheres, geralmente com roupas muito curtas, que desfilam seus corpos entre os intervalos das contendidas segurando uma placa que indica o número do próximo *round*. As nomenclaturas variam de acordo com a modalidade. No boxe, pela luta ser disputada em um ringue, as mulheres são chamadas de “*ring girls*”. Assim, apesar de não ser minha intenção adentrar nesse tema, deixo a sugestão que outros trabalhos se debrucem sobre esse aspecto que foi latente nas observações.

Todos os apontamentos apresentados me levam a considerar que há uma série de elementos que constituem os significados atrelados às artes marciais mistas. O que se pode perceber é que uma parte da sociedade atribui ao fenômeno o significado de selvageria, há outros setores (eventos de MMA, professores e atletas) que têm outra percepção. Porém, mais do que setores estanques e dicotômicos em que estariam ou de um lado ou de outro, nota-se uma interdependência dos elementos. Os três universos que elenquei no tópico anterior (academias, mídia e eventos) se relacionam, discutem, se aproximam e se distanciam em um movimento não linear. Essas disputas dão vazão às minhas questões de investigação.

Finalizando esse tópico, concluo que é importante que a academia se posicione em relação a esse tema. Uma análise teórica e empírica mais aprofundada ajudaria a discutir essas questões tão vinculadas à prática. Além disso, essas reflexões seriam basilares para uma constituição sólida do campo teórico das lutas. Os significados que foram evocados até agora pelos excertos que selecionei nas mais variadas instâncias sociais serão os formadores das questões de pesquisa da tese.

Ressalto também que utilizo essa estratégia – de buscar elementos nos discursos – por acreditar que os problemas científicos são também os problemas sociais. O que se conversa no “mundo real” também faz parte do mundo acadêmico, pois este é imbricado por questões relacionadas àquele. Não há, para mim, uma diferenciação clara e

um limite bem demarcado entre os problemas da ciência e os problemas do cotidiano. A minha proposta é buscar, assim como fiz na dissertação, uma linha de pensamento amparada por pressupostos teóricos reconhecidos que sejam capazes de suscitar reflexões acerca do problema de pesquisa. Pode-se perguntar, após essa explanação, que pressupostos serão utilizados no caso dessa tese? Responderei essa pergunta no próximo tópico.

4 NORBERT ELIAS: CONEXÕES, CRÍTICAS E REFLEXÕES

Após apresentar elementos discursivos que constituem alguns dos significados imbricados nas artes marciais mistas, a minha proposta, agora, é demonstrar quais os trabalhos que sustentarão teoricamente as minhas reflexões sobre os dados. Já no título da tese, eu proponho “uma leitura elisiana” do MMA, o que pressupõe que os trabalhos de Norbert Elias serão utilizados para tanto. Já venho me apropriando de suas obras ao longo de minha vida acadêmica. Desde meu trabalho de conclusão de curso, em que analisei a vida do boxeador Muhammad Ali sob a ótica elisiana (MARIANTE NETO e col, 2010), passando pela minha pesquisa de mestrado em que dissertei sobre esportivização/desportivização do boxe, tenho utilizado alguns conceitos desse autor para as análises. Ao longo desse tempo, tenho percebido a importância dessas discussões para a Educação Física e para as análises das práticas corporais.

Um acontecimento importante, também, no meu período de doutoramento foi um seminário sobre Norbert Elias que fora realizado no: Grupo Estudos Socioculturais em Educação Física (GESEF), da UFRGS, no segundo semestre de 2015, intitulado: “Seminários Introdutórios Norbert Elias”. Neste evento, nós lemos e discutimos alguns dos textos publicados pelo autor e algumas obras que foram escritas tendo como base os seus conceitos. O acontecimento foi muito profícuo, pois pude debater com meus colegas de grupo de pesquisa algumas obras fundamentais do autor. Além disso, conheci novas obras e me aproximei de alguns termos que tinha pouco (ou nenhum) conhecimento.

Pude perceber, a partir dessas discussões, que termos como sociogênese, psicogênese, configurações e habitus, que serão tratados durante esse capítulo, são bons orientadores para compreender questões pertinentes ao universo dos esportes, tanto para iluminar as discussões sobre a sociologia do esporte, quanto para auxiliar os professores em sua prática profissional e reflexiva. Além disso, o reconhecimento do autor como uma das bases sólidas da sociologia sustenta uma tradição e reconhecimento na academia. Seus trabalhos vêm sendo estudados ao longo dos anos e relacionados com as mais diferentes áreas como: a educação (LEÃO, 2007), a violência (BORGES, 2008). e a história (GARRIGOU e LACROIX, 2010 e CHARTIER, 2010). Essas interconexões também facilitam uma abordagem na relação da teoria elisiana com as práticas corporais, no caso desse trabalho com o MMA.

Também não são recentes os esforços dentro da Educação Física em fazer uma aproximação dessas obras com os diferentes espaços de atuação do profissional. A discussão que me suscitou mais curiosidade foi estabelecida entre os textos de Dias (2010) e Souza e col. (2014), na Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE). O diálogo entre os autores foi interessante no sentido de estabelecer críticas e direções para a o uso da obra elisiana na Educação Física. O texto de Cléber Dias aponta algumas limitações do estudo de Elias. Versa, sobremaneira, sobre duas questões: o evolucionismo e o eurocentrismo. Abaixo, aponto duas passagens que sintetizam esses julgamentos.

Sobre a questão da linguagem evolucionista, o uso recorrente de termos normativos como “efeito retardado”, “integração em alto nível” ou mesmo a adoção da noção weberiana de “sociedades simples”, de fato abrem a obra de Elias para uma pertinente leitura crítica. A cadeia semântica de cada uma dessas noções, bem como os constructos teóricos que lhes são subjacentes, sugere que as dinâmicas sociais progridem de maneira geométrica, com certa inevitabilidade. (...) É ilustrativo por este aspecto que Elias tenha recorrido reiteradamente à figura de uma espiral para explicar a ordem evolutiva do processo civilizador. É emblemático também que Elias sempre tenha demonstrado uma confiança mais ou menos excessiva nas qualidades da civilização moderna, desprezando, de certo modo, algumas das suas principais consequências, como a violência da colonização ou o Holocausto (DIAS, 2010, pag. 159)

Suas teorias, apesar de terem grandes pretensões generalizantes, privilegiam o ponto de vista particular da Europa Ocidental. Assim, o singular uso de utensílios para a alimentação, os complexos rituais de cumprimento e de higiene pessoal, bem como a rigorosa e característica disciplina da antigüíssima civilização chinesa são sumariamente ignoradas, o que significa que o conceito de civilização na obra de Elias esteve sempre confinado ao contexto europeu. (IBIDI, pag.161)

Por esses excertos, podem-se perceber dois pontos centrais nas críticas que geralmente são encaminhadas à obra em voga. Na primeira passagem, o autor sugere que Norbert Elias propõe um processo (civilizador²¹) linear e evolucionista, ou seja, entende a humanidade dentro de uma continuidade “progressiva” de adaptação e autocontrole. Na segunda passagem, o termo em voga é o eurocentrismo. Segundo as ideias do autor, Elias teria construído a sua teoria com base na sociedade europeia pós-

²¹ Tratarei dos termos *a posteriori*. Trato, aqui, apenas de algumas pistas sobre como a obra é tratada pela academia no Brasil.

idade média, negando de alguma forma as outras sociedades espalhadas pelo mundo e suas peculiaridades.

Apesar da relevância da apreciação, em razão de elucubrar questões que podem ter importância nas discussões acadêmicas, a partir das minhas leituras, considero as críticas um pouco apressadas e sem o aprofundamento teórico necessário. Essa ‘crítica da crítica’ também foi elaborada no artigo escrito por Souza e col. (2014), pertencente à mesma revista em que foi publicado o texto supracitado. O texto intitulado “A sociologia configuracional de Norbert Elias – Potencialidades e contribuições para o estudo do esporte” é uma resposta ao trabalho de Cléber Dias e propõe um diálogo com o autor.

Nesse texto, os autores sugerem que as críticas de Cléber Dias são rotineiras na academia e perfazem um rol de elementos em que os proponentes não têm o domínio necessário para poder transcrevê-los. Por isso, o artigo é dividido em dois momentos: no primeiro, há um ‘resumo’ de alguns textos clássicos elisianos para estabelecer um compósito de sua obra, a fim de determinar quais termos e construções são basilares. Feito isso, é estabelecido um diálogo com a obra para relacioná-la com o texto. É nesta parte que os autores discordam do primeiro trabalho. Sobre o suposto ‘eurocentrismo’ de Elias, os autores destacam:

Um segundo ponto polêmico ressaltado por Dias (2010) diz respeito às conjecturas tecidas sobre o suposto etnocentrismo ou eurocentrismo de Elias (...) Como alternativa para tal argumentação, frisamos, por um lado, que o conhecimento por um lado, sobre a perspectiva comparativa elisiana e, por outro, sobre a necessidade e importância de delimitação de objetos empíricos que o observador tenha um envolvimento pessoal e as devidas doses de enraizamento com o lócus de estudo que açambarca o objeto eleito, amenizaria as interpretações e talvez a recorrência constante às críticas pontuais de alguns comentadores no sentido de rotular Elias como etnocêntrico ou eurocêntrico.

(...) O que queremos dizer ou chamar atenção é que o conhecimento aprofundado/incorporado sobre determinadas realidades a serem estudadas trata-se de uma condição *sine qua non* para o desenvolvimento da pesquisa como entende Norbert Elias. Essa qualidade, somada ao método de distanciamento, vem a fundar uma condição teórica e prática para efetivação de uma ciência sociológica conformando, por sua vez, o exercício metodológico que Elias (1998) veio a chamar de “envolvimento distanciado. (SOUZA E COL. 2014, pag.439 – 440) .

Pode-se notar, pelas passagens selecionadas, que as críticas elisianas podem ser questionadas. O suposto eurocentrismo sugerido por Dias é um ponto a ser destacado. Em primeiro lugar, é uma necessidade de pesquisa que o trabalho seja realizado em algum local específico, para, após esse procedimento, as teorias serem elaboradas. Sendo mais específico, seria muito difícil, por uma questão óbvia, elaborar uma teoria a partir de todas as culturas existentes. Parece-me uma característica de todas as pesquisas: o lócus é limitado espaço e temporalmente. Porém, mais do que uma limitação, os críticos do trabalho de Dias apontam que essa relação próxima com o campo é uma qualidade da pesquisa, na medida em que essa proximidade, desde que realizadas com distanciamento, pode ser facilitador no envolvimento pesquisador/campo.

Concordando com essa afirmação, a tese que escrevo nesse momento corrobora com essas reflexões. A minha aproximação anterior com o campo de pesquisa e o meu envolvimento com lutas facilitaram a elucidação e feitura das questões dessa pesquisa. É mais fácil entrar no campo quando já estou dentro dele. A receptividade dos interlocutores, a facilidade de trânsito entre os atores e o saber posicionar-se no ambiente são fatores que minimizam os riscos de uma pesquisa em que isso não ocorra. Não quero dizer com isso que o “entrar em campo”, termo tão discutido em algumas pesquisas de cunho etnográfico (MYSKIW e col, 2016) não seja um importante dado de pesquisa. Porém, ressalto que não ter esse estranhamento inicial não é um impeditivo e, muitas vezes, pode ser um fator positivo no trabalho de campo. Porém, ressalto, concordando com os autores, que há a necessidade de um olhar distanciado e com uma base teórica forte e condizente com as questões de estudo.

Apesar de essas críticas serem resultantes de uma discussão contemporânea dentro da Educação Física, pois os artigos citados datam de, no máximo, seis anos atrás, na sociologia algumas apreciações já eram postuladas a Norbert Elias nos primeiros anos de sua obra. O seu livro mais importante, que será esmiuçado com mais profundidade no decorrer desse capítulo, “O processo civilizador” foi publicado pela primeira vez em 1936. Era o ano em que ele apresentava suas primeiras incursões em termos como sociogênese, psicogênese e civilidade. Trinta e dois anos depois, em 1968, Elias publica a segunda edição do processo civilizador e escreve sobre algumas colocações que foram feitas à sua obra ao longo dos anos desde a sua primeira

publicação. Na introdução do livro²², o autor cita que a principal crítica relacionada a sua obra, o fato de ter baseado sua teoria em civilizações europeias, O autor relativiza essa discussão da seguinte forma:

Assim agimos na suposição tácita de que é possível elaborar teorias sobre as estruturas emocionais do homem em geral, com base no estudo de pessoas em uma sociedade específica que pode ser observada aqui e agora – a nossa. Não obstante, há numerosas observações relativamente acessíveis indicando que podem diferir o padrão de modelo de controle das emoções em sociedades que se encontrem em diferentes estágios de desenvolvimento, e mesmo em diferentes estratos dentro da mesma sociedade. Se estamos ou não interessados no desenvolvimento de países europeus ou no dos chamados “países em desenvolvimento”, em outras partes do mundo, o fato é que deparamos com grande frequência com observações que dão origem à pergunta como e porque (...) a afetividade do comportamento e experiência humanos, o controle das emoções individuais por limitações internas e externas, e nesse sentido, a estrutura das formas de expressão, são alterados em uma direção particular? Essas mudanças são indicadas na fala diária quando dizemos que pessoas da nossa própria sociedade são mais “incivis” ou menos “civilizadas” (ou mesmo menos bárbaras) do que a nossa (ELIAS, 2011, pag. 207)

Nota-se, então, por esse excerto, que o fato de o autor ter elaborado sua teoria tendo como ‘campo’ de pesquisa os padrões europeus de comportamento não invalida as possibilidades de generalizações e relações com outras sociedades. Como o próprio autor sugere na sua obra “Introdução á sociologia” (ELIAS, 2014): não há teoria que tenha validade sem comprovação empírica. Sendo assim, as reflexões sobre a teoria são maleáveis e relativistas, na medida em que podem ser feitas novas descobertas que complementem o aparato teórico sem desqualificar a tese elisiana.

Até aqui, eu tentei inserir o leitor nos ‘usos’ elisianos dentro da Educação Física e em algumas limitações apontadas por alguns autores e suas posteriores reflexões de alguns teóricos e do próprio Elias. Findada essa discussão, chegou a hora de adentrarmos sobremaneira nos conceitos e possibilitar que os diálogos posteriores sobre as artes marciais mistas sejam embasados nessa perspectiva analítica. Não é intuito dessa pesquisa ‘esgotar’ a obra, no sentido de apresentar todos os termos de Elias, tampouco é meu intuito fazer um resumo da obra do autor, mediante a quantidade

²² Em uma edição em português publicada em 2011, com revisão e apresentação do professor Renato Janine Ribeiro, foi publicada essa introdução como apêndice do livro. O interesse do revisor foi exatamente apresentar os argumentos de Norbert Elias a algumas críticas que foram relacionadas à sua obra durante o (longo) intervalo de tempo entre a primeira e a segunda edições.

e qualidade de textos produzidos sobre isso²³. Meu objetivo é fazer uma exposição sobre a obra demonstrando como os conceitos apresentados podem contribuir com as análises vindouras. Em suma, pode-se perguntar: quais conceitos elisianos podem contribuir para uma reflexão sobre as artes marciais mistas? É o que passo a discorrer a partir de agora

4.1 Um olhar configuracional sobre o comportamento humano

Apesar das limitações que há em todas as teorias, as críticas (e também as relativizações) apresentadas acima, para este estudo, ratificam a importância da obra. Pois, um autor que é tão analisado quanto Elias e que “sobrevive” por tanto tempo nas mais diferentes conexões com tantas áreas deve ser discutido. Sendo assim, resta-me responder: quem foi Norbert Elias? Que termos são os principais constituintes da obra? Que desdobramentos podem ser feitos na área da Educação Física? São as abordagens desse tópico.

Em alguns anos de vida acadêmica, que não são muitos a ponto de saber muita coisa, mas que não são tão poucos a ponto de não ter me proporcionado condições de reflexão, eu tenho observado que a vida dos autores, suas histórias e suas percepções de mundo são um ponto de partida importante, pois tangenciam suas obras de maneira muito forte. As suas vivências e suas relações com a humanidade, além de os locais em que viveram, sua família e seu histórico de lutas “dizem sobre a obra”. Ao entender esses fatos, pode-se compreender de onde o autor fala. Esse pensamento distancia um pouco a ideia de uma ciência feita por cientistas ‘neutros’, como se seus textos não fossem inteiramente relacionados com seu histórico, com seu passado, enfim, com eles próprios. Afastando essa ideia de uma obra fora do autor, a percepção fica facilitada, as conexões ficam mais tangíveis e os desdobramentos mais sólidos.

Um exemplo de um autor importante, mas que eu não tenho a intenção de aprofundar a obra nessa tese é Pierre Bourdieu. Eu tive contato com esse autor ainda no mestrado. Não apenas na Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, mas também em outros programas, como o de Antropologia Social, onde cursei algumas disciplinas, é notória a importância desse autor nas análises de trabalhos na área da

²³ Duas leituras interessantes no sentido de fazer uma síntese crítica da obra elisiana são: “Dossiê Norbert Elias” (NEIBURG e col. 2001) e “Norbert Elias: a política e a história” (GARRIGOU E LACROIX, 2010)

Sociologia, da Antropologia e, também, na Educação Física. O *Habitus* Bourdiano²⁴ é um guia sólido de discussão social. Além disso, sua crítica ao academicismo também era assunto sempre presente nas discussões. Tudo era muito nebuloso, e ainda é em certa instância. Mas, a leitura de suas de suas obras suscitou-me uma reflexão interessante: entender o autor é entender o caminho de sua obra.

O primeiro texto a que tive acesso foi “O esboço de autoanálise” (BOURDIEU, 2005). O texto me chamou atenção por vários aspectos. Já na capa do livro, há uma foto feita na Argélia, país em que o autor teve a sua primeira experiência como sociólogo. Não parece estranho, então, que por já ter trabalhado no local, o livro tenha essa paisagem na sua apresentação. Porém, ao olhar mais atentamente à fotografia nota-se a presença do próprio autor do livro na imagem, prática pouco comum na academia. Mas o que isso significa?

Pelo conteúdo do livro e pelas interpretações que fiz, representa uma expressão que, pelo menos nos últimos anos vem sendo discutida: “a presença do autor no texto”. Nessa obra, Bourdieu analisa como as suas vivências ao longo da carreira impactaram na construção de sua obra. Assim, desde sua infância humilde, passando pela sua vivência acadêmica nos anos 50, a formação em filosofia, a experiência sociológica na Argélia e sua relação com o campo acadêmico deram base para compreender como o autor construiu os seus conceitos pondo-se, ele mesmo, como objeto de pesquisa.

Bourdieu também faz reflexões sobre “os jogos de força” do pensamento intelectual francês, colocando-se como agente dessa dinâmica. Sua proposição e parte daí a possibilidade de generalização das suas análises, é de uma “emoção raciocinada”, (BOURDIEU, 2005, pag. 7), como salienta o professor Sérgio Michelli, autor da apresentação do livro. A explicação para o termo encontra-se nas páginas que seguem. O autor faz um exercício de distanciamento sem negar o caráter emocional e subjetivo da construção de sua obra. Porém, sempre é ressaltado que refletir sobre si mesmo como objeto em campo é uma forma interessante de compreender como se construir nesse espaço – de pesquisa.

Outra obra importante e que traz reflexões no mesmo sentido, é o texto “*Homu academicus*” (BOURDIEU, 2011). Essa é mais uma obra que traz reflexões semelhantes à anterior. Porém, nesse texto o objeto é o campo acadêmico da França. O foco maior do estudo é compreender como se dá a construção do conhecimento nas

²⁴ Ao longo desse capítulo, irei propor uma diferenciação entre o termo *habitus* na obra de Pierre Bourdieu e na obra de Norbert Elias.

instituições e, mais uma vez, o autor faz referências aos “jogos de poder” existentes que “constroem” conhecimentos científicos reconhecidos como “puros”, mas que apresentam, na sua gênese, um processo subjetivo intenso e influenciado pelas relações de poder. Sem querer me aprofundar no tema da epistemologia da ciência, o que interessa, para esta tese, é que a presença do autor é mais uma vez apresentada como um elemento importante nas reflexões. Sendo assim, Bourdieu coloca-se como um agente nessa configuração, pois também está imbuído de preceitos científicos, sendo ele um acadêmico.

Após essa explanação, não é por acaso que inicio a apresentação de Norbert Elias por um livro que se refere a sua história de vida. Trata-se do resultado de sete entrevistas realizadas com o autor, que deram base para a obra intitulada “Norbert Elias por ele mesmo” (ELIAS, 2001). Durante as oitenta e quatro primeiras páginas, em uma entrevista muitas vezes com um tom emocional muito forte, o autor discorre a sua história, desde o seu nascimento, na cidade de Breslau, na Alemanha, em 22 de junho de 1897, até seus últimos anos (época da entrevista) ainda lecionando, passando pela sua experiência mais marcante: o Holocausto. Sendo de família de Judeus, Elias viveu ‘na pele’ questões que viria a escrever ao longo de sua vida acadêmica como: a segregação, a violência e a barbárie.

Alemão, filho de Judeus, Norbert Elias relata a sua infância ‘burguesa’ em uma cidade que outrora havia pertencido à Polônia e à Áustria, mas que, quando no nascimento do sociólogo, fazia parte do território alemão. Passando pelo seu passado militar, em que serviu na primeira guerra mundial como soldado alemão e suas incursões acadêmicas na medicina e na filosofia concomitantemente. Essa formação social/biológica, segundo ele, lhe deu a possibilidade de refletir sobre a inseparabilidade indivíduo/sociedade, uma das relações mais importantes dentro dos seus textos. Na maioria das obras que pude ler sobre o autor, essa inexorável e indivisível relação é abordada. Porém, em algumas obras esse tema é descrito com mais ênfase.

O exemplo mais latente é o livro “a sociedade dos indivíduos” (ELIAS, 1994). Nessa obra, Elias aponta caminhos interpretativos para compreender o indivíduo e a sociedade que, em um primeiro momento, parecem ser elementos antagônicos. Segundo essa teoria, não há como separar esses dois elementos, na medida em que a sociedade não é uma “entidade” fora do indivíduo, nem este é um ente isolado, fora de uma relação maior entre outros indivíduos que, por suas ligações constituem o que, normalmente, denominamos “sociedade”. Elias, sobre essas relações, advoga

Assim, cada pessoa singular está realmente presa; está presa por viver em permanente dependência funcional de outras, ela é um elo nas cadeias que ligam outras pessoas, assim como todas as demais, direta ou indiretamente, são elos nas cadeias que as prendem. Essas cadeias não são visíveis e tangíveis como grilhões de ferro. São mais elásticas, mais variáveis, mais mutáveis, porém não menos reais e decerto não menos fortes. Essa é a rede de funções que as pessoas desempenham umas em relação às outras. A ela e nada mais que chamamos “sociedade” (ELIAS, 1994, PAG. 23).

Por essas ideias, o autor acredita que os indivíduos e a sociedade são entes inseparáveis e, por esse motivo, esses termos são apenas faces de um mesmo conceito. Uma relação imbricada por uma cadeia de relações que constitui o que o autor chama de “dependência funcional”. Porém, apesar de “indivíduo” e “sociedade” serem termos fortemente presentes na obra de Norbert Elias, não parece a melhor forma de compreender as relações. Tanto isso é verdade que nessa mesma obra – A sociedade dos indivíduos – Elias aponta que são termos que não exprimem a maneira como o autor melhor compreende as relações sociais. Qual seria, então, o termo mais alusivo às relações sociais e nos direcionamentos condizentes com o comportamento humano?

Para responder a essa questão, o termo que mais comporta as análises seria o conceito de “configuração”. Esse conceito está presente em várias das obras elisianas e é sustentado por uma riqueza empírica que analisa desde as realidades pós-idade Média, no texto “A sociedade da corte” (ELIAS, 2001), às formas de comportamento desde o século treze na sua principal obra: o primeiro volume de “O processo civilizador” (ELIAS, 1994). A sua crescente interdependência que culminou no surgimento do Estado, assunto que deu origem ao segundo volume da obra (ELIAS, 1993). As configurações são as formas sociais em que indivíduos se unem através de rede de interdependências formando as diferentes instâncias sociais. Então, as configurações são, na verdade, uma relação inseparável entre o indivíduo e a sociedade, relativizando uma ideia dualística que separa esses dois termos. Segundo palavras do próprio autor, no texto “Introdução à sociologia”:

Tal reificação é um encorajamento constante à ideia de que a sociedade é constituída por estruturas que nos são exteriores – os indivíduos – e que os indivíduos são simultaneamente rodeados pela sociedade e separados dela por uma barreira invisível. Como veremos, essas concepções tradicionais serão substituídas por uma visão mais realista de pessoas que, através de suas

disposições e inclinações básicas são orientadas umas para as outras e unidas umas às outras das mais diversas maneiras. Essas pessoas são constituem teias de interdependência ou configurações de muitos tipos, tais como famílias, escolas, cidades, estratos sociais ou estados. Cada uma dessas pessoas constitui um ego ou uma pessoa, como muitas vezes se diz na linguagem reificante. Entre essas pessoas colocamo-nos nós próprios(ELIAS, 2005, PAG. 87) .

Assim, o que mais importa no tratamento teórico das configurações é compreender que as ligações entre os indivíduos formam uma teia de interdependência no qual não só o “meio” interfere nas atitudes do sujeito, como este é, também, um agente nas relações. Por isso, o autor sugere que é fundamental no tratamento desses problemas das ligações sociais se queremos resolver a questão de quais as relações que ligam as pessoas umas as outras, constituindo os alicerces de sua interdependência.

Estabelecendo um diálogo com alguns autores clássicos da sociologia, como Durkheim, o autor cita que os sociólogos estariam mais acostumados a encarar as relações humanas essencialmente sob a perspectiva do “eles”. Por exemplo, é possível proceder e encarar as ligações humanas essencialmente no contexto de uma especialização de trabalho, que faz com que as pessoas se tornem cada vez mais dependentes umas das outras. Para Elias, não restam dúvidas que essas ligações são importantes, mas as ligações a que se referem são ainda meramente econômicas. A obra elisiana se caracteriza com um diálogo forte com os trabalhos marxistas. Para o autor a dimensão econômica e do trabalho é apenas um dos sustentáculos do comportamento. Outras dimensões, como a dimensão emocional e as ligações afetivas deveriam ser levadas, também, em consideração quando se deseja desvendar essas teias multifatoriais.

Torna-se, por essa perspectiva, impossível tratar adequadamente do problema das ligações sociais das pessoas, especialmente das suas ligações emocionais, se apenas considerarmos interdependências relativamente interpessoais como o trabalho ou o dinheiro. Podemos obter uma visão mais completa da teoria sociológica se incluir as interdependências pessoais e, sobretudo, as ligações emocionais entre as pessoas, considerando-as como agentes unificadores de toda a sociedade.

Na presente pesquisa, mostrarei *a posteriori* um exemplo que se coaduna com essa explicação de união afetiva e emocional que se distancia de uma união de um grupo pela questão financeira. O caso do MMA é basilar nessa contextualização. Há um termo “nativo” que é muito usado entre os lutadores das diferentes equipes de artes

marciais. Esse termo eu ouvi e descrevi inúmeras vezes em meu diário. Esse conceito é “família”. Tanto o ouvi e escrevi sobre ele durante o doutoramento que separei um tópico no primeiro capítulo de análise dos dados. “Família” é um conceito que se aproxima muito da perspectiva elisiana. Esse termo denota um sentimento de pertencimento a um grupo e a uma relação de confiança e sentimentos de união que se distanciam muito de explicações impessoais, como a explicação de uma estrutura econômica que determina a base de relações. Inclusive, sobre isso, é importante dizer que ao longo da pesquisa ouvi muito poucas vezes referências ao dinheiro proporcionado pelas lutas.

Eu apresentarei posteriormente que os atletas pesquisados não recebem, na sua maioria, mais de setecentos reais por luta e lutam no máximo quatro vezes por ano. Concluo, por essas razões, que dentro da configuração do MMA, principalmente na academia e durante os treinos, o que sustenta aquela rede de interdependência são, principalmente, os conceitos relacionados à afetividade à emoção e ao pertencimento. Termos nativos como “família”, “irmãos de treino” e “mestre” suscitam interpretações menos impessoais e mais condizentes com o que Elias denomina de “ligações afetivas”.

Essas afirmações não querem dizer que questões mais impessoais como a espetacularização do Esporte e o montante de dinheiro embolsado pelos atletas e patrocinadores em eventos maiores também devem ser analisados. O que essa perspectiva indica é que esse é um dos fatores que sustentam a configuração. Quando um atleta chama o outro de “irmão de treino” em um dos meus diários, por exemplo, é importante pensar que, a partir disso uma relação pessoal é demarcada. Obviamente, em outro dos meus diários, em que descrevo um dono de uma empresa de filmagem e promoção de eventos de MMA orientando um lutador a “desafiar” seu oponente a “sair na porrada” para que o evento possa ser vendido para um público maior também estou aceitando que há elementos impessoais dentro da configuração. Nenhum deles é mais importante do que o outro. O que Elias me proporciona é uma possibilidade de uma ótica mais ampliada dos sustentáculos da configuração.

Deste modo, a noção de “família” e os conceitos relacionados a elas são tão importantes quanto o espetáculo ou a economia dentro das lutas. Surge, assim, uma relação importante entre o sujeito e a configuração. Afinal: o que forma esse ator? O que define o que é e o que não é aceito em dada configuração?

Desta questão, suscita o reconhecimento da obra mais importante e de mais impacto de Norbert Elias: O processo civilizador (ELIAS, 1994). Como já citei

anteriormente, as análises dessa obra e a sua relação com as mais diversas áreas são inúmeras e se localizam nas diferentes áreas do conhecimento. Para esta tese, o que importa é compreender como os comportamentos dentro das configurações foram se modificando ao longo do tempo neste processo que o autor denomina civilizador.

Para realizar tal análise, Elias esmiúça as alterações de comportamento desde o século XIII para constituir uma teoria de um processo de longo prazo que determina o comportamento dos atores sociais. Ao longo das páginas que compõe esse importante documento, o autor realiza dois movimentos: o primeiro é uma reflexão sobre alguns dois termos de origem alemã: “*Kultur*” e “*Zivilisation*”. O livro, na sua versão em português apresenta as traduções: cultura e civilização. Vou utilizar as traduções na descrição, fazendo a ressalva que a fonte foi traduzida e que os termos, por conseguinte, dizem respeito à cultura alemã. A análise das expressões se torna importante na medida em que possibilita, a partir do seu significado, compreender as diferenças culturais e suas nuances em torno de conceitos como os expostos. Sobre essas diferenças, Elias explica:

“Civilização”, porém, não significa a mesma palavra para diferentes nações ocidentais. Acima de tudo, é grande a diferença entre a forma como ingleses e franceses empregam a palavra, por um lado, e os alemães por outros. Para os primeiros o conceito resume em uma única palavra seu orgulho pela importância de suas nações para o progresso do ocidente e da humanidade. Já no emprego que é dado pelos alemães *Zivilization* significa algo de fato útil, mas, apesar disso apenas um valor de segunda classe, compreendendo apenas a aparência externa dos seres humanos, a superfície da existência humana. A palavra pela qual os alemães se interpretam, que mais do que qualquer outra expressa-lhes o orgulho em suas próprias realizações e no próprio ser, é *Kultur* (ELIAS, 1994, PAG. 23)

Por essa afirmativa, é possível concluir que a palavra que melhor expressa o ‘orgulho alemão’ em relação aos seus feitos em vários campos como: a intelectualidade, à arte e aos aspectos religiosos advém desta expressão. A civilização, então, diferente dos franceses e dos ingleses, seria um termo mais secundário nessa hierarquia das palavras, significando as atitudes ou os comportamentos das pessoas, não importando se realizaram ou não algo de fato visto como importante socialmente. O termo cultura, para esse povo, representa seus aspectos de diferenciação social frente a outras nações, ou seja, sua identidade. Elias ainda aponta que esses conceitos se tornaram antagônicos ao logo do tempo, criando o que o autor chama de “antítese” (ELIAS, 1994, pag. 26).

Essa afirmação se justifica porque o primeiro termo “Zivilization” significa um processo social de longo prazo que orienta o comportamento e aproxima a Alemanha dos outros povos e o termo “Kultur”, como já foi descrito é um diferenciador social, ou seja, tudo aquilo que os alemães produziram nas diferentes áreas e o que os diferencia das outras nações.

Apesar da relevância desse tema, é para a segunda parte do primeiro volume de “o Processo Civilizador” que as atenções são voltadas com mais frequência. Nesta parte, são analisados os padrões de comportamento da sociedade europeia a partir do século treze. Ao iniciar o segundo capítulo, intitulado: “a civilização como transformação do comportamento humano”, é iniciada uma reflexão de como as alterações sociais ocorridas em torno das diferentes formas de comportamento foram sendo internalizadas pelos indivíduos e, através dessa incorporação, foram transformando a configuração.

Para realizar tais análises, Elias utiliza vários hábitos que foram se adaptando às novas dinâmicas sociais e sendo inseridas no cotidiano, especialmente, da realeza. Esse processo, segundo Elias, não tem um “ponto zero” nem um final. O recorte de suas análises se dá em uma época em que a transformação desses costumes começou a ser registrada e incorporada pela configuração.

O principal registro apresentado no livro é a obra de Erasmo de Roterdã, denominada “Da civilidade em crianças”²⁵, publicado em 1560. Essa obra apresenta orientações de conduta para que as crianças tenham uma maneira mais “civilizada” de comportamento nas diversas situações de convívio na vida social. Chama à atenção as orientações sobre controle dos modos de comportar-se à mesa, o tratamento que deve ser dado aos impulsos de escarrar, expelir gazes e mastigam os alimentos, o termo empregado para esse controle dos comportamentos “instintivos” é “*civilitas*”, conceito que deu origem à palavra civilidade, como nós a concebemos hoje. Uma curiosidade interessante dessa obra é que, ao lermos suas páginas, devido ao estágio que nos encontramos socialmente, causa-nos uma espécie de constrangimento ou repulsa o tratamento desses temas que, para nós, são de extrema intimidade e seu tratamento é irrelevante, na medida em que aprendemos a tratá-los já na infância. Elias discorre sobre isso no texto, afirmando:

Nem sempre pode nossa consciência, sem excitação, recordar essa outra fase de nossa própria história. Perdeu-se para nós a

²⁵ No texto, o autor apresenta o nome original da obra: “*De civilitate et puerilium*” (pag. 65). Utilizo a tradução para facilitar o entendimento.

franqueza despreocupada com que Erasmo e seu tempo podiam discurtir todas as áreas da conduta humana. Grande parte do que ele diz ultrapassa nosso patamar de delicadeza. Mas este é precisamente um dos problemas que queremos estudar aqui. Rastreamos a transformação de conceitos através dos quais diferentes sociedades procuram se expressar, recuando do conceito de civilização para seu ancestral *civillité*, descobrimos de repente na pista do próprio processo civilizador, da mudança concreta no comportamento que ocorreu no Ocidente. E um dos sintomas do processo civilizador é ser embaraçoso para nós falar ou mesmo ouvir o que Erasmo diz (pag. 69).

O autor apresenta, assim, um conceito que é importante: *civillité*. Por ser um termo que deu origem ao que compreendemos como civilidade e, pela mesma raiz etimológica, também ao que compreendemos por civilização, esse “passo para trás” faz-nos enxergar que o que aceitamos como “normal” no que diz respeito ao comportamento cotidiano é o resultado de um processo de longo prazo que condiz com transformações na sociedade que se internalizam no sujeito formando em uníssonos e inseparáveis.

Essa mudança de padrões de comportamento e comportamento a que a sociedade, em uma dada época, procurou acostumar o indivíduo são instrumentos diretos de condicionamento que o autor utiliza ao longo das páginas da obra. A adaptação do indivíduo a esses modos de comportamento que a situação da estrutura da sociedade onde vive torna necessário. Além disso, Elias nos mostra que a maneira com que as sociedades censuram ou que elogiam os comportamentos dá vazão ao estímulo ou ao desencorajamento de determinados ações. Mostra-nos, ainda, que esses padrões de comportamento variam de acordo com as épocas, sendo considerados “bons” ou “maus” de acordo com a dinâmica configuracional. .

Uma questão importante é que essas mudanças na estrutura social, assim como apresentei na discussão de “indivíduo” e “sociedade”, são inseparáveis de mudanças na estrutura do sujeito. Ou seja, não há mudança na personalidade individual que seja desconexa de alterações sociais, pois, para o autor, não há separação. Para este fenômeno de inseparabilidade, surgem mais dois termos fundamentais na obra analisada. São eles: sociogênese e psicogênese. Apresento, abaixo, dois excertos em que Elias discorre sobre esses termos e, a seguir, exponho a relação deles com a tese.

A série de exemplos e suas interpretações no segundo capítulo demonstram com clareza um fato: o processo específico de crescimento de “crescimento psicológico nas sociedades ocidentais, que com tanta frequência ocupa a mente de

psicólogos e pedagogos modernos, nada mais é do que o processo civilizador individual a que todos os jovens, como resultado de um processo civilizador social operante durante muitos séculos, são automaticamente submetidos desde a mais tenra infância, em maior ou menor grau e com maior ou menor sucesso. A psicogênese do que constitui o adulto na sociedade civilizada não pode, por si mesmo, ser compreendida se estudada independentemente da sociogênese da nossa civilização. (ELIAS, 2011, pag. 15)

Dessa forma o processo sócio-histórico de séculos, no curso do qual o padrão do que é julgado vergonhoso e ofensivo é lentamente elevado reencena-se de forma abreviada na vida do ser humano individual. Se quiséssemos expressar processos repetitivos desse tipo sob a forma de leis, poderíamos falar, como um paralelo às leis da biogênese de uma lei fundamental da sociogênese e da biogênese (ELIAS, 2011, pag. 129)

Essa conexão compulsória entre sociedade e indivíduo traz a discussão em torno desses dois conceitos. Por gênese compreendemos o surgimento de uma estrutura social e psicológica que perfaz um caminho analítico que permite refletir sobre o sujeito para compreender a configuração. Elias utiliza essa estratégia – de análise de um indivíduo- para discorrer sobre a configuração. Em texto publicado na Revista Movimento (MYSKIW e col., 2014), chamamos essa construção de “personagens empíricos”. Os conceitos de “sociogênese” e “psicogênese” fornecem a base teórica de edificação desses personagens. É sobre alguns deles que passo a discorrer a partir de agora.

Um dos comportamentos que Elias analisa durante a obra é a violência. No capítulo que aborda esse tema: “Mudanças na agressividade” e cenas da vida de um cavaleiro medieval”, o autor analisa como os padrões de violência e agressividade foram transformando-se ao longo do tempo. Segundo essas ideias, a sociedade em que vivemos, por mais contraditório que possa parecer em um primeiro momento, tem uma tolerância à violência bem menor do que em tempos passados. Apesar de termos uma sensação de um mundo cada vez mais perigoso e violento, as cenas de violência chamam mais atenção pois a aceitação que temos desses fenômenos cada vez é menor ao longo do processo civilizador.

Um primeiro exemplo que materializa essa linha argumentativa é o dos Guerreiros Medievais. Assim, Elias expõe como as explosões de crueldade não excluíam esse personagem da vida social e, pelo contrário, os que demonstravam o gosto de matar e torturar eram valorizados, na medida em que, naquela estrutura social

medieval frequentemente beligerante, comportamentos como esses se mostravam necessários e vantajosos. Além disso, o autor descreve com detalhes como os guerreiros, durante os séculos XI a XVI, foram atraídos para uma interdependência cada vez mais acentuada em relação a outras classes e grupos sociais, caindo na dependência funcional e institucional. Nessas outras configurações sociais, boa parte deles foram, paulatinamente, transformados em cortesãos.

Durante esse tópico, mostra-se a crueldade (vista aos olhos de hoje) que esses indivíduos tratavam seus algozes. Outra estratégia empírica elisiana é o uso quadros e imagens do período para completar suas análises. Este é um dos casos. Ele cita uma dessas pinturas para mostrar o nível (aceitável) de violência à época.

No primeiro plano, um dos soldados está esfaqueando um camponês caído; à direita, aparentemente em uma capela, um segundo homem é apunhalado e são roubadas suas posses. (...). Mais para o fundo, um camponês tenta escapar, pulando uma cerca, mas um cavaleiro montado o pega pela fralda da camisa. (...) Mais para o fundo, cavaleiros ateam fogo a uma casa; um deles toca o gado para longe e ataca a mulher do lavrador (pag. 199).

Cenas como essas demonstram a rotina de violência e comportamentos agressivos vinculados a esses personagens. A aceitação e normalidade da cena são descritos pelo ritual violento que se perpetuava pela vida do cavaleiro. Muito diferente de hoje, e isto é uma questão crucial dentro do entendimento da teoria. Não é improvável que cenas como essas sejam reproduzidas ou, pelo menos, tenham alguma semelhança em partes do mundo, principalmente contextos tomados pela beligerância. Porém, o que importa para Elias é que o nível de aceitação é muito diferente nos dias atuais. Provavelmente, ao ler a descrição dessa cena, a maioria das pessoas teria repulsa e indignação com indivíduos colocando fogo em casas, atacando mulheres e batendo em camponeses. Os níveis de tolerância mudaram e a sociedade se “civilizou”, por mais que as tensões dentro da configuração atual sejam reproduzidas com frequência.

Outro ‘personagens empírico’ importante foi o Rei Luís XIV, sendo este soberano um dos exemplos clássicos da materialização da discussão dos conceitos de configuração sociais e interdependência. Já foi exposto, mas seria importante resumir o primeiro conceito como: estruturas de relações entre pessoas mutuamente orientadas e dependentes, que criam e recriam recíproca e socialmente suas necessidades, suas instituições, seus padrões de percepções e ações, o que não quer dizer que são

imutáveis, mas que sua reprodução ou transformação implicam a afirmação de um equilíbrio de tensões.

Com base nessa teoria, na obra “A sociedade de corte” (ELIAS, 2001), o autor discorre sobre como uma figura histórica, que foi considerada o maior nome do absolutismo e se auto-intitulava “o Rei Sol”, era, ele mesmo, condicionado a uma configuração em que as relações de interdependências eram sedimentadas e realimentadas cotidianamente. No capítulo intitulado “O rei prisioneiro da etiqueta e das chances de prestígio” (p. 132 a 159), Elias demonstra como o poder e a violência eram construídos na sociedade de corte, especialmente como o nobre lidava com essas relações através de cerimoniais que incluíam desde os rituais de etiqueta como a entrada no seu quarto ao acordar até favores reais destinados a nobreza de acordo com os seus interesses.

Não menos importante nessa apresentação elisiana de ‘personagens’ que inscrevem suas trajetórias nas configurações sociais, é o caso de Mozart. No livro “Mozart: sociologia de um gênio” (ELIAS, 1995), o autor sustenta como e porque o compositor, um ‘gênio’ da música clássica, foi enterrado em ‘vala comum’, não tendo a suas habilidades incomuns reconhecidas. Aquilo que, mais tarde, caracterizou a genialidade do músico não se encaixava nos comportamentos e tarefas que dele eram esperados. Mozart, nascido numa família de Cortesãos, produzia algo que não estava de acordo com os gostos dos Soberanos e até mesmo dos Cortesãos naquela configuração social, representando um desajuste incoerente com a sua posição na relação com os outros, justificando a ausência de oportunidades, de apoio e até mesmo a descrença, o desprezo e a indiferença.

O que esses três ‘personagens elisianos’ sinteticamente pontuados nos ajudaram a entender é que a violência, o talento ou o poder e o seu controle retratam uma construção correlata às configurações sociais. Esses elementos não são ‘algo’, mas uma característica daquilo que é digno de desprezo e de coerções numa dada rede de interdependência. Além disso, as suas variações e interdependências demonstram que não há uma “essência” ou um conceito isolado, mas sim, há uma ideia de relação, na medida em que os conceitos, além de serem transitórios, também acontecem em conexão. Em síntese e trazendo um exemplo tratado pelo autor, O Rei Luiz XIV tinha seu poder relacionado aos outros elementos da configuração, como os nobres, o clero e o povo. Por isso, é importante que se atente que as dinâmicas de comportamento traduzidas pela etiqueta, por exemplo, eram uma forma de o rei estabilizar as tensões

envolvidas nas configurações. A maior qualidade do “Rei sol”, pela teoria elisiana, é de saber lidar com as tensões inerentes à sociedade da corte e direcionar os comportamentos e os seus “súditos” de acordo com os seus interesses.

O conceito de poder, então, é relacional. Ele só existe na medida em que existem elementos que o sustentam. Esse é o tema abordado na obra “os estabelecidos e os outsiders” (ELIAS e SCOTSON). Os autores realizam um trabalho etnográfico em uma pequena cidade inglesa, que recebeu o nome fictício de Winston Parva. Essa cidade tinha uma característica interessante para a pesquisa: havia moradores antigos, que habitavam o local há algumas gerações. Em razão da crescente industrialização da cidade, o local recebeu um grupo de imigrantes (ingleses, na sua maioria) que iniciaram uma nova ocupação na cidade.

A localidade, assim, ficara dividida em dois grupos: o mais antigo, o mais coeso e homogêneo, que se autopercebia como a “boa sociedade”, com mais poderes e com “uma identidade social construída a partir de uma combinação singular de tradição, autoridade e influência.” (ELIAS e SCOTSON, 2000, PAG. 7) Esse grupo recebeu o nome de “estabelecidos”, ou seja, aqueles que estabelecem as regras sociais os padrões que devem ser seguidos. São um “modelo moral” para os outros.

O outro grupo, aquele que não pertence à boa sociedade, foi chamado de *outsiders*. Isto é, os não membros dos estabelecidos, um grupo heterogêneo e difuso (ou um não grupo), marcado por laços sociais menos intensos do que aqueles que unem a sociedade estabelecida. É fácil perceber a diferença entre os dois grupos: por um lado, um grupo que se identifica por questões de pertencimento e tradição, as pessoas que já viviam no povoado, e que pertenciam àquela região e determinavam os padrões de comportamento. De outro, um grupo que não se reconhecia como grupo. Pertenciam a uma camada que era excluída socialmente, pois as relações eram orientadas para os primeiros habitantes.

Elias elabora, então, uma teoria baseada nas relações de poder que levam em conta elementos diferentes daqueles mais reconhecidos pela sociologia clássica. Um diálogo importante da obra é com o marxismo. A base econômica parece determinar muito pouco as relações nesse contexto. Os dois grupos tinham profissões e remunerações muito semelhantes. Não havia diferença no padrão econômico. As “ligações afetivas”, como fora discutido na análise sobre o processo civilizador, orientavam as relações em detrimento das ligações interpessoais, como o dinheiro.

A partir da teoria das relações de poder, elaboramos²⁶ um artigo que analisou a vida do boxeador Muhammad Ali. Tragos essa passagem não apenas para exemplificar o uso da teoria, mas, muito mais, como uma homenagem a um atleta que morreu no presente ano. Um atleta que ultrapassou os limites dos ringues. E é sobre essa temática que foi executado o trabalho.

Os “estabelecidos” e os “outsiders” deram-nos condições de inferir uma ótica configuracional na carreira do atleta. No primeiro grupo (os estabelecidos) inserimos a mídia, os empresários e os promotores do universo do boxe profissional dos anos sessenta e setenta. No segundo grupo identificamos os lutadores. Elencamos, então, três categorias de análise: o racismo, a religião e o patriotismo e analisamos como o boxeador, apesar de ter saído dos padrões, conseguiu ter sucesso profissional. O texto “Muhammad Ali, um outsider na sociedade americana” (MARIANTE NETO E col, 2012) faz essa relação concluindo que o lutador agiu durante a sua carreira ora como estabelecido, ora como outsider.

Interessante também trazer a voga que fizemos uma relação entre dois personagens empíricos: Muahammad Ali e Mozart. Dessa relação relativizamos o conceito de “talento” também como um termo de relação. Assim, mesmo sendo um talento para a música, como era o caso de Mozart, ele não conseguiu ter sucesso na sua carreira e foi reconhecido apenas após sua morte como um dos “gênios” da música. Assim como Ali, Mozart estava subordinado a uma estrutura social em que um grupo mais coeso ditava as normas a serem seguidas de acordo com os seus interesses. Mozart também se negou a esse papel não aceitando as condições impostas por esse grupo, mas morreu com dificuldades financeiras e só foi reconhecido como músico de talento após sua morte (ELIAS, 1995).

Ali vivia em uma sociedade diferente de Mozart, em que ele também estava subordinado a um grupo dominante, um grupo que estabelecia que um campeão mundial de pesos pesados devesse ser um exemplo para a sociedade, deveria ser um bom negro ou, pelo menos, se omitir quando contrário fosse a questões sociais importantes. Além disso, deveria ser cristão e – por patriotismo – apoiar a guerra do Vietnã. Como foi demonstrado, ele não aderiu a nenhuma dessas formas de pensamento e se posicionou contrariamente a elas. Porém, o boxeador tinha duas características que se adequavam muito bem à estrutura social que envolvia o esporte que praticava: um

²⁶ Utilizo-me da linguagem na primeira pessoa do plural por esse artigo ser uma produção coletiva.

talento acima da média e uma alta capacidade de autopromoção. E, diferente de Mozart, cuja aptidão não era valorizada pela corte, essa característica esportiva era muito estimada na sociedade americana da época de Ali.

Como substância, essas qualidades não determinariam um poder, mas nas relações com outros agentes e grupos, elas formaram uma configuração favorável ao boxeador. O talento (aqui entendido como segunda natureza) para a atividade de boxeador e de músico tem o mesmo significado. Ambos foram considerados talentosos nas suas sociedades. A diferença é que, na sociedade de Mozart, os outsiders eram subordinados aos estabelecidos, estes últimos os únicos responsáveis por ditar as normas e determinar o que era “bom para a sociedade”, impedindo outros arranjos de relações em torno desse talento: apesar de ter se distanciado da corte e de ter buscado trabalhar na cidade, a demanda pela sua música era dos cortesãos em ambos os espaços.

No caso de Ali, o fato de viver numa sociedade em que distintos grupos reconheciam seu talento, tornou possível estabelecer arranjos de relações mais favoráveis, que lhe permitiram experiências em desacordo com a sociedade estabelecida. Elias (2005) indica diferenças desse tipo de vínculo entre a configuração social e ação individual ao relatar o caso de Beethoven, que, tendo nascido 15 anos mais tarde que Mozart, conseguiu liberar-se da dependência do patronato, pois – num contexto configuracional mais complexo - teve mais oportunidades para impor o seu gosto ao público musical.

Dessa análise teórica que venho descrevendo até aqui, trago mais um conceito importante que me ajudará nas considerações sobre as artes marciais mistas. O “*habitus*” elisiano é um fio condutor das futuras reflexões, na medida em que suscita, mais uma vez a relação entre o comportamento individual (psicogênese) e as transformações sociais (psicogênese). O texto em que o assunto é tratado é “Os alemães” (ELIAS, 1997). Ao tratar das transformações sociais ocorridas durante o período entre guerras, o autor discorre sobre os motivos que o povo alemão ‘aceitou’ a dominação do partido nazista, liderado por Hitler e incorporou a ideia da dizimação do povo judeu.

Já no prefácio do livro, Eric Dunning, seu orientando e aquele que auxiliou Norbert Elias na construção de sua teoria e, principalmente, nas reflexões sobre o esporte e as configurações, faz uma apresentação do termo “*habitus*” e sua conexão (ou distanciamento) do conceito de Pierre Bourdieu, tão utilizado nas discussões sociológicas:

Por habitus – uma palavra que usou muito antes de sua popularização por Pierre Bourdieu – Elias significa basicamente “segunda natureza” ou “saber social incorporado”. O conceito não é, de forma alguma essencialista; de fato é usado para superar os problemas da antiga noção de “caráter nacional” como algo fixo e estático (...) e daí decorre que o habitus muda com o tempo precisamente porque as fortunas e experiências de uma nação continuam mudando e acumulando-se (ELIAS, 1997, pag. 9)

O livro é um importante relato da cultura de uma nação e de como as idiossincrasias desse sistema resultaram na aceitação de uma “barbárie” ou, nas palavras do autor, um retrocesso no processo civilizador. Faz uma relação entre o processo de longo prazo de construção do Estado nacional alemão e a “Descivilização”. Analisa, por conseguinte, ao longo da obra quatro processos que possibilitaram essa transformação social, qual sejam: a localização e mudanças estruturais em relação às sociedades vizinhas. Ao longo da abordagem, Elias aponta aspectos peculiares dessa nação, tanto no sentido cultural como em relação a sua localização geográfica que as diferenciaram das demais nações.

Outras duas características foram importantes na militarização dos alemães e o posterior e conseqüente apoio ao partido nazista. Elias aponta que a luta pela eliminação de outros povos em forma de guerra um conflito de classes, principalmente entre a classe média e a aristocracia. Essa classe média, representada pela burguesia, adota o estilo de vida militar, aceitando as normas e padrões propostos pelo militarismo. O capítulo: “Duelo e filiação na classe dominante imperial: exigir e dar satisfação” mostra como essa estratégia – de duelar – tinha um significado de defesa da honra através do uso de armas e morte de um dos indivíduos.

Mostra também que, apesar do seu uso ser proibido à época, na classe burguesa se tornou uma prática comum e não coagida pelas instituições estatais, como a polícia ou a justiça. Foi, portanto, um veículo de aceitação do uso ilimitado do poder e da violência justificado pela reputação e justificação de papéis sociais. O autor advoga que essa militarização da classe média provocou algumas rupturas na nação, na medida em que elementos importantes do processo civilizador ficaram enfraquecidos. Um deles, como fora apresentado, o monopólio estatal da violência. A sociedade, por esse raciocínio, acredita na “normalidade” do uso da força em detrimento da paz social por alguns motivos como a defesa da nação.

Estes são alguns dos motivos apontados no texto que culminaram com o surgimento do partido nazista. O que Elias mostra é que a militarização não foi algo imposto pela estrutura dominante, como se pode concluir em um primeiro olhar. Essa adesão social se deveu a um processo de longo prazo que foi incorporado na estrutura social (sociogênese) e transformando a estrutura individual (psicogênese) pela incorporação de um *habitus* que é transitório e se diferencia entre épocas e nações.

Essa transformação na psicogênese suscita uma relação importante dentro da teoria: a incorporação de mais uma camada no conceito de personalidade proposta pela psicanálise. Freud (criador da psicanálise), em alguns de seus textos, por exemplo, no “O futuro de uma ilusão” (FREUD, 2012), texto no qual faz uma crítica à religião na sociedade dos anos dez e vinte, aborda que as crenças religiosas são uma estratégia social para controlar os impulsos ou “pulsões” que, segundo ele seriam “naturais a todos”. Segundo essa ideia, “Deus é qualquer abstração nebulosa” (pag.88) imposta para refrear os impulsos. A personalidade, então, teria uma estrutura determinada pelo “inconsciente” e baseada nas pulsões instintivas. Elias trás outra camada na construção da personalidade e produzida socialmente pela incorporação do *habitus*: a “camada-nós”. Sobre sua relação com a psicanálise, afirma:

Ele (Freud) tentou mostrar a conexão entre a consequência da canalização das pulsões dominadas por conflitos no desenvolvimento de uma pessoa e o seu *habitus* resultante. Mas também existem conexões análogas entre o destino e a experiência de longo prazo de um povo e seu *habitus* social em qualquer época subsequente” (ELIAS, 1997 pag. 30)

Em suma, pode-se dizer que o comportamento individual civilizado denota a incorporação de uma dada configuração social, a inculcação de um *habitus* ou de uma segunda natureza. Na lógica do autor, os processos sociais dizem sobre os processos psíquicos individuais, ao mesmo tempo em que estes dizem sobre aqueles, diferente do que ocorre com a abstração e dicotomização relacionadas aos conceitos de indivíduo e sociedade. Assim, Norbert Elias, baseado em seus estudos sobre as configurações sociais européias, desde a idade média até a modernidade, conseguiu observar e nos mostrar empiricamente as regularidades em torno de um longo e não deliberado processo social que se constituiu num sentido denominado de civilizatório.

Também com o intuito de tentar resumir o que foi exposto até aqui e como percebemos os diferentes conceitos elisianos, o autor inicia por pontuar acontecimentos históricos que retratam uma série de características dessa constituição processual e de

sua direção. Dentre as quais vale destacar a crescente diferenciação e democratização funcional ao longo da história, o aumento das cadeias ou redes de interdependência, a parlamentarização e a estruturação das sociedades-Estados, o monopólio do Estado sobre a violência física, a pacificação dos instintos, a intolerância crescente à vergonha e à repugnância, o refinamento das etiquetas e das figurações sociais, o abrandamento das pulsões em face da psicologização e da racionalização dos comportamentos.

Resta adentrar agora nas conexões elisianas com a temática do esporte e do lazer. Com esse objetivo o próximo tópico trará as discussões sobre tal problematização. O ponto central da reflexão será a tematização da violência e suas relações com as práticas corporais e o lazer. Ao final trarei alguns autores que relacionaram o tema da violência com a obra de Norbert Elias, para, então, apresentar as relações que suscitaram a construção das questões de pesquisa.

4.2 A Violência mimética do Esporte no Lazer

No cerne desse arcabouço teórico está a discussão em torno da violência, intimamente vinculada às relações de poder que perpassam as estruturas sociais. Pudemos aprender que, na tese elisiana, a violência é um conceito relacional, no sentido de que, invariavelmente, está imbricada numa constituição social configuracional marcada por disputas de poder, que se enraíza nas personalidades individuais e é nutrido por estas, seja na forma de internalização ou de externalização. Não é possível afirmar, portanto, que um dado comportamento individual é violento sem compreendê-lo nas suas relações numa determinada configuração social e suas mudanças. Ao longo das obras estudadas, Norbert Elias sempre tratou de mostrar essa dimensão relacional da violência e do poder, mediante a descrição de ‘personagens empíricos’ e o sentido de suas ações nas configurações.

Com o avanço do ‘processo civilizatório’ e ‘sua direção’ no que tange à repressão das emoções nas redes de interdependência, Norbert Elias observa, ao longo dos séculos XVIII e XIX, a constituição de uma configuração específica, na qual se tornava possível a vivência de uma tensão-excitação agradável: a esfera do lazer. Se noutras configurações – ‘sérias’ – impulsos relacionados a atos violentos deveriam/devem ser internalizados, não lhe foi estranho notar as regularidades em torno de uma estrutura específica de ‘diversão’ dedicada a externalização das tensões num

sentido positivo e aceitável. Essa análise sociológica foi apresentada por Elias, juntamente com Eric Dunning, no texto “O lazer no espectro do tempo livre” (ELIAS; DUNNING, 1992), onde ele inicia problematizando o fato de que ‘a tensão’ não é, em si, positiva ou negativa, boa ou má, mas é, antes disso, um aspecto a ser estudado e compreendido.

Nesse trabalho de Elias constata-se facilmente que a tensão-excitação experimentada no lazer é tomada como agradável, ainda que compreenda aspectos relacionados à violência. Essa caracterização se dá, na lógica do autor, porque, no lazer, um indivíduo pode encontrar a oportunidade de um despertar das emoções reprimidas (catarse), porém em nível médio, sem riscos para si ou para os outros e com aprovação social. A construção sociocultural de tal oportunidade se faz pela destruição das rotinas, o que se materializa, fundamentalmente, pela diminuição das cadeias de interdependências, pelo decréscimo das diferenciações funcionais e por um equilíbrio de tensões como um contraponto ao que ocorre na ‘vida séria’. Isto porque as rotinas são tomadas como correntes de ação reforçadas por interdependências e diferenciações funcionais que impõem ao indivíduo um grau bastante elevado de regularidade e estabilidade emocional na conduta, exigindo-lhe, portanto, demasiado autocontrole e domínio das etiquetas sociais.

Uma das tipificações apontadas pelos autores em tela a respeito da manifestação do lazer ‘no espectro do tempo livre’ é o que eles denominaram de mimetização. No lazer de tipo mimético, a agradável tensão implica nessa destruição do controle exacerbado das emoções e dos comportamentos, mas não deixa de impor limites aceitáveis, para que ela (a tensão) não seja vivenciada como desagradável, tanto para quem a experimenta como para ‘a boa sociedade’. No contexto dos fatos miméticos, conforme Elias e Dunning (1992b, p. 184-185) as pessoas podem experimentar medo, ansiedade, simpatia, antipatia, amizade, ódio que também estão presentes na vida de não lazer, da chamada ‘vida séria’. A diferença é que, no lazer, há uma transposição das sensações para uma esfera que impõem menos limites, na qual é possível experimentar as emoções da violência numa tonalidade diferente, isto é, tensões com significados positivos e sensações agradáveis.

Nessa perspectiva, os esportes são invenções, ou melhor, configurações sociais de lazer que oferecem oportunidades para experimentar a violência de modo mimético, como um descontrole controlado. Um dos ‘personagens empíricos’ apresentados por Elias e que ilustra essa invenção e seus significados no processo civilizatório é o

‘Caçador com sua matilha de cães em busca de raposas’. No texto intitulado “Ensaio sobre o desporto e a violência” (ELIAS, 1992, p. 236 a 256)¹⁶ o autor descreve aspectos da configuração social da elite inglesa dos séculos XVIII e XIX e, nela, a transformação da ‘Caça à raposa’ de um passatempo a um esporte nessa expectativa mimética. O ritual esportivo inglês proibia qualquer participação humana direta na morte da raposa – o que representava ‘um avanço civilizado’ no controle da violência –, cabendo às matilhas, treinadas pelos caçadores para perseguir e matar apenas as raposas. A violência da perseguição e da morte era vivida de maneira indireta (por projeção e identificação), resultando numa tensão-excitação agradável socialmente aceita.

Nessas batalhas simuladas que caracterizam o esporte no lazer, mesmo que denote uma ruptura com a ‘vida séria’, há um conjunto de regras. Na caça esportivizada apresentada por Elias, os cães podiam apenas seguir e matar as raposas; cabia aos caçadores treinar seus cães, segui-los e vigiá-los durante a perseguição e a morte. Isso significa que as configurações esportivas de lazer suscitam compromissos e reciprocidades que lhes são próprios, segundo as especificidades das suas práticas, das suas cadeias de interdependência e de seus equilíbrios de tensões. Na lógica do autor, quanto mais ‘amadurecidas’ são as regras, significa que maior é a aceitação social e melhores são as possibilidades de experimentar a agradável tensão por um tempo não demasiadamente breve, nem demasiadamente longo e com aprovação pública.

No entanto, tal como ressalta Elias (1992), embora as regras reflitam a maturidade de um esporte e sua autonomia em relação à estrutura social onde este é jogado, essa autonomia é sempre relativa ou limitada. É necessário empreender uma análise configuracional no sentido de entender as dinâmicas de interdependência e o equilíbrio de tensões e, portanto, o modo como se vivencia a violência – entre a tensão excitação agradável (lazer) e a atitude séria (não mimética).

É no trabalho de Elias e Dunning (1992), intitulado “A busca da excitação”, que as interações entre esporte e violência são mais aprofundadas. O intuito dos pesquisadores foi pesquisar a construção (sociogênese) e desenvolvimento do esporte e sua relação com as transformações da sociedade. O trabalho é composto por dez textos que discorrem sobre: lazer, tempo livre, esporte e violência, inseridos nessa dinâmica de construção. Assim, escolhi dois desses textos para apresentar possíveis relações entre minhas questões e o referido trabalho.

No capítulo “Ensaio do desporto e a violência” (pag. 223) Elias relata como antigas práticas inglesas sofreram transformações que resultaram no que se conhece hoje como esporte. Esse processo teve como protagonista, entre outras características, o controle da violência. Porém, antes disso, discute sobre os motivos que levaram a Inglaterra a ser o país em que ocorreram essas mudanças. Segundo o autor, isso ocorre por ser este o primeiro país a se industrializar. Esse tipo de organização do trabalho (o modelo de produção industrial) possibilitou que a sociedade inglesa organizasse, também, as suas práticas de tempo livre. Assim, “não parece despropositado supor que a transformação da forma segundo a qual as pessoas utilizavam seu tempo livre seguiu de mão dada com a transformação da maneira segundo a qual trabalhavam” (ELIAS, 1992, pag. 224).

Essas transformações resultaram em uma organização das práticas em torno de determinadas características que culminaram como o aparecimento do esporte, dentre elas: as regras, normas e padronizações que vemos até hoje nas competições e eventos desportivos. Portanto, para Elias, há um processo de ruptura em que passatempos e atividades de tempo livre se direcionaram no sentido da normatização. Essas regras não existem por si mesmas; estão vinculadas às já citadas transformações sociais pertencentes à época. Portanto, o esporte se relaciona ao que o autor chama de “configuração social”, ou seja, um grupo de pessoas ou uma sociedade que estabelece o comportamento e as regras sociais. O excerto abaixo descreve como se dá essa interação:

As configurações constituem, o estudo do desporto, o fulcro da investigação. O desporto –qualquer que seja – é uma atividade de grupo organizada, centrada entre, pelo menos, duas partes. Exige um certo tipo de esforço físico. Realiza-se de acordo com regras conhecidas, que definem os limites da violência que são autorizados, incluindo aquelas que definem se a força física pode ser totalmente aplicada. As regras determinam a configuração inicial dos jogadores e dos seus padrões dinâmicos de acordo com o desenrolar da prova. (ELIAS e DUNNING, 1992, pag. 230).

No excerto acima, o autor define que as práticas esportivas estão atreladas ao controle da violência. Cada sociedade definiria quais os limites que seriam permitidos para que o esporte acontecesse. O exemplo trazido é o da caça à raposa, do século XVIII e início do século XIX. Primeiramente, esta prática era um passatempo de alguns povos

em que as pessoas eram os atores principais, ou seja, eram elas que matavam as raposas com a ajuda de cachorros de caça, que os auxiliavam na atividade. Além disso, outros animais também poderiam ser cassados, já que o objetivo maior da caça era trazer alimentos para os partícipes e seus familiares.

Ao chegar à Inglaterra, essa prática foi modificada e se convencionou uma série de regras que inseriram a caça à raposa dentro de um código social. De acordo com esse estatuto, os cavalheiros ingleses passariam a caçar apenas raposas, deixando de lado qualquer outra presa que por ventura aparecesse durante as atividades. Não se faziam mais caças para conseguir alimentos, mas sim a praticavam por desporto. Também, a morte não era realizada mais pelo cavalheiro, mas sim pelos cachorros que anteriormente eram apenas auxiliares nas caçadas.

Essa “morte por procuração” (Id. pag. 239) diminuía a violência na medida em que, ao verem os animais sendo mortos pelos cachorros, os indivíduos não são mais os autores daquela ação violenta, mas participam apenas como espectadores do ato e, além disso, não utilizam a caça como alimento. Fazem isso por esporte. Na obra, há uma passagem sobre um francês que, ao participar de uma dessas caçadas na Inglaterra e ver que os caçadores agiam dessa maneira, debocha do modo como a prática é desenvolvida e utiliza a frase “Na verdade, deve valer apenas apanhá-la depois de tanto trabalho” (Ibid. pag. 238). Este exemplo demonstra as alterações sociais que as atividades estavam passando, e o autor chama essas transformações de “desportivização”.

O esporte passa, então, por um mecanismo de controle. De tal modo, além de estabelecer regras, o processo civilizador descrito por Elias fez com que a sociedade se modificasse diminuindo sua tolerância em relação à violência. Durante a obra, são vários os exemplos que descrevem como o Rugby, o boxe e o futebol sofreram transformações resultantes de interações sociais. Além da compreensão dos esportes, os autores ressaltam a importância do entendimento do comportamento violento através de estudos que investiguem por dentro grupos que apresentem esse tipo de prática (violenta) em suas rotinas.

O último exemplo desse tópico analisa as disputas entre os grupos de torcedores ingleses - conhecidos como *hooligans* -, que se reuniam²⁷ durante os jogos de futebol para provocar os adversários através de palavras e músicas produzidas com o

²⁷ Oficialmente essas torcidas não existem mais.

fim de atentar contra torcidas rivais. Os resultados dessas afrontas eram brigas entre opositores e confrontos armados que causavam, muitas vezes, mortes durante os eventos. Essas disputas existiam desde os anos trinta no país e, por mais que a mídia e a polícia tentassem impedir esses acontecimentos, as provocações e disputas continuaram acontecendo em muitos lugares da Inglaterra.

Ao realizar uma minuciosa observação no interior desses grupos, os autores sugerem que há um contexto que colabora com a formação desses bandos violentos. Ao analisá-los, Elias e Dunnig sugerem que o “hooliganismo.” (1992, pag. 366), ou seja, os comportamentos das pessoas envolvidas com esse tipo de atividade - que incluem elementos como o consumo excessivo de álcool, distúrbios da ordem pública e confusões -, estão vinculados à conjuntura de vida desses indivíduos. Para os autores, os sujeitos envolvidos na pesquisa possuem contato com a violência desde cedo. O fato de terem crescido em um meio em que a superioridade nas relações se estabelece através da força física cria um terreno fértil para a propagação da legitimação da violência. Deste modo, a força física, a coragem de enfrentar os inimigos e a capacidade de aguentar e reagir aos golpes durante as brigas formam um rol de características determinantes nessa formação.

O trabalho apresentado servirá como a base mais forte de sustentação desse estudo para as reflexões posteriores sobre a relação entre violência e esporte. Porém, há, no Brasil, alguns textos que se pautaram em tecer relações análogas. Apresentarei três deles que, a meu ver, também são importantes para a problematização da tese. O primeiro deles é o texto de Cechetto (2004), autora que dissertou sobre violência e masculinidade em três grupos de jovens do Rio de Janeiro: as “galeras” dos bailes funks, os “charmeiros” e os lutadores de *jiu-jitsu* da zona sul carioca que se envolviam em brigas fora da academia, conhecidos pela alcunha de “*pit boys*”. O intuito da autora foi conhecer esses praticantes, entender como viviam, como se constituíam dentro das academias e que discursos eram fundadores dessas atitudes.

Dois desses grupos, os funkeiros e os lutadores, possuíam um discurso de violência atrelado a sua construção enquanto sujeito. Nos dois contextos, a violência era entendida como uma parte constitutiva de pertencimento. Em relação ao terceiro grupo, os charmeiros, a situação se modificava e a repudia à violência era um elemento constante nos discursos dos envolvidos, alguns deles ex-funkeiros. O ambiente do Baile charme era permeado por um sentimento de não-violência. As disputas nesses locais

eram realizadas através de confrontos de danças em que os que se destacavam no grupo eram aqueles que conseguiam se sobressair através do melhor desempenho no palco. Ao contrário dos charmeiros, os lutadores e os funkeiros se caracterizavam pelo papel central da violência nas suas rotinas, materializados em confrontos com outros grupos em que os embates eram extremamente sangrentos e, muitas vezes, resultavam em óbitos.

O objetivo da pesquisa era compreender a violência como uma construção social em detrimento de um discurso essencialista de naturalização da masculinidade. Percorrendo esses grupos, as conclusões da autora possuem esse sentido. A masculinidade é aprendida, variável e possui características próprias de acordo com o contexto. Além dessa discussão, outro ponto importante no trabalho diz respeito à questão de classe social. Os grupos mais violentos eram oriundos de camadas sociais distintas: enquanto os funkeiros eram indivíduos moradores das favelas do Rio de Janeiro, o grupo de lutadores era composto pela classe alta carioca, pessoas com recursos financeiros e que não possuíam nenhum mecanismo de opressão social de que tivessem que 'libertar-se'. A pesquisa conduz a conclusões de que a formação da identidade de grupo, no caso, a construção de uma masculinidade inventada, é o fator determinante da construção da violência.

O grupo dos lutadores (os '*pittboys*') estabeleceu um estereótipo que ainda permeia o imaginário de muitas pessoas sobre os praticantes de luta, já que, nos fim dos anos noventa, as notícias sobre os eventos violentos foram amplamente vinculadas à mídia nacional. Esses indivíduos eram praticantes de *jiu-jitsu* que se envolviam em brigas fora das academias contra grupos rivais. A rivalidade tanto se referia a outras academias, a outras modalidades de lutas ou a grupos sociais distintos. Os confrontos eram realizados em shoppings, casas noturnas ou na praia e eram altamente violentos.

Outro trabalho relevante é o texto de Borges (2008), no qual faz uma relação entre as ideias da obra de Elias e Dunning (1992), já apresentada no começo desse capítulo, e o trabalho de Eric Hobsbawm (2007), intitulado "Globalização, Democracia e Terrorismo". Os questionamentos do autor se referem a um diálogo entre esses dois autores, concernente a uma ideia de que a violência seria maior e estaria aumentando na sociedade contemporânea (ideia defendida por Hobsbawm), ou se haveria um controle maior da violência do que em outras épocas caracterizado pelo processo civilizatório da teoria elisiana.

A partir dessa discussão, o autor realizou uma pesquisa abordando reportagens sobre o futebol brasileiro impressas no jornal Folha de São Paulo, do ex-jogador Tostão. As conclusões do estudo vão ao encontro da teoria elisiana. Destarte, enquanto no futebol do passado²⁸ havia uma violência mais emotiva e ‘irracional’, caracterizada por ameaças e ações motivadas por ímpetos violentos por parte dos jogadores, no futebol atual, pelo controle da mídia (utilização de câmeras e outros recursos tecnológicos) e da arbitragem (regras e uso de cartões) a violência se tornou mais instrumental, planejada racionalizada e direcionada para obter vantagens durante as partidas.

O ultimo trabalho desse tópico e já encaminhando o projeto para a construção do problema, é o texto de Vasques (2013), no qual faz uma relação entre o MMA e a teoria elisiana. Durante o trabalho, o autor discorre sobre a construção das artes marciais mistas inseridas no processo de esportivização. Além disso, no texto são abordados os temas da violência e da busca da excitação dentro do universo do MMA. Abaixo, apresento um excerto do texto que materializa essas afirmações:

Este estudo considera que há uma tendência à esportivização e à espetacularização de seu formato; no entanto, é preciso considerar que uma tendência da esportivização é cada vez mais aumentar o número de regras com restrições à violência, o que pode fazer com que o MMA também acabe se distanciando das “lutas reais”. Assim, as lutas com poucas regras, devem viver um processo de permanente tensão entre a esportivização e a desesportivização de seu formato. Por um lado, existe uma sociedade que não tolera a violência nas lutas, o que implica na sua esportivização; por outro, uma sociedade que busca se aproximar, por meio de uma atividade mimética, de uma “luta real”, em uma busca pela identificação com o mais forte e pela tensão (...), o que implica na desesportivização da luta (VAZQUES, 2013)

Os pensamentos do autor levam-me a concluir que há uma dicotomia na sociedade em relação ao esporte: por um lado, há aqueles que vêem o MMA com ‘bons olhos’ e que têm uma tolerância maior à violência dentro das lutas por estarem mais acostumados com seu formato. Por outro lado, ainda segundo o autor, existem aqueles que são resistentes às artes marciais mistas em razão de seu contato ou “violência” exagerada. Isso criaria uma disputa em torno da prática entre a esportivização e desesportivização.

²⁸O período em questão é o futebol dos anos 60 e 70, em comparação com o atual.

Entretanto, toda a discussão apresentada nesse texto em torno da teoria de Elias me leva a estruturar uma desconstrução dessa dicotomia. Essa maneira de compreender o esporte: algumas vezes esportivizado, outras desesportivizado, cria um pensamento dicotômico, e não de relação. Assim, não basta tentar entender as diferentes visões em torno do MMA, apenas como os ‘a favor’ e ‘os contrários’. Pela teoria que venho me apropriando, é preciso compreender que essas diferentes percepções estão inseridas na configuração do esporte; elas possuem uma interdependência que dá sentido ao MMA. Deste modo, esses elementos não podem ser investigados de forma isolada. Eles só existem uns em relação aos outros. Por isso, os três elementos de investigação dessa tese (mídia, eventos e lutadores) são o ponto de partida de um problema de investigação direcionado a estas interações.

Refletindo sobre o que foi exposto até aqui e já orientando o trabalho para a construção das questões investigativas, resta-me relacionar o tópico sobre os discursos atrelados às artes marciais mistas com o tópico da obra de Norbert Elias e tentar elaborar um raciocínio que tenha como eixo o que fora apresentado até o momento.

5 CONSTRUINDO UM PROBLEMA

Após essa construção, proponho uma retomada dos temas apresentados e as interconexões oriundas destes para a construção do problema. Iniciei a tese apresentando como se deu a construção do MMA, desde os primeiros desafios em academias e garagens, os primeiros eventos de pequeno porte, a família Gracie, a entrada do *jiu-jitsu* nos Estados Unidos e a entrada da mídia e a espetacularização do esporte que resultou na marca UFC. Direcionei, assim, um olhar para a identificação desses três elementos (academias, eventos e mídia) que compõe a configuração das artes marciais mistas.

Num segundo momento, tratei de mostrar que essa prática ainda não é reconhecida por todas as parcelas da sociedade. Na feitura de uma análise dos discursos vinculados à mídia, depoimentos de intelectuais e ex-lutadores que se posicionam contra o esporte, eu pude identificar que categorias como: “rinha de galo”, “barbárie” e “violência sem sentido” fazem parte do rol de representações sociais atrelados à prática. Uma ideia que é presente também nos discursos sociais que eu, enquanto praticante e professor de lutas, já havia identificado.

A partir desses discursos, no terceiro capítulo discorri sobre a teoria que dá a base para a presente pesquisa. Utilizando-me de conceitos como: configuração, *habitus*, relações de poder e interdependência, eu apresentei, nas páginas que seguiram, a teoria que fornece a base da construção dos questionamentos propostos por mim: os estudos de Norbert Elias. Dentro do mesmo capítulo, sintetizei o aparato conceitual que possibilita as análises do esporte e da violência, termos diretamente vinculados às artes marciais mistas. Ainda, apresentei alguns estudos que relacionaram a teoria elisiana com as práticas corporais.

Ao final dessas relações, apresento as questões de pesquisa. Para tanto, é importante que eu relate que essa tese lida com a relativização dos discursos sociais. Afora a teoria apresentada, na sequencia proponho um estudo que permita que essas questões sejam respondidas. Se for papel da ciência indicar outra ótica para os fenômenos, é isso o que pretendo trazer de contribuição com a tese: outro olhar para o MMA. E, a partir disso a questão que pretendo refletir durante esse percurso é a seguinte:

Questões de pesquisa:

- **O que dizem e o que fazem os lutadores, os mestres e os gestores, nas academias, nos veículos de comunicação e nos eventos, para sustentar, numa lógica de aceitação, a prática esportiva do MMA, frente [em relação] aos discursos descivilização?**

Objetivos:

- Participar e analisar o cotidiano de treinamento e preparação para as lutas de uma equipe de artes marciais mistas.
- Observar e analisar eventos de MMA na sua relação com a espetacularização do esporte e com a violência.
- Compreender como o esporte é divulgado pela mídia televisiva.

6 PROCESSO METODOLÓGICO

Só podemos falar em funções sociais quando nos referimos a interdependência que constroem as pessoas, com maior ou menor amplitude (...). A dificuldade em utilizarmos o conceito de função como uma qualidade de uma unidade social singular é simplesmente o fato de ele omitir a reciprocidade, a bipolaridade ou a multipolaridade de todas as funções. É impossível compreendermos a fundo que A desempenha relativamente a B, sem função que B representa para A. Isto é o que se pretende dizer quando se afirma que o conceito de função é um conceito relativo. (ELIAS, 1980, pag. 85)

Início o capítulo metodológico com um excerto da obra “Introdução à Sociologia”, de Norbert Elias, no qual discute as relações de interdependência envolvidas em determinada configuração. Assim, cada elemento que constitui essa configuração, ou, nas palavras do autor, essa “teia de interdependência” (Ibid. 16) possui relação e age de acordo com os outros elementos. Por essa visão, analisar cada ator isoladamente não seria suficiente para compreender seu comportamento, pois este só existe em relação às outras instâncias.

Para materializar essas ideias, durante o texto, o autor cita um exemplo hipotético de duas tribos rivais, A e B, que se envolvem em uma luta prolongada pela sobrevivência, já que os recursos disponíveis na região onde vivem estão cada vez mais escassos. O grupo A seria formado por indivíduos maiores e mais velhos, e o grupo B por pessoas mais jovens, menores, porém mais rápidas. Por essas características, os indivíduos do grupo B agiriam de forma a fazer com que suas qualidades se sobreponham ao grupo rival. Por isso, estes agiriam durante a noite, matando um ou dois inimigos e fugindo rapidamente, enquanto os companheiros dos outro grupo os perseguiriam com pouca possibilidade de sucesso, já que os indivíduos do grupo A seriam mais lentos. O grupo A, então, se vingaria, matando as mulheres e crianças do grupo B, quando os homens não estão em casa.

Deste modo, os movimentos de um grupo determinam os movimentos dos outros, criando o que o autor chama de “interdependência funcional”. Além disso, as interações também estão envolvidas no conceito de “função”, como foi apresentado no início do tópico. Esse termo passa de uma visão estanque e singular, para uma visão

polarizada ou multipolarizada em que as funções dos elementos seriam o resultado de suas interações com os outros. No mesmo exemplo das tribos, pode ser inferido que as funções de A estão relacionadas com as funções de B dentro da configuração apresentada, e vice-versa. Abaixo cito mais um excerto da mesma obra que se coaduna com essas questões e que apresenta uma explicação de como se orientam as ligações em uma determinada configuração:

As pessoas ligam-se umas às outras por meio de símbolos. Esse tipo de ligação não é menos significativo da interdependência humana do que as ligações criadas, como acima mencionamos, por uma especialização crescente. As valências emocionais que unem as pessoas, quer diretamente por meio de relações face a face, quer indiretamente pela suas ligações a símbolos comuns, constituem um nível à parte de ligações. Fundidas com outro tipo de ligação mais impessoal, sublinham a consciência alargada do “eu” e do “nós”, que até aqui sempre pareceu indispensável na ligação não só de pequenas tribos mas de grandes unidades sociais como estados e nações, abrangendo muitos milhões de pessoas (ELIAS, 1980, pag.85).

Por essa ótica, o olhar configuracional é, também, um pressuposto teórico-metodológico, já que a escolha de elementos e sua posterior análise através das interações é uma maneira de olhar para o campo, um modo de perceber como os diferentes discursos, ações e comportamentos sustentam a configuração. No caso desse trabalho, a configuração é formada pelos lutadores, pela mídia especializada e pelos eventos de artes marciais mistas, que formaria a configuração do MMA e que me ajudaria responder o problema apresentado.

Essa ótica mais ampliada também se coaduna com os trabalhos sobre antropologia urbana. Vê-se, ao realizar trabalhos etnográficos em ambientes que não são mais “aldeias” como os trabalhos clássicos de antropologia²⁹. Por essa idiosincrasia, os textos necessitam de uma abrangência maior do seu campo de pesquisa. Estudar “na aldeia”, lembrando as palavras de Geertz (1989), não parece ser mais a única possibilidade de pesquisa etnográfica. O conceito de etnografias multi - situadas apresentadas por George Marcus (1995) se aproxima dessa ideia. Não quero, nesse

²⁹ O trabalho talvez mais citado, por estabelecer uma ruptura no conceito de etnografia é o texto de Malinowski (1994). Escreverei sobre a obra no porvir.

manuscrito, aprofundar esse conceito. Porém, esse termo ajuda a pensarmos a etnografia como um movimento.

Seguir os interlocutores parece-me uma ideia que se aproxima da minha pesquisa, na medida em que definir um campo de forma mais estendida fornece condições de pensar os limites de forma menos demarcada. Seria esse um movimento ligado a uma antropologia voltada para as relações dentro das cidades, na complexidade social que é inerente às relações de urbanidade. Concordando com essa afirmação e ressaltando a complexidade social e relativizando as pesquisas “de aldeia”, José Guilherme Cantor Magnani, no texto: “A antropologia urbana e os desafios da metrópole”, cita:

Ao tomar como objeto de seu estudo as sociedades chamadas complexas, a antropologia urbana não deixa de ser antropologia, de forma que deve encarar o desafio; manter-se fiel ao patrimônio teórico e metodológico da disciplina, ao mesmo tempo em que é obrigada a trabalhar com outro tipo de recorte. E aqui está o problema, que é o de tentar reproduzir, principalmente no cenário das grandes metrópoles, aquelas condições tidas como clássicas na pesquisa antropológica: a dimensão da aldeia, da comunidade, do pequeno grupo. Cabe notar que, se tais condições já não se aplicam nem mesmo nas próprias pesquisas da etnologia indígena, continuam presentes, no imaginário como as características ideais da abordagem etnográfica (MAGNANI, 2003, pag. 83)

Essa complexidade social, portanto, reorienta as perspectivas de pesquisa, pois o objeto e as relações não são mais tão fixas e tão determinadas. No mesmo sentido, as relações entre sociedades simples e complexas podem ser estudadas na obra de Velho (1994, 1997), os termos dizem respeito às relações sociais estabelecidas entre os agentes. Em sociedades em que os sistemas se desenvolvem de maneira mais coesa (sociedades tradicionais), as ações são determinadas pelo lugar do ator naquele contexto, este lugar bem definido por uma estrutura social linear. Por complexidade, entende-se uma sociedade em que as fronteiras não são tão determinadas. Os agentes teriam uma pluralidade de funções sociais em que seria muito difícil uma definição *a priori*.

Iniciei, então, o processo metodológico da tese com a etnografia. A etnografia é uma análise cultural e aprofundada de universos específicos. Preocupa-se em entender padrões e significados envolvidos em determinada cultura e, ao compreendê-los, relativiza conceitos expressos em discursos do senso comum ou em outros estudos. Ao atentar para o campo de pesquisa e trazer dados que irão se relacionar com outros trabalhos acadêmicos, a etnografia proporciona o fechamento do elo entre teoria e realidade (FONSECA, 1999).

Analisar a partir dessa metodologia significa inserir o estudo na perspectiva antropológica de investigação. Os primeiros relatos etnográficos foram estudos realizados em civilizações primitivas e pretendiam compreender certos aspectos que, em um primeiro olhar, pareciam desprovidos de sentido quando vistos pela ótica da cultura do pesquisador. Um exemplo disso é o reconhecido trabalho de Malinowski (1984). Através de um estudo etnográfico de um longo período nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia, o autor procurou entender como se davam as dinâmicas de comércio entre os povos dessa região. Assim, o que era visto como uma vida selvagem e desorganizada pelos povos europeus mostrou-se diferente através de uma observação aprofundada dos costumes e da cultura. Os resultados mostraram o quanto esses povos “atrasados” podem ser organizados e sistemáticos e apresentarem uma dinâmica sofisticada nas suas relações de comércio.

Porém, atualmente, alguns antropólogos e outros pesquisadores preocupam-se em estudar a própria sociedade. Ao realizar esse movimento de estranhamento, direcionam o olhar para algumas questões enraizadas na cultura na tentativa de relativizá-las. Segundo Cardoso de Oliveira (2006), para que isso aconteça, é preciso que o pesquisador passe por uma “domesticação teórica do olhar” (pag.19) e some aos seus dados produzidos no campo leituras de outros trabalhos para que suas observações tenham uma maior riqueza acadêmica.

Na Educação Física, a utilização dessa metodologia busca entender as práticas esportivas a partir do seu “em torno” (STIGGER, 2007, pag. 35). De tal modo, tenta relacioná-las com as concepções e representações de seus praticantes. Com este olhar, procura-se estabelecer que tais atividades esportivas têm uma razão para existir e que esta razão está pautada pelos significados atribuídos pelas pessoas que as praticam. Dentro dessa ótica, o grupo GESEF, da UFRGS, do qual eu participo desde a época em

que me graduei professor de Educação Física, tem tradição nesse tipo de pesquisa. A orientação do olhar dos pesquisadores é para as micro-relações e a consequente criação de categorias de cada grupo investigado. A partir dessa construção, podem (e devem) ser realizados diálogos com outros trabalhos o que solidifica as discussões em torno dos objetos.

A partir desses pressupostos, realizei a etnografia em uma academia em que alguns atletas de MMA preparam-se para as suas lutas. O local já é reconhecido por esse tipo de prática e me forneceu condições de responder às minhas questões. Tive acesso facilitado ao local já que conhecia várias pessoas que o utilizavam e eu realizava treinamentos no local. As aulas e horários foram variados, mas frequentei, substancialmente, o treino que iniciava às onze horas da manhã e ia até às treze horas aproximadamente. O período de observação foi de setembro de 2014 até outubro de 2015. O término de observação se deveu pela quantidade de material ser suficiente para a realização da pesquisa e, como apresentarei no decorrer da tese, a equipe encerrou suas atividades também nesse período.

As aulas apresentaram uma quantidade expressiva de lutadores. Na maior parte das vezes, a média de atletas era entre oito a doze participantes. Os tipos de atletas eram variados, mas na sua maioria eram profissionais com mais de cinco anos de treinamento no MMA ou em modalidades de artes marciais como o boxe, o *jiu-jitsu* ou o *muay thai*. Basicamente eram treinos de MMA, que se dividiam em : treino de chão (*jiu-jitsu*), treino de quedas, e treinos de “trocação” (movimentos de boxe e *muay thai*). Muitas vezes, também, foram realizados treinamentos em conjunto³⁰, misturando essas modalidades e caracterizando o treino de artes marciais mistas.

Eu participei de todos esses tipos de treinos. Entretanto, algumas vezes, chegava mais cedo ao local para observar os atletas de fora, tendo um distanciamento físico em relação ao meu objeto. Mas esta não foi a dinâmica que ocorreu com mais frequência na pesquisa. A minha participação maior, no caso da academia, foi treinando com os atletas, participando de conversas, almoçando com a equipe e frequentando os eventos em que alguns deles participaram. Muitas vezes, no percurso da pesquisa, auxiliei na preparação para as lutas, não como um professor, mas como um “parceiro de treino” que ajuda aqueles que participam das competições. Meu auxílio, principalmente,

³⁰ Escreverei sobre as rotinas de treino no próximo capítulo.

foi na parte de “trocação” dos lutadores, especificamente na parte de boxe, já que essa é a minha experiência maior no universo das lutas. Muitas vezes “puxei manopla”³¹ para esses atletas e outras vezes fui “*sparring*” deles, o que foi de grande aprendizado como praticante de lutas, mas que me custou também alguns hematomas e dores duradouras de cabeça. Mas, se como se diz na prática acadêmica, um trabalho é feito de “sangue, suor e lágrimas”, no caso dessa tese, os dois primeiros elementos tiveram participação intensa na sua feitura.

Tal interação na realização de uma etnografia envolve em regra aquilo que os antropólogos chamam de “observação participante”, o que significa dizer que o pesquisador assume um papel perfeitamente digerível pela sociedade observada, a ponto de viabilizar uma aceitação senão ótima pelos membros daquela sociedade, pelos menos afável de modo que não impeça a necessária interação (CARDOSO DE OLIVEIRA 2006, pag. 24). Por já conhecer algumas dessas pessoas e treinar com algumas delas, a adesão dos lutadores à pesquisa foi muito tranquila, pois já estava inserido no grupo e não tive o tão descrito: “estranhamento inicial”. Situação diferente de um pesquisador sem vivências no mundo dos esportes de combate, característica que de modo algum seria um empecilho para realização do estudo, mas que talvez dificultasse o processo de inserção.

Apesar disso, também tive dificuldades de inserção durante a pesquisa e acredito que a razão disso seja o forte vínculo que formam as equipes de luta. Ao escolher estudar o MMA, eu tive a preocupação de realizar um distanciamento do meu objeto, na medida em que, por ter uma aproximação anterior com alguns desses atletas, eu poderia focar apenas nas minhas intervenções ou em minhas participações durante os treinos. Por isso, o cuidado que tomei foi de tentar perceber o que acontece em minha volta, os discursos, as conversas e os termos que eram ditos (e não-ditos) foram sendo registrados nos diários de campo e tentei me deixar mais em ‘segundo plano’, para que os dados fossem oriundos mais dos interlocutores do que da interação eles/eu.

Isso também se justifica pelo papel que ocupei no campo. Diferente de minha dissertação de mestrado, onde, ao estudar o boxe, eu fazia parte daquele contexto, como

³¹ A manopla é o aparador para o soco. Puxar manopla, como descreverei no capítulo sobre a academia é segurar esses aparadores para os atletas baterem. Essa tarefa necessita um bom nível técnico por parte do professor, já que, se for mal segurada, as manoplas podem causar dores e até lesões nos punhos dos lutadores.

praticante e professor, eu não sou lutador de MMA. Apenas tenho conhecimentos de algumas lutas e ajudo alguns atletas nos treinamentos. Por isso, eu tive um papel secundário no campo. Desta vez, apesar de ter relações com o grupo, não faço parte dele. Utilizando-me das expressões de Mangnani (2003), estive “perto” da equipe, mas não estive “dentro” dela.

Entretanto, se por um lado a minha proximidade com o campo requer alguns cuidados, por outro, essa relação que tenho com os lutadores foi positiva. Como relatei anteriormente, não tive nenhuma dificuldade de ‘entrar em campo’, pelo contrário, tive facilidade de interlocução com o treinador e com os atletas. Em um primeiro momento pode parecer fácil entrar em uma academia e pesquisar. Porém, ao tentar fazer contato com algumas equipes de MMA, algumas dificuldades apareceram. O conceito de “equipe” dentro desse universo é muito fechado e não fazer parte de determinado grupo parece-me uma dificuldade de acesso.

Um exemplo disso ocorreu quando eu iniciava o trabalho de campo. Em 2014, uma equipe com fama reconhecida nas artes marciais mistas abriu uma franquía em Porto Alegre. Foi aberta uma academia grande em uma zona central da cidade que oferece aulas de diversas modalidades de lutas e treinamento funcional. Fiquei curioso para realizar pelo menos parte da minha tese neste local, já que se tratava de um campo com condições de fornecer dados substanciais. Tentei, então, entrar em contato com o dono da franquía para explicar a minha pesquisa e pedir autorização para fazer algumas observações.

Depois de algumas tentativas, finalmente consegui falar com ele e explicar a situação. Ele não foi nem um pouco receptivo e ficou desconfiado de que eu pudesse estar querendo ter, segundo suas palavras, “informações privilegiadas” sobre os treinamentos e a preparação de atletas que poderiam ser passadas para outras pessoas. Eu tentei explicar que se tratava de uma tese e que nem o nome dos atletas nem o nome da academia seriam divulgados; os dados seriam sigilosos. O empresário ficou de pensar e pediu que eu ligasse depois de dois dias. Assim fiz, e a resposta foi a seguinte: “cara, se tu quiser estudar MMA, tu pode treinar na academia junto com os amadores (a academia tem aulas de MMA para praticantes que não objetivam a competição), desde que tu pagues a mensalidade” (D.C, 15/11/2014). Apesar de meu argumento de que meu estudo teria que ser com profissionais, pois a tese envolvia preparação para luta,

patrocínio, entre outras questões, ele respondeu que “se quisesse estudar na academia, seria assim.”

Devido a tais dificuldades, a minha escolha metodológica foi realizar as observações com uma equipe na qual já tinha uma relação anterior à feitura da pesquisa. Um campo no qual eu tive condições de, além de acompanhá-los nos treinamentos, participar de almoços fora da academia, ter acesso às conversas sobre lutas, às discussões estratégicas de combate e às relações com patrocinadores e eventos. Essas características fazem com que o campo seja sistematizável (WINKIN, 1998), ou seja, um lugar que me fornece condições de responder às minhas questões.

Os dados produzidos durante essas observações foram, posteriormente, escritos em um diário de campo, ferramenta que tem por objetivo registrar as impressões do pesquisador enquanto esteve no local. O diário foi utilizado segundo os pressupostos teóricos de Winkin (1998) que atribui a essa ferramenta três funções básicas: empírica, que trata dos dados observados no campo; reflexiva, que relaciona os dados produzidos com outros trabalhos teóricos; e catártica: função que direciona o olhar para os aspectos de interação do pesquisador com seu objeto de estudo e está relacionada com os sentimentos, mudanças de concepções, angústias e dúvidas do estudante.

A partir das observações, tive condições de selecionar alguns informantes para a realização das entrevistas, outra ferramenta importante dentro de uma etnografia. Ao total, entrevistei oito indivíduos que participaram do trabalho de campo. Todos já tinham, pelo menos, cinco lutas de MMA, entre combates amadores e profissionais. Dois deles, além de lutarem profissionalmente, eram “donos de equipe”, ou seja treinavam na academia onde fiz a etnografia e, paralelamente, eram treinadores de MMA. Esse dado foi profícuo, na medida em que pude fazer perguntas sobre o papel do professor durante os treinamentos e sobre a pedagogia das artes marciais mistas.

As entrevistas eram realizadas, na maioria das vezes na academia. Outras vezes, era marcado um almoço onde eu realizava as perguntas e a adesão, mais uma vez, foi muito tranquila e a cordialidade e disponibilidade dos interlocutores forneceram, em todas as entrevistas, no mínimo, doze páginas de transcrição, um material empírico capaz de sustentar as argumentações. Eu tinha um roteiro pré-estabelecido, que continha dezesseis perguntas, mas eram realizadas outras questões quando eu achava que era

necessário. A duração desses encontros era de aproximadamente uma hora ou uma hora e meia de conversa.

Além dos treinamentos em academias, meu olhar também foi direcionado para as competições. Os eventos de MMA ocorrem com muita frequência na cidade e tive a oportunidade de assistir a oito eventos de MMA e registrá-los, também, em diários de campo. Em quase todos eles fiz a observação como espectador, na arquibancada, o que não me permitiu a participação nos bastidores dos eventos. Os registros eram feitos desde a chegada, a descrição da estrutura física, dos anunciantes, do público e das lutas. Desses oito eventos, cinco foram observados em Porto Alegre, dois no interior do Estado, nas cidades de Igrejinha e Teotônia e um fora do estado, na cidade de Vitória, no Espírito Santo. Sete eventos foram profissionais e um deles, o da cidade de Teotônia, foi um evento amador que misturava lutas de MMA , *muay thai* e *jiu-jitsu*, em que participei como lutador da última arte.

A mídia foi o último foco de meus registros. Fiz uma análise do programa *The Ultimate Fighter* (TUF Brasil) que foi apresentado, até 2015, pela Rede Globo e que alcançou altos níveis de audiência. A importância desse programa se dá pela aproximação que ele propõe do público com o esporte, mostrando as rotinas de treinos e o que eu denominei de “dramas” na vida do atleta. Fiz, então, o registro dos doze episódios que formaram a última temporada de sua apresentação. Também registrava em diários e fiz algumas relações com conversas e partes de entrevistas em que os atletas citaram o UFC.

Depois de realizado esse processo, eu fiz a construção analítica do trabalho. Apesar de ter categorias *a priori* construídas a partir do olhar configuracional, outras questões foram surgindo ao longo do processo como a humanização do lutador e as tensões em torno da violência. Trata-se, portanto, de uma tese com categorias mistas, elaboradas *a priori* pela teoria que a embasa e com construções oriundas do trabalho de campo.

Todo esse processo metodológico culminou com a construção analítica que passo a apresentar a partir de agora. Para apresentar o esporte, insiro o leitor na academia de treino, mostrando suas relações simbólicas e tácitas. Após isso, discorro sobre os eventos e, posteriormente, apresento as reflexões sobre o “caso TUF Brasil”.

7 CONHECENDO O MMA: REFLEXÕES SOBRE O COTIDIANO DE UMA ACADEMIA

Após as explanações que problematizaram a tese e da apresentação da parte metodológica do estudo, meu intuito, nesse tópico, é inserir o leitor no campo de pesquisa. Em um caminho que passa pela estrutura e hábitos de comportamento de uma academia de MMA, passando pelas relações econômicas, preparações para as lutas e as relações de patrocínio, culminando com a análise de um programa de televisão, nessa primeira parte o meu objetivo é ‘colocar’ aqueles que leem essa pesquisa no lócus da tese. Um caminho de experimentação que eu espero seja de fácil entendimento para aqueles que não têm uma vivência nesse universo tão complexo e difuso. Para tanto, aqui farei uma breve apresentação da estrutura física da academia para que a visualização dos episódios posteriores seja facilitada. A academia fica em uma zona central da cidade de Porto Alegre, em um bairro de classe média. Segundo o que a prefeitura municipal informa no seu site acerca desse bairro,

Aos poucos, a partir da década de 1940, o desenvolvimento e urbanização de outros arrabaldes em Porto Alegre fizeram com a classe média diminuísse seu interesse por ali residir, e as casas residenciais dão lugar a grandes prédios de apartamentos e comerciais. Ainda assim, mantém-se como um bairro tradicional, com antigos moradores ainda ali residindo, oriundos das famílias que se instalaram em seus primeiros tempos. Oficializado em dezembro de 1959 pela lei nº 2.022, atualmente dispõe de um variado comércio e serviços, mesclando ares de bairro residencial e comercial³².

Assim, trata-se de um bairro comercial e residencial da cidade, onde são encontrados os mais variados tipos de comércio, como lojas de roupa, bares, restaurantes, gráficas, salões de beleza, entre outros. A academia fica localizada ao lado de uma farmácia, em uma esquina da Avenida principal do bairro e uma de suas ruas transversais, e ocupa o segundo andar de um prédio de apartamentos. Esse tipo de construção é comum nessa região e é, historicamente, um dos responsáveis pelo desenvolvimento urbano da cidade (LIMA, 2005). Esse local em nada se parece com o local da pesquisa realizada por Wacquant (2002) que, sobre o bairro em que realizou sua pesquisa, descreve:

³²Disponível em: http://www.observapoa.palegre.com.br/default.php?p_bairro=128&hist=1&p_sistema=

O salão situa-se na rua 63, uma das ruas mais devastadas deste bairro, no centro de uma de desolação urbana (...) A paisagem parece tanto com a de uma cidade fantasma quanto com um cenário de faroeste: tábuas obstruem portas e janelas, mesmo quando as tabuletas das lojas que prosperavam antigamente no bairro só estão semi-encobertas pela fuligem e pela putrefação. (WACQUANT, 2002, p. 37)

Portanto, o bairro, pela sua localização e pela classe econômica que reside nos prédios que o permeiam, é um local de possibilidades comerciais, refletidas não só pelos estudos já referidos, mas também pelo depoimento de alguns de seus alunos. Certamente, a localização não pode ser vista como o único fator para a escolha da academia. O que quero tratar aqui é que, com a proximidade de muitos edifícios residenciais e com moradores com certo poder econômico, uma primeira aproximação é facilitada.

Da rua, pode-se enxergar a academia através de suas janelas grandes que ocupam toda a extensão lateral. Em uma visão de fora, pode-se perceber que se trata de uma academia, a razão disso é a possibilidade de ver os alunos praticarem exercícios de peso, bicicletas ergométricas e esteiras. Na entrada, vê-se uma porta grande de ferro, que só é fechada no horário de encerramento, às 22h00min. Ao lado desta, está escrito o nome do estabelecimento e de algumas modalidades que são oferecidas.

Ao entrar, sobe-se uma escada que dará acesso ao local. Na parede, podem ser vistos alguns quadros com propaganda de produtos de *fitness*. Esses quadros possuem imagens de homens e mulheres com corpos definidos e musculosos e representam, por estar na entrada da academia, um convite à boa forma. Após a escada, encontra-se uma roleta por onde passam os alunos mediante uma senha pré-determinada pelo próprio na hora da matrícula. Sem essa senha, é vetada a sua entrada. Além disso, revalidação é mensal mediante o pagamento da mensalidade que varia entre cem e cento e cinquenta reais, conforme o número de modalidades que o aluno escolha.

No caso do MMA, há duas possibilidades: se o aluno não for profissional, deverá pagar uma mensalidade de cento e cinquenta reais por mês. Caso seja atleta

profissional, ele treina na academia sem pagar mensalidade, mas dá ao treinador vinte por cento da “bolsa³³” recebida por luta.

Ao passar pela roleta, encontra-se uma bancada com revistas e alguns panfletos de divulgação de eventos e cursos ligados à área da Educação Física e esportes. Essas revistas têm um motivo para estar ali: segundo Ricardo, proprietário da academia, elas podem ajudar os alunos a entender alguns benefícios da atividade física de uma maneira menos técnica. Portanto, as revistas não estão ali ao acaso, existe um significado no qual o objetivo é informar aos alunos os benefícios da atividade física em uma linguagem mais acessível do que a usada pelo professor de Educação Física, por exemplo. Deste modo, muitas vezes foi registrado nos meus diários alunos lendo essas revistas e, após isso, pedindo algumas explicações para os professores de musculação sobre as matérias.

Na frente da roleta, existe uma mesa onde a secretária da academia recebe os frequentadores; ali, vê-se um computador e materiais de escritório como clipes, canetas e blocos de anotações. É nesse local que se realizam os pagamentos de mensalidades e todo tipo de acerto de contas referentes à venda de produtos³⁴ que a academia oferece. Ao lado, encontra-se uma sala que comporta aproximadamente vinte bicicletas ergométricas e é usada para as aulas de ciclismo. Nesse espaço, situam-se também três ventiladores de parede e um aparelho de som, que é utilizado durante as aulas.

À esquerda dessa sala estão alguns dos aparelhos de musculação utilizados para o treinamento de membros inferiores como extensor de joelhos, flexor de joelhos, adutor e abductor de coxas; junto destes, localizam-se um purificador de água e um bebedouro, em que os alunos enchem suas próprias garrafas, comumente trazidas de casa. Na sala de musculação, existe uma divisão acerca da participação de homens e mulheres. Neste local, em que ficam os equipamentos para membros inferiores, a predominância é das mulheres.

Ao lado, localiza-se o vestiário feminino e a cozinha da academia, que é utilizada apenas por professores e funcionários. Ali, existe uma geladeira, onde os profissionais deixam seus lanches e bebidas, um forno microondas e um armário com café, suplementos alimentares, copos, alguns pratos e uma cafeteira. Ao lado, subindo

³³ Esse tema será tratado em detalhe no decorrer o capítulo.

³⁴ Nesse local também são vendidos camisetas, moletoms, luvas de boxe e ataduras com o logotipo da academia. Todos os produtos estão à mostra em um site na internet.

uma escada pequena, entra-se no vestiário masculino. Logo na entrada, está localizado um espelho grande, de um metro e meio, colocado há aproximadamente quarenta centímetros do chão.

A disposição do espelho logo na entrada possibilita que os alunos olhem para os seus corpos logo depois de treinar musculação, portanto, frases como: “consegui inchar bastante com meu treino hoje”, “to ficando maior”, “ta funcionando” (a musculação) são constantes nas falas dos frequentadores. Três chuveiros ocupam todo o lado esquerdo da entrada do vestiário. Os próximos equipamentos encontrados são: cabides e armários usados para que se coloquem as peças de roupa e material de banho. Nesses cabides, são deixados também kimonos e faixas utilizados nas aulas de *jiu-jitsu*. Também é ali que acontecem conversas sobre diversos assuntos entre os alunos de MMA, que se utilizam do espaço para trocar de roupa e colocar suas ataduras de treino.

A descrição feita até agora comporta todo o lado esquerdo da academia a partir da entrada. Porém, é à direita da roleta que está localizada a maior parte da sala de musculação e a maior sala da academia. Começando pelas duas esteiras que ficam ao lado da bancada da secretária e de uma bicicleta ergométrica, viradas para a janela, possibilitam uma visão da rua. Essas esteiras são muito utilizadas e, no horário de maior movimento da academia, próximo às 18h00min, algumas vezes, forma-se uma pequena fila de espera com alunos que desejam utilizá-las para corrida e caminhada. Nessas esteiras, há um papel coberto por um plástico que avisa: “máximo trinta minutos”.

Porém, algumas vezes, registrei que alguns alunos ultrapassavam esse limite e não lhe era cobrado que saísse do equipamento. Outras vezes, a secretária avisava a algum aluno que deveria sair do equipamento em razão desse tempo. A diferença que percebi foi que, para alunos que se dedicavam às corridas para competição, o tempo era mais maleável, pois estes visavam competir e precisavam de mais tempo de treino. Aos alunos que não objetivavam participar de provas ou que, visivelmente, não eram corredores, os trinta minutos eram cobrados com mais rigidez. Essa separação representa uma hierarquia no que concerne o uso das esteiras.

Um espelho ocupa a frente desse aparelho e, ao seu lado, há um apoio para barras, utilizadas em exercício de peso livre. Nesse suporte são apoiadas barras de diferentes pesos e tamanhos que são aproveitadas em variadas atividades. O próximo equipamento é chamado de “multiforça”, em razão da quantidade de exercício que

podem ser feitos; é uma estrutura de ferro com uma barra presa com ganchos que podem ser fixados em divisórias do próprio equipamento, possibilitando variar a altura da mesma na execução das atividades. Na sua frente há um espelho que possibilita ao aluno analisar a realização dos movimentos. Acima, há uma televisão que passa um canal de esportes durante todo o tempo em que a academia fica aberta.

À frente do multiforça, encontra-se um banco de supino (exercício para a região peitoral), ao lado de um suporte para anilhas, estas que se dividem em diferentes pesos, de um a vinte quilos. A seguir, um aparelho para exercício de bíceps com apoio dos braços, o *scott*. Mais próximo a janela está o supino inclinado (variação do exercício de supino que se realiza com o encosto inclinado e não horizontalmente como o primeiro). Já na parte mais próxima à sala de ginástica, pode-se ver um aparelho que possibilita a variação dos exercícios através de cabos, o *cross over*, nele, são realizados exercícios de peitoral, bíceps, costas e ombros. À frente dele, existe a puxada para exercícios da musculatura que envolve as costas. Ao lado, o *leg press*, utilizado para exercícios de pernas, e a remada baixa, para realização de exercícios para as costas.

Nessa parte da academia, a concentração maior é de homens com maior experiência em musculação. Esses frequentadores são maioria no uso dos pesos livres da academia. Aos menos experientes e às mulheres cabe o uso dos equipamentos com roldanas e exercícios para as pernas. Muitas vezes foi registrada a presença de homens com músculos desenvolvidos que se utilizavam desses pesos e se olhavam, fazendo poses como de halterofilistas após as suas *séries* de exercício.

Além disso, o local possui bolas de material sintético que variam de sessenta e cinco a setenta e cinco centímetros, chamadas de bolas suíças, que auxiliam em exercícios abdominais e alongamento, juntos destas, um espaldar de madeira para trabalhos de flexibilidade, e colchonetes que ficam dispostos no chão e são aproveitados para abdominais. O último aparelho de musculação, localizado próximo a entrada da sala onde são realizadas as modalidades, é o voador, equipamento responsável pela execução de treinamento para peitoral e, ao seu lado, uma roldana com cabos para tríceps e um suporte para anilhas que variam de um a vinte quilos.

Ao lado desse último equipamento, localiza-se uma porta na qual se tem acesso à sala ao fundo da academia que é separada por uma divisória de vidro e, ali, são realizados os treinos de MMA. Ao passar por esse espaço, ao fundo, vê-se uma “grade”,

que simula uma parte do octógono, e uma porta de entrada. O chão é coberto por um “tatame” removível, um material de borracha em que as peças (que medem 1m x 1m) são utilizadas nos treinamentos de técnicas de solo como a luta greco-romana e o *jiu – jitsu*. À direita há um armário de madeira em que se encontram “aparadores” de socos e chutes, utilizados para treinar técnicas de Boxe e *muay thai*. Ao longo de toda parede do fundo da sala, há um espelho e mais a frentes dois sacos de boxe pendurados em estruturas presas a um pilar que fica bem no centro da sala.

Além desses objetos utilizados nos treinamentos específicos para cada modalidade, existem alguns equipamentos chamados de “funcionais”. Eles são utilizados para a preparação física dos lutadores. São sequencias de exercícios realizados em circuito para trabalhar o “gás” (resistência) durante os treinos. Existem treinos específicos de preparação física, mas os “funcionais” também são utilizados no aquecimento dos treinos de luta. Eles são compostos por pesos livres, sacos de pancada, cordas pesadas em que são realizados movimentos de simulação de luta, elásticos que são presos ao corpo para treinamentos de tensão e algumas plataformas de aproximadamente 40 cm que são perfiladas para o treinamento de salto. Alguns atletas utilizam também o treinamento de musculação, mas este é realizado em outro horário.

A disposição dos equipamentos faz pensar sobre a pluralidade do treinamento do atleta de MMA. O espaço que descrevi fornece condições de desenvolvimento de diversas técnicas. Assim, no mesmo ambiente encontram-se sacos de pancada, tatames, grades e aparadores de chute. Há uma diversidade de técnicas oriundas de variadas artes marciais que compõe o treinamento. Ratificando essas afirmações, Nunes (2004), narra uma passagem em sua dissertação que colabora com essa análise:

Como a própria denominação em inglês, MIXED MARTIAL ARTS, e as próprias regras dos confrontos possibilitam a mistura de diferentes técnicas de luta, com suas variações de golpes e movimentos, o processo pedagógico dessa prática esportiva implica a aproximação, o conhecimento e a apropriação corporal de diferentes estilos e modalidades de lutas. Assim, é premissa básica tentar dominar um repertório de técnicas de lutas que incluem o boxe, o *jiu-jitsu*, boxe tailandês e luta Greco-romana, (NUNES, 2004, pag. 107).

Essa diversidade se materializa, também, no comportamento do praticante. Estes chegam à academia com ‘bolsas’ cheias de equipamentos, que darão o suporte

necessário para a realização das atividades. Dentre esses itens, veem-se luvas, protetores bucais, kimonos, camisetas (geralmente com logomarcas de patrocinadores), suplementos alimentares e bandagens para proteção das mãos. Trago, abaixo, uma passagem de diário de campo que exemplifica essas afirmações.

Chego à academia por volta das 10 horas da manhã. Não encontro ninguém treinando e espero um pouco conversando na recepção. Após alguns minutos, chega o atleta “mutante” para treinar. Vamos treinar e presto atenção nos equipamentos que ele carrega. Ao chegar à sala de treino, mutante abre sua “bolsa” e noto que ele carrega várias coisas: luvas, ataduras, três camisetas que, segundo ele são para “não ficar muito tempo com a camiseta suada, para não ficar gripado”. Além disso, há alguns suplementos para “tomar depois do treino”. Encontram-se também alguns elásticos que servem para treinar alguns golpes (principalmente socos) com mais tensão. Há também um kimono de *jiu-jitsu* e uma faixa preta. Pergunto a ele se vai treinar “chão” (*jiu-jitsu*) hoje, e ele me responde: sim, o “mestre” (treinador) falou que vamos “rolar”³⁵ (D.C. 10/12/2014).

O excerto acima demonstra a variedade de técnicas que venho descrevendo até aqui. Os lutadores de MMA devem possuir um repertório vasto de movimentos e combinações que darão a ele condições de combate. No exemplo citado, o atleta chega à academia com luvas de boxe, elásticos e um kimono, pois, de acordo com sua fala, o treinamento do dia será direcionado para essas duas modalidades: o boxe e o *jiu-jitsu*.

A especificidade das artes marciais envolvidas no treinamento de MMA requer alguns equipamentos que tradicionalmente são utilizados nos diferentes esportes de combate. Para o treino da “luta em pé” ou “trocação”, os equipamentos são oriundos, principalmente, do boxe e do *muay thai*, como as manoplas e os “*pads*”. Discorrerei sobre esses artefatos na sequência do trabalho. Porém, antes e com o objetivo de demonstrar como os atletas preparam-se durante o treinamento, apresentarei um elemento importante nessa dinâmica: o “aquecimento”. Este consiste na primeira parte da rotina de treinos. Principalmente na parte dos treinos de “trocação”, o aquecimento é uma maneira de aprimorar as sequências que serão utilizadas nos trabalhos mais

³⁵ “Rolar”, no *jiu-jitsu*, é como fazer *sparring* no boxe: é uma simulação de luta.

específicos. O que me chamou a atenção é a concentração que esses atletas realizam o “trabalho”³⁶.

É um momento de interiorização, uma maneira de incorporar os movimentos. Elias (1997) define *habitus* como a “segunda natureza” ou um “saber social incorporado”. O aquecimento é o momento do início dessa incorporação. Não há mais a dicotomia luta/indivíduo. Os corpos se moldam aos movimentos. Ao mesmo tempo em que os pensamentos acalmam, o corpo vai entrando, aos poucos, em um estado que é uma mistura de relaxamento e tensão, onde o importante são as técnicas e tudo que está fora do ambiente de luta silencia. Participei de muito desses momentos durante a observação e também durante os anos que pratiquei boxe. Se em um primeiro olhar, o aquecimento parece ‘apenas uma preparação’ para a parte principal da aula, na realidade vivida pelos atletas, ele é um momento de conexão entre o corpo e o treino. Em um dos meus diários de campo, em um dia que participei e um treino de boxe com atletas profissionais, fiz o seguinte relato:

Chego e fico em um canto me aquecendo, fazendo um trabalho de “sombra” que consiste em realizar algumas sequencias de golpes no ar, sem a presença de um oponente. Na sala também estão Mutante, atleta profissional de MMA, Yuri Maia, também profissional de artes Marciais mistas e eu. Hulk (atleta profissional que viria treinar nesse dia) ainda não havia chegado e continuo meu trabalho de aquecimento. Mutante usa um fone de ouvido e faz seu trabalho de sombra em silêncio. Yuri Maia também trabalha na frente do espelho, em silêncio. O silêncio dá o tom da aula por enquanto. Não há comunicação entre os lutadores o que pode parecer em um primeiro olhar que não há muita simpatia entre eles. Mas o universo das lutas é assim. Apesar de cada um ter sua equipe e lutar por uma “bandeira”, o MMA, o boxe, o *jiu-jitsu* ou qualquer outra modalidade de luta são esportes individuais³⁷. Principalmente nesse primeiro momento de aquecimento, mas também durante todo o treinamento, há uma espécie de processo de interiorização. Cada um vai adaptando os gestos, as técnicas e os movimentos

³⁶ Essa expressão é muito utilizada no universo das lutas. Mais do que um lazer, os lutadores enxergam sua prática como um compromisso. Um “trabalho” a ser cumprido com responsabilidade e disciplina. Wacquant (2002) explora esse termo em sua obra. Segundo seus relatos, o início das atividades sempre é precedido pela ordem do treinador “work”. Isso reflete a seriedade e comprometimento envolvidos nas atividades.

³⁷ Apesar de os dados da pesquisa concordarem com a ideia de “aprendizagem coletiva” apresentada por Wacquant (2002), o que quero chamar a atenção nessa passagem é que, apesar dessa coletividade envolvida na pedagogia das lutas, cada indivíduo incorpora os movimentos de uma maneira diferente. A individualidade dessa incorporação se dá a partir do seu histórico nas lutas, seu tipo físico e suas experiências corporais. Portanto se a aprendizagem é coletiva, a incorporação é individual.

para o seu “jogo” de acordo com seu corpo, os tipos de habilidades que foram sendo forjadas ao longo dos anos e sua experiência. É um momento silencioso, mas que ‘diz’ muita coisa. Uma preparação para o que virá e uma tentativa de assimilar mental e corporalmente e refinar os movimentos que foram aprendidos. Esse silêncio, portanto, nada tem a ver com uma rivalidade velada entre os lutadores, é um processo de conscientização e autoconhecimento, na medida em que se interioriza aquilo que vem sendo aprendido por tanto tempo. (D.C. 06/11/2014)

Muitas vezes utiliza-se o termo “sombra” nessa parte do treino. O nome se dá porque não há um adversário para interagir, seria como se o atleta lutasse com a sua própria “sombra”. Apesar das técnicas serem as mesmas, geralmente socos e chutes que completam o limitado rol de golpes de “trocação”, os movimentos diferem entre os atletas. Cada um parece adaptar os *jabs*, diretos e chutes baixos para o seu “jogo”, ou seja, para a sua maneira de lutar. O tipo físico, o histórico nas lutas e o tempo de treino são fatores que reorientam as técnicas na medida em que são incorporadas pelos lutadores.

Consoante a isso, o silêncio também dá o tom desse momento. É uma atividade quase soturna. Ainda não se ouvem os “estouros” das manoplas, as orientações de técnicas ou o barulho “seco” dos golpes que “castigam” os sacos de pancada. É um momento calmo, quieto, onde essa incorporação reservada prepara a equipe para a fatigante rotina que está por vir. Não há orientações do treinador. É um momento de introspecção.

Após o aquecimento, o silêncio é quebrado pelo “estouro das manoplas”. As manoplas são aparadores de socos que o treinador utiliza para aprimorar as técnicas de boxe. Essa atividade é clássica dentro do boxe tradicional e foi incorporada ao treinamento de lutadores de MMA devido a sua eficiência em acurar os movimentos. A tradição desse treinamento é invocada pelo texto de Waqquant (2002). Ao dedicar um tópico do livro para esse tema, intitulado “o trabalho nos *pads*”³⁸, o autor descreve a importância que a referida técnica tem para os boxeadores. Além disso, também é evocada a exaustão advinda desse tipo de treinamento. Sobre isso um dos seus diários em que descreve o trabalho nas manoplas, discorre:

³⁸ Há uma diferença entre as palavras “*pads*” e “manoplas”, provavelmente devido à tradução do texto. O que Waqquant chama de *pads*, no meu trabalho pode ser relacionado com as manoplas. No meu trabalho de campo, os “*pads*” são os implementos para trabalhar as técnicas de socos e chutes, que tratarei posteriormente.

Em um estado de semicoma, continuo a bater e a soprar em cadência, lançando um golpe a cada baforada de ar expulso. Tenho a impressão de ter subido em um maquinismo do qual sou, ao mesmo tempo, motor e personagem. Arrasto-me para conseguir bater, colocar meus punhos no lugar certo, atinar com o objetivo, bater. Ainda um esforço, paf, paf, bam, pum-pum. “*Time out*”. Finalmente acabou. Estou à beira da asfixia, paralisado de exaustão, totalmente esvaziado, em seis minutos. Tenho impressão que vou cuspir os pulmões e que vou desmaiar (WACQUANT, 2002, pag. 85).

Na passagem fica clara inexperiência do autor no mundo do boxe. A anunciada exaustão é típica de um iniciante de artes marciais que ainda não está acostumado a “cadenciar” o jogo, ou seja, economizar energia durante o treinamento para não atingir a fadiga com tanta facilidade. Entretanto, se por um lado Waququant foi um “faixa branca³⁹” na arte do boxe, por outro lado é um “mestre” na arte de escrever. Poucos autores no mundo das lutas conseguem colocar o leitor com tanta eficiência na “área de luta”. Por isso, ao utilizá-lo, faço uma relação entre a minha pesquisa e o seu texto. A importância da utilização dessa técnica foi descrita com profundidade na referida pesquisa. O elemento que eu desejo incorporar à discussão é o “estouro das manoplas”.

Quando o treinador “puxa manopla” para o seu aluno, conforme a intensidade e a técnica dimensionada pelo atleta, o barulho ou “estalo” que a mão do lutador provoca quando “encontra” a manopla é diferente. Quanto mais apurada for a técnica, maior é o “estouro” causado. Isso pouco tem a ver com a força física do indivíduo. Muitas vezes observei atletas muito fortes, com mais de cem quilos, que não conseguiam produzir o mesmo barulho que indivíduos menores, porém mais técnicos. Trago abaixo um excerto registro de diário que abordei esse tema:

Continuamos nos aquecendo em frente ao espelho. Sérgio pede para pegarmos manoplas para trabalhar em duplas. Faço dupla com Tiago, Cláudia com Nestor, um aluno iniciante de boxe, e Roger “trabalha” com Tobias. A primeira seqüência é bem simples: jab-direto-esquiva-jab-direto. Apesar de estar fazendo dupla com Tiago, presto mais atenção no trabalho de Roger e Tobias, pois como não se conhecem muito, acho que podem surgir questões interessantes. Roger segura as manoplas para

³⁹ Não há divisão de faixa no boxe, mas esse é um termo utilizado para designar aquele que não tem muita experiência na arte marcial, mesmo que ela não apresente essa divisão.

Tobias primeiro. Tobias bate com pouca força e velocidade no começo, talvez reflexo de seu tempo parado. As seqüências saem sem o “ritmo” que é percebido em quem está bem treinado. Os “estouros” na manopla, observados nos treinamentos daqueles que estão mais “em forma” não se reproduzem na atividade do atleta. Depois de dois minutos, é a hora de trocar as manoplas. É a vez de Roger bater. A dinâmica que se estabelece é bem diferente. Diferente de Tobias, Roger treina todos os dias, seus movimentos são mais automatizados, mais rítmicos e as sequencias são executadas com mais técnica e mais potência. Os “estouros” já são melhor observados.

Olho para Cláudia, que faz as sequencias com Tiago e noto também uma baixa no rendimento da atleta. Lembro que Cláudia está há aproximadamente um mês sem treinar. A segunda seqüência é mais complicada: *jab-direto-esquiva-cruzado de direita-cruzado de esquerda-direto*. Tobias tem mais dificuldade de execução do que na primeira seqüência. Seus movimentos são mais pesados, mas sem tanta força. Ele quase não consegue chegar até o fim do round. O cronômetro dá o sinal de dois minutos e mudamos as duplas de novo. Como aconteceu na primeira rodada, Roger dispara seus golpes com muito mais intensidade do que Tobias. Suas pancadas rápidas fazem um “estouro” certo nos *pads*. (D. C. 20/06/2015)

Roger foi um personagem importante durante a produção dos dados. Foi um atleta que se destacava nos treinos, principalmente de “trocação”. Ele é um excelente boxeador, tendo ganhado vários títulos em uma carreira de onze lutas amadoras e apenas uma derrota. O lutador pesa sessenta e um quilos e bate como se tivesse o dobro do peso. Sua força parece descomunal e os *sparrings* com ele e minhas dores de cabeça posteriores confirmaram a tese. Sempre gostava de ver seu treinamento. Ele teve muita dificuldade para incorporar as outras técnicas (principalmente “de chão”) tão necessárias para as lutas de MMA. Mas a fluidez com que seu corpo reproduzia os movimentos da nobre arte tornava-o um espetáculo *sui generis*.

Tecnicamente foi muito interessante de ver a “leveza” dentro da agressividade que Roger consegue imprimir ao exercício. Ao mesmo tempo em que sua velocidade e os “estouros” denotam uma agressividade e uma intensidade difícil de copiar, seu corpo demonstra uma facilidade que parece que tudo aquilo já faz parte do atleta. As horas na frente do saco de pancada repetindo jabs, diretos e cruzados parecem fazer com que aqueles movimentos se tornem ‘dele’.

A incorporação é visível e a dicotomia esporte/atleta parece desaparecer, formando uma unidade orgânica. Roger é a luta assim como a luta é Roger. Na sua

forma mais incorporada, não-pensada e repetida ao extremo. Segundo Wacquant (2002), “o boxe é uma prática essencialmente corporal e pouco codificada, cuja lógica só pode ser aprendida em ação, corresponde um modo de inculcar implícito, prático e coletivo” (pag. 120). Desta forma, pode-se inferir que o aprendizado do boxe acontece na prática. É na academia o local em que os sujeitos colocam seu corpo para o “trabalho”. É o momento da incorporação gestual das técnicas pugilísticas. Roger é um exemplo disso. Suas horas dedicadas ao trabalho no saco, às manoplas e à sombra fazem com que seu corpo seja forjado na luta. A pedagogia é prática, sem muitas orientações. O corpo se transforma na medida em que “trabalha”.

Além das manoplas, nos treinamentos de “luta em pé” também são utilizados os “*pads*”. São estruturas retangulares, maiores que as manoplas, que são presas ao braço do treinador para acurar as técnicas de chutes e socos, oriundos preponderantemente do *muay thai* (ou boxe tailandês). Assim, *low kicks* (chutes baixos), *high kicks* (chutes altos), joelhadas, cotoveladas, além das técnicas do boxe tradicional podem ser executadas nesse equipamento. Os *pads* são controlados, geralmente, pelo treinador, mas fiz alguns registros de treino com *pads* e manoplas por “parceiros de treino⁴⁰”, mas isso só é possível se os atletas tiverem muita experiência nesse tipo de treinamento.

O trabalho nos *pads* também auxilia a identificação de dificuldades no direcionamento do treinamento dos atletas. Como foi explicado anteriormente, o MMA precisa de uma variação de técnicas. Porém, alguns atletas são “especialistas”, ou seja, têm uma “arte-mãe”, uma modalidade em que “se garantem”. Mas é imprescindível que sejam treinadas outras técnicas. Um exemplo disso foi o dia em que um dos atletas, Antônio, oriundo do *muay thai* e, por conseguinte, especialista em chutes, foi realizar um treino na academia:

O atleta, apesar de novo, é muito promissor. E isso pode ser observado no seu trabalho nos *pads*. Antônio dá bons golpes – chutes e socos – enquanto Sérgio segura as manoplas. Seus chutes são mais potentes que seus socos, o que pode ser explicado pela sua “modalidade-mãe”. Antônio treina *muay thai* há muito tempo e isso lhe dá uma habilidade interessante no uso dos chutes. Os “estouros” nos *pads* são latentes, enquanto seus socos ainda precisam de um aprimoramento técnico mais

⁴⁰ Discorrerei sobre esse termo no porvir.

acentuado. Por isso, após fazer três rounds nas manoplas com chutes e socos, Sérgio diz para o atleta: “vamos ajustar o boxe agora. Só soco.” O atleta assente, Sérgio troca a manopla. A manopla anterior era designada para chutes e socos e os *pads* que Sergio coloca agora são mais específicos para boxe. São menores e se conformam melhor com o formato da mão do treinador. (D.C. 12/12/2014).

Nessa passagem, foi identificada uma deficiência técnica durante o treino. O atleta de *muay thai*, geralmente, tem menos acuidade nas técnicas de boxe e uma eficiência bem maior nos chutes. Quando isso foi identificado, o treinador solicitou a troca do equipamento para que o treino fosse orientado de forma a melhorar os socos. Esse cuidado com os pontos fracos do atleta foi identificado durante toda a pesquisa. “Trocadores”, como são chamados os atletas que lutam mais “em pé”, foram sempre estimulados a “treinar chão” para não incorrer no erro de não estar preparado para a “troca de jogo” durante a luta.

A intensidade da “movimentação” não é combinada antes da execução. No trabalho dos “*pads*” vários fatores orientam a dinâmica do treinamento: o tempo de treino do lutador, a proximidade da luta, a vontade do atleta e os objetivos do treinador. Para materializar essa afirmação, apresento mais um excerto do diário sobre a intensidade dos golpes:

Sérgio pede para Mutante colocar as luvas para fazer manoplas. Sérgio segura os aparadores enquanto o atleta começa a acertar algumas seqüências de jab, diretos, cruzados e chutes. A intensidade dos golpes é baixa no começo. Mas vai aumentando no transcorrer da execução. Mutante é um atleta muito forte e começa-se a ouvir os “estouros” nas manoplas, principalmente nos chutes. São pancadas muito fortes, que o atleta executa com uma espécie de grito, assim que o seu pé ou sua mão tocam os aparadores. É uma cena interessante e, de acordo com o aquecimento do atleta, seus golpes vão ficando mais contundentes e um ritmo vai se estabelecendo, um acordo silencioso em que tanto atleta quanto treinador não precisam falar, apenas fazem, eles aumentam ou diminuem a intensidade num processo silencioso de acomodação e desacomodação silenciosa em que os dois entendem a dinâmica. (D.C. 15/06/2015)

A “trocação” é o tipo de treino que os atletas da equipe mais se dedicavam. Os treinos de boxe eram os mais intensos e o objetivo das lutas era, quase sempre, nocautear o adversário. Os atletas eram especialistas nesse tipo de movimento. Portanto, chamados de “trocadores” ou “*strikers*”⁴¹. Durante o treinamento da “trocação”, há também a atividade de “*sparring*”, geralmente com uso de capacete e sempre se utiliza o protetor bucal. O *sparring* é uma simulação de luta em pé. Algumas vezes são inseridos movimentos de derrubar o adversário (quedas) e um pouco de chão (*jiu-jitsu*), neste caso seria um “*sparring* de MMA”, que utilizaria todas as técnicas. Dissertarei sobre alguns elementos simbólicos envolvidos nessa prática posteriormente.

O reconhecimento da equipe como um “time de trocadores” causou alguns problemas durante as lutas. Em um dos meus registros de diário, em uma segunda-feira, após um evento que teve três lutadores da equipe derrotados, observei que a direção do treino foi para a luta “de chão” e que o treinador apresentava um semblante irritado e preocupado. Fui, então, perguntar a ele o que havia acontecido no evento e ele me disse: “pior impossível, a Cláudia perdeu, Patrick levou um mata-leão e o Marlon foi finalizado no braço.” E o treinador completou: “Eles não querem trocar com a gente”. Eu mudo de assunto em razão do mau-humor do treinador, mas não sem perceber que é um bom dado para o diário de campo. Quando o técnico usa a frase: “eles não querem trocar com a gente”, está se referindo às derrotas por finalizações de *jiu-jitsu*, pois as lutas foram levadas para o “chão”. Não é difícil concluir que a maestria em uma das modalidades nas artes marciais, por exemplo, no boxe ou no *muay thai*, não garante o êxito da vitória. É necessário “mudar o jogo” quando necessário, como me relatou um lutador durante uma das entrevistas.

Não por acaso, os atletas, além da “trocação”, também treinam técnicas “de chão” ou “*grappling*”⁴². Estas habilidades são conseguidas através de artes marciais como o *jiu-jitsu* e a luta Greco-romana. No caso da equipe estudada, estas técnicas são praticadas ao final dos treinos, ou em dias específicos, em que são direcionados ao aprendizado dessas artes marciais. As “quedas” são típicas da luta Greco-romana ou luta

⁴¹ Este termo é mais utilizado pelos americanos ao se referirem aos atletas que possuem alta capacidade de nocaute.

⁴² Segundo o site MMAbrasil, Grappling é qualquer estilo de luta agarrada, seja em pé ou no chão; é a arte de controlar o corpo do oponente. Pode ser aplicada em luta em pé (exemplificado no jogo de clinch, quedas e chaves de esportes e artes como sumô, judô, aikido, luta olímpica e sambô) e luta no chão (exemplificado nas imobilizações e submissões de esportes como luta olímpica, jiu-jitsu e submission wrestling). <http://www.mmabrasil.com.br/glossario>

olímpica e servem derrubar o adversário e as “defesas de queda” servem para se proteger das tentativas aplicadas pelo oponente.

O *jiu-jitsu* é utilizado para “finalizar” o adversário, o que significa que através de chaves de articulações ou estrangulamentos o atleta consegue que seu oponente desista da luta ou, no caso dos estrangulamentos, “apague”. Isso (apagar) geralmente ocorre quando o adversário tenta escapar do golpe e não “bate” (desiste), conseqüentemente o fluxo de sangue para o cérebro é interrompido pela pressão no pescoço e o atleta acaba desmaiando. Essa é a razão da importância de aprimorar o *jiu-jitsu* ou, segundo os praticantes, “afiar o chão”. Assim, quando o lutador for derrubado ou derrubar o adversário, com o aprimoramento desses movimentos, ele terá condições de terminar a luta com êxito ou pelo menos se defender das investidas do seu oponente. Abaixo apresento um relato de um diário no qual o trabalho de chão foi a voga do dia.

Esse diário foi registrado em um sábado em que cheguei à academia sem muita esperança de encontrar alguém para treinar, pois este sempre foi um dia com pouca frequência. Porém, para minha surpresa, encontro Patrick, um lutador de MMA peso pesado, oriundo do *jiu-jitsu* e graduado faixa roxa⁴³ na “arte suave”. Ele me convida para “dar um treino” de kimono. Concordo e faço o seguinte registro.

Depois do aquecimento e das conversas, pergunto se Patrick quer “passar alguma posição” ou se quer “rolar” direto. Ele me responde que “tanto faz, tu quem sabe.” Eu decido que é melhor rolarmos e se tiver alguma posição em que o outro pode ajudar, paramos o rola e conversamos. Ele acha uma boa ideia e eu marco no cronômetro e começamos a atividade. Noto que Patrick, apesar da força e tamanho, não tem a qualidade técnica que eu esperava. Sua potência nos golpes não acompanha a sua habilidade técnica, talvez reflexo dessa necessidade que ele me relatou antes de treinar uma diversidade de modalidades. Ele pára algumas vezes o rola para perguntar sobre alguns estrangulamentos que eu consigo aplicar. Sempre tento orientar de uma maneira que ele consiga aplicar as técnicas no seu “jogo” dentro do MMA. Um exemplo é a chave “Kimura” que eu consigo aplicar em seu braço e faço o seguinte comentário: “essa é uma chave que tu pode aplicar na luta (de MMA). Ela pode ser feita sem kimono e se encaixar bem tu finaliza a luta. O cronômetro marca o tempo e acabamos o primeiro rola. (D.C. 04/05/2015)

⁴³ O atleta de jiu-jitsu leva, com variações, aproximadamente oito anos para chegar á faixa preta. A graduação é em apenas cinco faixas: branca, azul, roxa, marrom e preta. Portanto o faixa roxa já é um lutador experiente. Em média com quatro ou cinco anos de treino.

A prática do treino de “*grapling*” pode ser realizada de duas maneiras: com kimono, chamado de “treino de pano” ou o treino com bermuda e camiseta, denominado “sem kimono” ou “*submission*”. Nessa passagem estávamos treinando “de pano” e meu objetivo foi passar técnicas que coubessem no “jogo” de Patrick, já que este é um atleta de MMA e, neste esporte, não se utiliza kimono. O “treino de pano” é pouco utilizado pelos atletas. Na maioria das vezes, por essa especificidade, as vestimentas são a bermuda e a camiseta.

Durante a pesquisa, eu notei que, em razão de algumas derrotas por finalização, os treinos mudaram a dinâmica. Houve uma preocupação maior com os treinos de chão. Vários relatos foram feitos no meu diário sobre isso. Essa mudança foi crucial no andamento da equipe. Alguns atletas com pouca experiência no *jiu-jitsu* começaram a finalizar suas lutas em razão deste foco. Trago, então, dois excertos sobre o treino de chão.

O treino começa e Sérgio passa algumas técnicas de solo. O primeiro movimento é uma “raspagem” da meia-guarda. Sérgio, ao passar a técnica, tenta relacionar o movimento com a especificidade da luta de cada um. No caso de Mutante e Fabio, lutadores de MMA, ele diz: “no MMA, o movimento é o mesmo, só tem que proteger mãos e cabeça para não tomar soco.” Todos nós concordamos e ficamos repetindo o movimento. Faço dupla com Fábio (por causa da semelhança do peso) e ele me relata a sua ansiedade em começar a lutar MMA: “Bah, Flavião, é foda. Estou bem nervoso. Eu sei *jiu-jitsu*, mas tem que ver a trocação. Tenho que treinar mais boxe.” Eu respondo: “calma que a gente vai te ajudar. Vem treinar boxe amanhã que a gente trabalha a movimentação em pé.” Ele me responde: “certo.” (D.C. 03/03/2015)

Chego na academia para treinar e vejo que estão na sala de treino Sérgio e Claiton treinando “chão”. No caso, como Claiton tem luta marcada para o mês de Junho, no Rio de Janeiro, as orientações são específicas para o enfrentamento de seu adversário, que tem bom chão, segundo se comenta pelos vídeos. As orientações eram em relação às “raspagens”, movimento de *jiu-jitsu* em que o atleta passa para uma posição de vantagem em relação ao seu oponente. Sérgio dá orientações para que Claiton não leve socos no *ground and pound* e nem seja finalizado pelo adversário. As orientações são bem específicas, pois Claiton já é um atleta experiente no *jiu-jitsu*, faixa roxa, terceira graduação, depois das faixas branca e azul. Sérgio comenta para Claiton: “tem que fazer essa raspagem e te proteger para que ele não te raspe.” Claiton assente com a cabeça e parece ter entendido a mensagem do técnico. Eles continuam “rolando” mais alguns minutos enquanto Claiton

tenta reproduzir as técnicas passadas por Sérgio. (D.C. 25/04/2015)

Na primeira passagem, Fábio, lutador amador de MMA, demonstra seu nervosismo em relação à sua estreia no octógono. O atleta tem uma experiência grande no *jiu-jitsu*, tendo disputados vários campeonatos. Porém, sua tensão se dá por “não saber trocar”. Minha sugestão é que ele treine mais boxe e ele assente com a orientação, que foi ratificada pelo seu treinador. Fábio teve três lutas amadoras nas artes marciais mistas e foi vitorioso em duas delas. Sua incursão no mundo da “trocação” foi de difícil adaptação. Os *sparings* doloridos e as pancadas que recebeu durante sua passagem pela “nobre arte” dificultaram sua adesão ao MMA. Mais uma vez, por essa passagem, concluo que o MMA não pode se resumir a uma arte apenas. Tenho uma amizade pessoal com Fábio e acompanhei sua trajetória que, apesar de dura, foi exitosa. Porém, o atleta voltou aos treinos de *jiu-jitsu* que, segundo ele “são a minha casa”.

Diferente de Fábio, a segunda passagem mostra as instruções do treinador para Claiton, atleta com experiência em lutas em pé. Claiton é mestre de capoeira e professor de *muay thai*, o que garantiu alguns nocautes na sua carreira de atleta profissional. No ano de 2014, Claiton conseguiu o prêmio de nocaute mais rápido do MMA gaúcho. O lutador aplicou um direto no queixo do seu oponente e o nocauteou em quinze segundos de combate. Entretanto, sua deficiência é o *jiu-jitsu*. Claiton já foi finalizado em duas lutas. Nessa passagem, o seu técnico orienta sobre o perigo das “raspagens” no MMA. As raspagens são movimento de inversão em que o atleta, após ser derrubado, cai de costas para o chão. Então ele tenta “raspar” o adversário e fazer com que este fique na mesma posição (de costas para o chão) em que ele estava. É uma posição perigosa, pois aquele que está “por cima”, nas artes marciais mistas, tem maior possibilidades de aplicar o *ground and pound*, ou seja, socos de cima para baixo que atingem o rosto ou o corpo do adversário e que tem grande possibilidade de acabar a luta.

Assim o treino de chão da equipe de MMA se caracterizava pelo aperfeiçoamento de técnicas de *jiu-jitsu*, preponderantemente. Há uma adaptação do *jiu-jitsu* clássico para o trabalho de chão do MMA, pois neste último, além de finalizar o adversário, também é possível aplicar socos e joelhadas durante a dinâmica. Deste modo, as chaves de braço (*arm locks*), chaves de pé (*leg locks*), e estrangulamentos como o “mata-leão” e o “triângulo” eram adaptados para as idiosincrasias das artes marciais mistas.

Entre a “trocação” e o “trabalho de chão” há a um momento de transição que é denominado de “queda”. A maneira pela qual o lutador consegue derrubar o seu adversário pode ser decisiva para o êxito no combate. Por essa razão, também são realizados treinamentos específicos de quedas. Nestes treinos, são reproduzidas técnicas da luta livre olímpica⁴⁴ e adaptados alguns golpes do judô sem kimono.

Como nos mostra Felipe Awi (2012), os lutadores brasileiros são oriundos, tradicionalmente, de duas escolas: “os *graplers*” (principalmente discípulos da família Gracie, no Rio de Janeiro) e “os trocadores” (principalmente da escola “Chute Boxe”, de Curitiba⁴⁵). Assim, o Brasil tem pouca tradição no trabalho de queda. Segundo o mesmo autor, os americanos têm predomínio no desenvolvimento dessas técnicas, principalmente pela sua tradição na luta livre olímpica. Essa domínio fez com que muitos lutadores de luta livre tivessem sucesso nas lutas de MMA, entre eles Dan Seven, Tito Ortiz e Marc Colemam, todos pertencentes ao *Hall off fame* do UFC.

Porém, essa pouca tradição não diminui o esforço de treinamento dos atletas. Na academia pesquisada, alguns dias eram utilizados especificamente para esse trabalho. Em outras ocasiões, o treinamento de quedas era inserido na rotina aliado a outras práticas. Uma especificidade desse tipo de treino é que, por não haver muitos lutadores especialistas, ele era utilizado pelos trocadores como um treino de defesa, principalmente quando algum atleta iria lutar contra um “grapler”, pois, com uma boa “defesa de queda” o atleta teria melhores condições de defender os ataques dos lutadores “de chão”. Trago dois excertos que materializam essas discussões.

Vejo que o treinamento está direcionado para as especificidades de Claiton, que irá lutar em Junho. A primeira atividade são as “quedas”. Como há quatro lutadores, eles formam duas duplas para o exercício. Claiton faz dupla com Patrick (este bem mais pesado que aquele) e Guilherme faz dupla com Marlon. A atividade consiste em um dos participantes tentar quedar⁴⁶ o adversário e o outro tentar defender. Cinco minutos são marcados no cronômetro e a atividade começa. Patrick, por ser mais pesado, consegue levar vantagem sobre o adversário e o leva para o chão algumas vezes. Entre Guilherme e Marlon (de pesos mais parecidos) a disputa parece mais equilibrada, ora

⁴⁴ Há uma diferença entre a luta livre e a luta Greco-romana: Na primeira modalidade é permitido atacar as pernas do adversário para derrubá-lo. Na luta greco-romana, só são possíveis projeções na altura do quadril até a cabeça.

⁴⁵ A chute-boxe é uma reconhecida escola de *muay thai*, de Curitiba. Essa academia revelou atletas como Anderson Silva, Wanderlei Silva e Maurício Shogum, campeões do UFC. O aparecimento desses atletas fez com que o nome da academia fosse conhecido. Ela tem filial em diversos países.

⁴⁶ “Quedar” é uma expressão nativa que significa derrubar o adversário.

Guilherme aplicando algumas quedas em Marlon, ora este conseguindo defendê-las. Os cinco minutos acabam e, após um descanso de um minuto, a atividade recomeça, mas agora aquele que estava tentando derrubar começa a defender as quedas. As lógicas continuam as mesmas e Claiton não consegue derrubar Patrick enquanto Guilherme e Marlon têm uma disputa equilibrada. Após cinco minutos, novamente o cronômetro toca e os lutadores, que já parecem bem cansados, sentam no chão, ofegantes (D.C. 04/05/2015).

Após duas seqüências no saco de pancadas, Roger forma dupla com Fabrício para o treino de quedas. Os dois lutadores ficam frente a frente e, em uma simulação de luta sem socos nem chutes tentam derrubar o oponente. Assim que um dos atletas cair, eles voltam à posição inicial e recomeçam a atividade. Fabrício tenta algumas investidas nas pernas de Roger, mas este consegue se defender. Em seguida, Roger “entra” nas pernas de Fabrício e consegue aplicar uma técnica chamada “*duble lag*”, em que o atleta segura as duas pernas do adversário e o levanta, em seguida joga-o no chão. Roger tem êxito nesse movimento e derruba Fabrício. Roger dá a mão para Fabrício levantar e os dois recomeçam. Fabrício novamente “ataca” o single lag (o movimento é semelhante ao primeiro, mas dessa vez ele ataca apenas a perna da frente), Fabrício consegue se defender com um “*sprawl*”, movimento em que o atleta joga o quadril para trás para não deixar que o adversário o derrube. Roger leva vantagem no round, o cronômetro dá o sinal e os atletas se cumprimentam.

No round seguinte, Sérgio orienta: “mesma coisa, só que depois que derrubar continua, mas sem soco, só *jiu-jitsu*.” Os dois recomeçam e Fabrício vai para cima de Roger e consegue aplicar uma queda. Os dois continuam no chão e Fabrício consegue passar a guarda de Roger, a partir disso domina a luta e consegue “montar” em Roger. Então, tenta aplicar um estrangulamento. Roger consegue defender e “inverte” a posição. Os dois recomeçam em pé. É a vez de Roger investir com uma queda de single lag em Fabrício. Após cair, os dois novamente começam a “rolar”, em uma simulação de *jiu-jitsu*. Roger consegue passar a guarda de Fabrício e fica na posição de “100 quilos⁴⁷”. Ao conseguir montar, o atleta tenta aplicar um estrangulamento em Fabrício, mas este consegue escapar. Os dois levantam-se e o cronômetro marca o sinal de tempo. Os dois se cumprimentam e Roger diz que tem que ir embora. (D.C. 22/06/2015)

Na primeira passagem, havia uma luta marcada para o atleta Claiton, no Rio de Janeiro. Como Claiton é um “trocador” e seu adversário um perito nas técnicas de chão,

⁴⁷ A posição de cem quilos é uma posição de domínio no jiu-jitsu. Um dos atletas fica lateralmente ao seu adversário com o tórax apoiado no peito do adversário. Desta posição são possíveis vários ataques de estrangulamento e chaves de braço.

o direcionamento de seu treinamento foi no intuito de dificultar as investidas de quedas do seu oponente. Ao colocá-lo para treinar com Patrick, um *grappler* bem mais pesado do que Claiton, seu treinador quis acurar a defesa de queda do atleta. Esse treino acabou resultando positivamente, pois o lutador da equipe venceu sua luta com um nocaute no segundo *round*.

A segunda passagem faz referência a um trabalho tradicional no MMA: o treino de quedas com finalização. Nessa especificidade, os atletas lutam até derrubarem seu oponente, só que, ao invés de iniciarem a atividade em pé novamente, o treino continua até que alguém seja finalizado por chaves de *jiu-jitsu*. Há, portanto, uma mistura do trabalho “de quedas” e “de chão”. As quedas mais utilizadas no MMA são: o “*duble lag*” é um ataque nas duas pernas do adversário em que o lutador é projetado para cima e para o lado em um movimento que resulta no lutador caindo ao lado do adversário, em uma posição denominada “cem quilos” que dá vantagens de ataque. A segunda queda é o “*single lag*”. É um ataque em uma das pernas do oponente (a perna que está à frente da guarda). Esse movimento é de mais fácil aplicação, pois o “agarre” apenas na perna da frente é mais efetivo na hora da luta. Geralmente o adversário é projetado para trás. O lutador pode cair na posição dos “cem quilos” ou com as pernas do adversário entrelaçadas às suas, em uma posição que é denominada “meia-guarda.”

Até aqui, descrevi movimentos que fazem parte do boxe, do *muay thai*, do *jiu-jitsu* e da Luta Livre e que foram incorporadas ao repertório do MMA. Há, entretanto, duas técnicas que são específicas das artes marciais mistas, ou seja, não são utilizadas em outras artes marciais e surgiram em razão das idiosincrasias das regras e da dinâmica desse esporte. As duas técnicas são: o “*grund and pound*” e o “trabalho de grade”.

O *grund and pound* são os socos desferidos no rosto e no corpo do adversário enquanto este está caído. Geralmente após uma queda o lutador cai “por cima” ou “na guarda” do adversário. A partir daí, começa a desferir socos que podem nocautear rapidamente o seu oponente em razão da potência e força que podem ser produzidos com socos desferidos de cima para baixo. Durante a pesquisa, registrei alguns treinamentos específicos de *grund and pound*. Geralmente são feitos trabalhos no saco de pancada. O lutador ajoelha-se com suas pernas prendendo a lateral do saco e bate

alguns socos e cotoveladas no equipamento simulando uma luta real. Mas há também treinos com o adversário, como nesse diário escrito em uma das minhas observações.

O segundo *round* é direcionado às especificidades do MMA. Sérgio orienta: “troca em cima e quando der derruba. Quando tiver no chão trabalha o chão e o *ground and pound*. Mas tenta não partir pra pancadaria. Usa a técnica”. Os dois lutadores fazem um sinal afirmativo com a cabeça, tocam as luvas e começam o *round*, ao sinal do cronômetro.” A trocação começa com mais intensidade e Michel desfere dois potentes jabs no rosto de Patrick, completado com um chute na altura das costelas. Este revida com um chute na cabeça e um direto de direita no rosto. Michael investe de novo contra o oponente com um chute lateral e uma joelhada na altura do abdômen. Patrick, então, segura a perna de Michael e o derruba. Tendo caído “por cima”, Patrick começa a trabalhar o “*ground and pound*” colocando socos no rosto de Michel enquanto Sérgio orienta: “na boa. Só marca”. Patrick faz um sinal com a cabeça e Michael diz: “ta tranqüilo. Pode continuar assim.” Sérgio orienta novamente: “Agora trabalha o *jiu-jitsu*. Desenvolve o chão. Patrick tenta, então, passar a guarda de Michael e consegue, a seguir tenta uma finalização chamada “Kata gatame”, que consiste em estrangular lateralmente o pescoço do adversário com os braços em posição de “triângulo”, mas Michael consegue escapar. O cronômetro dispara os dois tocam as luvas e se abraçam, agradecendo mutuamente pelo treino. Sérgio faz um comentário suscito: “Bom. Tá bom por hoje” e cumprimenta os dois lutadores (D.C. 17/04/2015).

Nesse dia os lutadores fizeram um “treino de queda” seguido de “*ground and pound*”. Há um perigo iminente de nocaute em razão da agressividade do trabalho. Em razão disso, sempre é orientado um cuidado com esse tipo de atividade. Não só o treinador, mas os próprios atletas orientam “pegar leve” quando esses treinos são desenvolvidos. Mais uma vez, aqui, percebo que o autocontrole que dá sentido e direção no controle da violência tão bem explanado pela teoria elisiana (ELIAS, 1994) é reforçado. Não observei nenhuma vez na academia um nocaute a partir do *ground and pound*. O treinamento parece ter um controle mais rígido em relação à agressividade.

Além do *ground and pound*, o “treino de grade” é um movimento muito específico do MMA, já que a sua base é o desenvolvimento de técnicas apoiadas na grade que cerca o octógono, portanto uma singularidade desse esporte. Não há outra modalidade de luta em que seja utilizado o octógono. Em razão disso há essa

especificidade. Os registros de “treino de grade” eram feitos quando uma luta se aproximava. Não era um trabalho de rotina para os atletas como a “trocação” e o “trabalho de chão”. Dois desses momentos, eu apresento abaixo.

Acabado o treino, fico na sala, pois noto que Sérgio orienta Cláudia a “continuar treinando”. Cláudia aceita a orientação e Sérgio pede para o irmão de Cláudia, também lutador e que havia participado de apenas uma parte do treino anterior para “treinar grade” com ela.. Durante um round de 5 minutos, Sérgio orienta que Fernando, irmão de Cláudia, “pressiona” a atleta na grade e dá orientações para que Cláudia se defenda dos movimentos. O round acaba e Cláudia parece exausta e Sérgio diz: “agora que ta cansada que ta começando a treinar”. Cláudia suspira e senta no chão ofegante. Sérgio diz: “levanta que vamos fazer mais um”. A mesma dinâmica é obedecida e a grande diferença é o cansaço de Cláudia que parece bem maior. O cronômetro marca o sinal de tempo e Sérgio diz à Cláudia: “tá bom por hoje”, a atleta, ofegante, responde: “obrigado pelo treino”. Eles se cumprimentam e Cláudia sai da sala. Na saída, ao ver que eu estava ali olhando o treino durante todo o tempo, segue entre nós o seguinte diálogo:

Cláudia: Eae? O que achou?

Eu: Muito bom (não achei tão bom assim, mas é importante motivá-la nesse momento). Vai nocautear.

Cláudia: Tomara, estou me esforçando.

Eu: Estou vendo.

Cláudia: Vai ver minha luta?

Eu: Vou certo.

Cláudia: que bom, é muito importante o apoio da equipe. (D.C. 24/04/2015)

Chego para treinar e vejo que estão na sala de treino: Mutante, Roger, Claiton, Sérgio, Patrick e Giovane Guedes, treinador da parte específica de *jiu-jitsu* de Mutante. O treino do dia parece interessante, pois é específico pra a luta de Mutante, que ocorrerá em Setembro, em Vitória. Apesar de Sérgio ser o técnico principal do lutador, Giovane Guedes é quem comanda o treino, parece-me em razão de sua experiência em *jiu-jitsu* e dele poder direcionar o treino de Mutante nessa direção para esse lado. A luta de Mutante será contra “Pelegrino”, um atleta importante no cenário nacional e ex-participante do programa

TUF Brasil⁴⁸. Será um evento de grande porte, transmitido pelo canal combate e pelo sportv⁴⁹. A atenção para essa luta é especial, em razão dessas características que mencionei.

Mutante começa fazendo um treino de “drills”, que são exercícios específicos para o trabalho de grade. São exercícios de sentar e levantar com as costas apoiadas em uma parede (representando a grade do octógono) utilizando apenas a força das pernas, sem utilizar as mãos. Essa atividade serve de aquecimento e também para aprimorar esse tipo de técnica necessária quando se está na grade. Após três séries de 45 segundo fazendo esse exercício, Giovane Guedes pede para Patrick, lutador profissional peso pesado (aproximadamente 108 quilos) para tentar “botar mutante para baixo” (derrubar). Assim, durante cinco minutos Patrick tenta derrubar o atleta com entradas de catada de pernas e *duble lags*. Patrick é bem mais forte que Mutante. Mas este parece estar bem preparado e não deixa que seu oponente o derrube. As entradas de quedas são evitadas com o atleta colocando a mão na nuca ou na parte da frente da cabeça do adversário e empurrando para baixo, enquanto gira o seu quadril lateralmente e joga-o para trás. Mais algumas tentativas de entrada de quedas de Patrick, em vão. O cronômetro dá o sinal de cinco minutos, eles tocam as mãos e descansam. Giovane Guedes dá algumas dicas para Mutante de como evitar as quedas de Patrick. Mutante ouve atentamente, mas não fala nada. Giovane diz: “vamos fazer mais um round”. Mutante responde: “oss.”⁵⁰

Patrick novamente fica tentando derrubar Mutante, que está encostado na grade. As entradas de Patrick são muito intensas em razão da sua força e de seu tamanho. Mutante consegue escapar, mas com menos facilidade do que no primeiro round. No meio do round, Patrick entra em single lag e consegue aplicar uma queda em Mutante. Este visivelmente fica incomodado com a situação e fala alguns palavrões. Ainda faltam dois minutos para acabar o round. Patrick entra mais firme e derruba o atleta mais uma vez. O incômodo de Mutante continua e ele fala mais alguns palavrões antes de levantar-se. A partir desse momento, Mutante concentra-se e evita todas as tentativas de quedas de Patrick. O cronômetro toca, os dois se cumprimentam e descansam. Giovane Guedes aproxima-se de Mutante e diz: “Muito bom, Mutante. O cara (adversário) não é tão forte quanto o Patrick, tu estás evitando bem as quedas. É só fazer o teu jogo”. Mutante concorda com a cabeça. Os palavrões inferidos pelo atleta são de insatisfação com o seu desempenho. (D.C. 24/08/2015).

⁴⁸ Discorrerei sobre o programa TUF Brasil em capítulo posterior. O mais importante por enquanto é ressaltar que o programa possibilitou que O MMA tivesse mais reconhecimento no país. Esse atleta foi um exemplo dessa popularização.

⁴⁹ O sportv é um canal especializado em esportes e que pertence às organizações Globo. A audiência do canal confere ao evento uma grande divulgação em termos nacionais.

⁵⁰ Expressão utilizada frequentemente no universo das lutas. Ela tem diversos significados. Pode ser um cumprimento, um assentimento ou reverência ao mestre.

O primeiro excerto é de uma preparação para a luta da única atleta feminina da equipe, Cláudia Vasconcelos. Acompanhei de perto o seu treinamento para a luta em que fiz o registro: seus treinamentos, seu problema de perda de peso⁵¹, suas dificuldades de “encaixar” novas técnicas em seu “jogo” e sua luta em um evento em Porto Alegre, que ela foi derrotada em um *arm-lock*. Nesse dia especificamente, foram feitos treinos “de grade” justamente porque sua adversária é uma especialista em *jiu-jitsu* e seu treinador não queria que ela fosse derrubada. Por isso seu treino foi direcionado para que Cláudia evitasse as quedas quando encostada na grade. O treino é muito cansativo, nesse caso, em razão, também, de Cláudia treinar com seu irmão, que é bem mais pesado e forte do que ela.

Na segunda passagem também foi registrada uma preparação para um combate. Luciano Mutante é um atleta de alto nível no MMA, já tendo lutado nos Emirados Árabes e nos Estados Unidos. Mutante também é amigo e *sparring* de Fabrício Werdum, lutador gaúcho que foi campeão da categoria dos pesos pesados do UFC. A preparação foi para a sua luta em Vitória - ES, que eu também acompanhei *in locu*. O atleta que iria lutar com Mutante é um lutador muito conhecido no mundo das lutas. “Pelegrino” é um conhecido “*grappler*” com um “trabalho de quedas” muito forte. Por essa razão, para essa luta, Mutante contratou um técnico específico para defesa de quedas, um especialista em *jiu-jitsu* de uma equipe importante de Porto Alegre. Toda a sua preparação foi feita para não ser derrubado e “trocar” com seu adversário. Acompanhei a rotina por dois meses. Porém, infelizmente para o atleta e para a equipe, Mutante foi derrotado por pontos.

Até aqui, tentei descrever os tipos de técnicas envolvidas no treinamentos das artes marciais mistas. Desde a “trocação”, passando pelo “chão afiado”, as quedas e as especificidades do MMA como o trabalho de grade e o *ground and pound* fazem parte do rol complexo de elementos que orientam as dinâmicas de treinamento dos atletas. Importante ressaltar que o que descrevi foi o que há de mais básico nessas técnicas. As especificidades de cada uma delas caberiam melhor em uma tese destinada a atletas e treinadores de MMA. Porém, nesse caminho de inserção no cotidiano de uma academia, algumas questões ainda são latentes e necessitam de aprofundamento. Por exemplo: Como é dividido o treinamento dos lutadores? Qual é sua relação com o seu treinador?

⁵¹ Falarei sobre esse “problema” dos lutadores em tópico posterior.

Como os lutadores relacionam-se entre si? Como tudo isso constitui o lutador? São essas e outras perguntas que orientarão o próximo tópico.

7.1 Mestre, irmãos de treino e o controle descontrolado da violência em uma equipe de MMA

Assim, o MMA é dividido em dois: o MMA antigo que tu treina todas as artes, aí tu pega o melhor de cada arte para tua estratégia de luta. Então tu treina um pouco de *muay thai*, de *jiu-jitsu*, de *wersling*, vai treinando um pouco de cada arte e conforme for o teu adversário, eu vê o que melhor encaixa pra poder utilizar na hora da luta. Esse é o MMA antigo. O MMA moderno é somente treino de MMA, não tem *jiu-jitsu*, boxe, é só MMA. Tu não bota kimono, seria o treino de malha ou bermuda, ne. *Jiu-jitsu* dentro do MMA, no-gi, que é sem o kimono. Então não são técnicas somente de boxe ou técnicas somente de *muay thai* ou técnicas somente de *jiu-jitsu*, são todas elas num só. Então é uma aula voltada pra hora do combate mesmo, mais específico pro combate. Não é específico só pro *muay thai* ou específico de boxe ou de *jiu-jitsu*

Dependendo do treinador, do professor, do *head coach*, pode ser que ele utilize o MMA antigo. Mas atletas mais modernos como Glover Teixeira, Jon Jones, eles fazem o treino de MMA moderno. Eles já vêm de alguma arte. Então Glover Teixeira vem da escola de boxe, Jon Jones da escola de *wersling*. Então como eles já têm essa arte mais deles, eles utilizam essa arte no MMA moderno pra poder colocar dentro do jogo deles as outras artes, um pouco de cada outra arte. (ENTREVISTA COM O ATLETA ANTÔNIO, 11/07/2015)

Inicio esse tópico com um trecho da entrevista com um lutador experiente de MMA, que já passou por várias equipes e que, por essa razão, demonstra um conhecimento importante das rotinas de treinamento desenvolvidas em diferentes academias. Tendo treinado em times do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro, o lutador diferencia o treinamento do MMA em dois tipos: o que ele denomina de MMA tradicional e o moderno. O primeiro seria a rotina que encontrei na minha pesquisa. Ou seja, o treinamento de várias técnicas separadas e que algumas vezes são combinadas para trabalhos específicos de artes marciais mistas. Portanto, seria um treinamento envolvendo várias modalidades: o boxe, o *jiu-jitsu*, a luta livre e o *muay thai*,

basicamente que podem, inclusive, ser treinadas durante a mesma sessão, mas separadamente.

A segunda dinâmica seria o que o atleta chamou de MMA moderno. Seriam apenas treinos específicos de artes marciais mistas. Nesse sistema não se treinariam mais modalidades, mas sim, seriam apenas treinos que misturassem todas as técnicas de chão, trocação e quedas. Isso é um ponto importante de discussão, pois, como apresenta o livro de Awi (2012) e a pesquisa de Nunes (2004), o MMA passou por uma transformação importante quando se “esportivizou”: os atletas que treinavam uma modalidade começaram a realizar o “*cross training*” ou o treinamento de mais de uma modalidade, para conseguirem adaptar-se às mudanças que as regras das artes marciais mistas permitiam.

A fala desse atleta indica uma segunda mudança de perspectiva. O MMA “moderno” seria a consolidação do esporte como uma modalidade independente. A partir disso, pode-se concluir que não há mais uma divisão de lutas agrupadas que formam esse esporte. Há uma especificidade mais amadurecida ao longo dos anos que direciona os treinos para o combate. Parece-me que as técnicas já foram adaptadas e que as artes marciais mistas passam por um processo que a solidifica a partir de um treinamento específico.

Essa ainda é uma discussão que deve ser realizada, pois não há muitas pesquisas que registram essas mudanças. Mas abordo esse tema no intuito de chamar a atenção para novas perspectivas de estudo e reflexão sobre a luta. O que o atleta denominou de MMA moderno não foi encontrado por mim durante o registro. O clássico “*cross training*” ditou as dinâmicas na academia. Porém, algumas vezes também observei treinos específicos de MMA, o que ratifica a importância da abordagem acima e uma mudança (mesmo que lenta) nos padrões de treinamento. Um desses registros é apresentado abaixo.

Chego na academia para treinar e vejo que estão na sala: Mutante, Diego, Sérgio e Tiago. Todos estão se aquecendo para realizar o treino de MMA. Mutante faz alguns movimentos na frente do espelho, Diego faz posições de alongamento e Tiago faz espelho de boxe também na frente do espelho. Sérgio orienta os atletas: “vamos trabalhar um pouco de manopla no

começo, depois vamos fazer um trabalho de chão. Os atletas concordam e continuam o seu aquecimento.

Sérgio coloca as manoplas e chama Mutante primeiro para fazer a atividade. As manoplas são de boxe. Mutante tem golpes muito fortes, mas no começo vai mais devagar para seu corpo ir aquecendo. Passadas algumas seqüências, ele começa a bater mais forte. São batidas “secas”, que causam um barulho forte nos *pads*. Após algumas variações de jab, diretos e uppers, Sérgio começa a pedir para o atleta aumentar a velocidade, imprimindo um ritmo acelerado ao exercício. Mutante consegue fazer o trabalho com facilidade. Mais alguns golpes, o cronômetro dá o sinal de tempo. Sérgio bate as manoplas nas luvas de Mutante e elogia a sua resistência: “está com o gás muito bom.”. Mutante responde: “oss.”

Agora é a vez de Digo bater nas manoplas. Diego é um atleta oriundo da “luta agarrada” (*jiu-jitsu* sem kimono e wresling), com pouca proximidade com as lutas “em pé”. Por essa razão, ele não tem a mesma desenvoltura com as manoplas do que Mutante. Seus golpes são menos intensos, menos “secos”, o barulho nas manoplas não é o mesmo do que seu antecessor. As seqüências que Sérgio pede para Diego são bem parecidas com as anteriores, mas não saem com a mesma eficiência. Diego tem dificuldades em bater nas manoplas, seus golpes saem mais “curtos”, com menos movimentos de tronco e quadril. É comum nos iniciantes de boxe não se utilizar os movimentos do corpo, deixando a intensidade dos golpes apenas na “responsabilidade” dos músculos do braço. Isso faz com que, por mais força que o atleta imprima, os golpes não saem como deveriam. Mais alguns golpes e o cronômetro dá o sinal. Sérgio toca as manoplas nas luvas de Diego e diz: “está bom.”

Após esse aquecimento, é a hora do treino de chão. Entro no treino nessa hora, com a expectativa de aprimorar meu trabalho de chão. Primeiro é feito um aquecimento com técnicas específicas do *jiu-jitsu*, principalmente trabalhos de arm-lock e triângulos. Essas variações servem tanto para aquecimento quanto para aprimorar as técnicas dos golpes. Faço dupla com Tiago e executo 30 movimentos de arm-lock e 30 movimentos de triângulo para cada lado. Após isso, é a vez de Tiago executar as técnicas. Encerrado esse aquecimento, Sérgio passa mais algumas técnicas de *jiu-jitsu*. As executo com Tiago, mais uma vez. Tiago realiza os mesmos movimentos comigo. Geralmente são passadas uma ou duas “posições” por aula. No dia de hoje, são posições de saída de “meia-guarda.” Tiago tem menos experiência que eu no trabalho de chão, e tem uma dificuldade maior em realizar alguns movimentos. Surgem alguns diálogos entre mim e Tiago, referentes às dúvidas do atleta sobre posições. Tento ajudar dentro das minhas possibilidades e ele melhora a execução. Sérgio observa tudo de longe e dá algumas dicas sucintas.

Após os movimentos, Sérgio nos orienta a começarmos a “rolar”. Pede para que eu treine com Diego. Ele marca 5 minutos no cronômetro, que dá o sinal para começarmos. Diego

é experiente no treino de chão e me surpreende com um “triângulo” já no começo da luta. Vejo que “o rola” vai ser “duro” e tento dificultar as investidas de Diego. Mesmo assim, o atleta tem mais habilidade do que eu nas técnicas de chão e consegue me finalizar mais duas vezes. A cada investida que tento defender, ele aplica outro golpe que me dificulta a saída. Vamos assim até o final: Diego visivelmente superior em relação a mim e eu tentando me defender de seus ataques. O cronômetro dá o sinal, nos cumprimentamos e eu comento: “não consegui fazer nada”. Diego responde: “vou ficar uma semana sem vir no boxe.” (Diego treina boxe comigo nas segundas, quartas e sextas, e sua referência é a minha maior experiência com a “nobre arte”). Os dois riem e eu peço algumas dicas para Diego sobre as finalizações que ele havia me aplicado. Ficamos aí alguns minutos fazendo posições no tatame. Eu agradeço, nós nos cumprimentamos e sentamos no tatame.

Agora é a vez de Sérgio rolar com Diego. Digo para Tiago que vou descansar para observar o exercício dos dois. Fico impressionado com a vantagem de Diego sobre Sérgio. Apesar de este ser um atleta faixa preta de *jiu-jitsu*, aquele demonstra mais força e habilidade do que este. Diego aplica um triângulo em Sérgio, e este “bate”. O “rola” segue assim até o fim: Diego com vantagem e Sérgio tentando se defender. O cronômetro dá o sinal e os dois se cumprimentam. Sérgio comenta: Muito bom. Vamos trocar informações. Estou precisando de alguém assim, mais pesado para desenvolver meu jogo. Diego responde: “certo mestre.”

Mutante está treinando, em separado, movimentos de socos e chutes no saco de pancadas. Nos seus pés e em suas mãos, estão amarrados elásticos para aumentar a intensidade dos golpes. Ele treina para a sua próxima luta, daqui a aproximadamente um mês e meio. Ele fala para Sérgio: “está bom assim, mestre? Quero pegar ele no corpo depois arrancar a cabeça dele com um direto.” Sérgio responde: “continua assim, Mutante.” Mutante faz mais uma manopla com Sérgio. O treinador marca no cronômetro cinco minutos, duração do round de MMA. Eles começam o trabalho de manoplas. Agora são seqüências de socos e chutes, as quais o atleta executa com intensidade. O round vai assim até o fim: o atleta imprime uma alta intensidade nos golpes e não diminui com o tempo. Ao final, o atleta diz: “nem vi passar os cinco minutos.” Sérgio responde: “teu gás está muito bom” (D.C. 16/07/2015).

Refletindo sobre a entrevista apresentada no início do tópico e sobre esse diário de campo, pode-se concluir que há uma variação importante no MMA. Apesar de a academia ter uma tradição na luta em pé, há uma preocupação cada vez mais constante com os outros tipos de técnica. Apesar de não ser uma rotina os treinos que apresentam tantas variações, nesse registro pode-se perceber que há uma preocupação constante

com as alternâncias. As amplas possibilidades contidas nas artes marciais mistas conduzem a dinâmica no sentido da variabilidade e das especificidades.

Essa afirmação foi ratificada ao final de um treino, quando, no vestiário, um atleta faz o seguinte comentário sobre sua última luta: “eu me preparei muito em pé, todo mundo aqui me ajudou, mas fui finalizado num triângulo, tentei escapar, mas não deu.” Ele continua falando sobre o MMA e comenta sobre uma característica interessante do esporte: “Não adianta saber um arte só, MMA tem que saber um pouco de cada coisa e se garantir numa”. Tanto o registro do diário quanto a conversa com o atleta confirmam essa afirmação.

Após essas explicações, a intenção é inserir o leitor em alguns elementos simbólicos que amparam as relações dentro da academia. Num primeiro momento, pode-se pensar que os treinos, as técnicas e as dinâmicas nesse universo são incorporados pelos lutadores, haja vista as tradições que as sustentam. Porém, uma percepção durante a minha pesquisa e durante toda minha participação no universo das artes marciais é de que os atletas não “respeitam” qualquer professor. Já registrei algumas vezes e vivenciei algumas situações em que, tendo outro treinador para dar aula, os atletas se retiram do treinamento. Em tópico posterior, discorrerei sobre o final da equipe e como a saída e a troca do treinador foi um fator determinante.

Desse modo, o técnico é uma peça chave de sustentação dessa configuração. Há, por parte dos atletas, uma relação de confiança quase inabalável em relação ao professor. Importante ressaltar que, até aqui, utilizei expressões como “treinador”, “professor” e “técnico” para descrever esse personagem tão importante. Porém, utilizo-me dessas expressões em razão de serem mais conhecidas. Não há nenhum registro durante a pesquisa da utilização dessas expressões pelos lutadores. Em todos os momentos o treinador da equipe era chamado de “mestre”. Esse é um termo fundamental de compreensão do que significa essa pessoa nesse universo desse universo. Segundo um de meus interlocutores, “mestre é mais do que professor”. Cito abaixo um trecho de entrevistas e um diário de campo que abarcam essa temática.

Em relação ao mestre e professor. Isso é uma coisa que eu penso bastante: pra mim um mestre é muito mais do que um professor. O mestre não te ensina só a arte marcial, a técnica, ele te ensina como viver. Tu acaba tendo um vínculo com teu mestre muito maior do que só a arte marcial. Então eu considero isso muito importante. Inclusive eu tive essa minha última luta que eu fiz em Santa Catarina e eu tive que vencer duas lutas: uma foi dentro do octógono, e a outra luta foi eu

estar sozinho. Sem estar no meu corner o meu mestre Sérgio Pimentel, que me dá muita confiança, eu posso confiar nele tranquilamente, eu sei que o que ele disser pra mim é de coração, não vai ser falso, vai ser sempre verdadeiro. Então isso pra mim conta muito. (ENTREVISTA COM CLAITON)

No vestiário da academia, ouço uma conversa entre dois atletas, em que o assunto era quem seria o “corner” de um deles, ou seja, quem o acompanharia em uma luta em São Paulo. O primeiro lutador reclama que não conseguiu mais que uma passagem para o evento, e que ficaria inseguro em razão de ser a primeira vez que iria viajar para outro estado. O segundo lutador, mais experiente, relata que, em suas lutas, sempre se sentiu mais seguro quando o “mestre” estava junto, pois: “sabendo que o mestre está do lado de fora (do octógono) eu sempre fiquei mais seguro. Porque tem aquela confiança de que se acontecer alguma coisa contigo, alguma situação ruim, o mestre vai saber mudar a estratégia de luta, sempre vai te passar a confiança que tu precisa, antes e durante a luta” (D.C. 20/11/2014).

Então, mais do que um professor ou um treinador, que passa as técnicas necessárias para as lutas, esse indivíduo tem uma relação de confiança com os atletas, estes possuem uma ligação psicológica e emocional em que não apenas suas orientações no sentido técnico são seguidas, mas também funciona como um apoio psicológico. É esse indivíduo, assim, que comanda os treinos. O que se pode perceber nos dois excertos acima, há uma nítida “dependência” dos atletas com o “mestre”. Quando o lutador expressa que “não se sente seguro em relação a não ter o mestre em seu “corner” e, na segunda passagem a afirmação é repetida, isso demonstra que há uma relação de confiança que, se quebrada, é muito difícil que se rearranje.

Não é à toa, que Wacquant (2002), intitula um dos seus capítulos de “o chefe da orquestra” (pag. 125). Nesse tópico ele analisa como se dá a prática pedagógica de “Deedee”, o treinador do clube de boxe. A relação com os lutadores é de respeito e de confiança. Seus comandos são simples e sólidos ao mesmo tempo. Os atletas aceitam a “direção” orientada por seu comandante. A “orquestra” ou o “gym” funciona a partir de seus comandos. É nele que os boxeadores espelham-se, agem e aprendem a “nobre arte”. O técnico é o porta-voz da luta. Alguém que, por sua grande experiência no universo do boxe, tem condições de ensiná-lo. Um título tácito, sem diplomas nem papéis. Apenas confiança e respeito.

Nessa tese, o “mestre” possui uma história semelhante ao do treinador do *gym*. Foi boxeador profissional, é faixa preta de *jiu-jitsu* e possui várias lutas de *muay thai*. Sua experiência rende muitos elogios dos atletas, que se referem à sua capacidade de transmissão das técnicas, mas, além disso, também dizem respeito à confiança e ao “apoio psicológico” antes, durante e depois das lutas. Sua maior qualidade é a segurança que pode transmitir. Os lutadores o ouvem. Suas orientações são levadas a sério e seus argumentos são aceitos sem muito questionamento. Resumindo, pode-se concluir que o mestre é um indivíduo “com moral”. Sendo assim, mais importante que ter o conhecimento para “passar” aos atletas, deve-se ser reconhecido por isso. As duras horas fazendo manopla, trabalhando chão e fazendo quedas devem ser precedidas pela confiança e pelo respeito por aquele que conduz. Essa condução não é simples, passa por anos de trabalho duro e dedicação, reflete a “honra” do lutador. Deve ser um espelho para o atleta.

Continuando a descrição de elementos que compõe o aparato simbólico de construção das artes marciais mistas, passo a analisar outro “personagem empírico”: o “irmão de treino”. As lutas têm uma característica que as diferencia de outros esportes: são práticas individuais e coletivas, concomitantemente. A sua individualidade se dá pela forma de disputa: é “um contra um”. Um embate direto entre dois indivíduos que se preparam horas dentro de uma academia em busca de um nocaute ou de uma finalização.

Porém, essa preparação é coletiva⁵². Não apenas o “mestre” é responsável pela preparação do lutador, mas os outros atletas que participam do treinamento têm uma importância tão grande que são chamados de “irmãos de treino”. Esse sentimento de irmandade foi invocado em muitos momentos durante a pesquisa. Os atletas necessitam de um apoio. Em uma de minhas entrevistas, um dos atletas, descrevendo a sua relação com seus colegas de treino, relata que “um sem o outro não existe.” Nessa afirmação está contida uma ideia de (inter) dependência emocional e técnica, na medida em que não há só um foco no treino. Na preparação para as lutas, por exemplo, o “irmão de treino” tem um papel importante. Na entrevista com a atleta Cláudia, essa questão é abordada:

⁵² Wacquant (2002), no tópico “uma prática implícita e coletiva” (pag.120) desenvolve a ideia de que há um elemento coletivo na aprendizagem da luta. Seja por observações de atletas mais experientes ou pela reprodução de movimentos que são comuns aos praticantes.

Um bom parceiro de treino é alguém que te ajuda no teu jogo assim, que ele vai jogar mais firme, ele não vai te dar algum conforto, ele não vai te deixar ali na tua zona de conforto, ele vai te tirar daquela zona de conforto, mas vai te auxiliando no que tu precisa melhorar assim: olha, eu vi isso de errado, quem sabe tu faz assim? É uma pessoa que está ali te incentivando também. Isso é muito, muito, muito importante, tipo tu tem que ter um respeito, tu não pode desrespeitar o teu colega de treino. Só acontece o treino porque tu tem o teu colega de treino. Quer dizer que se tu machucar o teu colega, se tu for muito agressivo ou se tu desrespeitar, no fim aquela pessoa não vai querer treinar mais contigo. E aí tu vai treinar com o outro, vai fazer a mesma coisa, o outro também não vai querer treinar mais contigo, daqui a pouco tu não tem parceria pra treinar. Tu vai treinar com o saco de pancada sendo que isso não vai te desenvolver muita coisa, né. Vai te desenvolver ali a força e tal, mas não vai te desenvolver todo o restante que um parceiro pode te dar, né. Então eu acho que a relação com os meus colegas todos me respeitam, até pelo fato de uma mulher que treina no meio de um monte de homem. Nunca teve falta de respeito, todos sempre me respeitaram, me trataram como colega realmente, me puxaram, quando faziam *sparring* comigo me tiravam da minha zona de conforto, me respeitaram também, nunca me agrediram. Mas sempre acrescentaram bastante nos meus treinos (ENTREVISTA)

Dentre os atributos dessa relação de irmãos de treino, há uma ética entre os lutadores. Se Elias (2001) afirma que “ética” e “etiqueta” têm a mesma raiz etimológica, isso pode ser relacionado com as interações entre os parceiros de treino. Causar danos ao colega de treino parece-me uma questão delicada nesse universo. Os machucados causados nos treinos impossibilitam a continuidade das sessões. Isso não seria apenas um prejuízo para o atleta machucado, mas para toda a equipe, pois acarretaria a diminuição das possibilidades de melhoria do “jogo” do atleta. Sem um parceiro de treino, não há treino. Por mais que se utilizem sacos de pancadas, manoplas e outros implementos, sem outro atleta para realizar a prática, o desenvolvimento é sempre comprometido.

Em razão disso, há muitos cuidados para que não se tenham muitos machucados durante os treinamentos, como: uso de luvas maiores para os exercícios de simulação de luta (*sparring*), diminuição da força na hora do contato na “trocação” e escolha de parceiros com nível técnico semelhante para que não ocorram lesões mais sérias. Todas essas medidas não excluem as possibilidades de traumas mais sérios e

contusões. Contudo, diminuem os riscos. Os atletas, principalmente os mais experientes, têm consciência da importância desses cuidados. Treinar com uma intensidade mais baixa, ou “na manha” é uma prática muitas vezes apregoada pelos lutadores. No diário abaixo, há uma passagem sobre isso:

Mutante chama Roger para fazer um round de *sparring*. Roger está com uma luva pequena, de MMA, e Mutante diz: “vamos na manha, tu está de luva pequena.” Mutante usa uma luva de boxe, grande, de 16 onças. Roger diz: “tranquilo, só pra movimentar.” Os dois começam em um ritmo contido, apenas “encostando” no corpo ou no rosto do adversário. Roger dispara alguns golpes mais contundentes no corpo de Mutante, que reage e atinge Roger com alguns chutes na altura das pernas. O ritmo aumenta e os dois começam a “se pegar”. Roger vai para cima de Mutante com socos no rosto e no corpo. Este reage, dá alguns jabs no rosto de Roger e dispara um chute potente na perna do adversário. Roger cai. Sérgio diz: “ta bom assim.” Os dois se cumprimentam e Mutante comenta: “ele apertou, eu apertei.” Roger não diz nada, mas concorda com a cabeça. Mutante diz: “bota a luva maior para a próxima, essa é muito pequena.” Roger obedece. O segundo round entre os dois começa, mas, para minha surpresa, os dois se controlam mais do que no primeiro round e a dinâmica com baixa intensidade vai até o final. Os dois se cumprimentam e tiram as luvas. Mutante conversa com Roger sobre a intensidade dos *sparrings* no treino. Ele diz: “Se tu for pra cima de todo mundo, não vai ter parceiro de treino. Tu vai machucar todo mundo. Na hora da luta tu arranca a cabeça do teu adversário, aqui treina mais a técnica”. Roger concorda. (D.C. 07/07/2015).

As relações entre os parceiros de treinos são estabelecidas de acordo com uma “negociação” que, muitas vezes, é realizada durante a prática. No caso da passagem acima, mostra um dos processos que Roger, atleta novo na equipe e ex-boxeador, teve que passar para se adequar às dinâmicas da equipe. Ele entrou na academia, segundo o próprio lutador me relatou, com “sangue nos olhos”, pois, como é oriundo de outra cidade (Uruguaiana), tinha receio de entrar na academia e os atletas antipatarem com ele e tentar, também segundo suas palavras, “fazer a mala⁵³” em cima dele. Eu participei da primeira aula de Roger, na qual fizemos um *sparring* de boxe. Tive a sensação de que ele se sentia um pouco “acuado” por ser de outra academia e sua potência de golpes passavam a impressão de uma agressividade que foi confirmada após alguns treinamentos.

⁵³ Significa “surrar”, bater ou tentar espancá-lo em razão de ser um “estranho” na academia.

Entretanto, Roger foi incorporando outro modo de se comportar. Nessa passagem de diário, há um diálogo importante entre ele e Mutante. Este, como um atleta experiente dentro da equipe, faz o papel de “mentor” para aquele. As suas palavras são conscientes de certas regras que são difíceis de serem subvertidas nas artes marciais mistas. Nessa situação, caso o atleta “pegue pesado” com seu parceiro de treino, não vai ter com quem treinar depois. As pessoas realmente recusam-se a treinar com aqueles atletas “sangue no olho” algumas vezes. Geralmente, se o lutador tem uma capacidade técnica ou um peso muito maior do que seu oponente, ele deve “pegar mais leve” no *sparring*. Caso isso não ocorra, há a possibilidade de que os atletas ou mesmo o “mestre” suspenda a relação entre os dois em razão dessa diferença. Outro elemento importante nesse controle da violência é o uso de luvas de tamanho maior do que o que se utiliza nas lutas. Geralmente são realizados treinos de *sparring* com luvas de dezesseis onças, mesmo no caso de *sparring* de MMA, esporte em que se utilizam luvas de quatro onças. Isso faz com que o contato seja amortecido e que uma força menor seja aplicada no corpo do oponente.

Esses mecanismos de controle estão, com frequência, presentes nas artes marciais. É um “cuidado” que faz com que as práticas causem menos danos aos atletas e com que o contato seja menor. Não que não haja momentos em que “o bixo pegue”, ou seja, que o contato seja maior e que apareçam algumas marcas corporais, como hematomas nos olhos ou no corpo. Isso acontece com frequência. Porém, há uma lógica por trás desses acontecimentos. Geralmente, os treinos ficam mais fortes quando há lutas marcadas. A contundência no exercício de *sparring* também se estabelece quando os atletas têm paridade técnica e de força.

Tanto o conceito de “mestre” quanto o conceito de “parceiro de treino” trazem a voga uma discussão importante nos esportes: a “família”. Muitos foram as vezes que registrei esse termos em meus diários. “Família” é uma expressão que denota um laço de confiança dentro da equipe que, se quebrada, pode causar rompimentos duradouros nas relações. Assim, quando se diz que a equipe é uma família, refere-se ao aspecto emocional de ligação entre seus atores. Essas, sim, são as relações que sustentam essa configuração.

Um exemplo de “tensão” dentro da configuração das artes marciais mistas é a rivalidade entre as equipes. Segundo palavras dos atletas, as equipes “se odeiam”. Essa

rivalidade diferencia a sua equipe das “outras”. As famílias criam marcas como roupas, luvas e adesivos colocados nos carros que “dizem” de que equipe os atletas são oriundos. O pertencimento é latente, diz sobre os atletas e a relação de família ultrapassa os treinamentos. Muitos excertos poderiam ser expostos para materializar essas afirmações. Abaixo, eu apresento dois fragmentos de entrevistas que versam sobre “família”.

E respondendo a parte que tu questionou sobre a relação com a equipe, né. A nossa relação é, acredito que como toda equipe, é uma relação de família, né. Porque a gente treina dia-a-dia, né. Praticamente duas ou três horas por dia, então todo mundo tem os mesmos anseios e as mesmas dificuldades, então a gente acaba se tornando uma família, né, um ajudando o outro sempre. (ENTREVISTA COM HAROLDO).

Quanto a relação que eu tenho com meus treinadores e meus parceiros de treino, é uma relação de família, assim, de confiança. Tu saber que tu esta fazendo aquilo ali, que vai surtir efeito na hora que tu precisar, que tu estás sendo bem treinado, é uma confiança, tu confia plenamente na hora da desidratação, tu sabe que tu pode confiar que aquela pessoa está ali, que se der alguma coisa de errado aquela pessoa vai te amparar, vai estar ali contigo, se correr contigo pra algum hospital, tu vai ter esse amparo. Eu sempre tive uma relação bem boa com meus treinadores todos. Sempre isso, a relação é de confiança, é como se fosse uma pessoa da tua família. Tu tem respeito, sabe que aquela pessoa te acrescentou bastante. Termina tu te tornando uma pessoa melhor. Eu que tenho academia termino me tornando uma instrutora melhor, uma treinadora melhor, aprendo muito com eles e é uma relação de confiança, de agradecimento de confiança, de carinho, de respeito. Acho que isso que tem que ter entre ambas as partes pra se tornar um trabalho bem feito. (ENTREVISTA COM CLÁUDIA).

Separei, acima, apenas duas passagens sobre o tema. Mas, em todas as entrevistas o termo “família” foi evocado quando fora perguntado sobre a relação com a equipe. Parece um consenso entre atletas, treinadores e demais envolvidos com o esporte que esse parentesco simbólico seja um fator determinante no andamento da equipe. Sentir-se inserido em uma família denota respeito pelos pares, apoio e “pegar firme” nos treinos quando necessário. “Um cuida do outro” é também uma expressão corrente na fala dos lutadores e que significa uma ligação afetiva (ELIAS, 1980) importante.

Na tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais da Universidade de São Paulo, intitulada “Família joga bola”, Spaggiari (2015) descreve como os atletas de futebol se constituem a partir das relações familiares. Essas relações não são consanguíneas, mas sim construídas através das interações com outros elementos envolvidos na configuração do futebol. Atletas, treinadores e dirigentes constroem o espectro que constrói o sujeito que joga. Por essas razões, o conceito de família se estende, se dinamiza e abarca outros atores diferentes dos que normalmente pensamos na constituição familiar.

Os meus dados são condizentes com essa perspectiva. Os atletas têm entre si uma conduta que reforça esse conceito. Os “irmãos de treino” e o “mestre”, que muitas vezes faz o papel de “pai”, elogiando e criticando seus atletas e que, acima de tudo, tem uma relação de confiança com estes, completam o rol de interações formativas. A equipe é uma “grande família” e, como tal, tem suas tensões, suas dissidências e seus desentendimentos. Tensões que são inerentes às configurações e que a transformam cotidianamente. Duas dessas situações de tensão eu apresentarei abaixo. A primeira delas chamou-me atenção em uma conversa de vestiário, quando o termo “vergonha para a família” foi evocado quando um atleta descrevia a participação de um colega de treino em um evento. Após isso, apresentarei algumas passagens sobre as dinâmicas de violências na academia e como elas podem colaborar com as análises.

No início de Setembro de 2015, houve um evento importante de MMA na cidade de Vitória – ES. Um dos atletas da equipe lutou no evento. Eu estava na cidade em razão do COMBRACE, evento em que apresentei um trabalho. Aproveitei de minha estadia na cidade para fazer uma observação⁵⁴. O resultado foi desfavorável para o atleta. O atleta lutou três rounds e foi derrotado por pontos. Ao voltar para Porto Alegre, na segunda-feira participei de um treino com os atletas. Ao final do treino, um dos lutadores e eu conversamos sobre a luta. O lutador mostrava uma aversão com a derrota do companheiro. Essa indignação, segundo ele, não era em razão da derrota, mas sim era referente à maneira como ela havia ocorrido:

Terminamos o treino e vamos para o vestiário. Claiton fala sobre a luta de Mutante, atleta da equipe, que ocorreu em Vitória e que eu fui assistir. Claiton diz: “foi uma vergonha para

⁵⁴ Descreverei com mais detalhes a observação do evento no próximo capítulo. A minha intenção, por enquanto, é compreender como o resultado da luta foi recebido na academia.

a equipe. O problema não foi ele ter perdido a luta, o problema foi que ele não fez nada do que o mestre falou pra ele. Lutou com a guarda baixa, não foi agressivo, não lutou nada.” Eu concordo e Claiton continua: “ele tem que aprender que a equipe é uma família, tem que representar. Perder não tem problema, o problema é passar vergonha, não agredir, virar saco de pancadas.” Eu concordo, um silêncio se instala no vestiário

Talvez eu não tenha a capacidade de passar para o papel o grau de indignação contido na fala do atleta. A repulsa pela maneira como o lutador se desenvolveu na luta se refletia em palavras duras, quase tristes. Um “representante da família” não poderia lutar daquele jeito. Era uma afronta aos ensinamentos cansativamente trabalhados na academia. Concordei com o atleta. Realmente foi uma vergonha. Um silêncio que dizia muito se instaurou no vestiário. Tive a mesma sensação. Acompanhei de perto uma preparação que foi esquecida. Ao “vestir” a camisa da equipe deve-se ter responsabilidade. Deve-se lutar com honra.

A vitória realmente não importa, desde que se lute com vontade, respeite a estratégia e ouça o mestre. Mais uma vez, os papéis de pesquisador e de alguém que participa do universo das lutas se misturaram. Difícil registrar. Difícil aceitar. Foi uma “vergonha para a família”. Após esse episódio, a relação de Mutante com a equipe ficou estremeçada. A falta de combatividade e a “vergonha” que seus colegas de treino sentiram fizeram com que o atleta, percebendo o que estava ocorrendo, começou a faltar a alguns treinos e, um tempo depois, parou de treinar.

O intenso contato envolvido nas lutas é uma questão sempre presente nas artes marciais mistas. Realmente é um esporte de muito contato. Como relatei anteriormente, há momentos de muita agressividade, em que os lutadores “se pegam” com o intuito de “afiar suas armas”. São momentos tensos, em que a agressividade parece dar o tom. Mas essa tonalidade tem suas nuances, seus meandros e seus transbordamentos. O exercício de *sparring* é o momento em que a agressividade fica mais latente. Por mais acostumado que se esteja com os trabalhos duros da academia, o *sparring* causa tensão. Lutadores não gostam de apanhar.

Eu venho acompanhando a vida de alguns lutadores importantes no cenário das lutas através de suas biografias. Ao ler a biografia de Mike Tyson (SLOMAN, 2014), campeão mundial peso pesado da década de noventa, tive uma surpresa quando o

lutador relatou que “ficava nervoso” antes dos dias de *sparring* quando sabia que seus oponentes eram muito qualificados e poderiam machucá-lo. Ao ler sobre o “Iron⁵⁵” Mike Tyson, é difícil pensar que esse sentimento poderia lhe passar pela cabeça. Ao mesmo tempo em que me espantei, eu tive uma espécie de alívio. Não era só eu que tinha essas sensações.

Realmente, o trabalho de *sparring* é complexo. É uma simulação de luta que, muitas vezes, tem a mesma intensidade da “luta real”. As equipes de MMA não fazem *sparrings* todos os dias. Há dias predeterminados para que os lutadores façam suas práticas mais próximas do real. Geralmente esses dias precedem momentos de descanso. Na sexta-feira, por exemplo. Isso é devido às exigências técnica e emocional relacionadas à atividade. No diário abaixo, eu apresento o relato de um desses dias. Em um dos treinos que participei com os profissionais, fui convidado para ser *sparring* de Hulk, um lutador que tinha uma luta marcada na Rússia. Então, a partir do comando do treinador, compareci ao treino para participar da preparação do atleta:

O relógio já marca 11h00min. Após quase uma hora de treino e algumas séries na corda de esquiva e no saco de pancada, começo a pensar que Hulk não virá ao treino. Pergunto a Sérgio se o atleta avisou alguma coisa e ele me responde: “Não falou nada, acho que está chegando, ele veio de Rio Grande só para treinar.” Espero mais um pouco e o atleta chega. Fernando “Hulk” faz jus ao seu apelido. É um atleta muito forte, com aproximadamente 1.90 m. Ao olhá-lo e sabendo de seu histórico, confesso que senti certo arrependimento em ter aceitado ser “*sparring*”. Mas já estou ali e penso que tenho que me defender da melhor maneira e aquilo será um aprendizado que irá melhorar o meu boxe.

O atleta se mostra uma pessoa muito simpática e educada. Sérgio me apresenta a ele e segue o seguinte diálogo entre nós:

Eu: Prazer, cara. O Sérgio me disse que tu vai lutar na Rússia, vim aqui pra te ajudar.

Hulk: Cara, muito prazer. Que bom que tu aceitou, é difícil achar peso pesado para fazer *sparring* aqui no Rio Grande do Sul.

Eu : Tranquilo. Vamos trabalhar.

⁵⁵ Sobretudo no boxe, os lutadores têm apelidos antes dos nomes. A intenção é transmitir uma imagem referente aos atributos físicos e de personalidade do atleta. “Iron” significa “ferro”. O sentido do nome, segundo seus biógrafos, é passar uma imagem um lutador forte e intransponível.

Hulk: Obrigado mesmo. Vamos treinar.

O diálogo e a cordialidade do lutador “quebra” certo clima tenso que se estabeleceu tanto por eu não conhecê-lo, quanto por sua demora para chegar no treino. Sérgio pergunta para Mutante se ele quer fazer *sparring* também. O atleta aceita a intimação. Sérgio então diz: “Se prepara então. Põe as luvas e o capacete.” Mutante coloca luvas maiores (16 onças) do que ele estava usando para treinar (eram de 12 onças). Hulk começa a se aquecer na frente do espelho e visivelmente ele tem uma boa habilidade com o boxe. Seus movimentos são rápidos e muito técnicos. Após uns 5 minutos de aquecimento, Sérgio diz para Hulk fazer um round com Mutante. Os dois vestem luvas, capacete e protetores bucais, indispensáveis no trabalho de *sparring*. Mutante parece mais na defensiva, pois Hulk é bem mais pesado do que ele e qualquer investida errada pode ser um momento para contra-ataque. Ele se movimenta mais do que ataca, mas Hulk começa a “buscar a luta”, batendo alguns jabs seguidos de cruzados ou diretos na cabeça de Mutante. Este acaba contra-atacando de maneira mais contundente, dando socos na altura do abdômen de Hulk. O round segue assim até o fim: os dois atletas imprimindo um ritmo forte, mas em equilíbrio. Sérgio pede para Mutante fazer mais um round com Hulk.

Essa vez parece que o ritmo será mais forte. Os dois lutadores começam a bater com mais força. Hulk leva vantagem em razão de sua maior força e envergadura. Seus “golpes retos” (jabs e diretos) deixam Mutante longe, sem possibilidade de ataque. Mutante tenta movimentar mais a cabeça para entrar no raio de ação do oponente, sem sucesso. O domínio de Hulk segue assim até o fim do round. Faltando quarenta segundos, Hulk acerta uma sequencia de jab-direto-jab que quase derruba Mutante. Este fica tonto visivelmente, Hulk tem a possibilidade de nocautear seu oponente, que está sem ação, mas recua e olha para Sérgio. Sérgio diz: “ta bom. Descansa Mutante. Tá bom por hoje.”

È a minha vez de fazer luva com Hulk. Pela amostra que tive vendo a sua luta contra Mutante, fico um pouco receoso de atacar e abrir a guarda para os ataques do atleta. Começamos nos estudando, não ataco nem ele me ataca. Após quase um minuto começamos algumas sequencias de golpes no corpo e no rosto. Tenho menos envergadura do que meu oponente, ele usa isso, como havia feito no *sparring* anterior. A luta segue essa dinâmica e Hulk me dá uma sequencia violenta de jab, direto no rosto e , quando levanto minha guarda para proteger meu rosto , ele joga um direto potente na boca do meu estômago. Sinto o golpe e tenho a sensação que vou vomitar. Fico sem defesa e meu protetor cai da minha boca. Hulk, como aconteceu com Mutante, tem a possibilidade de me nocautear, mas recua. Sérgio diz: “Bota o protetor e continua. Recupero-me e continuamos nos trinta segundos que faltam. Não tenho mais força, o golpe que levei na boca do estômago realmente incomoda muito. Hulk visivelmente diminui a intensidade para

que o round prossiga até o fim. O cronômetro dá o sinal e nos cumprimentamos.

Agradeço a Hulk pela oportunidade e brinco com o soco no estômago: “Podia ter me matado”. Meu adversário ri e me diz: “estamos aqui para nos ajudar e não pra nocautear ninguém. Somos da mesma família.” Ele me agradece pelo treino e diz para Sérgio que precisa ir embora, pois vai fazer sua preparação física. Hulk também agradece a Mutante que lhe responde: “oss. Obrigado, irmão.” Nos despedimos e Hulk pede para tirar uma foto para o face(book). Abraçamos-nos e fizemos um sinal de positivo para a foto. Todos com semblante de satisfeitos e felizes. Lutador tem que saber esconder os sentimentos. (D.C. 06/11/2014).

Essa passagem denota a “cordialidade” que acomete, na maioria das vezes, os trabalhos de *sparring* dentro da academia. Nesse caso, eu não conhecia Hulk, o atleta é da cidade de Rio Grande. Claro que, por ser um trabalho mais intenso, há um “clima tenso” antes da prática, especialmente se os atletas não se conhecem. Porém, a maneira como o atleta se comportou, a “etiqueta” de comportamento que demonstra experiência no mundo das lutas, fez com que conseguíssemos realizar a atividade com mais tranquilidade. Não houve “sangue no olho” por parte de nenhum dos lutadores. Hulk era um atleta com maior capacidade técnica do que eu e do que Mutante, porém, ele se comportou de acordo com as regras durante o *sparring*. Ele teria me nocauteado com aquele soco no estômago, caso continuasse batendo. Não o fez, e por isso deixou a “porta aberta” na equipe e parceiros de treino dispostos a lhe ajudar. Esse exercício serve como uma preparação para a luta. Não é o momento de nocautear. Isso não precisa ser dito é dito. É um acordo tácito. Mas, mais uma vez, evoco que é importante também saber o que o não dito quer dizer.

Outro registro importante que mostra os “sentidos” que a violência tem naquele lugar foi em um treinamento que o atleta Roger pergunta-me se quero fazer *sparring* “de leve” e respondo que sim. Já conhecendo Roger, nem levo em consideração a expressão “de leve”, já que sei que o atleta é muito agressivo nos trabalhos de *sparring* e o termo não caberia no seu “vocabulário de lutador”. Eu aceito fazer o *sparring*. Roger pede para Eduardo, outro aluno de boxe, filmar a atividade.

Coloco o protetor bucal, tocamos as luvas e começamos a atividade. Roger vem para cima de mim com diretos na cabeça, saio para trás e começo a trabalhar meus *uppers* para afastá-lo. Ele sente e volta com alguns cruzados que

eu sinto quando atingem a altura da minha costela. Roger é bem mais rápido que eu. Por isso me afasto e entro com *uppers* fortes para ele não se aproximar. Jogo dois *uppers* no rosto e ele sente e se afasta. Penso que esse é o caminho para deter suas investidas e começo a usar a estratégia de afastá-lo com *uppers*. Continuando o trabalho, vejo que suas entradas são com cruzados e diretos depois de esquivas rápidas para a direita, e disparo golpes retos para afastá-lo. Ele já não entra com a mesma intensidade e penso ter achado o caminho. Mais dois *uppers* atingem o rosto do meu oponente na altura do nariz, que começa a sangrar. Achei o caminho para interromper a intensidade do atleta. Seguimos assim até o final, o cronômetro dispara, nos cumprimentamos e agradecemos um ao outro pelo treino.

Ao final, sentamos em um saco de pancadas para ver a filmagem do *sparring*. Conversamos longamente sobre as técnicas empregadas. Surge, então, o seguinte diálogo:

Eu: Consegui parar um pouco tuas avançadas com os *uppers*.

Roger: É isso que tu tem que trabalhar: esses *uppers* na entrada

Eu: pois é, tu é bem mais rápido que eu, mas eu consigo impedir que tu entre batendo assim (mostro a imagem gravada no celular de Roger).

Roger: Isso aí. Muito bom.

Eu: É bom filmar, dá pra ver os erros.

Roger: É, assim a gente progride mais rápido.

Continuamos olhando a filmagem até o fim e conversando sobre os erros e acertos (D.C. 18/11/2014)

O sentido da conversa após o treino é de compreender como aqueles socos conseguem melhorar a técnica dos dois atletas. A precisão dos golpes, a movimentação de pernas e o momento de aplicação dos socos são analisados calmamente após a sessão. Um trabalho minucioso que requer aplicação e controle das emoções. Não nos perdemos nos “instintos” de agressividade por levar socos na cabeça e no corpo. Não deixamos que a o sentimento negativo de “apanhar” ultrapasse a linha tênue entre luta e briga⁵⁶ Usamos as técnicas. Prevemos os acertos. Refletimos sobre os erros.

⁵⁶ Há uma diferenciação “nativa” por parte dos lutadores, em que diferenciam “luta” de “briga”. Lutar estaria relacionado às atividades dentro da academia ou ringue. Estariam incluídas as regras e as técnicas. A “briga” se refere ao confronto desregado, que ocorre em razão de desentendimentos ou discussões. Esta deve ser evitada. Por isso, a expressão: “quem luta não briga.”

Não apenas nos treinos de “trocação” há uma maneira de comportar-se. Os treinos “de chão”, apesar de não apresentarem golpes traumáticos (socos e chutes), há o perigo de lesões graves, como rompimentos de tendões e ligamentos e fratura de ossos. Se, em um primeiro olhar, as lutas de *grapling* são menos perigosas do que o boxe e o *muay thai*, ao adentrar nas artes marciais mistas percebe-se que o controle e as “maneiras de fazer” devem ser calculados. Na passagem de diário abaixo, mostro um lutador bem mais pesado do que seu oponente em um trabalho de *jiu-jitsu* sem kimono. A disparidade técnica também fez com que o atleta tomasse algumas precauções diante da situação.

..

Sérgio orienta que Patrick e Guilherme se revezem em uma atividade de “chão” com Claiton e dá a ordem: “Começa em pé, leva para o chão e finaliza”. A primeira vez é de Guilherme, que não consegue levar Claiton para o chão nos primeiros momentos, após algumas insistências, Claiton é derrubado e os dois começam a rolar, como se fosse *submission*. Nenhum dos dois consegue finalizar a luta e o tempo acaba. A vez agora é de Patrick. Por ser mais forte, mais pesado e mais graduado do que Claiton, ele consegue com facilidade derrubar seu oponente e obtém vantagem no trabalho de chão. A desigualdade técnica e de força é visível e Patrick aplica um *arm-lock* em Claiton. Este tenta se desvencilhar do golpe de várias maneiras mas acaba tendo que “bater”. Como o golpe foi mantido por bastante tempo, a preocupação de todos é que Claiton tenha se machucado. Patrick diz que “segurei como deu, não ia soltar, mas também não ia quebrar teu braço.” Claiton faz um sinal afirmativo com a cabeça e responde: “foi limpo. Ta tranquilo, eu deveria ter batido antes.” Sérgio pergunta para Claiton se ele está bem e o lutador responde que sim (D.C. 04/05/2015).

A “chave de braço” (*arm-lock*) é um golpe muito utilizado nas lutas “agarradas”, como o *jiu-jitsu* e o Judô. Nesse registro, o atleta “segurou” a posição para que seu oponente tivesse a oportunidade de “bater” e acabar a luta. Muitas vezes acontece de o atleta não desistir na esperança de conseguir sair da posição e se desvencilhar. Porém, essa é uma atitude arriscada. A possibilidade de lesão aumenta na medida em que o atleta passa mais tempo com a “posição encaixada” e não “bate”. No final do “rola”, o atleta que atacou diz: “não ia soltar (a posição), mas também não ia quebrar teu braço”. O oponente responde: “sim, eu devia ter batido”. Isso demonstra que não há a intenção de fraturar o osso do adversário, porém, é deste a responsabilidade de desistir da luta. Todos sabem disso. Ou, pelo menos, estão aprendendo as etiquetas da luta.

Até aqui apresentei episódios em que os atletas se comportaram dentro da lógica. A configuração parece estabilizada. Porém, o que ocorre quando um atleta “sai da linha⁵⁷” e não respeita essa “pedagogia da tradição”? Como é esse caminho de incorporação enquanto ainda não está apreendido? O episódio abaixo elucida essas questões.

Como já foi descrito nessa tese, a intensidade do treino aumenta nesses momentos e alguns cuidados são tomados pelo treinador para que a diferença de força ou técnica não seja muito desequilibrada. Os pares de *sparring* são escolhidos de acordo com certos parâmetros, como: o peso, o equilíbrio técnico ou o tempo de prática. Além disso, o treinador procura controlar o aumento do contato em vários momentos durante a atividade, utilizando palavras como “mais devagar”, “mais na técnica do que na força”, “é teu parceiro de treino, se ele se machucar, tu não vai ter com quem treinar”.

Houve um episódio durante as observações que serve de exemplo para compreensão desse controle das atitudes. Durante um treino de *sparring*, havia dois atletas com pesos bem diferentes: um deles, Dimitri, pesava aproximadamente 85 quilos, enquanto o outro, Rafael, 120. Antes de começar o treino, Dimitri pede para Rafael colocar luvas de 20 onças “para ninguém se machucar”. Rafael se mostra contrariado e faz algumas provocações para o colega de treino, dizendo: “Tá com medo? Não se garante?”. Dimitri, atleta experiente, apenas responde: “Tudo bem. Usa essa mesmo.” A partir dessa resposta, um clima de tensão se instaura na academia e todos param para olhar a atividade, já sabendo que algo iria acontecer. Ao começar o *sparring*, Dimitri desfere alguns golpes na cintura de Rafael com força e este se encolhe, olhando um pouco assustado para o adversário. Dimitri, visivelmente irritado, continua atacando e acerta a cabeça de Rafael algumas vezes com seqüências de jab e cruzados. Após alguns desses socos, Rafael reclama e diz que “ta bom, já deu.” O atleta continua batendo e Rafael cai no chão. A partir disso, Dimitri tenta acertar Rafael caído, mas alguns atletas e o treinador intercedem, dizendo. “Deu, ele já aprendeu.” Dimitri xinga Rafael mais algumas vezes, dizendo “Vê se aprende a se comportar.” Rafael vai embora do treino e nunca mais o vi na academia.

Analisando os mecanismos de controle que apresentei até aqui e o fato que Dimitri, com muito tempo de prática de lutas, mostra a Rafael alguns elementos que

⁵⁷ Expressão nativa que significa que alguém não seguiu os preceitos da luta

constituem a “etiqueta” (ELIAS, 2001) da luta, ou seja, os cerimoniais tácitos que forjam o lutador. Ao pedir que Rafael usasse luvas maiores, a intenção do atleta era de que o exercício se desenvolvesse com menos intensidade, e também porque o peso do soco de Rafael, 35 quilos mais pesado, seria bem mais intenso do que o do atleta mais experiente, fazendo com que a atividade ficasse desequilibrada. Segundo Elias, ao analisar o processo de da constituição do esporte, afirma que “a esportivização, em resumo, possui um impulso civilizador comparável, à “curialização” dos guerreiros, onde as minuciosas regras de etiqueta representam um papel significativo” (ELIAS, 1992, pag. 224).

O controle explicitado até aqui, tanto por parte dos “irmãos de treino”, quanto no episódio descrito acima representa uma dessas regras de etiqueta. No MMA, os lutadores apresentam o que Elias (1992) denomina de “descontrole controlado das emoções”. Deste modo, apesar do treino ter uma proximidade com a luta “real”, os atletas não podem ultrapassar determinados limites. Machucar um “irmão de treino” não é bem visto nesse meio. Tampouco, subjugar um companheiro que tem menos força ou condições técnicas. Estes elementos fazem parte da “etiqueta da luta”.

Por essas ideias, ao se negar a colocar outra luva e ao fazer algumas provocações, Rafael rompeu um acordo não-dito, importante no universo do MMA e das lutas em geral: o controle da violência e o respeito por aqueles que têm mais experiência. Dimitri tinha autonomia para ‘ensinar’ a Rafael como proceder durante o *sparring*, tanto que não houve nenhuma intervenção por parte do treinador ou de colegas durante o fato. Apenas quando Rafael caiu no chão em razão dos socos, é que houve a intervenção, com gritos de “ele já aprendeu”. Esse “aprendizado” faz parte do cotidiano dos lutadores durante os anos de treinamento. No caso de Rafael, os mecanismos de incorporação foram explicitados naquele momento. Esse controle vai ao encontro do que Loïc Wacquant, em uma etnografia em um *gym* de boxe, chama de “violência controlada”, segundo palavras do autor:

Assim como não é qualquer um que faz *sparring*, também não se faz *sparring* de qualquer modo. A violência das trocas entre as cordas depende, de um lado da relação de forças entre os parceiros (e ele é tão mais limitada quanto mais desigual for) e , de outro, dos objetivos perseguidos durante a sessão de *sparring*. (...) O nível de violência flutua de maneira cíclica, entre limites variáveis balizados pelo sentido da equidade de que funda o acordo original entre os dois boxeadores,

que não é uma norma nem um contrato (WACQUANT, 2002, pag. 102-103).

Por essa descrição, há um limite tênue entre a violência e o trabalho técnico que vai sendo regulado pelos próprios lutadores durante os treinos e que direciona o andamento do *sparring*. O que parece, em um primeiro olhar, uma troca de socos e chutes, quando analisado com uma ótica mais ajustada tem um significado que faz sentido dentro dos processos simbólicos e pedagógicos da luta. Importante destacar também que o que Wacquant chama de “acordo entre boxeadores” também pode ser relacionado com o MMA. Esse acordo não é dito nem faz parte das conversas cotidianas na academia. Ele faz parte de um processo de aprendizagem. Com o tempo de prática, através de mecanismos de incorporação de comportamentos, o atleta aprende a atuar durante esses eventos. O papel do técnico é moldar, através de orientações muito sucintas, o seu andamento e ajudar a constituí-lo como lutador.

Sob a ótica elisiana, pode-se dizer que não há configuração sem tensões. O caso do episódio acima corrobora com essa afirmação. O lutador inexperiente, inculcado por sua vontade de “ir para cima”, não controla suas emoções. Dispara palavras que provocam o seu adversário, lutador mais experiente e ciente dessas regras. Elas não podem ser descumpridas. Foram. Perdeu-se a lógica. Desafiou-se a tradição. Pagou o preço. Sumiu da academia. Nunca mais o vi. Aprendeu? Não há como saber. A configuração se reestabelece, apesar do desequilíbrio das tensões.

Iniciei esse capítulo descrevendo e analisando a disposição física da academia, as técnicas em pé e de chão, os tipos de treinamentos executados e alguns termos nativos que orientam as relações dentro da configuração das artes marciais mistas. A violência e seus mecanismos de controle também foram elementos apresentados durante a escrita. A última passagem que vivi e registrei dentro da academia foi o fim da equipe. É certo que vivi a situação não apenas como pesquisador, os sentimentos do fechamento de uma academia que frequentei por quinze anos foram registrados e sentidos de maneira visceral. Afinal, participei de várias artes marciais no local, como o boxe e o *jiu-jitsu*. Além disso, também vivenciei e descrevi a fundação, o desenvolvimento e o fim da equipe de MMA. Foi, assim, um momento difícil, em que tentei me distanciar o máximo que pude. Mas, confesso, não tive muito êxito. Abaixo, relato o último diário

de campo que realizei na academia. Algumas conversas são muito produtivas no intuito da construção da tese:

Hoje é um dia muito triste para a equipe (ou família) team Pimentel. O mestre Sérgio Pimentel resolveu mudar-se para os Estados Unidos. Há um clima na academia de tristeza, em razão dos anos de convívio de todos que ali estão. As linhas que seguem não são resultado de apenas um dia, como eu vinha fazendo na escrita dos diários comumente, são reações que percebi nos últimos dias na academia em razão dessa mudança. Os lutadores agiram de formas diferentes e são essas situações que venho expor nesse diário.

A academia foi vendida para um aluno que já a frequenta há muitos anos. O problema é que o novo dono não quer “bolsistas” treinando no local. Os bolsistas são os atletas que não pagam mensalidade. Geralmente são atletas que treinam de graça, mas, quando lutam, pagam um valor de 20 % da sua bolsa para o treinador (nesse caso, o dono da academia). O novo dono vai retirar os treinos de MMA. Segundo conversas que eu tive com ele é porque “eles só dão prejuízo”. Essa referência é devido ao baixo número de lutas que os atletas realizam durante o ano (não mais que quatro) e a baixa bolsa que recebem (a maioria giram em torno de 500 a 700 reais).

Converso com Claiton na academia e ele fala sobre suas expectativas para essa nova fase da equipe. Conversamos durante alguns minutos e ele me diz: “eles (outros lutadores) estão pensando que a equipe vai morrer, mas eu vou continuar com a equipe. Vou assumir, claro sempre com o respaldo do mestre (Sérgio), mas vou continuar com a mesma equipe. Vou ser sempre team Pimentel. Os caras já me convidaram pra ir pra outras equipes, mas a equipe não vai acabar. Sou team Pimentel.” Claiton sempre foi um atleta com muita estima do treinador. Sérgio diz que ele “não é Creonte”, ou seja, é um atleta que respeita a equipe e que não deixa a equipe por motivos fúteis. O posicionamento de Claiton parece bem consciente, diferente de outros atletas, como Patrick, que excluiu todas as pessoas da academia, inclusive eu, das redes sociais e mudou para a equipe Sombra team, sem falar com ninguém. Fabrício, outro atleta da equipe, também fez a mesma coisa. Essa atitude é mal vista pelos colegas e pelo professor. Sérgio, ao conversar comigo um dia me disse: “eu acho que eles não foram homens, não conversaram comigo. Eles poderiam ter trocado de equipe sem problemas, até porque eu vou embora. Mas não precisavam fazer desse jeito. Poderiam ter conversado, eu ia entender. Mas é um bando de Creonte, não falam nada e viram as costas. Mas todos eles sabem o quanto eu ajudei, isso é ingratidão

O treino acaba e ficamos Claiton, Haroldo e eu conversando sobre alguns assuntos relacionados ao esporte. O primeiro assunto é sobre alguns lutadores que vem até a academia treinar boxe com Sérgio e depois lutam por outra equipe. Esse caso já aconteceu várias vezes e é reclamação recorrente na fala de Sérgio. Segundo ele, os atletas “sugam” conhecimento dele, nocauteiam seus adversários com as técnicas ensinadas por ele e levantam a “bandeira” de outra equipe. Claiton parece concordar com Sérgio e, sobre isso, fala: “Os caras vêm aqui e nem são da família, nem defendem o nome do “mestre”, só sugam ele e vão embora. Depois chega na hora da luta, nocauteiam os caras “na mão” (usando técnicas de boxe) e defendem outra equipe. Isso é foda, eu sou contra isso.” Fico quieto ouvindo o diálogo dos dois e Haroldo parece concordar com as ideias do seu colega: “eu acho também. Eu era de outra equipe, agora eu sou da equipe do mestre, não vou treinar com mais ninguém. A minha bandeira é a do mestre.” Claiton completa: “É, aqui todo mundo é irmão, todo mundo se ajuda. Aí na hora da luta tem que valorizar quem te ajuda.” A conversa segue e Haroldo me fala de seu histórico nas lutas e de algumas deficiências técnicas que ele está sentindo: “Eu comecei na capoeira, depois comecei a treinar *muay thai*. Já faz anos que eu treino. Só que minha última luta de MMA eu fui finalizado. Agora eu vi que não adianta só treinar em pé, tem que ser completo. Por isso estou fazendo “chão” direto, quero ficar com chão afiado também.” Claiton complementa: “Aqui todo mundo vai te ajudar, todo mundo é irmão. Eles sempre me ajudam nas minhas lutas. Se eu ganhar a vitória é de todo mundo da equipe.” Nos despedimos e vamos para o vestiário. (D.C. 20/10/2015.).

Nesse dia, a atmosfera da academia parecia pesada. Havia um clima de tristeza e indignação que pairava sobre as pessoas. As negociações sobre a venda da academia já estavam adiantadas e poucas pessoas sabiam disso. O “mestre”, segundo ele mesmo me relatou, decidira vender a academia e voltar para os Estados Unidos, sua terra natal. Em algumas conversas que tivemos, ele me contou que havia muitos motivos de sua decisão. Segundo sua versão, a equipe de MMA não rendeu o esperado. Os “bolsistas”, como são chamados os lutadores que treinam e não pagam mensalidade, receberiam muito pouco pelas lutas e os vinte por cento destinados ao treinador não apresentariam vantagens para o técnico. Outro motivo, segundo ele, seria a sua decepção com alguns atletas que treinavam com ele e “afiavam a mão” e, ao nocautear seus adversários com o boxe, utilizariam a bandeira de outra equipe. Esses lutadores são chamados de “creontes”.

O “Creonte” é um termo muito usado no universo das lutas. Refere-se ao “traidor”. Aquele lutador que troca de equipe com facilidade, sem motivos que, segundo os tantos acordo tácitos, possam justificar a saída ou troca de equipe. Segundo Awi (2012), essa expressão foi cunhada por Carlson Gracie, lutador já apresentado nessa tese. Ele foi considerado o principal lutador da família Gracie nos anos 50 e teve uma das principais equipes de *jiu-jitsu* do Rio de Janeiro dos anos noventa. Segundo os relatos do texto, Carlson teria reproduzido o termo de uma novela, em que um dos personagens, Creonte, seria um mordomo traidor da família para a qual trabalhava. Na literatura, o personagem está descrito no livro “Édipo Rei⁵⁸”, de Sófocles, e a sua descrição se coaduna com o personagem evocado por Carlson.

O importante, nesse momento, é que o “Creonte” é uma expressão pejorativa no mundo das lutas. Há poucos “tipos” de lutadores tão abominados pelos seus pares. Trocar de equipe ou “traí-la” sem um motivo substancial parece ser talvez o pior dos “sete pecados capitais” das lutas. A indignação dos atletas e do técnico se referia a esses personagens. Pessoas que “sugavam” os ensinamentos do técnico e dos “parceiros de treino” e que os utilizavam em outros times.

Até aqui, tentei mostrar como esse elemento (a academia) da configuração escolhida funciona. Todas as discussões elaboradas até aqui foram nos treinamentos, em conversas realizadas em almoços e que tratavam especificamente de vivências de treino. O intuito foi inserir o leitor no cotidiano da equipe. Além disso, também tive o objetivo de discutir questões como violência, autocontrole e as regras do MMA. Feito isso, o meu convite, agora, é conhecer os meandros das preparações para as lutas, o que pode e o que não pode nos eventos de artes marciais mistas, as rotinas de dieta, perda de peso e desidratação que acometem os lutadores. Para tanto, me despeço da academia e entro em um universo relacionado, porém diferente dos treinos. No próximo capítulo apresento a os eventos de MMA.

⁵⁸ O livro foi a base para a novela.

8 UM ESPORTE QUE JÁ NASCE ESPETACULARIZADO: OS EVENTOS DE MMA E AS RELAÇÕES ENTRE ATLETAS, PÚBLICO E PATROCINADORES

“eu ganho pão fazendo isso, eu alimento minha família, então não deixa de ser um trabalho tão digno quanto ser médico ou ser advogado (ENTREVISTA COM CAIO)”.

Início esse tópico com um excerto de uma das minhas entrevistas, em que o atleta me relata a importância do MMA como uma fonte de renda e trabalho. Ao longo da pesquisa, convivi com alguns “dramas” vividos pelos atletas: dificuldade de perda de peso, sofrimento com desidratações, dificuldade de escolha de adversário e falta de apoio. Este último é talvez o mais grave problema que os atletas enfrentam na sua preparação. Apesar de o MMA ter surgido como a “esperança de um futuro melhor” para muitos atletas de luta, em razão das altas bolsas pagas a atletas de nível internacional, como Anderson Silva, Júnior Cigano e Rodrigo Minotauro, que, segundo alguns registros⁵⁹, podem “bater a cifra” de um milhão de dólares. A realidade dos demais lutadores é outra - como eu já descrevi, suas bolsas têm um valor bem menor do que estes.

Durante a pesquisa, a menor bolsa que foi registrada foi de duzentos reais, em um evento pequeno em Porto Alegre, e a maior foi adquirida pelo atleta Luciano “Mutante”, na cidade de Vitória, no valor de três mil reais. Esse evento foi transmitido por um canal de televisão a cabo e sua grandeza e a experiência internacional do atleta garantiram um pagamento bem acima da média da maioria dos lutadores. Em média, as bolsas variam entre quatrocentos e seiscentos reais. Levando em consideração que os atletas lutam três ou quatro vezes por ano, podem-se perceber com facilidade as dificuldades de ter uma “vida de lutador”. Porém, eles perseguem um sonho pouco real de “chegar lá”. Aonde seria esse lugar? Pelos meus registros, a marca UFC é o maior objetivo dos atletas. Lutar esses eventos foi uma unanimidade durante as entrevistas quando a pergunta “qual é o seu sonho no MMA” foi levantada para os lutadores. Mesmo os mais velhos, talvez mais cientes das dificuldades e da distância que separa os atletas regionais do UFC, responderam-me que desejariam, mesmo na mais remota hipótese, lutar esse evento.

⁵⁹ AWI (2012), GRACIE (2008).

Entretanto, entre o sonho e a realidade, há um processo muitas vezes doloroso de preparação para a luta. Não é apenas no treino que o atleta se prepara para luta. A academia e as rotinas que apresentei no capítulo anterior são apenas um dos elementos constitutivos da dura rotina de preparação. As dietas e a perda de peso também fazem parte desse rol. Além disso, há uma relação complexa com os patrocinios. Segundo um dos meus interlocutores: “quem nos patrocina é fisioterapeuta em início de carreira”, demonstrando as dificuldades de uma relação de simbiose, onde me parece que tanto atletas quanto patrocinadores têm pouco a oferecer um ao outro. É disso que esse capítulo trata. Durante as próximas páginas adentrarei nessa complexa interdependência em que atletas, patrocinadores e “donos de evento” interagem e formam uma rede difusa e complexa. Os interesses se inter-relacionam e, muitas vezes, se embatem causando tensões que dificultam o equilíbrio das relações.

A dieta e a perda de peso⁶⁰ são as primeiras dificuldades que um lutador passa na sua preparação. A única categoria em que os lutadores lutam no seu peso “normal” é o “peso pesado”, última categoria das artes marciais mistas que varia entre noventa e três e cento e vinte quilos. Nas outras divisões, os lutadores chegam a ter que perder até vinte quilos do seu peso adquirido com o treinamento. Abaixo apresento as divisões de peso dos eventos do UFC e que é acompanhada pela maioria dos eventos brasileiros:

1. Peso Mosca (*Flyweight*) 125 lbs (56.7 kg) ou menos
2. Peso Galo (*Bantamweight*) de 125 lbs até 135 lbs (de 56.7 kg até 61.2 kg)
3. Peso Pena (*Featherweight*) de 135 lbs até 145 lbs (de 61.2 kg até 65.7 kg)
4. Peso Leve (*Lightweight*) de 145 lbs até 155 lbs (de 65.7 kg até 70.3 k)
5. Peso Meio-médio (*Welterweight*) de 155 lbs até 170 lbs (de 70.3 kg até 77.1 kg)
6. Peso Médio (*Middleweight*) de 170 lbs a 185 lbs (de 77.1 kg até 83.9 kg)
7. Peso Meio-Pesado (*Light Heavyweight*) de 185 lbs até 205 lbs (de 83.9 kg até 92.9 kg)
8. Peso Pesado (*Heavyweight*) de 205 lbs a 265 lbs (de 92.9 kg até 120.2 kg)⁶¹

A partir dessas divisões, os atletas orientam o seu treinamento e a sua dieta. De acordo com a categoria na qual estão inseridos, eles começam a cuidar a quantidade e a qualidade dos alimentos que ingerem. No caso da equipe pesquisada, não havia nenhum

⁶⁰ – O peso e a dieta, apesar de fazerem parte do cotidiano, também é espetacularizado pelos eventos. É isso que justifica estar nesse tópico.

⁶¹ Fonte: <http://br.ufc.com/discover/sport/rules-and-regulations>

atleta ‘peso pesado’. O maior lutador era Patrick que, apesar de seu tamanho e de seu peso ser normalmente de cento e dez quilos, lutava na categoria meio-pesado, até noventa e três. Esse dado foi interessante, pois me possibilitou registrar os cuidados com a dieta dos atletas e, mais do que isso, como isso interferia no cotidiano de treino.

Os atletas se utilizam de estratégias diferentes para controlar o peso. Alguns treinam durante o ano inteiro e controlam sua alimentação para que não “sofram” tanto com a perda nos momentos antecedentes à luta. O maior exemplo encontrado desse controle foi o atleta Claiton, “o Ferreiro”, que procura sempre fazer dieta, e não realiza “sauna” nem “desidratação”, estratégias para perder peso amplamente utilizadas pelos atletas antes das lutas. A maior quantidade de peso perdido pelo atleta é de líquidos. Por isso, eles utilizam a sauna por horas, e conseguem perder até quatro quilos antes das lutas. A “desidratação” é outro elemento desse processo. Os atletas ficam sem tomar água, às vezes, por até dois dias e fazem treinos com roupas específicas para que a sudorese seja mais intensa.

Há muito já se fala sobre os riscos que essa perda de peso incorre na saúde do atleta. Em vista disso, alguns eventos têm realizado a pesagem no dia da luta, para que se dificultem processos tão arriscados. Normalmente, a pesagem é realizada vinte e quatro horas antes e o lutador consegue, através de soro de reidratação, alta ingestão calórica e repouso se recuperar para a hora da luta. Assim, quando se ouve que o atleta luta na categoria até noventa e três quilos, por exemplo, esse é o peso do da pesagem. No combate, o atleta geralmente está com oito ou dez quilos acima.

Perto das lutas, o atleta geralmente fica mais fraco. A restrição calórica e a limitada ingestão de carboidratos fazem com que os lutadores tenham dificuldades de realizar atividades que comumente conseguem fazer. Por mais incoerente que isso pareça, o rendimento dos atletas cai muito próximo à luta, pois a preocupação da maioria deles é com a perda de peso. A frase: “a primeira luta é contra a balança” é muito repetida e denota os sacrifícios envolvidos. Alguns registros foram feitos durante esse período. Apresento, abaixo, um deles:

Chego para treinar e vejo que estão três lutadores da equipe: Claiton, Mutante e Roger. Os dois primeiros são lutadores de MMA, e o último é atleta amador de boxe. Sérgio prepara um circuito de preparação física para os atletas. Geralmente esses

exercícios são usados para aquecimento ou em momentos específicos em que o objetivo do treino seja a preparação física. O circuito é preparado da seguinte forma: uma estação é com elástico amarrado à cintura do atleta, e este tem que segurar um saco pesado (aproximadamente 30 kgs) e treinar movimentos de queda. A outra estação é uma manopla de boxe com Sérgio e a última consiste em saltos por cima de três estruturas de plástico que têm diferentes alturas. O tempo em cada uma das estações é de 45 segundos e o tempo de descanso é de 15 segundos. Cada atleta deverá passar três vezes por cada estação.

A atividade transcorre com tranquilidade. Apesar de ser visível a dificuldade e intensidade dos exercícios, os atletas os fazem com tranquilidade. O preparo físico dos três atletas parece estar “afiado”. A facilidade com que executam os exercícios esconde a dificuldade encontrada em cada uma das estações, as atividades desse tipo são extenuantes e requerem um condicionamento típico de atleta. E talvez seja isso que me espante durante a execução. Claiton parece o mais extenuado. Ele diz em uma das paradas: “to sem carbo (hidrato) desde ontem, não tenho energia para treinar.” Mutante, que está ao seu lado, fala: “tem que ser guerreiro agora, agüenta até o final. Vamos, irmão.” Claiton assente com a cabeça e a atividade é reiniciada. (20/05/2015).

As horas passadas na academia, muitas vezes, não são tão extenuantes quanto o controle alimentar por que os atletas têm que passar no período “pré-luta”. No dia registrado, um dos lutadores estava em fase de preparação e, ao realizar as “estações” do circuito de preparação física, teve certa dificuldade pela restrição de “carbo”. Essa é uma das últimas estratégias utilizadas antes das lutas: a exclusão de alimentos ricos em carboidratos da dieta, como pães, massas, batatas e frutas. O lutador passa a comer quase que apenas carnes, verduras e legumes. A perda de peso é muito rápida em razão dessa exclusão. Porém, o rendimento nos treinos diminui muito. Assim, não há como fazer um “treino puxado” nas duas semanas que antecedem a competição.

Muito se fala sobre o uso de esteroides e diuréticos na preparação para as lutas com o objetivo de perda de peso. Nunes (2004) dedica um tópico da sua dissertação para esse tema. Na sua pesquisa, era aberta a conversa sobre esteroides e uso de diuréticos entre os lutadores. Sabe-se que esta é uma prática corrente nos esportes. Nas lutas, a perda de peso é um assunto preocupante, no que se refere aos danos que essa estratégia pode causar ao organismo dos atletas. No livro de Paiva (2015), um capítulo intitulado: “sauna para atletas de modalidades esportivas de combate” (pag. 202) descreve as possibilidades de consequências deletérias da desidratação antes da luta, principalmente se esse processo for repetido por muitos anos.

Na minha pesquisa, não houve registros sobre o uso de esteroides anabolizantes, mesmo com a proximidade das minhas relações com os lutadores. Pouco se falou sobre as “bombas” e seu uso antes das competições. Porém, é um assunto tabu, no qual pouco se fala geralmente. As musculaturas definidas e volumosas e a resistência de maratonistas de alguns lutadores fazem pensar sobre essa possibilidade. Entretanto, é importante ressaltar mais uma vez, que não há dados nessa tese que ratifiquem a ideia do uso de esteroides pelos atletas.

Quanto aos perigos da desidratação, posso afirmar que o processo de perda de peso requer um sacrifício desgastante ao atleta. Suas aparências se transformam. Seus rostos “afinam”, os músculos e veias aparecem de forma muito rápida e o sofrimento e desgaste dos treinamentos são visíveis. Há certa irritação por parte dos atletas nesses momentos. Segundo um dos atletas: “dá vontade de bater em todo mundo”. E isso, claro, não é muito saudável para a sociedade quando essas palavras são advindas de um lutador de MMA. Em razão disso, não há trabalho de *sparring* durante a última semana de preparação. Esse trabalho requer uma frieza e autocontrole que são muito difíceis dentro dessa restrição.

A perda de peso, então, é um elemento de desgaste de energias físicas e psicológicas para os lutadores. Perder até vinte quilos do peso “normal” dos lutadores requer cuidados por parte de eventos e empresários. A pesagem perto da luta já é realizada por alguns eventos. Assim os lutadores não poderiam perder muito peso para lutar, pois não poderiam estar enfraquecidos na hora do combate. Isso evitaria a perda exagerada e os atletas lutariam com o peso mais próximo da época de treinamento. Esta é apenas uma das sugestões que poderiam ser pensadas. A certeza é de que há necessidade de reformular essas dinâmicas para que os atletas estejam mais bem protegidos e consigam uma vida mais longínqua no esporte.

Até aqui, descrevi a preparação técnica e alimentar para os eventos de MMA. Mas, algumas questões podem ser suscitadas em relação ao adversário. Por exemplo: “com quem deve-se lutar no MMA?” há uma preocupação com a qualidade do adversário? É isso que passo a descrever a partir de agora.

Estudar o adversário é uso frequente nas artes marciais mistas. Afinal, enfrentar um “trocaador” ou um “grappler” requer mudanças na estratégia. Isso já foi descrito nessa no capítulo anterior. O meu objetivo nesse momento é compreender com quem os atletas querem lutar. Um dos diálogos relevantes sobre essa temática ocorreu em um treino na academia. O “mestre” havia “conseguido uma luta” para Diego

Demétrio, atleta peso médio. O treinador chega à academia e Diego está alongando-se para começar mais uma sessão de treino. O técnico diz para o lutador que havia conseguido uma luta para um evento e que teriam dois meses de preparação. O lutador fica entusiasmado com a ideia. Porém, ao saber quem é seu oponente, surge o seguinte diálogo entre os o atleta e seu técnico:

Sérgio: querem te botar pra lutar com o Gustavo.

Diego: Quantas lutas ele tem?

Sérgio: Duas, parece.

Diego: Aí é foda, não luto com mosca morta. Quero adversário difícil. O que ele luta?

Sérgio: parece que é do *muay thai*. Tem que levar para chão.

Diego: É, mas deve ser mosca morta.

Sérgio: Deve ser, não vamos aceitar. (D.C. 11/08/2015).

Em um primeiro momento, o diálogo parece confuso, pois lutar com um “mosca-morta”, ou seja, um lutador muito fraco, sem condições de enfrentamento, parece uma vantagem para os atletas, já que a vitória estaria garantida. Mas, não é isso que ocorre. Os atletas desejam desafiar-se e competir com outros atletas que tenham condições de fazer “um bom show”. Por isso, lutar com um lutador muito “fraco” é “queimar o cartel”. Os eventos geralmente chamam lutadores “casca-grossas”, aqueles que o público gosta de ver. A vitória ou a derrota, aqui, se relativizam. Antes mesmo de entrar no octógono o atleta deve construir uma imagem de um “lutador duro”, ou seja, alguém que dê condições de fornecer um bom espetáculo. Isso ocorre não apenas para que esses atletas sejam chamados para os eventos, mas também para que os oponentes aceitem as lutas contra eles.

8.1 Saindo do octógono; lutador mais “bom-moço”. O que está em torno de quem luta?

Essa imagem não é apenas construída “entre as grades”. Há uma série de estratégias que os lutadores utilizam para produzir uma imagem condizente com o que se espera de uma artista marcial. Por essas ideias, faço, a partir de agora, um movimento

de “saída do octógono”. Meu intuito é compreender as relações entre outros atores, como os patrocinadores, as produtoras de eventos e os empresários de MMA. Todos esses elementos envolvidos na construção social desse esporte tão complexo e difuso.

Com o crescimento do esporte, as produtoras de eventos começaram a adentrar nas artes marciais mistas. O trabalho destas empresas é criar marcas para eventos, produzir as imagens e construir a ‘antessala’ dos combates. Essa construção se dá pela divulgação na mídia especializada, principalmente na divulgação via internet. Tanto os eventos quanto os lutadores têm perfis nas redes sociais que mostram fotos de lutas e treinamentos. Alguns atletas postam fotos sobre o seu dia-a-dia, conforme seus objetivos da construção da imagem do atleta. Vários lutadores famosos, como Rodrigo Minotauro, Fabrício Werdum e Wanderlei Silva têm perfis no *facebook*, *twitter* e *instagram*, onde mostram suas rotinas. As produtoras estão por trás desses perfis. Se em um primeiro olhar, as postagens são um mero indicativo do cotidiano do lutador, elas têm uma intencionalidade que está vinculada aos objetivos de construção de carreira e imagem do atleta.

Durante a pesquisa, tive contato com a “cfx produtora”, empresa que possui os direitos de imagem de alguns atletas do Rio Grande do Sul. É uma empresa pequena, assim como o MMA gaúcho também é. Seu proprietário é um praticante de *muay thai* e tive alguns momentos de registro do trabalho dele na academia. Carlos treinou durante algum tempo na academia e tive a possibilidade de registrar alguns momentos de trabalho e treinamento do empresário. Sua empresa também faz as filmagens dos eventos de artes marciais mistas. Ele faz o trabalho de “direção de imagem”: posiciona as câmeras, orienta a iluminação e conduz as filmagens dos combates. É um personagem arrogante, de pouca fala e olhar “no vazio”. A “marra” é uma característica muito comum no universo das lutas. Carlos é a materialização dessa afirmação.

Apesar disso, ele me forneceu dados importantes para a pesquisa. O mais relevante deles foi um dia em que assistia a uma filmagem de um vídeo promocional, em que Antônio, um atleta da equipe, iria lutar e o produtor orientava como o lutador deveria se portar para desafiar seu adversário. A riqueza empírica está nas “descontinuidades” da filmagem. Apresento o diário abaixo para depois comentar: Intitulei esse diário de “o desafio ensaiado”:

Carlos, que observava o treinamento de Antônio, diz para Sérgio: “mestre, quando tu acabar o treino vamos fazer umas imagens com ele. Era bom filmar o trabalho de *muay thai*, que

ele é mais forte”. Sérgio responde: “Tranquilo, acho que está bom por hoje. Deixa ele descansar um pouco que a gente grava uns chutes.” O atleta, que não foi consultado sobre nada até então, diz: “Certo, mestre. Como o senhor quiser.” E pergunta para Carlos: “Vamos gravar alguma coisa para a luta?” Carlos responde: “Vamos gravar os chutes e depois vamos gravar tu desafiando teu adversário.” O atleta responde: “Ok.”

Sérgio coloca as manoplas e começa a dar algumas sequencias para Antônio fazer. São variações de chutes e socos: jab, direto e chute baixo; direto, cruzado de esquerda e chute alto, além de algumas cotoveladas e joelhadas. Carlos orienta: “bate com mais vontade, vamos mostrar pra ele que tu vai arrancar a cabeça dele.” O atleta intensifica os movimentos. Carlos orienta mais uma vez: “mais força agora no final, é o último gás”. O atleta coloca mais energia nos movimentos, imprimindo um ritmo que ainda não tinha conseguido durante todo o treino. Carlos fala: “muito bom. Agora sim.” Os últimos trinta segundos são mais intensos e, ao final, o atleta senta no chão, mostrando o cansaço a que foi acometido.

Após alguns momentos de descanso, o lutador vai ao vestiário e coloca uma camiseta seca, com o nome da equipe e com a logo marca de alguns patrocinadores. É a hora da gravação do vídeo em que o lutador “desafia” seu adversário para a luta. O lutador se posiciona em frente à grade de MMA e o produtor faz alguns ajustes na câmera. O produtor orienta o atleta: “tem que fazer cara de mau. É bem tranquilo, quando eu der o sinal, tu fala: “Careca (seu oponente), pode esperar, esse cinturão vai ser meu, tu não vai conseguir tirar ele de mim.” A frase, apesar de simples, é repetida algumas vezes pelo produtor. O lutador diz que entendeu. A gravação começa, o produtor direciona a câmera para o atleta e, com a outra mão, faz um sinal de “ok.” Antônio não consegue decorar a frase e Carlos repete mais uma vez. A gravação recomeça, Antônio novamente não consegue dizer o que fora combinado e agravação para. Carlos novamente orienta Antônio, que se concentra e diz: “ta, pode gravar, é a última vez, vou conseguir.” Finalmente, na terceira vez, o atleta consegue falar as palavras de “desafio” para seus adversário. Carlos para a gravação e mostra para Sérgio e para o atleta. Os dois acham que o vídeo ficou bom. Carlos finaliza: “Ok, vou editar e hoje a tarde já boto no face (book).” Os três se despedem e vou fazer meu treino.

Quando chego a casa, a tarde, procuro o vídeo na página da produtora do facebook. O vídeo tem cerca de dois minutos, mostrando alguns fragmentos de luta do atleta, algumas imagens do treino da manhã e a fala final. Parece bem diferente do que vi na sala de treino. Obviamente, o produtor não aparece no vídeo e as dificuldades demonstradas durante o treino não são mostradas. As imagens mostram um lutador aguerrido, habilidoso e quase imbatível. Suas palavras parecem ameaçadoras, sua voz é firme e o desafio parece quase pessoal em relação ao outro atleta. As fragilidades desapareceram, os erros não foram mostrados, Antônio aparece quase como um

super atleta, um homem de ferro capaz de nocautear quem apareça pela frente. Enfim, acho que o vídeo foi bem produzido (D.C. 12/12/2014)

O vídeo demonstra os mecanismos propositais de construção do atleta. Antônio não poderia parecer um “mosca morta”, deveria construir uma imagem desafiadora e saber “vender a luta”, com um desafio quase pessoal contra “careca”, seu oponente, quase rival. A luta foi bem vendida. O papel da produtora é esse: transformar a luta em um desafio, se não “não vende”. Antônio nem conhecia seu adversário. Não havia rivalidade entre eles. Mas um esporte de combate deve causar uma tensão/excitação (ELIAS, 1992) que ultrapasse o octógono. Deve-se vender a luta para, principalmente uma disputa de título ou “cinturão”. Uma idiossincrasia das artes marciais mistas é que o esporte, no seu nascedouro, é espetacularizado. Diferente de outras modalidades, onde há uma federação e confederações que controlam e muitas vezes, amparam financeiramente o esporte, o MMA é um produto antes de tudo. Por mais que eu tenha mostrado no capítulo anterior que há muitas características próximas às artes marciais mais “tradicionais”, para que os eventos aconteçam, é preciso que o público se interesse pelas lutas. Suas regras e os eventos são direcionados para a venda. O MMA faz muito bem isso. Sabe se vender, e para que os atletas tenham sucesso na carreira, eles devem saber lidar com os produtores, os empresários e os patrocinadores.

Sobre esse último elemento – os patrocinadores –, também chamados de “*sponsor*”⁶², há uma relação também complexa com os atletas. Na equipe pesquisada, encontrei pouco auxílio advindo desse tipo de fonte. Os relatos são de “apoios” e não de patrocínios para as lutas. Em uma das minhas entrevistas, um atleta me relatou a seguinte frase: “quem nos ajuda é fisioterapeuta em início de carreira”. Assim, os “apoios” são por troca de serviço. No caso dos fisioterapeutas, como os atletas têm muitas lesões em razão dos treinamentos extenuantes, eles proporcionam sessões de fisioterapia em troca dos “*pats*”, marcas que se colocam nos calções na hora da luta. Nesse caso, não há dinheiro envolvido. E foi essa relação de troca que preponderou durante a pesquisa. Alguns atletas usam algumas marcas de roupa em troca da divulgação da marca, lojas de suplemento e restaurantes. Porém, os atletas sempre têm a esperança de conseguir um bom patrocínio.

Em razão disso, as postagens no *facebook*, por exemplo, são feitas para divulgar a imagem do atleta e, com isso, fazer com que ele tenha mais “seguidores” e

⁶² A tradução é: patrocinador. O termo é utilizado tanto em português quanto em inglês pelos atletas.

maior possibilidade de ser patrocinado. Uma diferença marcante entre minhas duas experiências etnográficas (a primeira foi em 2009-2010, no mestrado) é a relação com a rede social. É muito grande a quantidade de fotos e comentários nas redes sociais sobre os treinamentos e as lutas. Afinal, em um mundo ‘conectado’, em que muitas pessoas publicam suas rotinas em sites que têm o propósito de compartilhar seus dados para diferentes pessoas, os lutadores de MMA seguem essa mesma lógica. Quase todos os dias de treino alguém posta fotos e comentários no *facebook* quando o treinamento acaba. Comecei, então, a fazer alguns registros sobre isso nos meus diários. Abaixo, cito uma parte de meus diários destinada a este fim:

Ao fim do treino, Felipe pede para quem participou do treino se juntar para tirar uma foto e “portar no face”. Todos fazem um sinal com o indicador levantado ou um sinal de “v” e “postam” a foto, na qual “marcam” as pessoas (inclusive eu) que participaram do treino. Após isso, os celulares são o principal atrativo no tatame. Aqueles que acabaram de treinar, comentam sobre as “curtidas” e “comentários” que seus “amigos” estão fazendo sobre a foto. Termos como “ficou irada a fotinho”, “fulano já curtiu”, “só casca-grossa” são os mais utilizados. A área de treino parece que perde a importância nesse momento, e os celulares ganham um valor que me chama a atenção. Parece que quem está “fora” se tornou mais importante do que quem está “dentro” (D. C. 10/12/2014)

Felipe, lutador profissional de 28 anos, é um exemplo de atleta com essa preocupação de publicação em redes sociais. Diversas ações como essa foram observadas durante a pesquisa, sempre com algumas preocupações da parte dele, como: tirar a camisa na hora da foto e aparecer sempre sorrindo. Mas, a partir disso, seria interessante compreender porque há essa preocupação com as postagens? O que os atletas podem mostrar nas imagens compartilhadas? O que não mostrar? Porque mostrar?

Algumas dessas questões foram descortinadas durante um almoço no qual eu participei ao final de um treino. Por ter uma relação de amizade com Felipe, este me confidenciou algumas coisas interessantes do ponto de vista acadêmico em relação ao seu comportamento que ajudam a compreender os significados ligados às postagens. Abaixo, apresento o referido diário.

Felipe e eu saímos do treino de *jiu-jitsu* que acabara a pouco e combinamos de almoçar em um restaurante perto da academia, que é chamado de “caminhoneiros”, pelo aspecto de suas instalações. Penso em não ir, pois não aprecio muito o local nem a comida, porém, sei da (precária) situação financeira desse atleta e penso que esse almoço não é uma questão de escolha, apesar das brincadeiras que são feitas em torno desse local e de ele já ter criando uma espécie de “mística” durante as conversas na academia.

O lugar é muito simples: um Buffet com comidas do dia a dia: saladas, arroz, massa, carnes (apenas uma por pessoa, diz uma papel pendurado na mesa), com mesas e cadeiras de madeira em um ambiente escuro e pouco ventilado, com três ventiladores espalhados pelas paredes, porém apenas um estava funcionando. Sentamos e começamos a comer e surge o seguinte diálogo:

Felipe: Cara, to de cara com essa falta de grana. Os caras lá da equipe só me sugam. Eu treino e não ganho nada. E ainda tem que seguir as regras.

Eu: que regras?

Felipe, Cara é um monte de coisa (começa a me listar as orientações)

1. Não brigar na rua.
2. Não entrar em discussão política no facebook
3. Não deixar ser fotografado em festas
4. Não ser fotografado com bebidas
5. Não postar fotos treinando em outros lugares (outras academias)
6. Tentar sempre tirar fotos com a camisa da equipe.
7. Tentar tirar fotos sempre com a camisa dos patrocinadores(D.C. 15/02/2015).

Após esse almoço, começo a pensar sobre alguns pontos da conversa. Em primeiro lugar, as postagens das fotos dos treinamentos são direcionadas, tem um propósito: além de aparecer treinando e divulgar a marca de sua equipe, é importante que o atleta apareça nas redes sociais com a logomarca dos patrocinadores. Existe uma relação de interesse entre as marcas e os atletas. Assim, enquanto as marcas apoiam os lutadores, estes divulgam as empresas nas redes sociais. Assim, se Bourdieu (1986) nos ensina que “não há ato desinteressado”, o mesmo pode ser dito no caso do MMA. As fotos podem parecer sem importância no contexto, ou apenas uma continuidade de um comportamento comum entre as pessoas na atualidade. Porém, ao tentar compreender os significados dessas postagens, percebe-se que elas têm relevância e fazem parte da construção simbólica do lutador.

Apesar dessas questões, no caso da conversa que apresentei, o que mais me chamou atenção foram as “regras” determinadas pela equipe, as quais Felipe reclamava de ter que obedecer. Do ponto de vista do atleta, essas regras eram uma maneira de tirar

sua liberdade de publicar na sua rede social aquilo que ele quisesse. Esses itens, então, serviriam como um padrão de comportamento no qual ele deveria se adaptar. Era latente a sensação de descontentamento de Felipe. Ele não via sentido em ter que obedecer a regras fora da academia, já que se dedicava aos treinamentos com disciplina e, para ele, isso deveria bastar.

Porém, no caso de lutadores profissionais, essas regras de comportamento não são novidades. Joe Luis, boxeador americano e campeão mundial da década de 40, obedecia a uma “cartilha” (FLORES, 2001) redigida por seus empresários, na qual ele deveria satisfazer algumas recomendações de comportamento dentro e fora do ringue. Dentre elas: não menosprezar adversários, não depreciar adversários caídos (nocauteados), não ser visto bebendo e não sair com mulheres brancas (Joe Luis era negro).

Apesar das diferenças entre os dois lutadores, tanto de época quanto de importância no universo das lutas, não é difícil notar as semelhanças entre as duas passagens. As determinações visam construir uma imagem de um atleta que se comporta de uma maneira aceita socialmente. Esses hábitos giram em torno de o que Fraga (2007) denomina de “bom-mocismo”, ou seja, uma maneira de se comportar aceita como positiva pela sociedade pela qual os indivíduos de determinados grupos se moldam em um processo de incorporação de conceitos.

No caso das lutas, não é difícil perceber as razões desses processos. Em uma sociedade em que a tolerância à violência é diminuída (ELIAS, 1992) e discursos sobre a relação entre educação e não-violência fazem cada vez mais parte da rotina social, nos meios de comunicação e no cotidiano dos indivíduos, esportes como o boxe ou o MMA, em que o contato entre os praticantes é intenso e seu vínculo com o discurso de violência é realimentado, não é estranho que esses atletas sejam conduzidos a terem um comportamento que os desvincule desses padrões.

Ser um “bom-moço” garante de alguma forma que os lutadores sobrevivam dentro do universo do MMA. Essa afirmação foi confirmada em uma passagem de meu trabalho de campo em que, após algumas conversas com Felipe, eu tentei “fechar patrocínio” para ele com alguns empresários de Porto Alegre. Como tinha proximidade com essas pessoas, não seria difícil o acesso a elas. E assim fiz. Comuniquei-me com dois empresários de ramos diferentes para tentar o acerto. O primeiro deles, dono de um conhecido restaurante japonês, respondeu de forma negativa ao pedido, alegando que “não seria legal ligar a marca da empresa a um esporte violento” (D.C.18/12/2014). Na

segunda tentativa, eu falei com o dono de uma empresa de impermeabilização. Com o qual seguiu o diálogo que apresento abaixo.

Eu: Tudo bom? Eu tenho um amigo, lutador de MMA profissional, que está precisando de patrocínio. Acho que dá uma visibilidade para a marca. Queria saber se a (empresa) faz esse tipo de ação ou se tem interesse em fazer?

Rogério: Não costumo fazer, mas posso pensar. Como é o comportamento dele:

Eu: O cara é tranquilo, na paz. Treina bastante, não se mete em confusão (informações dadas de acordo com as reflexões da primeira conversa).

Rogério: Não é brigão de rua?

Eu: Não, é de confiança. Se não fosse, nem tinha te procurado.

Rogério: Tu me dizendo, vou confiar. Tem B.O.?

Eu: Não, é limpo, pode confiar.

Rogério: Qual a idade e cartel dele?

Eu : 24 anos, 4 lutas. Três vitórias e uma derrota

Rogério: Passa o face dele que vou dar uma olhada. Amanhã falo contigo.

Eu: (endereço do *facebook*). Falou.

A conversa acaba e digo para o atleta que Rogério irá entrar em contato com ele para conversar. Ele me agradece e esperamos até o outro dia. (D.C. 18/02/2015)

Na noite seguinte, Rogério me procura e diz que vai fechar com o atleta o patrocínio de um ano. No final da conversa, me diz: "Parece um bom guri."

As duas conversas relacionaram a luta à violência. Era latente a preocupação dos empresários em ligar suas empresas a um esporte violento. Mais do que isso, envolverem suas marcas com lutadores do tipo "pit-boys"⁶³ ou brigadores de rua. No primeiro caso, a negativa se deu justificada pela dita violência do esporte. No segundo caso, apesar de o patrocínio ter tido sucesso, os questionamentos do empresário foram sempre no sentido de conhecer o comportamento do atleta fora da academia.

As primeiras perguntas do diálogo foram nesse sentido. Só após a confirmação de uma imagem de não-violência, é que as perguntas sobre o cartel do lutador entraram em debate. Considero, então, que a importância atribuída aos comportamentos 'fora do octógono', nesse caso, foram determinantes para o êxito do negócio. Afirmção ratificada pela fala final do diálogo: "parece um bom guri", termo inesperado, pelo menos para mim, já que se trata de um lutador de MMA.

⁶³ Referência a um tipo de praticante de *jiu-jitsu* dos anos noventa que ganhou essa alcunha por se envolver em brigas de rua, no Rio de Janeiro. Cechetto (2004) faz uma análise detalhada desses personagens.

O “bom mocismo” evocado por Alex Fraga (2000), na obra “corpo, identidade e bom mocismo” parece fazer sentido nesse momento da tese. Os lutadores devem produzir uma imagem de “bom-moço”, comportar-se bem, ter uma boa relação com os amigos, não ser fotografados em festas, não ser fotografados bebendo são características que constroem a imagem do bom-lutador. Relacionando o termo com o processo civilizador Elisiano, o “bom-mocismo” é uma ratificação desse processo. A diminuição da tolerância à violência na configuração atual faz com que os atletas tenham que obedecer a uma cartilha de comportamento e “não brigar na rua” é uma obrigação dos lutadores. Sob essa ótica, as técnicas aprendidas na academia só podem ser utilizadas dentro do octógono. Fora dele, o lutador deve ter um autocontrole que é condizente com o processo civilizatório. Afinal, as lutas têm regras, proteções e igualdades de condições. Na rua é briga. Não se deve brigar.

A partir dessas reflexões, há a necessidade de uma reflexão a partir de uma pergunta que está presente em alguns trabalhos sobre lutas: O que forja um lutador de MMA? Em primeiro lugar, é importante ressaltar a importância da obra elisiana nesse processo. A leitura e reflexão sobre os conceitos do autor permitiram uma análise mais ampliada dos processos de construção do indivíduo. Termos como: “interdependência”, “configuração” e os textos sobre violência no esporte apresentados na primeira parte da tese permitiram-me direcionar um olhar mais atento para outras instâncias do MMA. Como já havia determinado no processo de qualificação do doutorado, esse pressuposto (configuracional) teórico-metodológico foi importante, também, na empiria. Ele me ajudou a ‘me deslocar’ de dentro para fora do octógono, identificando que olhar apenas para a academia, para os treinamentos e para os níveis de violência dos *sparrings* é direcionar um olhar para uma fração do processo.

Há outros níveis de atuação do lutador que passam pelas outras instâncias dessa configuração formada por uma diversidade de elementos, como: os patrocinadores, a equipe, as redes sociais e o mercado das lutas que possuem uma relação de interdependência na qual esse indivíduo tem que aprender a transitar.

Enfim, o que posso escrever após essas considerações é que o lutador de MMA se constrói dentro e fora dos treinamentos. A relação com os patrocinadores e empresários, os comportamentos perante a equipe e as interações na rede social fazem parte dos processos de aprendizagem aos quais me referi no primeiro tópico. Não apenas saber levar socos, ter uma boa “trocação” ou um “chão afiado” forjam um lutador, mas também tirar fotos e ser um “bom guri”.

Muitas questões ainda vão aparecer ao longo da tese, com referência à mídia e aos eventos. Mas pelo que já foi produzido até aqui, concluo que trabalhos como os de Wacquant (2002), Nunes (2004), Gastaldo (2001) e Spencer (2009) trazem elementos muito ricos dos processos de construção do lutador. A “forja” a que esses trabalhos tanto se referem é relativa a processos como os que eu apresentei no primeiro e segundo tópicos. Porém, a minha tese é de que essa forja se dá ‘para além da academia’.

Apresentei, então, uma parte do “entorno” do MMA: a dieta de preparação para as lutas, a perda de peso através da desidratação e a relação com os patrocinadores. Tudo isso para que o atleta esteja pronto para participar dos eventos de artes marciais mistas. Mas, como são esses eventos? Como eles são estruturados? Essas são as questões que passo a responder a partir de agora. Adentrando, assim, no universo dos combates de MMA, eu apresento primeiramente a “pesagem”, um evento que antecede o evento. Na passagem a seguir, faço um relato de uma pesagem que participei em um hotel de Porto Alegre, que antecedeu os combates do “Jungle Fight”.

8.2 Os eventos de MMA: A pesagem, os *cards* e o UFC como sonho.

Ao chegar na pesagem, eu noto um certo clima de tensão no ar. Ela ocorre em um hotel luxuoso de Porto Alegre. Entro e noto vários veículos de imprensa dispostos à frente da balança. Atrás destes, estão vários atletas, com rostos concentrados e visivelmente mais fracos, já que a maioria deles perde muito peso antes das lutas. O principal processo que esses atletas recorrem para os quilos que ainda faltam horas antes das lutas é a “desidratação”, está é realizada, normalmente, com alguns minutos, às vezes horas, dentro de uma sauna. Esse processo faz com que o atleta perca muito líquido e consiga “bater o peso” (chegar no peso limite da categoria).

O próprio hotel que realiza o evento da pesagem disponibiliza a sauna para os atletas. Em razão disso, alguns lutadores entram na área de pesagem enrolado em toalhas, pois acabaram de sair do local indicado para a desidratação⁶⁴ O evento inicia e os lutadores são separados por categorias. As pesagens são divididas como as lutas:

⁶⁴ Outros processos são utilizados para a perda de peso antes dos eventos como: exercícios com roupas térmicas, banheira com água quente e álcool, bicicletas ergométricas e corridas. Mas a sauna parece ser o meio mais comum de desidratação.

primeiro pesam-se os lutadores do *card* preliminar, depois os do *card* principal.⁶⁵ As primeiras pesagens são pelas categorias mais leves. Os indivíduos sobem na balança e todos olham para o numerário marcado com atenção. Quando o atleta “bate o peso” são ouvidos aplausos e gritos por toda a sala. Os atletas vibram como se tivessem ganhado uma luta. A minha sensação é de que há um combate (contra a balança) que antecede a disputa no octógono. Vários relatos sobre o peso ocorreram em meus diários, e esse também foi um tópico na construção das entrevistas, tendo em vista que, durante as observações etnográficas (e mesmo antes disso, como participante da equipe), eu percebi a importância desse tema para os atletas e para a equipe. Em uma das entrevistas o atleta Claiton relatou uma passagem sobre isso:

Procuro sempre fazer dieta, quando eu preciso perder peso eu não faço nem sauna nem desidratação eu não costumo fazer. Eu faço uma dieta bem rigorosa, bastante treino e vou me fortalecendo. É assim que eu venho fazendo pra eu poder chegar no meu objetivo.

Sempre eu tento manter a minha rotina de treino e dieta, mesmo tendo luta marcada ou não. Mas com certeza, quando tem luta marcada, aí eu intensifico o treino. Mas eu sempre tento manter a minha preparação física em dia, meus treinos, a parte de trocação, a parte de chão. E a dieta também assim, não tão rigorosa, mas eu continuo assim cuidando muito essa parte de doce e sal e muito carboidrato, somente o necessário assim pra não ter muito sacrifício na hora de perder peso. (ENTRAVISTA, 30/10/2015)

No momento da pesagem, eu compreendo a importância dessa “disciplina” alimentar e na rotina de treinamento. No caso de Claiton, nunca houve uma luta em que ele “não batesse o peso” e, segundo suas palavras, não faz nem a desidratação tão falada antes da luta. A relevância desses cuidados, então, é visível para mim nesses momentos. Muitos lutadores, ao entrarem para a pesagem, aparentam uma apatia condizente com a falta de alimentação e desgaste físico e psicológico da desidratação. Em algum momento penso que a hora da luta pode ser a parte menos desgastante da rotina desses atletas. Muitos lutadores passam pela balança. Todos conseguem alcançar

⁶⁵ Discorrerei sobre a que é “card” e as diferenças entre “preliminar” e “principal” posteriormente.

as marcas estipuladas para as suas categorias. A torcidas e os seus técnicos vibram com as marcas de seus atletas, que também demonstram uma espécie de alegria e alívio.

Entretanto, na pesagem de uma das principais lutas do evento, na categoria “pena” (até 65,7 quilogramas), o atleta “Foguinho”, da equipe Basilian top team, não consegue “bater o peso”. Faço o seguinte registro em meu diário de campo:

Agora é a hora da pesagem da categorias pena (até 65,7 Kgs). O primeiro lutador, “morceguinho”, atleta da chute boxe de Balneário Camboriú, entra na sala. Os presentes girtam seu nome. O atleta tem um “cartel perfeito”, com trinta vitórias e nenhuma derrota. Ele está visivelmente mais magro do que eu costumo ver nas suas lutas. As veias e músculos aparecem exposto um corpo desgastado pela desidratação, mas sorridente com a certeza do porvir. Ele sobe na balança, aos cuidados do “dono do evento”, de seu treinador, do “*anouncer*” do evento e do treinador de seu adversário. Ele “bate o peso”. O *anouncer* diz: 65.6 (cem gramas abaixo da categoria). O atleta vibra junto com sua equipe, a comemoração lembra um gol em um estádio de futebol. O atleta sorri e faz uma pose levantando os braços e contraindo os bíceps, pose clássica nas lutas.

Entra o seu adversário, “foguinho” a expressão dele e da equipe é de preocupação. Os rostos sérios, como se soubessem que algo de não muito bom iria acontecer. O lutador está cabisbaixo e fraco, visivelmente muito fraco. Ele sobe na balança. Seu peso é anunciado: 66.2 (quinhentos gramas acima do peso da categoria). Há um silêncio na sala, o lutador e seu técnico ficam visivelmente constrangidos com a situação. A equipe adversária fica contrariada, faz sinais de negativo com a cabeça e diz algumas palavras entre eles que não são audíveis. Fico curioso com o desfecho da situação.

Agora é a vez de Walid Smail (dono do evento) entrar em cena. Ele que, até o momento, talvez por tudo estar se desenvolvendo dentro do esperado, faz uma intervenção interessante: “O “Foguinho” não bateu o peso, não foi profissional. Agora depende do adversário (Morceguinho) aceitar lutar com ele ou não. Se o Morceguinho não aceitar, só ele recebe a bolsa e não tem luta. O Foguinho não recebe nada. Se o Morceguinho aceitar, tem luta mas o adversário vai perder vinte por cento da bolsa. No MMA não tem mais espaço pra amador, tem que ser profissional. O “dono do evento” pergunta ao atleta se ele ainda aceita a luta, mesmo o adversário sem bater o peso. Morceguinho aceita. Há vibração na sala e gritos de “guerreiro”. Todos aplaudem e Wallid dá o recado: Não bateu o peso, vê se dá o show amanhã, se não, não luta mais no meu evento.” Fico pensando nessa flexibilização das regras, o atleta não bate o peso mas luta, com a concordância do adversário. Wallid Smail resolve a situação como lhe apraz. Ele pode. É o “dono do evento” (D.C. 20/12/2014)

O dono do evento é um personagem interessante nessa caminhada analítica, pois ele provoca alterações na configuração. Uma delas foi descrita acima. Ao mesmo tempo em que “pune” o atleta tirando vinte por cento de sua bolsa, ele acha uma maneira de pressionar o lutador para “dar um show” (fazer uma boa luta) no dia seguinte. Além disso, ao chamar a atenção para esse combate, faz com que os olhares dos espectadores sejam voltados para a luta. Ele cria uma espécie de “mocinho” (aquele que aceitou a luta, mesmo prejudicado pela diferença de peso) contra “bandido” (aquele que não foi profissional, que não bateu o peso). Essa estratégia é amplamente utilizada no mundo das lutas. Há registros de desafios entre boxeadores que criavam uma “inimizade” antes das lutas desde a década de sessenta (REMINIK, 2001). Um clima que mistura elementos de um “esporte” com uma “briga” criando uma agradável tensão/excitação (ELIAS e DUNNING, 1992) no público e na mídia.

Wallid Smail, o “dono do evento” certamente sabe o que faz. Ele é um ex-lutador que fez parte de uma famosa equipe dos anos noventa, no Rio de Janeiro: a “Carlson Gracie *jiu-jitsu*”. Seu fundador, que dá nome à equipe, foi um lutador da família Gracie nos anos sessenta. Ao constituir a academia na Rua Figueiredo de Magalhães, no Rio de Janeiro, aonde dividia o espaço com seu primo Rolls, contruiu uma das equipes com mais títulos no *jiu-jitsu* de que se tem notícia (AWI, 2012). Alguns de seus lutadores tiveram destaque no (até então chamado de) vale-tudo, no Brasil e no exterior. Nomes como Ricardo Libório, Ricardo Arona, Vítor Belfort e Zé Mário Sperry frequentaram os tatames do decano da família Gracie nos anos noventa.

Wallid Smail foi um desses atletas. Há muitos relatos nos livros (Gracie, 2002; AWI, 2012) que mostram as estratégias de Marketing que o lutador utilizava para promover as lutas. Como atleta, Wallid Smail realizou vários combates de vale-tudo no Brasil e no exterior. Mas foi como promotor de evento que sua carreira teve mais sucesso. Foi dele a ideia da criação de um evento de MMA brasileiro que ressaltasse as peculiaridades do país. Por essas ideias, e como as primeiras lutas ocorreram no estado do Amazonas, seu fundador nomeou o evento de “*jungle fight*”⁶⁶. Essas lutas foram tendo visibilidade no país, principalmente por terem sido a porta de entrada no esporte para lutadores como Lyoto Machida, José Aldo e Fabrício Werdum, nomes que viraram

⁶⁶ A tradução mais próxima poderia ser batalha na selva.

destaques do UFC. O próprio evento se intitula "o melhor evento de MMA em todo o Brasil e América Latina"⁶⁷, e é reconhecido no mundo das lutas por ser uma possibilidade de ingresso em eventos maiores. Com o crescimento da marca e o posterior deslocamento das lutas para outras cidades do país, o evento tem sua primeira edição em Porto Alegre.

Ao realizar essa observação que venho descrevendo, eu noto o protagonismo, então, desse personagem. Ele dita as regras de acordo com os interesses da sua organização e vai 'adaptando' as regras de acordo com seu interesse. Materializando essa afirmação, cito mais uma passagem que ocorreu no mesmo evento, ao final da pesagem:

Finda a pesagem. Os lutadores posicionam-se em frente ao espaço destinado aos patrocinadores. Atrás dos atletas um banner grande com as principais marcas que apoiam e patrocinam o *jungle fight*. Todos fazem a famosa "cara de mau" dos lutadores. Alguns fecham o punho e colocam a frente do rosto em uma posição de "guarda". Outros apenas olham para as câmeras de cima para baixo. Nenhum sorriso. Wallid Smail se posiciona na frente dos atletas. Sua expressão também não demonstra cordialidade. A sensação é que uma guerra está prestes a acontecer (D.C. 20/12/2014).

Penso que, quem vê de fora, pode pensar numa "batalhas de gladiadores" na "arena" *jungle fight*. Um retorno às famosas disputas pela honra. A minha opinião é de que nada tem de "medieval" nessa cena. Tendo em vista a intencionalidade do "clima" de guerra. A expressão "agora é guerra" foi repetida várias vezes pelo promotor do espetáculo. A sua última fala chama a atenção: "galera, seguinte: Amanhã é guerra. Não quero ver ninguém "jogando na retranca", quero ver a porrada comer". Se perder e der show, vai lutar de novo no *jungle fight*. Se ganhar "amorregando" nunca mais vai ser chamado para lutar. "Porrada (aos gritos). Aqui o filho chora e a mãe não ouve". A fala parece ter efeito nos lutadores. Suas expressões ficam mais sérias. Seus rostos se concentram e, mesmo na plateia, um silêncio se instala. Os atletas juntam-se às suas equipes mais uma vez e muitos tiram fotos com Wallid Smail. Para a foto ele sorri, pois será "postada" em um outro contexto. Realmente não há ato desinteressado.

⁶⁷ Fonte : <http://www.junglefc.com.br/#!/quemsomos/c16fk>, acessado em 23/05/2016

Ao registrar a cena acima, passei a refletir sobre a vitória ou derrota no MMA. Será que a vitória é o elemento mais importante nas lutas? “Dar um show” não seria o elemento principal em um combate? Não tendo essas respostas, durante as entrevistas com os atletas, eu elaborei a seguinte questão: Tu achas mais importante no MMA ganhar as lutas ou fazer boas lutas? Abaixo, apresento as três respostas que me permitiram elucidar com maior clareza as análises:

Claiton: Bom, ganhar, todo mundo quer ganhar, né. Ninguém quer perder. Mas eu acho mais interessante tu fazer uma boa luta. Porque se tu fizer uma boa luta consequentemente tu vai ter a vitória, né. Mas as vezes acontece: tu faz uma boa luta e não vence. Então eu acho hoje tu fazer uma boa luta, porque? O mundo do MMA virou um negócio de dinheiro, então tem muito bom lutador, bom atleta que não m bom nocauteador, mas ele leva um público fora de série para ver ele lutar. Então eu acho muito interessante tu fazer uma boa luta porque tu vencendo ou não, tu vai ter a oportunidade de lutar novamente. Agora, fez uma luta ruim ganhou, tudo bem. É bom. Mas eu vejo que o pessoal quer show desde a parte de um movimento impossível até a tua vitória.

Felipe: Com certeza, fazer o espetáculo é mais importante que ganhar. Porque as vezes tu luta e, poh, tu tem uma vitória fácil, de repente não consegue demonstrar toda a tua técnica. Agora se tu pegar um adversário de nível e poder demonstrar toda tua técnica, todo teu trabalho que tu treinou pra chegar até ali é bem melhor do que ganhar. Mesmo perdendo. Eu prefiro perder e dar um show do que ganhar dum morto.

Diego: Sobre ganhar ou uma boa luta, hoje em dia, os promotores do evento eles querem não só a vitória, eles querem que tu faça uma boa luta, então tem eventos que priorizam uma boa luta pra tu te manter neles e tem eventos que cobram resultados, o cartel do atleta. Então eu acho que são duas estradas que levam no mesmo caminho. Eu acho que são dois fatores bem distintos. Acho que tu ganhar e fazer uma boa luta são determinantes para tu ter uma carreira de sucesso.

Os três lutadores sinalizam a importância de fazer boas lutas e dar bons espetáculos para o sucesso na carreira do lutador de MMA. Quando o “dono do evento” fala em “não jogar na retranca”, isso é entendido pelos atletas. Um esporte de contato deve ter contato. Proteger-se demais, não agredir o adversário é “amorregar” a luta.

Deve-se “ir para cima”, sem muito temor a levar um nocaute. Isso faz com que os atletas sejam recontratados pelos eventos. É um esporte e é um show.

Se Elias nos mostrou que o processo de “esportivização” se deu pelo regramento, igualdade de condições e outros atributos que fazem do esporte o que ele é hoje, as artes marciais mistas são um exemplo de uma junção de outras características que, junto-as com as elencadas por Elias, demonstram outro processo, que leva em conta que o esporte moderno (ou contemporâneo) é fruto de uma relação de interdependência com outras instâncias sociais como a mídia, os promotores e as relações de patrocínio. Esta configuração determina que a vitória, por exemplo, seja posta em segundo plano. O espetáculo é uma palavra que aparece com mais potência. Talvez seria apressado falar, por hora, em uma “segunda esportivização”. Mas é um tema a ser refletido a partir dessa pesquisa.

Após essas reflexões, é momento de voltar para o empirismo e meu objetivo é demonstrar como é a estrutura dos eventos, tanto no que diz respeito a sua composição física, quanto às dinâmicas de entrada, anúncios e seu sistema de divisão de lutas, os “cards”. Para tanto, nas linhas que seguem, farei um “passeio” pelas estruturas dos eventos que observei. Meu foco maior será sobre um evento que já relatei de passagem em Vitória, no Espírito Santo. Como já descrevi outrora, foi a observação com mais impacto nacional que pude observar, foi, por isso, o maior evento observado e, conseqüentemente, permitiu maior riqueza empírica paralelamente algumas digressões sobre eventos “menores” serão imputadas ao texto. Início pela entrada do evento. Assim registrei em meu diário:

Estou em Vitória para o Conbrace e, por coincidência, o atleta da equipe Luciano Mutante vai lutar no evento face to face, que ocorrerá na cidade. Decido assisti-lo. Saio do hotel e pego um táxi para ir ao evento. Chego ao local e a fila é bem grande na entrada do ginásio. Ainda não tenho ingresso, pois não tive tempo de ir até o local de vendas anteriormente. Entro na fila, mesmo sem ingresso, e percebo que há um grande número de pessoas que gostam ou praticam lutas. Noto isso pelo tipo físico das pessoas e pelas conversas sobre o tema. Muitos estão falando sobre dois lutadores locais que lutarão no evento. Alguns apostam em um, outros em outro. Há muitos casais também. O clima é de tranqüilidade, diferente do que se possa imaginar quando tantos lutadores/amantes de luta se juntam. Não converso com ninguém na fila, um pouco tímido por não ser “local” e por estar sozinho. A fila demora aproximadamente

20 minutos para chegar até a entrada. Quando eu chego no portão, há várias mulheres (muito bonitas) recebendo o ingresso de entrada. Aproximo-me de uma delas e digo: “estou sem ingresso, será que dá pra comprar um?” ela me responde: “Não tem mais, tinha que ter ido até os pontos de venda.” Eu pergunto: “mas não tem como conseguir?”. Ela diz: “não. Infelizmente.” Já sem esperança, vou saindo da fila, quando um casal, que está ao meu lado diz: “cara, temos um sobrando, pega aí.” Eu agradeço a gentileza e entro no evento.

Um banner do evento fica bem na entrada, ele é grande e traz escritas as nove lutas que comporão o card do evento. Há a foto de quatro lutadores no cartaz: Guilherme “Bomba” e Maurício “pedra”, que farão a disputa de título do evento pela categoria até 77 kgs, e de Pedro Rizzo e “Hawaiano”, dois pesos pesados que farão a luta de despedida de Pedro Rizzo, uma “lenda” da história do esporte. Entro no ginásio e, antes de chegar na arquibancada, há alguns bares que vendem cervejas, refrigerantes, crepes e churrasquinhos. Logo chego na arquibancada e percebo que a parte que fica de frente ao octógono está lotada. O octógono fica no centro do ginásio e em cima de uma estrutura de aproximadamente um metro e meio do chão. O que dá mais visibilidade à atração. Há vários patrocinadores com suas logomarcas escritas dentro do octógono. No caso desse evento é um hotel da cidade, onde os lutadores estão hospedados, uma loja de roupas da cidade e uma marca de suplementos alimentares.

Abaixo dele e em posição privilegiada, há a área vip. São cadeiras mais confortáveis do que a arquibancada e que estão distribuídas ao longo dessa área. Na primeira fila, estão algumas meninas que, na minha percepção, foram escolhidas “a dedo” para estarem ali. São mulheres muito bonitas, com roupas curtas. Também estão nessa fileira o “dono do evento”, Alex Gazé, e um lutador famoso, “Rodrigo Minotauro”, lutador do UFC. Em volta do octógono, estão os árbitros laterais (que dão as notas aos atletas), a cobertura da emissora sportv, que transmitirá ao vivo o evento. Há uma música tocando antes do início. O ginásio já está bem mais lotado do que quando cheguei.

O “anouncer” sobe no octógono e anuncia a abertura do evento. Ele exalta as lutas “bem casadas” do evento, e diz que será “um grande show”. Finaliza dizendo: “agradeço primeiro a Deus, depois aos nossos patrocinadores (cita os nomes dos patrocinadores). Você está no face to face. Não pisque”. (D.C. 12/09/2015)

Um elemento que chama a atenção na entrada da maioria dos eventos é um espaço em que são vendidas roupas de luta (o que chamam de *fight wear*), com camisetas, bonés e bermudas com logotipos de academias como *team nogueira* e atletas como Anderson Silva e Lyoto Machida. Muitas pessoas circulam nesse espaço, algumas comprando e outras só olhando o vestuário. A maioria dessas pessoas é de lutadores ou

praticantes de lua (facilmente reconhecíveis pelo porte físico, orelhas machucadas e as roupas com logotipos de equipe). Outra característica é a presença de “torcidas” com bandeiras de algumas equipes. A circulação de pais com crianças pelas arquibancadas também é grande. Não há um clima de animosidade entre equipes, inclusive elas ficam bem próximas. Não há separação de grades. Nunca relatei nenhuma briga na torcida dos eventos. Diferente dessa afirmação, os relatos de AWI (2012) descrevem as brigas que ocorriam nos ginásios de campeonatos de vale-tudo, no Rio de Janeiro, na década de noventa. A rivalidade maior era entre os lutadores de *jiu-jitsu* e de luta-livre. Com o passar do tempo, parece que os ânimos amainaram.

A “área vip” é um local separado da arquibancada por uma grade e dois seguranças que, pelo seu porte e “cara de mau” protegem mais o espaço do que as grades. É um lugar com um grande número de cadeiras, onde poucas pessoas ficam sentadas. Este local, mais confortável e com melhor visão, pertence àqueles que compraram o ingresso mais caro ou de convidados dos patrocinadores do evento. No centro do ginásio, encontra-se o octógono, um local dividido em oito lados (parece uma obviedade, mas convém ser detalhista), com uma espécie de tatame no meio e cercado por uma grade, um lugar de onde os atletas não têm como sair após fechar a única porta de entrada e saída. As medidas variam, mas a mais comum é de 8 metros de diâmetro (largura e profundidade) e 1,80 m de altura. Tanto no chão, como nas divisões da grade que o cercam, estão estampadas marcas de patrocinadores dos eventos. No evento “face to face”, eu contei oito patrocínios somente no octógono e mais alguns banners com logotipos de empresas espalhados pelo ginásio.

Apresentada a estrutura, as lutas começam. Quem as anuncia é o “*anouncer*”. Personagem conhecido das lutas “espetacularizadas”. No boxe, há uma tradição de indivíduos que fazem esse trabalho. Geralmente há uma “marca” dos “anunciadores”⁶⁸, uma frase curta que ele sempre repete após anunciar os combatentes. Bruce Buffer, o *anouncer* do UFC repete “*it’s time*” sempre que anuncia suas lutas. Marca que lhe fez ficar conhecido nesse universo. *No face-to-face, o anouncer repetia: “não pisque”, ao final de suas intervenções.*

⁶⁸ A tradução não parece soar bem, mas a utilizo para não repetir muito o termo original. Também faço uso do termo para diferenciar de “anunciantes”, as marcas que patrocinam os eventos e que, através de anúncios, promovem suas logomarcas.

Após a apresentação, há a entrada dos atletas. Ouve-se, então, uma música que é previamente escolhida pelo lutador. Geralmente são músicas de hip-hop ou rock. O atleta entra acompanhado de seu “time” (membros de sua equipe: geralmente o treinador e alguém mais experiente), a equipe grita palavras para o atleta para motivá-lo e este, com um olhar reto e concentrado, geralmente não emite nenhum som, apenas respira fundo em uma clara tentativa de se acalmar já que as atenções, nesse momento, estão direcionadas a ele. Antes de entrar na área de luta, é feito o “*check-in*”: um árbitro lateral confere as luvas do atleta, para ver se não há nenhum objeto cortante, e as proteções bucal e genital (chamada de coquilha). Também é passada vaselina no supercílio e no rosto do atleta para que os golpes “deslizem” com maior facilidade. O lutador, então, entra no espaço de luta e espera o seu adversário ser chamado pelo locutor. A mesma coisa se repete. Os atletas são apresentados ao público e suas características são explicadas pelo locutor (peso, academia, modalidades que pratica e cartel).

Enquanto isso, as equipes se posicionam atrás dos atletas com banners com logotipos das academias e dos patrocinadores. Também há alguns desses logotipos nas roupas (calções ou shorts) dos praticantes. Após isso, o locutor se retira, ficando apenas os dois lutadores e o árbitro central. Este chama os dois atletas até o meio do octógono e passa algumas explicações sobre as regras, enquanto os lutadores se “encaram”. Novamente os adversários se afastam e o juiz dá o sinal de “*fight*” e a luta começa.

As primeiras lutas são do “*card preliminar*”. Este é composto por cinco ou seis lutas de atletas com menos experiência no esporte. São as lutas menos aplaudidas pelo público, que geralmente ainda está chegando. Os lutadores nesse momento ainda são novatos e têm visivelmente pouca experiência em lutas. As artes marciais mistas podem ser materializadas, pois são utilizadas técnicas de soco, chutes, tentativas de queda e trabalhos no chão. A maioria das lutas termina por desistência de um dos atletas, por um soco ou um chute desferido pelo adversário ou por uma finalização ou “*graud and pound*”. O papel do árbitro principal parece ser fundamental dentro do espaço, assim que ele observa que o lutador tem pouco poder de reação, a luta é interrompida. Parece-me que as instruções são no sentido de coibir os sangramentos mais impactantes. O *card preliminar* termina, há um intervalo de 30 minutos, e o evento recomeça com as lutas principais.

Após o “aquecimento” do público, começam as lutas mais aguardadas. O card principal é o momento que o público espera com mais ansiedade. Os lutadores mais reconhecidos são “testados” em combates onde os espectadores vibram em cada acontecimento. Essa atenção ficou mais latente na luta feminina que registrei em um evento em Porto Alegre. Apresento abaixo o diário da luta e depois o comentário.

O evento principal conta com uma luta feminina e meu olhar permanece atento para ver o que vai acontecer. O “ritual” é o mesmo dos homens. A partir da última encarada, elas retornam para seus “cantos” e o juiz dá o sinal para que lutem. A luta começa bem disputada e noto que a platéia está mais atenta para esse combate; talvez por serem duas mulheres, talvez por uma das combatentes ser de Porto Alegre. Chutes e socos caracterizam o primeiro *round* da luta. A lutadora de Porto Alegre domina a luta e defere vários socos no rosto da adversária, que acabam machucando muito, abrindo alguns cortes que começam a sangrar. O primeiro round acaba e as atletas vão para seus corners para ouvir as instruções dos técnicos. Dá para ouvir o técnico da lutadora gaúcha falando “tu ganhou esse round”, “mantém a luta em pé”, “não vai para o chão com ela”. A lutadora faz gestos afirmativos com a cabeça e respira com dificuldade devido a intensidade da luta.

O segundo round começa e visivelmente a lutadora catarinense muda sua estratégia e tenta encurtar a distância. Ela consegue levá-la para a grade e fica cerca tentando derrubar a outra atleta, que dificulta a ação. Após um minuto de “grade”, sem muita “trocação”, a platéia começa a vaiar as lutadoras e soltar gritos de “porrada, porrada”. O juiz também dá uma advertência às atletas, e avisa: “luta, senão vou ter que separar vocês”. A lutadora catarinense consegue derrubar a atleta gaúcha, e a platéia vibra. No chão, a luta não dura muito tempo, já que a atleta de Santa Catarina apresenta uma superioridade muito grande na luta de chão. Ao derrubá-la, a lutadora já consegue “montar” na adversária e desfere alguns socos no rosto. A atleta gaúcha acaba “dando as costas” para se defender das pancadas e é finalizada com um estrangulamento “mata-leão”. Muitos aplausos são direcionados às atletas após o término da luta. O resultado é anunciado pelo locutor, o juiz principal levanta o braço da lutadora vitoriosa e as duas se abraçam e trocam algumas palavras ininteligíveis (D.C. 16/06/2015).

Apesar de eu não atentar para a questão de gênero nessa tese, esse diário levanta questões que precisam ser pensadas. Durante a pesquisa, observei mais de quarenta lutas em eventos no Rio Grande do Sul e fora do estado. Apenas uma luta feminina foi registrada. O MMA feminino já é uma realidade. O UFC já tem duas

categorias para os combates entre mulheres. Há ícones da luta feminina, como Ronda Rousey e Cris “Cyborg”, que aproximam este público dos eventos.

Porém, ainda há um caminho árduo de ganho de espaço feminino nas lutas. Para lidar com essas questões criticamente, também fica a sugestão de trabalhos no campo do gênero que se debruçam sobre as artes marciais mistas. Os discursos sobre a generificação dos corpos foram enfocados na pesquisa de Crespan e Goellner (2014). Porém, ainda são necessários mais esforços teóricos para uma compreensão mais acurada desse fenômeno.

Outro ponto importante do diário apresentado acima são as vaias quando a luta foi para o chão. No capítulo anterior, destaquei como há uma dificuldade de entendimento no ocidente para as lutas “agarradas”. Corroborando com isso, durante as observações dos eventos, notei que quando as lutas iam para o chão ou havia pouca “trocação” as vaias eram sempre presentes. Nesses momentos, podiam-se ouvir gritos de “luta”, “porrada” “não amorcega” em todo o ginásio. O público quer “ação”. É um elemento importante dentro da configuração do MMA. Como foi descrito no início desse capítulo, a derrota ou vitória, para o público, parecem ficar em segundo plano. Os “donos de evento” sabem disso. Os atletas também sabem. Mas, e quando há outros interesses em jogo? Quando há uma disputa de cinturão e os atletas querem mais ganhar do que “dar show”. Nesse caso, há uma tensão na configuração.

Um exemplo disso foi a disputa de cinturão da categoria até setenta e sete quilos, entre Márcio “Pedra” e Alex “Bomba”. Ambos ex-lutadores do programa TUF Brasil. Abaixo o diário da luta:

É a vez de anunciar o “co-main-event”, ou seja, o evento que antecede a luta principal. A disputa é entre “Pedra” e “Bomba”. Os dois lutadores são bem conhecidos do público. Ambos participaram do programa TUF Brasil. Os dois entram ao som de um hip-hop, em seus moletons de capuz e seu “carpete” de fumaça. O juiz anuncia novamente os dois lutadores, agora com os dois no octógono. A torcida vibra com os dois nomes, já que são de estados diferentes e parece que não há a torcida por um deles. A luta começa e é visível a falta de ação dos dois lutadores. Eles estudam-se e pouco agridem um ao outro. Após aproximadamente dois minutos nessa dinâmica pouco agressiva, a torcida começa a vaiar a luta. Os gritos são ostensivos e parecem ter um efeito sobre a luta. Pedra entra com um jab e cruzado e acerta a cabeça de bomba de raspão. Bomba consegue derrubar pedra e o round acaba. Apesar da ação final, a torcida vaiou os dois lutadores.

O segundo e terceiro rounds obedecem a mesma dinâmica do primeiro. Os lutadores ficam se estudando no meio do octógono e “jogam” poucos golpes no adversário. A torcida vaia o tempo inteiro, mas os lutadores dão a impressão de não querer se expor para a possibilidade de um nocaute e a conseqüente perda do cinturão. Toca o sinal do fim do terceiro round e os dois atletas comemoram com seus corners, mesmo sem o resultado. O juiz recebe o resultado dos juízes laterais e anuncia: “por decisão dividida, o campeão do cinturão do face to face, na categoria até 77 quilos é...Márcio Pedra.” O lutador comemora, mas a torcida vaia o campeão. Ele recebe o cinturão do dono do evento e dá uma entrevista para um jornalista deslocado para isso. Ele ressalta a importância de sua equipe, que ele chama de “família” e finaliza dizendo: “galera, eu peço desculpas se a luta não agradou. Mas é que isso aqui vale bem mais que o cinturão. Eu luto pela minha família, pelo meu filho e quero dar uma condição de vida melhor para eles. Eu não poderia me expor muito porque eu queria muito esse título. Muito obrigado por vocês terem vindo aqui e por terem assistido a minha luta. Eu amo vocês.” A torcida, que vaiava o lutador alguns minutos antes, começa a aplaudi-lo. Parece que seus argumentos foram convincentes. (D.C. 12/09/2015).

O público não gosta de quem “amorcega”. A “luta dura” é o objetivo de que paga um ingresso de um evento de MMA. Entretanto, alguns lutadores sabem lidar com essas questões, quando o objetivo do público não é alcançado. A exaltação ao sofrimento do treinamento para a conquista do título e a família evocada, como um ente a ser protegido, ratificam a importância de construir a imagem de um atleta com “sonhos”. O equilíbrio de tensões é mantido. O sonho desses atletas parece ser lutar no UFC. O público entende isso. Esses dois lutadores só eram conhecidos por terem participado do programa TUF, que é vinculado à marca. Uma marca que constrói ídolos.

Se nessa luta, o *co-main-event*, ou seja, a luta que antecede o *main-event*, a luta principal, eu pude perceber lutadores que estão construindo a sua imagem. Na luta principal, vi o que foi para mim um espetáculo de uma “lenda” das artes marciais mistas. O “*main event*” foi a luta de despedida de Pedro Rizzo, “a Rocha”. O evento vendeu essa luta como “a despedida do campeão.” Rizzo é um atleta de quarenta e um anos que construiu sua carreira a partir de “*low kicks*” que minavam a coxa de seus adversários. Seus chutes potentes renderam a ele vitórias contra atletas importantes “das antigas”. Seu reconhecimento é latente. Eu mesmo confesso que a espera pela luta principal pouco teve de acadêmica. A vibração que o público e a emoção de ver um

atleta que acompanhei desde o início do meu interesse pelas artes marciais causavam-me um sentimento estranho.

A luta foi contra “O Hawaiano”. O *anouncer* chama o primeiro lutador. Ele entra e há um misto de palmas e vaias. O lutador é enorme, um peso pesado de 103 quilos. A segunda entrada é de Pedro Rizzo, o lutador é ovacionado pela torcida, aplausos e gritos de todo o ginásio são ouvidos. O lutador entra ao som de uma música que foi feita para ele. O *anouncer* apresenta novamente o cartel, a idade, a nacionalidade e o peso dos dois lutadores. Ao final, mais uma vez, ele diz: “Você está no *face to face*. Não pisque.”

A luta começa e os dois lutadores “partem para cima”, o que arranca aplausos da torcida. O Hawaiano consegue acertar um direto no rosto de Pedro Rizzo, que cai e seu oponente fica por cima, batendo no *ground and pound*. Rizzo consegue se levantar e é exaltado pela torcida. Os dois trocam mais alguns golpes. Faltando um minuto para o fim do round, Rizzo dispara um jab e direto e um chute na perna do adversário, que sente a pancada. Pedro aproxima-se novamente e desfere novamente a mesma sequência, o Hawaiano sente e vai para trás. Sentindo que seu adversário está quase subjugado, o lutador brasileiro dispara a terceira série de golpes. O Sinal dá o fim do round, mas o lutador fica no chão, não consegue levantar-se em razão dos chutes na altura da perna. O juiz termina a luta. A torcida vibra com o resultado. Vários lutadores entram no octógono e levantam Pedro Rizzo nos ombros. Após a comemoração, ele dá uma entrevista exaltando a sua história dentro do MMA e os seus treinadores. Emociona-se ao falar de sua família e de Pedro Ruas, seu treinador desde o começo. A torcida vibra com a lenda. Eu fico realmente feliz de ter visto o espetáculo e vou embora.

Durante esse capítulo, eu apresentei a rotina dos lutadores na sua preparação pelas lutas, as relações entre empresários, promotores e atletas. Na segunda parte, descrevi como se dá a estrutura e dinâmica da realização de um evento de MMA. Além disso, as passagens e reflexões que venho descrevendo até aqui, transparecem uma descontinuidade nas relações entre os atores. Se, de um lado, a torcida e os lutadores vibram com os nocautes e com o sangue que é derramado durante as disputas, os promotores de evento tentam regular, de maneira intensa, a intensidade do contato e como essas ações são mostradas ao público.

Ao final, descrevi como os atletas podem ser ovacionados pelo público, não apenas pela sua atuação na “arena”. Há a construção de uma imagem que é resultante da interação entre dar um “show” dentro do octógono e ser “humano” fora dele. Essa “humanização” do atleta se dá a partir de algumas estratégias desenvolvidas para vender suas lutas. O UFC, o mais importante deles, tem uma história de trabalho de mídia e construção de ídolos que merece atenção. Por essa razão, o próximo capítulo analisa como os lutadores se constroem dentro desse universo, dentro e fora do octógono. O exemplo que analiso é o programa TUF Brasil. Sua importância, suas dinâmicas e a “humanização” do “casca-grossa” são os elementos desenvolvidos a seguir.

9 A MÍDIA E O PROCESSO DE HUMANIZAÇÃO DOS LUTADORES: O CASO DO PROGRAMA TUF BRASIL

Encaminhando meu processo analítico para o final, chega o momento de analisar o evento que oportunizou que o MMA fosse popularizado, o UFC. No segundo capítulo dessa tese, eu descrevi como foi o processo histórico que culminou com a transformação do vale-tudo em artes marciais mistas. Após compreender esse caminho e apresentar a estrutura da academia e dos eventos “menores”, meu intuito é, através de um exemplo de um programa de televisão, compreender como se deu a popularização do esporte.

Segundo algumas referências sobre as artes marciais mistas (AWI, 2012, SPENCER, 2009), o UFC passou por uma crise financeira no começo dos anos 2000. Essa crise era resultado de uma indisposição da população americana em assistir aos eventos de MMA. O discurso de violência, o sangue envolvido nas disputas e a falta de entendimento técnico por parte do público faziam com que a população rejeitasse o esporte. Em vários estados americanos, as artes marciais mistas eram proibidas. Hoje em dia, apenas o estado de Nova York não permite as lutas de MMA. Essa repulsa por parte do público fez com que os executivos do UFC criassem um programa de televisão que aproximasse os espectadores dos atletas. A construção de ídolos, como eu demonstrei no final do capítulo anterior, é uma tática usual no universo das lutas e o MMA também se apropria dessa estratégia. Com o objetivo de realizar essa aproximação, foi desenvolvido um *reality show* que mostraria as rotinas dos lutadores e seus “dramas” para o público em geral,

A partir dessas concepções, foi criado o “*The Ultimate Fighter*”, conhecido como TUF. Sua versão americana teve sucesso e o programa já conta com a sua décima sétima edição. No Brasil, realizaram-se três temporadas do programa, que foi transmitido pela Rede Globo, no Domingo à noite. A última exibição foi a do ano de 2015, momento em que fiz o registro dos dados. No ano de 2016 não houve o programa e, por isso, a minha impossibilidade de fazer o registro de mais uma temporada.

Antes de apresentar os dados referentes ao programa, é importante salientar que, ao trabalhar com um veículo de mídia, eu tomei o cuidado de embasar o estudo em

alguns⁶⁹ trabalhos sobre a temática. O principal deles foi o de Pires e col. (2008). Foi a partir desse texto e da afirmação de que:

Em todos os campos do conhecimento relativos às ciências humanas e sociais aplicadas, reconhece-se a importância da informação tecnologicamente mediada, isto é, veiculada através dos meios de comunicação de massa, na formação de compreensões culturalmente compartilhadas a respeito de diferentes temas da vida cotidiana. Assim é que a mídia tem influenciado, também, nos conceitos, concepções e práticas a respeito de esporte, corpo e movimento, e tais transformações vem repercutindo de modo especial na Educação Física, campo do conhecimento humano destinado a tratar cientificamente e pedagogicamente da cultura de movimento/esportiva (PIRES E COL, 2008. Pag. 34)

Então, se a mídia exerce interferências na maneira como o público concebe as manifestações esportivas, o “caso TUF” é um exemplo disso. A escrita das próximas páginas terá a seguinte questão norteadora: quais estratégias o programa utiliza para aproximar o público do MMA? Para responder a essa questão, dividiu-se um capítulo em duas partes, em um movimento que venho fazendo durante a escrita da tese: ‘entrada’ e ‘saída’ do octógono, para demonstrar a complexidade das relações na configuração. ‘Entrarei’ no octógono em um primeiro momento no intuito de demonstrar as dinâmicas de treino e o ‘como’ isso é mostrado pelo programa. Em um segundo movimento de “saída” do octógono meu foco serão as relações com a família, os ‘dramas’ dos atletas e as suas relações com a religiosidade dentro do registro dos doze episódios. Início mostrando a estrutura do programa.

O primeiro episódio do programa se pautou pela apresentação dos atletas e dos treinadores. Estes são: Anderson Silva, multicampeão do UFC, chamado de o maior “peso por peso” do mundo pelo seu grande número de vitórias nos octógonos, e Maurício Shogun, ex-campeão peso meio pesado do UFC e dono de uma série de batalhas nos *cages* desde o tempo do “*pride*” (antigo campeonato de lutas realizado no Japão, em que os combatentes ainda eram chamados de lutadores de vale-tudo).

Cada um desses treinadores foi responsável pelo treinamento de uma das equipes, compostas por 8 atletas. Porém nesse primeiro episódio ainda havia 32

⁶⁹ Também podem ser citados os textos de Cavalcanti e Capraro (2012) e Santos e Alves (2010).

lutadores que disputariam lutas eliminatórias entre si e os vencedores formariam o quadro de atletas das duas equipes que entrariam “na casa”. Os atletas que conseguirem a vaga para disputar o prêmio final do programa (um contrato com o evento e 500 mil dólares) participarão de um reality show que duraria três meses e cada episódio teria uma ou duas lutas de caráter eliminatório entre as equipes. Os dois finalistas das categorias de peso (nesse caso específico, galo, até 66 kilos e leve, até 70 kilos) disputarão a final em um card de um dos eventos do UFC, em Las Vegas.

O programa começa com 32 lutadores dispostos em um octógono na academia do UFC. Após uma pausa (dramática), entram no ambiente os dois treinadores e Dana White, presidente do UFC, chamado de “dono do evento”. Os lutadores se perfilam em frente aos técnicos e Dana White profere um discurso ‘motivador’ ressaltando a grande oportunidade que os atletas estariam tendo de participar de um programa que dará a chance de lutar no maior evento do mundo. Além disso, pede para que os atletas tenham uma “boa conduta” dentro da casa, evitando brigas, bebedeiras, etc.

A seguir os dois treinadores também fazem um discurso rápido ressaltando a oportunidade profissional que os atletas estão tendo. Shogum destaca o comportamento dos atletas e o respeito pelo “colega de treino e futuro oponente”, mas resalta que “opponente não é inimigo”. Além disso, profere uma frase que, a meu ver, é muito significativa: “estamos aqui para mostrar para o público que o lutador não é um marginal, que o lutador de MMA tem uma profissão como outra qualquer, como um médico ou um advogado”. O discurso de Anderson Silva vai ao encontro do primeiro. Ressalta também o profissionalismo que os atletas devem ter durante o programa, a dedicação com os treinamentos e que devem “evitar confusões dentro da casa”, pois “o nosso esporte ainda sofre muito preconceito e vocês devem ser exemplos”. Duas questões estão sempre em pauta no programa: o atleta como “exemplo” e o respeito à equipe ou à “família”⁷⁰.

A divulgação de marcas é sempre presente. O programa sempre começa com um clip de alguns lutadores fazendo gestos técnicos de lutas em pé (socos, chutes e saltos) dentro de um octógono. Os patrocinadores são anunciados. Esse ano são três patrocinadores oficiais: cerveja Budweiser, TIM, empresa de telefonia móvel, e TNT,

⁷⁰ Tratei desse tema no capítulo anterior. O termo é tratado da mesma maneira.

marca de bebidas energéticas. A cerveja tem uma propaganda diretamente ligada com o MMA, estrelando Anderson Silva, um dos técnicos dessa edição.

Após esse clip, são mostradas as oito lutas que faltam para “entrar na casa”, chamadas de “lutas preliminares”. A dinâmica da aparição é a seguinte: mostra-se o nome do lutador, a cidade e a família consaguínea, antes de ser mostrada a academia onde este faz seus treinamentos. Após a apresentação dos dois lutadores, estes são conduzidos ao octógono por dois treinadores e observados por Anderson Silva, Maurício Shogum e Dana White. Os dois primeiros escolherão seus times após estas últimas lutas. O octógono em que os combates são realizados apresentam uma série de marcas de empresas ligadas às lutas. Marcas como Reebok e Budweiser são espalhadas pelo *cage*.

A dinâmica é sempre a mesma e os lutadores vão sendo apresentados primeiro na sua relação com a família e após isso é mostrado seu treinamento. Os treinadores analisam as lutas no seu decorrer. Fazem comentários técnicos sinalizando os motivos das vitórias ou das derrotas. Alguns estilos de lutas são ressaltados, como em uma das lutas em que Maurício Shogum comenta: “Foi uma batalha entre o boxe e o *muay thai*.” Após os combates são mostradas entrevistas com os perdedores e ganhadores. No primeiro caso, o choro da derrota é sempre destacado, como no caso de um dos lutadores que perderam e, entre lágrimas, deu a seguinte declaração: “Fiquei muito triste com essa derrota, mas isso não é motivo para me abalar (chorando copiosamente) e não vou desistir de lutar no UFC”.

No caso das entrevistas pela vitória no confronto, os lutadores geralmente as dedicam para a família. Neste episódio algumas frases puderam ser observadas, como “Dei o meu melhor pela minha família”, “Eu dedico essa vitória a minha família”. “Dedico essa vitória ao meu irmão”, “Pela minha família botei o meu coração na luva”. Entre outras que se repetiram o programa inteiro.

Percebi outro detalhe importante na maneira como o MMA vem sendo mostrado pela mídia: a relação do lutador com a sua classe social. Um caso que materializa essa afirmação é do lutador Giovani “Soldado”, morador de uma favela no Rio de Janeiro. A apresentação desse lutador foi feita a partir de sua relação com a comunidade, mostrando sua família, o lugar em que mora e seu centro de treinamento

em meio a várias casas da comunidade. Em sua entrevista, ele usa a seguinte frase “luto por minha comunidade. Quero mostrar para o mundo a força das favelas”.

O interessante é que são escolhidos alguns lutadores para serem mostradas as suas moradias, geralmente moradores de comunidades carentes, não apenas no Rio de Janeiro, mas também em outras cidades do Brasil. A emoção dos lutadores, tanto na vitória quanto na derrota também é muito ressaltada durante a exibição. O último lutador a entrar na casa, Boca, aparece falando no telefone com a mãe e chorando ao dar a notícia da vitória da luta.

Após dezesseis lutas preliminares, formam-se os “times” A aparição de ídolos é constante no programa. Estes servem como “exemplos” para os lutadores novatos que querem lutar no evento. Nesse momento, há a participação de Rodrigo Minotauro. É ele que joga a moeda em que é marcada a cor de ambas as equipes. A equipe de Maurício Shogum (vermelha) pode escolher se]prefere escolher o primeiro lutador ou “casar” (escolher) a primeira luta. O técnico opta por “casar a luta inicial” e Anderson Silva tem a possibilidade de decidir o primeiro combatente a fazer parte de seu time. Após a escolha, Shogum opta por seu primeiro participante, e assim sucessivamente. Após essa atividade, Shogum decide que o primeiro confronto será entre os lutadores Mateus (time Shogum) e Reginaldo (Time Anderson Silva).

Aos vencedores, as regalias. A confirmação dessa afirmação se dá na entrada dos lutares na “casa do TUF”, local em que os atletas ficarão hospedados durante o programa. A casa é muito grande, com vários quartos distribuídos em dois andares. Há uma sala de estar grande na entrada da casa que é antecedida por um jardim e uma piscina. Há também uma sala de jogos com sinuca e outros jogos de salão. A casa realmente impressiona pelo tamanho e pelo luxo e é essa característica que é ressaltada nas entrevistas com os lutadores. Todos eles descrevem a grandiosidade da casa e falam sobre a “grande oportunidade” de estar participando do programa. Durante essas entrevistas, um dos lutadores diz: “Nunca estive em um lugar assim. Para mim é um sonho.” A próxima imagem é de um grito de guerra entoado por alguns dos participantes. Enfileirados e abraçados na sala, alguns deles gritam: “uhul, a casa é nossa” algumas vezes.

Além da casa, é mostrada a grandiosidade do centro de treinamento (CT). É neste local que os atletas praticam as diversas modalidades, além da realização da preparação

física. A academia também é luxuosa, com equipamentos de última geração. Ao longo de todo seu (grande) espaço são dispostos tatames, aparelhos de musculação, sacos de pancada e um ringue. É nesse espaço que aparece o primeiro treino das equipes. A primeira é a equipe vermelha (Shogum). Ao entrar no CT também é visível a exaltação do espaço como uma “academia perfeita para treinar”, segundo a fala de um dos atletas.

Shogum dá uma pequena palestra antes do treino para explicar como será o treinamento do dia. Segundo suas palavras: “Vamos fazer um treino Light porque vocês estão voltando e destaca a importância da concentração e disciplina nos treinos”, finalizando com a frase: “Lute pela sua família e por sua equipe”. Após isso, aparecem as cenas dos treinamentos que se pautou pelo desenvolvimento de diversas modalidades. Apareciam atletas treinando técnicas de chão, outros no ringue fazendo o trabalho de boxe com as manoplas e outros no octógono fazendo *sparring* de MMA. Ao final do treino, o técnico reúne os atletas para “passar energia” para Matheus, lutador que fará a primeira luta do TUF. O treino da equipe azul segue a mesma lógica da primeira. Anderson Silva dá algumas dicas sobre como vai ser o treino do dia. A baixa intensidade é destacada pelo treinador, já que “eles estão voltando”. Segundo ele, “vamos treinar um aeróbico hoje de baixa intensidade para dar uma suada e vocês retomarem o ritmo.”

A ‘casa do TUF’ e o ‘CT’ dão o ‘clima’ de ‘sonho’ tão destacado pelos atletas. O UFC vai se mostrando como um “objeto de desejo”, um lugar aonde se quer chegar. Além disso, os lutadores são levados a um cassino em Las Vegas, no qual Shogum e mais algumas meninas, candidatas a “*octagon girls*” os recebem para uma noite de jogos, bebidas e festas. Os lutadores aparecem bebendo e aproveitando a noite nas mesas de jogos distribuídas pelo cassino.

Outro aspecto importante na temporada foi o *dopping* do atleta Anderson Silva. O programa mostra a reação do atleta enquanto recebe uma ligação na qual estaria sabendo da notícia da dopagem. O teste teria sido realizado na sua última luta, contra Nick Diaz. A cena mostra a indignação de Anderson que teria “caído no doping”. Sua reação é de negação e suas frases indicam um erro: “Não tomei nada disso”, “Tomei injeção de anti-inflamatório” “Nunca na minha vida tomei nada disso”. Ao desligar, ele conversa com Rogério Camões, seu preparador físico. No diálogo, Camões diz para Anderson não se preocupar que “tudo vai se resolver”.

O doping é um assunto tabu dentro dos esportes. No caso do programa não foi diferente. A testagem de Anderson Silva deu positiva para o uso de testosterona. A suposta ligação foi no intuito de informar ao atleta que seu exame havia sido positivo. A negação foi a primeira reação do atleta, que sustentou a sua posição até o fim da sua participação do programa. Anderson foi “expulso” por Dana White, em razão de ter sido “pego no *dopping*”.

Refletindo sobre isso, a construção de uma imagem de ‘esporte’ para o MMA é cada vez mais evidente. O ‘castigo’ de Anderson Silva demonstra que a ‘pureza’ tão evocada pelos esportes na atualidade se coaduna com as ideias passadas pelo MMA. Isso é muito representativo, pois o atleta é considerado o maior “peso por peso” de todos os tempos. Por isso, se o *dopping* teve consequências para esse tipo de atleta, a entidade demonstra seu interesse em construir uma imagem de seriedade e justiça.

Além desse, outros “dramas” foram mostrados ao longo do programa. O sofrimento envolvendo a perda de peso foi uma das temáticas apresentadas durante os episódios. Apresento abaixo dois excertos de registros em que discorri sobre o assunto:

Mais uma vez, na sequência do programa, a casa do TUF é visitada pelos treinadores da equipe Nogueira. O motivo da visita era que um dos lutadores, Dedé, estava com muita dificuldade em perder peso,. A cena mostra os treinadores e o atleta na sauna da casa. Um dos treinadores orienta o lutador a fazer movimentos de boxe: socos e esquivas para ir perdendo peso (líquido) aos poucos. O lutador obedece às orientações e seu corpo começa a suar (o suor é o jeito mais fácil de perder peso nessas horas que antecedem a pesagem). Após isso, o atleta entra na sauna para perder o restante que está precisando

A próxima imagem é de Igor passando mal durante um treinamento devido a sua dificuldade em perder peso, segundo ele: “venho passando vários meses de dieta e isto está me deixando mais fraco. Hoje não aguentei o treino e tive que descansar. Descanso também é treino.” Alguns técnicos vão à casa do TUF para ajudar o lutador a baixar seu peso, já que no dia seguinte é a pesagem. O lutador usa a sauna da casa para perder peso e consegue “bater” 61.

A visita dos técnicos a casa, a desidratação e as dificuldades decorrentes da perda de peso são elementos importantes no processo pedagógico/televisivo que o programa mostra. São notórios os apelos sistemáticos às emoções dos lutadores e das

equipes em um processo de tentativa de desvinculação do lutador “casca-grossa”. A perda de peso talvez seja um dos exemplos mais latentes disso. No próximo tópico, apresentarei as rotinas de treinamentos e a maneira como o UFC tenta aproximar o público da ideia de que o MMA é um esporte.

9.1 As rotinas de treino: Afastar a luta da ideia de violência e aproximar do Esporte.

A análise do programa de televisão foi posterior ao meu registro na academia. Assim, durante as minhas anotações pude perceber que havia uma relação muito próxima entre a rotina encontrada na academia de MMA e os treinamentos mostrados na televisão. A diversidade das técnicas que registrei no primeiro capítulo também foi ratificada nesse momento da pesquisa. As dinâmicas de treino obedeciam a uma lógica comum dentro das lutas. Várias artes marciais eram treinadas. Técnicas do boxe, do *muay thai*, do *wrestling* e do *jiu-jitsu* e eram misturadas e aprimoradas durante as sessões. Quando os atletas não tinham “lutas marcadas”, treinavam o “MMA moderno”, em uma mistura de lutas idiossincrática das artes marciais mistas. Quando havia as lutas programadas, as especificidades do lutador eram trabalhadas, assim como eram definidas estratégias de combate advindas das especialidades dos adversários. Aqueles que eram oriundos da luta agarrada treinavam para “levar para o chão”, em contrapartida, os “*strikers*” treinavam para manter a luta “em pé”. Basicamente, eram essas as duas maneiras de direcionamento: treinamento mais “geral” para aqueles sem lutas marcadas e treinamentos mais específicos de preparação para os combates.

No quinto episódio da série de programas, registrei um treino da equipe Shogun (equipe vermelha) em que os atletas treinaram técnicas de luta agarrada e *muay thai*. Essa foi a primeira parte do treino. Em um segundo momento, o atleta Marcelo “*El tigre*” faria sua luta no final do episódio, então, os treinadores deram dicas para o lutador sobre o comportamento na luta. As orientações foram no sentido de “trocar um pouco em cima e derrubar seu adversário para finalizar ou acabar a luta no *ground and pound*”. Ao final do treino parece uma entrevista do lutador em que ele narra os seus sentimentos em relação ao combate. “*El Tigre*”: “não vejo outro resultado para mim que não seja a vitória.” Ao final do treino, Shogun reúne os atletas, os elogia e faz uma

oração. Os dois atletas “batem o peso” na pesagem, se encaram, cumprimentam-se e dizem estar pronto para a luta.

Esse cenário de contenda entre duas equipes vai dando um clima de disputa para a série. Não apenas a demonstração de técnicas de luta, mas também a rivalidade entre as equipes vermelha e azul também dão a voga do programa. Em dado momento da apresentação, o “time shogun” liderava as lutas por 4x0 contra o “time noqueira”. Na exibição do capítulo, em razão das derrotas, os lutadores aparecem cabisbaixos e tristes durante os treinamentos. Seus treinadores, Rodrigo Minotauro e Rogério Minotouro dizem que “é hora de reagir” e que os lutadores têm que ter “olho de tigre” a partir desse momento, já que devem reagir na disputa contra o time vermelho. Minotauro dá as orientações sobre o treino do dia em que o foco será “MMA de explosão”, divididos em: “chutes, joelhadas e entradas de quedas.”

Durante o treinamento alguns atletas “pegam mais pesado” e há um começo de confusão entre os lutadores. Os técnicos interrompem o treinamento para acalmar os ânimos. Um deles diz: “quero vocês concentrados e de cabeça fria, não é pra machucar ninguém”. Minotauro comenta sobre o episódio: “tá tudo tranquilo, o que rola no tatame, fica no tatame.” Além disso, como está perto da luta, há um treinamento específico para “Buldog”. Como se trata de um *striker*, sãs orientações são para ele “não ficar na frente de Dileno”, para evitar as quedas.

Em um movimento de “acalmar os ânimos” e “estimular a equipe”, os treinadores são peças fundamentais. Por serem nomes conhecidos no mundo das lutas, os participantes do programa os respeitam. Pelo seu histórico nas artes marciais, vitórias e derrotas “de guerreiro”, eles “têm moral”. Em razão disso, uma das cenas mostra o treino da equipe Nogueira. Os dois atletas que irão lutar no episódio são da equipe azul. Por isso, Minotauro reúne os participantes no vestiário e explica que não irá acompanhar ninguém no corner em razão da disputa ser entre dois atletas do mesmo time. Segundo ele: “Não vou ficar no corner, são dois caras do nosso time, já se conhecem. Por isso vai ser uma guerra, uma luta estratégica. São nossos guerreiros.” Mateus mais uma vez fala da dificuldade em lutar com um amigo. Mas, segundo o atleta, “é difícil lutar com um amigo, mas sou profissional. Vou sair na porrada com ele. Vai ser uma luta de gigantes.”

A “luta entre amigos” é assunto muito discutido nas academias de luta. Se, por um lado, alguns ressaltam que é difícil “sair na porrada” com alguém que treine ou conviva com o lutador, por outro lado, alguns defendem, entre eles o UFC, que, por ser um “esporte” e ficar “dentro do ringue”, não haveria problemas de “casar lutas” entre parceiros de treino. Longe de se ter uma unanimidade sobre o assunto, no caso do TUF, alguns “parceiros de treino” deveriam lutar, pois, segundo as regras do programa, os atletas não poderiam escolher seus oponentes. Essa escolha fica a cargo dos treinadores.

O mais importante para essa tese, é que esta parece ser mais uma estratégia de “esportivizar” o MMA. O fato de dois amigos lutarem representa que o esporte quer se desvincular da ideia de violência ou de “rixa” tão marcantes nas antigas disputas entre academias e que agora se profissionaliza. Um novo jogo se apresenta no mundo das lutas, com pouco espaço para violência, mas como muito espaço para logomarcas e patrocinadores. Agora, não há apenas uma luta a ser lutada, mas também há um jogo a ser jogado.

O “dia da luta” também é uma parte importante do programa. O foco são os dois lutadores. Desde que eles acordam mostra-se o nervosismo pela luta. Os cumprimentos dos companheiros e as orações dos dois competidores. Os lutadores seguem para o ginásio em uma van. Cada equipe vai separadamente. Durante o percurso, os lutadores recebem algumas dicas de seus companheiros de técnicas de luta para ganhar o combate.

Em um dos episódios, na luta entre “Dileno” e “Bulldog”, todos chegam ao ginásio e os lutadores entram na área de combate por uma porta grande, acompanhados de três treinadores. A luta começa após uma nova “encarada” enquanto juiz dá as últimas instruções. O octógono é todo patrocinado. Marcas como Reebok, TNT e TAPOUT (marca de roupas especializada em *fight wear*). Dileno consegue imprimir seu “jogo” em Bulldog. Após alguns golpes deste para tentar deixar a luta em pé, o lutador do time vermelho consegue encaixar uma guilhotina⁷¹ em pé, então puxa o adversário para a guarda e finaliza o oponente na guilhotina. O time Shogun ganha mais uma vez e o treinador expressa seu contentamento no

⁷¹ A guilhotina é um golpe de jiu-jitsu em que o lutador envolve o pescoço do seu adversário entre os braços provocando o sufocamento.

vestiário: “o placar shogum x nogueira é 3 x 0”. No vestiário azul, Minotauro tenta motivar seus atletas com palavras de entusiasmo:

9.2 Emoção, amizade e o “Deus que salva”:

Há um forte apelo emocional durante o programa. O choro é elemento presente em quase todos os episódios. Além disso, evocações à família e à amizade perfazem um contínuo de reações marcantes da temporada. As lesões dos atletas também são o foco de algumas partes dos capítulos. Um exemplo é o atleta “Soldado”, que foi cortado do programa por sofrer uma lesão grave no joelho. Um médico apareceu dando as explicações sobre o episódio. Segundo palavras do profissional: “o atleta não tem mais condições de lutar.” O lutador aparece chorando copiosamente enquanto arruma as malas na casa.

Antes dele ser cortado, em um dos treinos da equipe Shogum, registrei uma preocupação em relação a lesões do atleta. Ele diz para o treinador: “estou tomando uma medicação muito forte, antibiótico. Estou muito mal, acho que não vou agüentar.” A equipe vermelha se reúne no vestiário para falar sobre o assunto. Soldado anuncia que vai sair do programa em razão das lesões e que “não está agüentando.” Todos o abraçam. Todos choram. Inclusive o treinador. Shogum diz, entre lágrimas: “Você é o nosso guerreiro. Estamos junto de corpo e sangue.” A cena passa uma emoção que é constante no programa.

Um ponto marcante do programa foi a carta deixada pelo atleta Soldado antes de deixar a casa. Assim que os participantes de sua equipe chegam a casa, encontram a referida missiva. Os escritos na carta referem-se ao conceito de “família” e o atleta pede desculpas se, de alguma maneira, ele “deixa na mão” seus amigos. Muitos que lêem a carta estão chorando, cena impactante em se tratando de lutadores. Porém o programa explora isso de maneira intensa. Korea, um dos participantes da equipe de Soldado, fala, entre lágrimas: “Ficamos muito tristes com a saída dele.”

As histórias de vida também são exploradas pelo programa. Nicolas Motta, um dos lutadores, aparece dando um depoimento sobre o seu passado. Fala de sua história em Manaus e diz: “tive que deixar minha família por causa desse sonho (entrar no

UFC)”. Seu oponente, Glaicon, ressalta a importância que o evento tem para os participantes do programa e diz: “entrar no UFC é um sonho para qualquer lutador. Todos os sacrifícios que eu já passei na vida vão valer à pena se eu conseguir a vaga.” Mais uma vez, o UFC parece o ápice na carreira dos lutadores. Abaixo, apresento mais três registros referentes às histórias de vida, para depois comentar.

A partir desse momento, o foco do programa é a luta entre Pitbull e Korea. Então, começam a ser mostrados depoimentos dos dois participantes. Igor ressalta o seu treinamento duro e sua partida do Nordeste para realizar seu “sonho” no TUF: “deixei minha família toda em Mossoró, minha esposa e minha filha.” A câmera, a seguir, dá um *close* no lutador que começa a chorar. O depoimento de Korea segue a mesma dinâmica, ressaltando o lado “humano” do lutador. Segundo ele, “meu pai abandonou a minha mãe, minha irmã tem problema no rim e precisa fazer uma operação e eu gostaria de ajudar.” Mais uma vez, o choro do atleta é mostrado em um ângulo fechado. O atleta finaliza, entre lágrimas: “Vou ganhar e oferecer essa vitória para minha irmã que está doente.”

Os dois lutadores do episódio são apresentados e Reginaldo Vieira conta a sua história de vida. Diz que seu pai teria sido morto por um vizinho e que, desde então, ele teve que cuidar da sua família, sozinho. Mais uma vez, entre lágrimas, o lutador fala do “sonho de entrar no UFC.”, manifestação também recorrente entre os atletas. Mateus Motta fala de sua relação com a filha e diz: “depois que eu tive uma filha, eu sei o que é sentir saudade.” Mais uma vez, o lutador se emociona e chora.

Passado isso, aparece o treino do time Nogueira, com o foco agora em Açougueiro, que irá contra o lutador argentino Nazareno. O atleta fala sobre a sua relação com a família: “vou lutar pela minha família. Quero tirar eles da favela e ter mais tempo para treinar. Eu tenho que trabalhar para sustentar minha família, quero ter condições de treinar mais.” Sobre sua estratégia comenta: “vou tentar boxear e impor meu jogo no chão.”

Assim, as passagens que antecediam as lutas eram permeadas por histórias de vida, geralmente tristes. Indivíduos que moravam nas favelas de cidades grandes, em condições precárias. Atletas para os quais o UFC chegaria como uma salvação. Famílias com problemas, pais doentes e irmãs com necessidades. Para estes, a sigla seria a saída para uma situação sem saída. Incoerentemente, apenas dois chegariam a ter contrato

com o evento. Os restantes voltariam para suas casas, enfrentariam a realidade dura de um esporte que se tornara quase glamoroso, com ícones e patrocínios milionários. Mas que, para a maioria, ainda seria um “sonho”.

Entretanto, claro que essa reflexão não é mostrada durante o programa. A vontade e a superação parecem ser os únicos ingredientes de uma receita sem possibilidade de erro. A exploração dos dramas pressupõe uma individualização que pouco condiz com a realidade. Por mais esforços que estes atletas faça, a eliminação é latente. Chegará para quase todos. Exceto um. Quem será? O risco e o palpite são inevitáveis. O programa realmente envolve. Faz com que tenhamos as nossas preferências. É inteligente. Perspicaz. Para a pesquisa, não importa quem ganhará. Importa é que muitos irão acordar do ‘sonho’.

Nesse contexto, um ponto importante é a religiosidade. No TUF Brasil esse foi um elemento presente em muitos momentos. Como em muitos esportes, as “equipes” se reuniam antes e após as lutas para realizar as orações. Quase sempre em círculo, reuniam-se para agradecer e pedir que nenhum atleta se machucasse. Afora isso, nas aparições dentro da casa, antes das lutas, muitas vezes eram mostrados atletas rezando e pedindo ajuda de deus para seus combates. A religiosidade também é evocada a partir dos resultados das lutas. No excerto abaixo eu mostro uma passagem de uma luta em que. Ao final, o lutador evoca a “presença de deus” na vitória:

A luta é mostrada e acontece da seguinte maneira: o primeiro round é muito estudado, com os dois lutadores trocando alguns socos e chutes. Ao final, eles acabam na grade, sem que nenhum dos consiga aplicar as quedas. No segundo round, Reginaldo Vieira leva vantagem e aplica alguns socos e chutes que acertam em cheio o rosto e o corpo do adversário. Ao final do round, ele consegue derrubar o oponente, o que lhe rende alguns pontos a mais. Ao trabalhar o chão, ele demonstra superioridade e a sua vitória parece certa. Nos comentários técnicos após a luta, Minotauro diz que “foi chumbo trocado. Reginaldo cresceu na luta e conseguiu impor o jogo dele.” O juiz declara Reginaldo Vieira como vencedor ao fim do combate. Reginaldo diz que sua vitória teve “as mãos de Deus”, e Mateus diz: “Reginaldo me venceu na garra. Teve mais coração.”

A partir do excerto, pode-se perguntar: o que significa evocar tantas vezes a religião? Em um esporte circundado por tantos discursos de brutalidade, tão agressivo e,

nas mentes mais criativas, tão violento, essa preconização religiosa parece significar a “salvação” do esporte. Acessar a religiosidade é aproximar a luta do público. Os “pecados” da luta ficam diminuídos. A agressividade amaina. A intensidade abranda e as tensões se equilibram. O lutador luta, bate e apanha. Mas reza. Humaniza-se. A configuração se mantém.

O último episódio do programa é um resumo de tudo que ocorrera durante a série. O programa começa com uma retrospectiva dos últimos episódios, principalmente relembrando as duas lutas das semifinais do episódio anterior. O episódio exibe um formato mais sucinto dessa vez, sem todos os elementos que vinha apresentando, provavelmente em razão de serem duas lutas no programa. A primeira cena após a retrospectiva já é na academia do TUF, no treino do time Nogueira. O foco do treino é a luta de Reginaldo Vieira, lutador que enfrentará Bruno Korea, atleta conhecido pelos seus chutes rodados, oriundos do Taekwondo, sua arte original. Por essa característica, Minotauro orienta seu atleta para tentar diminuir os espaços no octógono para que os chutes do seu adversário não o atinjam. Sobre sua estratégia, o lutador comenta: “tenho que ganhar, vou cuidar os chutes, trocar um pouco em pé e derrubar.

A próxima cena é o treino do time vermelho, comandado por Shogun. O foco é Korea, obviamente. O lutador fala sobre sua estratégia de treino: “Vou ficar sempre na longa distância para encaixar os chutes”. Maurício Shogun também recomenda ao seu atleta “manter a distância” para não deixar seu oponente levá-lo para o chão.

A próxima cena mostra a despedida de Las Vegas dos atletas. Recebidos pelas *octogn girls*, eles participam de uma festa em um hotel luxuoso da cidade. São servidas bebidas e comidas. Além disso, participam de um passeio em uma “roda gigante” que dizem ser a maior do mundo.

A luta entre Reginaldo Vieira e Korea conta com a presença do presidente do UFC, Dana White. Ele entra nos dois vestiários e deseja “boa sorte” aos lutadores. Korea comenta: “tenho uma estratégia montada para ele.” Os dois atletas entram acompanhados de seus técnicos. A luta começa e Reginaldo tenta encurtar a distância em relação a Korea. Tenta uma guilhotina e o oponente consegue escapar. Korea tenta alguns chutes rodados, sem sucesso. O round segue assim até o final, com nítida vantagem de Reginaldo.

O segundo round segue a mesma dinâmica do primeiro. Reginaldo pressiona Korea na grade, este não tem espaço para dar os chutes que são característicos. Reginaldo consegue derrubar o adversário. Os dois ficam um tempo no chão e o juiz pede “mais ação”. Após alguns momentos no chão, Reginaldo consegue finalizar KOrea com uma guilhotina no final do segundo round. Os lutadores se abraçam ao final e Reginaldo diz para Korea: “foi muito bom lutar com você. Você é muito duro”.

O treino do time Shogum é direcionado a Nazareno. O atleta fala sobre a rivalidade entre os dois países: “é Brasil x Argentina⁷². Vai dar argentina.” Sobre sua estratégia comenta: “vou tentar surpreender ele.” No dia da luta, após entrar sob o olhar de seus corners, os dois atletas se abraçam e começam a lutar. Após uma pequena trocação, Açougueiro consegue pressionar o adversário na grade e mantê-lo lá por quase todo o *round*. Os dois vão para o chão e fazem movimentos de *jiu-jitsu*. A luta toda se desenvolve com Açougueiro em vantagem no chão. Ao final de três rounds, Dana White declara Açougueiro como campeão. Ao final do programa, o locutor fala das lutas finais. Elas ocorrerão no dia 1 de Agosto, no Rio de Janeiro, no HSBC arena.

No início do capítulo, escrevi que o fio condutor de tópico seria compreender quais estratégias o UFC se utiliza para aproximar o evento do público. Ao longo das páginas elenquei dois fatores que seriam os mais importantes para refletir sobre essa questão. O primeiro deles está ligado às questões técnicas. Mostrar o treinamento, os tipos de gestos, as modalidades de cada atleta, a preparação para a luta e os processos muitas vezes dolorosos pelos quais os atletas passam aproximam a luta da ideia de esporte.

Porém, isso não seria suficiente se não fosse mostrado, também, as relações com a família, os dramas pessoais e as relações de classe e a religiosidade. Esse contínuo faz com que a aceitação por parte do público seja maior. O público se sente mais confortável ao entender que aquilo que parece sem sentido em um primeiro olhar, seja construído de maneira plausível segundo os costumes de um processo civilizador de longo prazo. A intolerância à violência parece cada vez mais sólida. As artes marciais mistas, então, adaptam-se, criam estratégias e se mantêm.

Tudo isso me leva a considerar que não se pode negar o tão falado sucesso do MMA. E eu tentei, durante as páginas anteriores, mostrar essa construção. Na primeira

⁷² Nazareno é um atleta argentino.

parte da tese, fiz a construção teórica. Nas seguintes, mostrei os dados de uma pesquisa que teve a duração de quatro anos. Falta-me relacionar as partes, apresentar reflexões, responder o problema, descrever os limites da pesquisa e do pesquisador. Além, disso, falta-me indicar caminhos que refleti durante a construção do trabalho para o ensino de lutas na escola e na universidade. Enfim, falta-me “finalizar”, termo tão empregado nas lutas e que me parece se enquadrar bem nesse momento de término. É o que faço a seguir.

10 “FINALIZANDO” : CONCLUSÕES SOBRE A CONFIGURAÇÃO

Iniciei esse trabalho com a pergunta: ‘porque fazer doutorado’. E, a partir desse questionamento, elenquei alguns motivos que me levaram a construir uma tese. Por mais difícil que seja começar um texto como esse, quando inicio a escrita das considerações finais do estudo, eu concluo que, mais difícil do que iniciar uma tese, é acabá-la. E muitas razões podem ser explicitadas para ratificar essa afirmação. A primeira delas, e talvez mais usual no meio acadêmico, é que temos que ‘abandonar’ o trabalho. Pois o tempo da ciência é rígido. Especialmente em tempo de produtivismo acadêmico. E, sendo assim, necessitamos preencher uma série de necessidades e normas que conduzem os programas de Pós-Graduação. Em vista disso, a partir da realização de algumas exigências, entregamos a tese em tempo hábil para cumprir as requisições que devem ser satisfeitas por um candidato a doutor. Chegando aos últimos meses, a sensação que acomete o estudante é que acabar é mais importante do que refletir. Essa razão é plausível. Faz parte do processo do amadurecimento acadêmico. Prazos devem ser cumpridos. E todos os trabalhos têm limites.

Além disso, eu chego, agora, em uma fase importante da tese: o momento de me posicionar. Chega a hora em que devo explicar para a comunidade acadêmica como as minhas análises anteriores fazem sentido para a resposta do problema, para o meu campo de conhecimento e alguns apontamentos para trabalhos futuros. Também é momento de apontar algumas fragilidades do trabalho. Algumas lacunas que sem dúvidas restam. Arestas que devem ser preenchidas por trabalhos vindouros. E talvez esse sentimento seja o mais duro nesse processo, e por isso a dificuldade em terminar o trabalho: perceber que quatro anos não resolvem tudo. Pelo contrário, levantam mais dúvidas e menos certezas eu tenho sobre o tema.

Esse processo talvez seja normal. Lembro-me do fim do meu mestrado, momento em que meu orientador, citando Geertz, lembrava-me que todo trabalho é uma obra inacabada e incompleta e, quanto mais se avança, mais incompleto vai se tornando o trabalho. A sensação de finalização é essa: um trabalho ainda com muitas questões para debate. Tendo em vista essas afirmativas, a parte final da tese será dividida em três momentos. O primeiro deles será uma retomada de cada tópico do texto e a tentativa de aproximação às respostas oferecidas pelo problema de pesquisa. A seguir, eu trarei uma

análise do que identifiquei como limitações da pesquisa. Neste mesmo momento, farei alguns apontamentos sobre pesquisas futuras. E, ao final, farei um exercício reflexivo para relacionar os meus dados com a Educação Física e com o ensino de lutas na universidade. Em que pese isso não fazer parte do tema da tese, considere importante me posicionar a esse respeito, também pelo fato de eu ser professor de luta.

Iniciei a tese trazendo um breve histórico do MMA, a partir de biografias e artigos. Nesse tópico, eu fiz um esforço no sentido de inserir o leitor no processo de construção histórica que iniciou com a chegada de um lutador japonês no Brasil (Konde Koma) que ensinou para um dos membros da família Gracie a arte do *jiu-jitsu*. Esses ensinamentos foram levados para o Rio de Janeiro e foram reconhecidos através de desafios entre os lutadores de *jiu-jitsu* contra outras modalidades. As disputas ficaram conhecidas como Vale Tudo. Com o passar do tempo e a entrada da indústria de americana de entretenimento na organização do evento, essas disputas foram esportivizadas, em um processo que culminou com o desenvolvimento do conceito de artes marciais mistas (MMA).

No segundo tópico, minha intenção foi encontrar em algumas instâncias sociais como: blogs, entrevistas e reportagens de jornal elementos que constituíam a opinião de algumas pessoas sobre o esporte. Identifiquei, assim, certos discursos que se reproduziam em torno da violência, da barbárie e da “rinha de galo”, expressão que denota a falta de sentido da violência no MMA. As opiniões foram de jornalistas, ex-lutadores (como Éder Jofre) e de algumas pessoas que mantêm páginas na internet. O mais importante nesse tópico foi perceber que há um discurso sobre violência muito forte envolvido com a prática. Ao mesmo tempo em que há uma aceitação muito grande do esporte por uma parcela da população.

Antes de apresentar o problema de pesquisa que deu base para a tese, eu escrevi um tópico sobre a teoria de Norbert Elias. Apresentei, então, alguns diálogos sobre a obra que foram realizados por autores brasileiros e, a partir disso, eu adentrei nos termos principais da obra. Passando pelo processo civilizador, a sociogênese, biogênese, interdependência e configurações, eu fiz um desenho teórico dos conceitos que me ajudariam nas análises posteriores. Nesse mesmo capítulo, apresentei trabalhos elisanos sobre o esporte e alguns autores que utilizaram a sua obra para estabelecer relações e diálogos. A partir desses pressupostos, apresentei o meu problema de

pesquisa. O cerne da discussão foi compreender como o MMA se construiu dentro de uma sociedade em que o discurso de violência possui uma conotação muito forte. Eu, então, perguntei: O que dizem e o que fazem os lutadores, os mestres e os gestores, nas academias, nos veículos de comunicação e nos eventos, para sustentar, numa lógica de aceitação, a prática esportiva do MMA, frente [em relação] aos discursos descivilização?

Essa questão de pesquisa foi a base para a construção metodológica do estudo. Os pressupostos teóricos se desenvolveram a partir do olhar configuracional elisiano. Ao separar os três elementos da configuração do MMA (a academia, os eventos e a mídia), a metodologia foi direcionada para cada um desses meios. Em um primeiro momento, foi realizada uma etnografia em uma academia de artes marciais mistas. Aqui, o objetivo foi descortinar elementos técnicos e simbólicos que davam sentido à configuração. Concomitantemente, a análise de alguns eventos e observações do programa TUF Brasil, com intuito de entender como o esporte era transmitido pela mídia. Cada um desses tópicos resultou na apresentação dos resultados do trabalho, que foi dividido em três capítulos.

O primeiro deles teve como foco apresentar a rotina de treinos, as técnicas utilizadas pelos lutadores e o cotidiano de uma academia de lutas em Porto Alegre. As técnicas são oriundas de diversas modalidades de luta, como: o boxe, o *jiu-jitsu*, o *muay thai* e a luta greco-romana. *Jabs, diretos, low kicks e duple lags* são técnicas de diferentes artes marciais que são inseridas no dia-a-dia de um treinamento de MMA. Na segunda parte do capítulo, eu apresentei alguns comportamentos que conformam algumas representações do grupo. “Mestre”, “irmãs de treino” e “Creonte” são termos utilizados pelos lutadores que dão base de compreensão para entender os significados da “família” do MMA. Acompanhei essa equipe até o seu final. Participei dos treinamentos como pesquisador e como praticante. Vivi ‘na pele’ as agruras de um esporte muitas vezes dolorido.

Minhas observações não foram realizadas apenas na academia de treinamento. No segundo capítulo dos resultados, minhas análises se pautaram pelos eventos de artes marciais mistas. A perda de peso, a escolha do adversário, a preparação para enfrentar “*graplers*” ou “trocadores” mostraram as rotinas envolvidas nessa preparação. Mais do que isso, em um movimento de “sair do octógono”, descrevi a relação dos lutadores

com patrocinadores, com os “donos de evento” e com as agências promotoras. Mostrei, assim, que a construção do lutador se dá ‘para além da academia’, em um processo que engloba a construção de uma imagem nas redes sociais e nos meios de comunicação.

Concomitantemente, meu objetivo se voltou para a estrutura dos eventos. Realizei uma descrição do espaço físico, das arquibancadas, das torcidas, do octógono, dos *anouncers*, das equipes e da entrada dos lutadores na área de luta. Além disso, a divisão dos “*cards*” preliminar e principal mostram as dinâmicas desses acontecimentos. Neste capítulo, atentei para as reações do público durante as lutas. E o movimento tênue e tenso entre a agressividade (bem recebida pela plateia) e o sangramento demasiado (evitado pelos promotores e juízes). Ao final do tópico, eu analiso uma luta que assisti em Vitória- ES, em que atletas do UFC estavam participando. Os atletas do programa TUF Brasil fizeram uma das lutas principais e foram reconhecidos pelo público em razão da sua participação no programa.

Dessa importância da mídia, resulta o último capítulo da tese. Ao analisar o programa, eu mostro a estrutura da academia, dos treinamentos, das equipes e dos treinadores que fizeram parte dos doze episódios analisados. Os ‘dramas’ com a perda de peso, a desidratação e a (muitas vezes difícil) relação com a família consanguínea⁷³ são apresentados pelo programa em um processo que denominei de “humanização do lutador”. Afinal, as lutas são permeadas por discursos de indivíduos violentos, agressivos e “cascas-grossa”. Deste modo, para o programa ter maior aceitação entre a audiência, seus idealizadores tentam afastar os indivíduos dessas características. A importância do programa dentro da configuração é mostrar que os indivíduos que lutam são atletas e que passam por problemas econômicos, de moradia e que têm ‘sonhos’. Enfim, são humanos.

Feita a retomada dos tópicos do estudo, é importante trazer o problema de pesquisa da tese para discussão. Este se configurou na seguinte questão: O que dizem e o que fazem os lutadores, os mestres e os gestores, nas academias, nos veículos de comunicação e nos eventos, para sustentar, numa lógica de aceitação, a prática esportiva do MMA, frente [em relação] aos discursos de descivilização? Importante ressaltar que para mim, foi um processo confuso responder a essa questão, que só ‘amadureceu’ ao

⁷³ Ao referenciar o termo dessa forma, estou diferenciando a “família” da luta, apresentada no capítulo sobre a academia da “família” representada pelos pais, filhos e esposas dos lutadores.

longo do trabalho. Eu tive uma dificuldade em entender que o meu objetivo era demonstrar como o MMA se construiu a partir desses discursos relacionados à violência.

Pela minha vivência anterior no mundo das lutas, não ‘defender’ o MMA e não causar uma dicotomia entre a ideia ‘deles’ e as minhas foi complicado, na medida em que meu pensamento já era muito demarcado em relação a contrariar esses discursos tão reproduzidos. Tive, assim, que me desconstruir e deixar que ‘o campo falasse’ e me distanciar um pouco da posição de sair ‘em defesa’ do MMA. Certamente não tive total êxito nessa tentativa, já que me destituir das minhas impressões anteriores seria negar a minha própria história de vida.

Porém, apesar de estar muito longe de ter perdido o gosto pelas lutas, pelo contrário, cada vez mais elas fazem parte do meu cotidiano, eu relativizei alguns pressupostos que orientavam meu pensamento. O principal deles é uma ideia de que existem ‘os contras’ e os ‘a favor’ do MMA. Ao passar por todo exercício analítico, acredito que essa ideia tenha se perdido um pouco.

Assim, o que pude concluir ao desenvolver um problema que se pautou por entender a ‘construção’ de um esporte na sociedade, é que as dicotomias desaparecem. Todos os elementos que constituem a configuração são importantes para compreender o fenômeno a partir da sua complexidade. Os discursos sobre violência fazem parte da construção da configuração das artes marciais mistas. Os agentes (promotores, mídias, lutadores) agem, também, de acordo com esse discurso contrário para que o esporte tenha o seu ‘lugar’. Sendo assim, as críticas são parte da configuração. Elas a modificam criando uma estrutura móvel e complexa de um esporte que está inserido em uma lógica social com estruturas menos rígidas e com transbordamentos.

A partir dessas ideias, o ‘tom’ de defesa do MMA e contrário aos discursos de violência em que iniciei esse trabalho e que ainda encontro em alguns trechos ao reler a tese, diminuiu. Percebi que a construção se dá a partir dessa complexidade. É inegável que grande parte da sociedade aderiu ao MMA. O esporte faz sucesso e é aceito por grande parte do público. No dia anterior à escrita dessa conclusão, a grade de programação da madrugada da Rede Globo foi preenchida com lutas do UFC. Um evento em Brasília contou com três lutas de brasileiros no *card* principal e o *main-event* foi uma luta da brasileira Cris “Cyborg”. Pelo que venho refletindo sobre o pensamento

dicotômico que talvez tenha motivado as minhas primeiras análises, a seguinte pergunta poderia ser elaborada: esse sucesso seria uma ‘vitória’ daqueles que são a favor do esporte?

Não. A resposta é simples e direta. O que aprendi com essa tese é que nesse ‘jogo’ não há vitoriosos nem derrotados. O olhar elisiano me fez perceber que todos os elementos envolvidos na configuração são responsáveis por modificá-la. O esporte se construiu e é apresentado dessa forma, também, em razão das adaptações que teve que passar ao longo dos anos a partir das críticas a foi acometido. O processo é amplo e a partir desse exemplo, pode-se concluir que não há lados na configuração. Ela é construída pelas tensões. Produz-se, desfaz-se e se refaz.

Não é difícil concluir, além disso, que o que os promotores de eventos tenham a preocupação de passar uma tensão/excitação agradável para o público. É o que se pode chamar de ‘mercado das emoções’. Para que este adira ao esporte. Muitos trabalhos sobre Norbert Elias concluem dessa maneira. O que deve ser ressaltado no tocante ao MMA é que essa tensão/excitação se transforma ao longo do tempo. Nas lutas de vale-tudo, há vinte anos, a escassez de regras, o derramamento de sangue e a falta de luvas causavam uma tensão/excitação agradável em um público que ainda era restrito a praticantes e admiradores de uma prática diferente do MMA atual. O nível ótimo de tensão/excitação era outro.

Ao objetivar atingir um público maior, as artes marciais mistas precisaram adaptar-se a uma sociedade em que o nível de tolerância à violência, advindo de um processo civilizador de longo prazo, é diminuído. Portanto, adaptou-se. E essa adaptação se materializa nos mecanismos de controle que foram explicitados durante a tese. Nos três contextos estudados, os indivíduos dão sentidos para a violência que parece orientar uma lógica em que a falta de significado para a agressividade não é bem vista.

Na academia, os lutadores têm uma etiqueta muito clara em relação aos episódios em que a intensidade dos golpes aumenta. Isso é válido em momento de treinamento em que é necessária uma maior agressividade tendo em vista a preparação para uma luta ou um “trabalho” envolvendo dois lutadores com pesos e níveis técnicos muito parecidos. A quebra desse acordo resulta em desentendimentos, como eu apresentei anteriormente. Por isso, há um sentido na violência dentro da academia. Ela é

utilizada em momento em que tanto lutadores quanto o “mestre” enxergam um significado para que aconteça. Por mais que pareça estranho, a violência pela violência, sem controle, não se coaduna com o ambiente de luta.

Pela mesma linha de pensamento, os eventos refletem uma preocupação com o controle da violência. O mercado do MMA se preocupa com a aceitação do público. E faz isso, também, a partir do controle da violência. A esportivização é constantemente exaltada pelos promotores de evento e as lutas cada vez mais se aproximam da representação de esporte em detrimento da ‘briga’. Restringir as cotoveladas e os sangramentos, sugerir aos juízes que interrompam a luta assim que perceberem que o indivíduo não tem mais capacidade de reação formam um rol de restrições que espetacularizam os eventos, no sentido da aceitação. Importante é dar show, já diziam meus interlocutores.

Se nas academias e nos eventos esse cuidado é bem presente, a mídia, ao apresentar o esporte para o público que não está acostumado com a prática, apresenta ainda mais mecanismos de controle. No caso do programa TUF Brasil, o intuito de passar uma lógica mais esportivizada para uma prática que em um primeiro olhar parece muito violenta, é reforçada na maioria dos episódios. A fala dos treinadores explicando os golpes, os treinamentos e o reconhecimento das técnicas apresentadas fazem com que os chutes, socos e imobilização tenham significado. Afora isso, ‘humanizar’ o atleta demonstra o interesse da mídia em mostrar que há um atleta sendo construído nas academias de artes marciais mistas. Uma pessoa de carne, ossos e sentimentos. O que relativiza a imagem de “casca-grossa”, construída ao longo dos anos.

Ainda dialogando com a teoria de Norbert Elias, que foi basilar nesse processo, eu poderia apontar que mais alguns elementos poderiam ser incluídos na ideia de esportivização. No caso do MMA, não apenas o uso de regras, o acolchoamento das mãos e as divisões de peso concedem um sentido de esportivização ao MMA. Como demonstrado nos capítulos anteriores, a construção do esporte se dá ‘para além da academia’. Assim, a relação com a mídia, com os patrocinadores e com o público são outros elementos para pensarmos o esporte contemporâneo.

Por essas ideias, se ainda não podemos falar sobre uma ‘segunda esportivização’, relacionada aos fenômenos sociais mais atuais, essa pode ser uma questão a ser discutida em futuras análises. Ao pensar em futuras pesquisas sobre a

temática, inicio os apontamentos de algumas limitações e sugestões de futuras pesquisas que se debrucem sobre o MMA.

A primeira delas diz respeito à temática do gênero. Algumas vezes durante a escrita do trabalho, eu citei a relevância da temática para as lutas. Pelos dados da pesquisa, os ambientes de lutas ainda parecem predominantemente masculinos. Essa afirmação foi ratificada também pela diminuta participação de mulheres nas lutas e nos treinamentos. Apesar de não ter sido meu objetivo estudar esse tema, é importante que outros autores se posicionem em relação a essa questão para compreender as representações de gênero presentes nas artes marciais mistas.

Outro apontamento dos limites dessa pesquisa foi a discussão teórica dentro das categorias. A base teórica do estudo foi a teoria elisiana. Sendo assim, as minhas análises posteriores, apesar de respaldadas por esse olhar, não foram algumas vezes aprofundadas. Um exemplo é a análise de mídia. Uma sugestão para outros trabalhos é aprofundar mais, também no aspecto metodológico, questões referentes às representações sociais e mídia. Como foi descrito, o caso do MMA é importante, pois o esporte é fortemente vinculado aos veículos de comunicação e são necessários outros estudos que se debrucem nessa temática. Dentro do mesmo tema, a questão mídia/religião/esporte parece-me dar vazão a bons problemas de pesquisa. No caso desse estudo, o tema foi apresentado sem um aprofundamento teórico que poderá respaldar trabalhos no porvir.

O último ponto de sugestão é o padrão de comportamento a que são acometidos os lutadores do MMA. Esses mecanismos de controle que fazem com que atletas devam seguir ‘cartilhas’ de atitudes são um tema relevante de pesquisa. Apesar de já ter conhecimento de que isso poderia ocorrer, eu fiquei surpreso que isso tivesse aparecido com tanta força na produção dos dados. Certamente, trabalhos que tenham como ponto central a construção de lutador enquanto um “bom-moço” serão de grande valia para as discussões em torno do fenômeno. Como um texto inacabado, outras limitações serão percebidas em futuras discussões, na banca de defesa, na releitura do texto e em publicações baseadas na tese.

A partir dessas explanações e encaminhando a tese para o final, minha proposta é fazer um exercício reflexivo pautado nas discussões na área da Educação Física e estabelecer alguns diálogos dos meus dados com a prática profissional do professor.

Três pontos serão abordados a partir das seguintes questões: o discurso da violência é um limitante no trabalho de lutas (ou do MMA) na escola? Que lugar tem o professor de Educação Física no âmbito das lutas? A partir dos dados produzidos, quais caminhos são possíveis para o ensino de lutas na universidade?

A primeira questão sempre esteve em voga nas discussões referentes aos trabalhos com lutas na escola. Os discursos referentes à violência nas lutas parecem ser um limitante para o desenvolvimento de projetos de lutas e como conteúdo da Educação Física escolar. A razão disso é um preconceito instituído de que as lutas estimulariam a violência nas crianças e que, por isso, não deveria ser trabalhadas. Em razão disso, muitas vezes fui perguntado sobre as possibilidades de trabalho de esportes de combate nas escolas e a pesquisa ajudou-me a refletir sobre esse tema.

Se no segundo capítulo da tese eu elenquei alguns discursos sociais presentes nas diferentes instâncias e constatei que essa relação – entre MMA e violência – é disseminada e aceita por diferentes setores da sociedade, certamente esse discurso também estará presente na escola. Entretanto, ao invés de enxergar isso como um ponto negativo na medida em que ‘desqualifica’ a prática, algumas estratégias podem ser desenvolvidas para a aproximação do aluno com a temática. Afinal, compreender e debater que existe violência ‘na vida’ é melhor do que ignorá-la.

A primeira delas é a possibilidade de estabelecer um diálogo sobre violência e esporte a partir de um tema que o próprio aluno traz para a aula. Afinal, a falta de interesse pelo conteúdo da Educação Física (excetuando os esportes com bola) parece ser uma reclamação constante dos professores. Deste modo, a partir do interesse do discente em trazer a discussão para a aula, podem-se realizar diálogos sobre os sentidos e limites da violência e a possibilidade do desenvolvimento do trabalho de lutas em ambiente escolar. A adesão, em razão do interesse *a priori*, poderá ser maior.

O MMA e outras lutas, assim, parecem ‘abrir uma porta’ para a entrada de um assunto ainda tabu nesse contexto. O fator decisivo para uma boa proposta pedagógica em torno do tema é um maior conhecimento da temática das lutas por parte do professor de Educação Física. Assim, pesquisas como essa pode ajudar em uma aproximação do docente com as artes marciais mistas e as lutas e a possibilidade de estabelecimento de diálogos sobre violência, lutas, mercado, mídia, entre outros assuntos relativos ao esporte.

A partir dessa reflexão proporcionada por um diálogo em torno da questão, outra estratégia seria um desenvolvimento de um trabalho de lutas na escola com contato diminuído. As lutas são conteúdo da Educação Física e fazem parte dos parâmetros curriculares nacionais (PCNs). Portanto, um objeto de trabalho do professor. Obviamente, o trabalho na escola será bem diferente dos treinos apresentados durante essa tese. Porém, as mesmas técnicas podem ser utilizadas, diminuindo-se o contato entre os alunos e apropriando-se de elementos das diferentes modalidades.

As reflexões acima são para a Educação Física escolar. Porém, os treinos de luta ocorrem em academias e centros de treinamentos. Locais de atuação do professor de Educação Física. Atualmente, com a divisão do curso em licenciatura e bacharelado, também é possível refletir e apontar caminhos de atuação dentro desses contextos.

Algumas questões que escrevi nos meus diários de campo durante a feitura da pesquisa versavam sobre essa temática. Quais sejam: E a Educação Física? Onde se enquadra o profissional de Educação Física nesse ambiente? É preciso ser formado para trabalhar no MMA? Respondendo-as na ordem inversa, a primeira resposta seria não. Não ouvi durante a pesquisa nenhuma referência sobre a necessidade dos “mestres” serem formados. Não se fala sobre isso. Nenhum desses treinadores passou pelas cadeiras da universidade. Não são formados, mas têm o respeito dos atletas. São ex-lutadores ou lutadores que, por sua experiência, conduzem a orquestra. São maestros respeitados. Indivíduos que aprenderam “na prática”.

Claro que muito se pode dizer, em contraponto a essas afirmações, que o conhecimento acadêmico preenche lacunas deixadas por uma ‘pedagogia da tradição’. E, mais, que a formação daria mais possibilidades de pensar sua prática e refletir sobre os melhores métodos de treinamento. Posso concordar e concluir que, então, talvez a teoria pudesse ser aliada à prática para produzir melhores “mestres”. Mas essa discussão não existe nas artes marciais mistas. Os lutadores não estão preocupados que seu “mestre” seja professor de Educação Física. Os treinadores não objetivam cursar a universidade como um aprimoramento da técnica. São ‘práticos’, por isso “têm moral”. Não há espaço para o professor de Educação Física, apenas em razão de sua formação. Para adentrar nesse meio deve-se ter história na luta. E isso não pode ser conquistado com alguns semestres de judô ou karatê na graduação.

Nesse momento, é importante que eu, como praticante e pesquisador, me posicione sobre a discussão acima. E minha posição é muito próxima do posicionamento dos lutadores e treinadores de luta: não há como tornar-se professor de artes marciais apenas com a formação acadêmica. Os anos de prática possibilitam que indivíduos tornem-se professores de luta. Não há tempo hábil em um curso de Educação Física para formar professores de artes marciais. Isso se forja em anos de prática, repetição e convivência em um meio em que o aprendizado se dá na hora do treino.

Em razão disso, as discussões em torno da obrigatoriedade dos professores de artes marciais serem formados em Educação Física, elaboradas pelo conselho regional e federal de Educação Física são despropositadas e demonstram uma falta de conhecimento da área. Mais do que isso, é uma tentativa de reserva de mercado para professores que pouco tem contato com lutas durante a sua formação acadêmica. Os conselhos deveriam se preocupar mais em auxiliar na formação de profissionais melhores remunerados e respeitados nas diferentes instâncias em que trabalham e menos em tentar reservar um mercado em que o professor de Educação Física tem pouca chance de entrar. Pode-se perguntar, então, que função teriam as lutas na formação acadêmica? Para mim, há possibilidades.

Essas possibilidades foram materializadas quando, no início do presente ano, eu fui contratado para trabalhar como docente de uma universidade particular para desenvolver um trabalho na disciplina de lutas. Assim, imbuído das reflexões que apresentei acima, eu tive que montar uma disciplina que abrangesse as minhas teorizações sobre o campo. Então, comecei a elaborar um cronograma que perfizesse um andamento condizente com os meus pensamentos.

A escassez de trabalhos sobre o ensino de lutas na universidade fez com que a minha principal referência para a disciplina fosse a tese que eu estava escrevendo. A partir dos dados advindos da pesquisa, eu dividi a disciplina de acordo com os elementos que eu estava pesquisando.

Minha primeira estratégia foi estabelecer discussões sobre temáticas que estavam aparecendo durante a feitura da tese. Assim, trabalhos sobre gênero, violência e mídia e lutas foram inseridos nas discussões teóricas. O trabalho foi profícuo e obtive bons resultados em relação aos alunos que tinham dificuldades de enxergar as lutas

como uma possibilidade pedagógica. Os debates em torno dessas temáticas foi um facilitador para a reflexão e relativização de alguns significados trazidos pelos alunos.

Um ponto forte foi a discussão da violência das lutas, talvez limitante maior de desenvolvimento de trabalhos com os esportes de combate. Ao compreender que a violência ou a agressividade tinha um sentido que diferia em diferentes contextos, os alunos conseguiram visualizar outras possibilidades de ensino. Diminuir o contato entre os alunos e limitar as possibilidades de ataque são estratégias que podem ser utilizadas para o ensino.

Outro ponto suscitado pela tese e que me ajudou a construir a disciplina foi a relativização do conceito de modalidades de luta. O karate, o judô, o boxe ou o *jiu-jitsu* são modalidades de luta em que o aluno leva muito tempo para aprender as especificidades da arte marcial, o que impossibilita o desenvolvimento de um trabalho dentro na universidade.

Em vista disso, ao invés de ensinar modalidades de luta durante a disciplina, eu realizei uma divisão baseada em alguns trabalhos e também com as análises da minha pesquisa. O MMA é um esporte que apresenta uma variação muito grande de técnicas e movimentos. Os atletas utilizam elementos de diversas lutas para aplicar nos seus treinamentos e combates. Da mesma forma, eu dividi a disciplina em elementos de diferentes lutas. Em detrimento das modalidades, as divisões são pelas distâncias⁷⁴ em relação ao oponente: curtas distâncias (elementos de luta “agarrada”), médias distâncias (lutas de “trocação”) e longas distâncias (lutas com o uso de implementos, como a esgrima). Feita essa divisão o aluno não necessita conhecer as modalidades de luta com a profundidade que se exigiria de um treinador. O foco é encontrar elementos nessas divisões que possibilitem ao professor desenvolver trabalhos de luta.

Esses elementos constituem as aulas práticas também. A partir de ‘jogos de luta’ e de circuitos de luta que podem ser trabalhados em aula em academias ou treinamento funcional, os alunos vivenciam práticas que podem fazer parte de seu trabalho. Enfrentamento físico direto, contato entre pessoas, regras para a manutenção da segurança, oposição entre indivíduos, ações de caráter simultâneo e imprevisibilidade

⁷⁴ Essa divisão não foi elaborada por mim. Já há trabalhos na literatura, como o de Rufino (2012), que pensaram as lutas dessa maneira. Minha intenção é mostrar como a tese, junto com a reflexão com outros trabalhos ajudou-me a desenvolver um trabalho de lutas na universidade.

são os elementos das lutas que podem ser trabalhados com alunos de escola ou academias. Tendo como base esses pressupostos, são possíveis muitas variações de planos de aula sem a necessidade de uma vivência maior do professor de Educação Física com as lutas.

Ainda muito poderia ser descrito sobre os tipos de jogos e outras possibilidades de ensino. Mas isso ficará para publicações futuras, já que muitas ideias ainda surgem a partir dos meus dados e a partir do desenvolvimento do meu trabalho atual. O mais importante a ressaltar é que pesquisar as lutas, ensinar e trabalhar na graduação e, ainda, ser um praticante, são características que me ajudam a compreender que as lutas são um importante conteúdo dentro da Educação Física.

O caminho que apresento ainda está em estado embrionário. Muitas possibilidades ainda podem ser refletidas e realizadas, tanto em ambiente escolar quanto em academias ou treinamentos. Se os jogos de luta são boas possibilidades de atividades para alunos de ensino médio e fundamental, os elementos da luta também podem ser utilizados em treinamento de idosos, visando força, equilíbrio e outras valências tão importantes. Também podem ser inseridos movimentos no treinamento funcional, campo tão valorizado na sociedade atual.

Enxergar uma Educação Física baseada somente em esportes com bola sempre me causou incômodo. Pensar nas lutas como uma possibilidade de desenvolver repertórios motores e de significados mais abrangentes do que é visto atualmente sempre foi uma busca profissional para mim. Enfim, não sei o quanto a minha tese pode contribuir para a área de Educação Física, mas esse sempre foi um ponto que ocupou meus pensamentos e minhas reflexões durante esses quatro anos. Espero ter conseguido.

REFERÊNCIAS

Fontes de consulta:

<http://oglobo.globo.com/pais/moreno/posts/2012/01/26/saudade-do-ted-boy-marino-428390.asp>

<http://baudecriticas.blogspot.com.br/2012/09/mma-e-o-aplauso-para-violencia.html>

<http://amgeorg.blogspot.com.br/2012/04/mma-uma-luta-de-chutes-socos-e-sangue.html>

<http://uolesportevetv.blogosfera.uol.com.br/2011/09/05/apos-criticas-ao-mma-milton-neves-encara-minotouro/>

<http://www.youtube.com/watch?v=Oo92E9WpR28>

http://www.youtube.com/watch?v=ZIOSBA9a_SA

<https://www.youtube.com/watch?v=ExcZNOJGNtY>

ALMEIDA, F. Q.; MORAES, C. E. A.; OLIVEIRA, S. T. Tornando-se lutador (a): a forja identitária entre praticantes de MixedMartialArts (MMA) em academias de Vila Velha (ES). In: Fazendo Gênero, **Anais...** n 8 , Florianópolis, 2005

AWI, F. **Filho teu não foge à luta**: como os lutadores brasileiros transformaram o MMA em um fenômeno mundial. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.

BORGES, F. C. Ligações sociais entre esporte e violência – possibilidades de análise através de Elias e Dunning. In: **Simposio Internacional Processo Civilizador**, 11., 2008, Buenos Aires. **Anais...** Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, 2008. p. 43-49.

BOURDIEU, P. **Esboço de autoanálise**. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.

BOURDIEU, P. **Homu academicus**. Florianópolis, EDUSC, 2011.

CAVALCANTI E. A., CAPRARO, A. M. Ronaldo x Lula: Uma análise do discurso na Folha de São Paulo, **Movimento** Porto Alegre, v. 18, n. 04, p. 121-134, out/dez de 2012.

CECETTO, F. R. **Violência e estilos de masculinidade**. Rio de Janeiro, Editora da FGV, 2004.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. 2. ed. Lisboa: Difel, 2002

DIAS, C. A sociologia figuracional e os estudos do esporte. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 31, n. 2, p. 155-169, 2010

- ELIAS, N. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. . Mozart: sociologia de um gênio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995. .
- _____. **A sociedade de corte**: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- _____. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge zahar, 1994.
- _____. A solidão dos moribundos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- _____. **Introdução à sociologia**. Lisboa: Edições 70, 2005.
- _____. **Mozart**: sociologia de um gênio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- _____. . **Os alemães**: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Jorge zahar, 1997
- _____. **O processo civilizador, volume 2**: Formação do Estado e Civilização. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1993.
- _____. **Elias por ele mesmo**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001
- ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992
- ELIAS, N; SCOTSON, J. L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- FONSECA, C. Quando cada caso não é um caso: pesquisa etnográfica e educação. **Revista Brasileira de Educação**. Caxambu, n. 10, p. 58-78, jan./abr., 1999.
- FREUD, S. **O futuro de uma ilusão**. Porto Alegre: L&PM, 2012.
- GASTALDO, E. L. **A forja do homem de ferro**: a corporalidade nos esportes de combate. In: LEAL, O. F. (org.). **Corpo e significado: ensaios de Antropologia Social**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001. p. 203-221.
- GARRIGOU, A.; LACROIX, B. **Norbert Elias: a política e a história**. São Paulo : Perspectivas, 2010
- GEERTZ. C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.
- GRAICIE, R., **Carlos Gracie**: o criador de uma dinastia. Rio de Janeiro, Record, 2008.
- HOBSBAWN, E. **Globalização, Democracia e Terrorismo**. São Paulo: Companhia da Letras, 2007.
- KIM, S.; GREENWEL, C.; DAMON, A.; JANGHYUK, L.; MAHONY, D. An analysis of spectator motives in an individual combat sport: a study of mixed martial arts. **Sport Marketing Quaterly**. West Virgínia, vol. 17,p. 109-119, 2008
- LEÃO, A.B. **Norbert Elias & a Educação** - Belo Horizonte : Autêntica , 2007

LIMA, R.R. **Edifícios de apartamento: um tempo de modernidade no espaço privado**. Estudo da radial Independência/24 de Outubro – Porto Alegre – nos anos 50. 336 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação de Filosofia e Ciências Humanas, PUCRS, Porto Alegre, 2005.

LISE R. S.; SANTOS N.; CAPRARO A. M.; “A legenda dos Gracie”: uma análise da crônica de Nelson Rodrigues. **Movimento**; Porto Alegre, v. 20, n. 4, p. 1329-1349, out./dez. de 2014

LORENZ, G., LISBÔA M., ANTUNES C. MEZZAROBBA, G. A pesquisa em Educação Física e mídia: pioneirismo, contribuições e críticas ao “Grupo de Santa Maria”. **Movimento** Porto Alegre, v. 14, n. 03, p. 33-52, setembro/dezembro de 2008.

MAGNANI, J. G. C. A antropologia urbana e os desafios da metrópole. **Tempo social**, São Paulo, v.15, n. 1, p. 81-95, abr., 20003.

MAGNANI, J. G. C. **Festa no pedaço**: cultura popular e lazer na cidade. , São Paulo: Hucitec, 2003.

MALINOWSKI, B. K., **Argonautas do Pacífico Sul**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

MARQUSEE, M. Sport and stereotype: from role model to Muhammad Ali. **Race & Class**. v. 36, n. 4, 1995.

MARCUS, George “Ethnography in/of the world system: the emergence of Multi-Sited Ethnography”, *Annu. Rev. Anthropol.*, 24, pp. 95-117 , 1995.

MARIANTE NETO F. P.; MIRANDA C. F.; MYSKIW M.; STIGGER, M.P. Muhammad Ali, um outsider na sociedade americana? **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v. 32, n. 2-4, p. 105-122, dez. 2010.

MYSKIW, M. ; MARIANTE NETO, F. P. ; STIGGER, M. P. . Estranhando as necessidades de pesquisa: reflexões sobre os estranhamentos de quem escreve sobre a cultura. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte** (Online), 2016.

MYSKIW, M. ; MARIANTE NETO, F. P. ; STIGGER, M. P. Jogando com as violências no esporte de lazer: notas etnográficas sobre o ‘guri’ e o ‘nego véio da várzea’. **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 4., p. 889-902, out./dez. de 2015.

NEIBURG, F. **Dossiê Norbert Elias**. São Paulo, EDUSP, 2001

NASCIMENTO, P.R.B; ALMEIDA, L. A tematização das lutas na Educação física escolar: restrições e possibilidades. **Movimento**, v.3, n.13, p. 91-110, Porto Alegre, 2007

NUNES, C. R. F. **Corpos na arena**: um olhar etnográfico sobre a prática das artes marciais mistas. 251 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

OLIVEIRA, R. C. **O trabalho do antropólogo**: olhar, ouvir e escrever. *Revista de Antropologia - USP*. São Paulo, v. 39, n. 1, p. 17-36, 1996.

PAIVA, L. Olhar clínico nas lutas, artes marciais e modalidades de combate. Manaus, OMP editora, 2015.

PELIGRO, K. **The Gracie Way** - An illustred history of the world`s greatest martial arts family. Montpeleir: InvisibleCitie Press, 2003.

RUFINO, L.G.B, **A pedagogia das lutas: caminhos e possibilidades**, Jundiaí, Paco editorial, 2012.

RUFINO, L.G.B.; MARTINS, C.J. O jiu-jitsu brasileiro em expansão, **Revista Ciência em Extensão**, v.7, n.2, p. 84-101, 2011

SANTOS G. F., ALVES R. J. A. A excitação no discurso televisivo dos Jogos Pan-americanos do Brasil: um estudo da transmissão da Rede Globo de Televisão. Porto Alegre, **Movimento** v16 n1.p65 26/4/2010

SLOMAN, L. **Mike Tyson: a verdade nua e crua**. São Paulo; Saraiva, 2014.

SOUZA, J.; STAREPRAVO, F.A.; MARCHI JUNIOR, W. A sociologia configuracional de Norbert Elias – Potencialidades e contribuições para o estudo do esporte. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 36, n. 2, p. 429-445, 2014

SPAGGIARI, E. **Família Joga Bola**: Constituição de jovens futebolistas na várzea paulistana. Tese (Doutorado) 458 f. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais da Universidade de São Paulo, 2015.

SPENCER, D.C. Habit(us), Body techniques and Body Callusing: an ethnography of mixed martial arts **Body & Society** volume 15, p 119-143, 2009.

STIGGER, M. P. **Esporte, lazer e estilos de vida**: um estudo etnográfico. Campinas: Autores Associados, 2002

STIGGER, M. P **O esporte na cidade**: estudos etnográficos sobre sociabilidade esportiva em espaços urbanos. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

THOMAZINI, S.; MORAES, C.; ALMEIDA, F. Controle de si, dor e representação feminina entre lutadores(as) de MixedMartialArts (MMA). **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 11, n. 3, 2008.

VASQUEZ, D. G. As artes marciais mistas (MMA) como esporte moderno: entre a busca da excitação e a tolerância à violência. **Esporte e sociedade**. ano 8, n 22, set.2013

VELHO, G. **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994

VELHO, G. **Individualismo e cultura**: notas para uma Antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1997.

WACQUANT, L. **Corpo e alma**: notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: RelumeDumará, 2002.

WACQUANT, L. **Os três corpos do lutador**. In: LINS, D. A. (org.). Dominação masculina revisitada. Campinas: Papirus, 1998.

WINKIN, Y. **Descer ao campo**. In: _____. A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo. Campinas: Papyrus, 1998. p. 129-145.